



Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
Centro de Humanidades – CH  
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais – UACS  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS

EDGARD LEITÃO DE ALBUQUERQUE NETO

**“SÓ POSSO VIVER A MINHA VIDA NO SÁBADO”:  
análises das subjetividades e sociabilidades juvenis  
no *continuum* cultura letrada-digital**

CAMPINA GRANDE

2020

**EDGARD LEITÃO DE ALBUQUERQUE NETO**

**“SÓ POSSO VIVER A MINHA VIDA NO SÁBADO”:  
análises das subjetividades e sociabilidades juvenis  
no *continuum* cultura letrada-digital**

Trabalho de Tese apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais com área de concentração em Sociologia, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (PPGCS – UFCG).

**Orientador: Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva**

CAMPINA GRANDE

2020

A345s

Albuquerque Neto, Edgard Leitão de.

“SÓ POSSO VIVER A MINHA VIDA NO SÁBADO” : análises das subjetividades e sociabilidades juvenis no *continuum* cultura letrada-digital / Edgard Leitão de Albuquerque Neto. - Campina Grande, 2020.  
202 f. : il. color.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação: Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva.

Referências.

1. Jovens. 2. Espaço Escolar. 3. Sociabilidades. 4. Rede Virtual. I. Silva, Vanderlan Francisco da. II. Título.

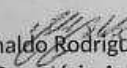
CDU 316.42-053.6(043)


## EDGARD LEITÃO DE ALBUQUERQUE NETO

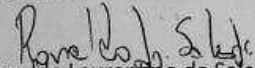
Ata da Sessão Pública de Defesa de Tese de Doutorado do aluno Edgard Leitão de Albuquerque Neto do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

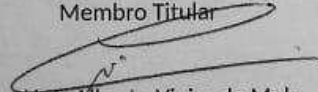
Aos vinte dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, às 08:30 horas, no Auditório Fábio Freitas – CH/UFCG, campus de Campina Grande, reuniu-se, na forma e termos dos artigos 63, 64 e 65 do Regulamento Geral dos Cursos e Programas de Pós-Graduação “*Stricto Sensu*” da UFCG, Resolução nº 02/2006 da Câmara Superior de Pós-Graduação da UFCG, a Banca Examinadora, composta pelos professores, Dr. Vanderlan Francisco da Silva – PPGCS/UFCG, na qualidade de Presidente e Orientador, Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior (PPGCS/UFCG – examinador interno), Dr. Clóvis Alberto Vieira de Melo (PPGCS/UFCG – examinador interno), Dra. Iolanda Barbosa da Silva (UEPB – examinadora externa) e Dra. Maria de Assunção Lima de Paulo (ProfSocio/UFCG – examinadora externa), na qualidade de Membros Titulares, para julgamento da Tese de Doutorado do aluno Edgard Leitão de Albuquerque Neto, intitulada “*SÓ POSSO VIVER A MINHA VIDA NO SÁBADO*”: *análises sociológicas das subjetividades e sociabilidades juvenis em espaços online e offline*”. A sessão pública foi aberta pelo professor Dr. Vanderlan Francisco da Silva. Após a apresentação dos integrantes da Banca Examinadora, o candidato iniciou a exposição do seu trabalho, sendo este seguido das arguições dos examinadores. O professor Dr. Vanderlan Francisco da Silva convidou a professora Dra. Iolanda Barbosa da Silva para iniciar a arguição e os professores Dra. Maria de Assunção Lima de Paulo, Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior e Dr. Clóvis Alberto Vieira de Melo prosseguiram com as arguições. Em seguida, a banca examinadora solicitou a retirada da Assembleia para, em sessão secreta, avaliar o candidato. Após análise da Banca Examinadora foi atribuído o conceito APROVADO, conforme o artigo 65 da Resolução 02/2006 da Câmara Superior de Pós-Graduação da UFCG. Nada mais havendo a tratar, eu, Rinaldo Rodrigues da Silva, Secretário, lavrei a presente Ata que, lida e aprovada, assino com os membros da Banca Examinadora.

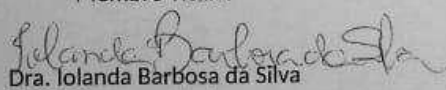
Campina Grande, 20 de dezembro de 2019

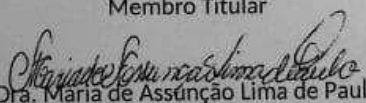
  
Rinaldo Rodrigues da Silva  
Secretário Acadêmico

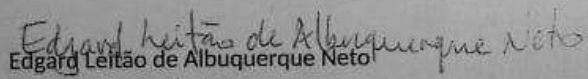
  
Dr. Vanderlan Francisco da Silva  
Orientador e Presidente da Banca

  
Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior  
Membro Titular

  
Dr. Clóvis Alberto Vieira de Melo  
Membro Titular

  
Dra. Iolanda Barbosa da Silva  
Membro Titular

  
Dra. Maria de Assunção Lima de Paulo  
Membro Titular

  
Edgard Leitão de Albuquerque Neto  
Aluno

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus, pelo privilégio de estudar uma parte significativa da complexa e sofisticada vida social.

À minha esposa Patrícia, pelo carinho, compreensão, incentivo e contribuição para o desenvolvimento desse trabalho.

Ao meu filhinho Lucas, por mostrar que é possível aprender a cultura letrada de uma forma divertida com o uso das tecnologias digitais.

Aos meus pais (Júlio e Ezenete), aos meus irmãos (Ezequiel e Júlio Júnior) e demais familiares, pelos constantes estímulos e apoio para o meu crescimento profissional e acadêmico.

Ao Professor Vanderlan Silva, pela forma leve na condução e orientação dessa pesquisa, pelos incentivos, pela compreensão e pela pessoa humana.

Ao Professor Ronaldo Sales e à Professora Maria de Assunção, pelas significativas sugestões e reflexões para a construção desse trabalho.

Aos professores e estudantes da escola objeto desse estudo, pela paciência durante as pesquisas de campo.

À Universidade Federal de Campina Grande, pela oportunidade de estudar em uma instituição de qualidade, pública e gratuita.

*Diante da impossibilidade de conhecer a totalidade dos processos sociais, os estudos sobre seus fragmentos e detalhes podem levar à compreensão do todo.*

Georg Simmel

*De que lugar julgamos a informática e os estilos de conhecimento que lhe são aparentados? [...] Colocar em perspectiva, relativizar as formas teóricas ou críticas de pensar que perdem terreno hoje, isto talvez facilite o indispensável trabalho de luto que permitirá abrimo-nos a novas formas de comunicar e de conhecer.*

Pierre Lévy

## RESUMO

Impulsionadas pela ecologia cognitiva da cultura digital, as juventudes contemporâneas são marcadas por inéditas formas de subjetivação nas quais influenciam nas suas maneiras de ser, pensar, agir e aprender. Isto posto, o principal objetivo desse trabalho de tese de doutorado é de analisar como os jovens estudantes, que utilizam às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), se comportam e vivem padrões específicos de sociabilidades nos espaços virtuais e de que maneira esse “novo” estilo de vida está relacionado com as interações face a face, bem como, com os seus comportamentos e conflitos no processo ensino-aprendizagem no espaço escolar. Esta pesquisa de cunho etnográfico, realizada entre os meses de novembro de 2018 e setembro de 2019, teve como lócus uma escola pública estadual de Ensino Médio de tempo integral localizada no município de Campina Grande no Estado da Paraíba e uma rede virtual de compartilhamento de fotos entre os seus usuários – o Instagram. A presente investigação contou com a participação de 73 estudantes, 73 pais/responsáveis destes jovens e 32 professores. Para tratamentos dos dados coletados, utilizamos o SPSS e o NVivo que possibilitaram mensurar as múltiplas informações quantitativas e qualitativas de maneira acurada e sistemática. Os dados deste estudo indicam que a ecologia cognitiva das tecnologias digitais gera uma série disposições nesses jovens estudantes para visualizar, publicar, comentar e curtir, diariamente, os diversos conteúdos desse site de relacionamento, numa lógica de construção de capital virtual, permeado por um sistema de trocas de amizades altamente complexa. Em geral, os resultados mostram que, dentro do contexto da cultura da *selfie* e da autoexposição na internet, jovens do sexo feminino acessam essa plataforma digital para publicar as suas fotos e vídeos com a principal finalidade de conquistar mais seguidores, enquanto que os do sexo masculino a usam apenas para visualizar publicações e fazer postagens sem caráter intimista. Constatamos também que há uma estreita relação entre as sociabilidades praticadas nos espaços online e offline, evidenciados nos meses de férias e de recesso escolar, quando os fluxos de interações no Instagram diminuíram quando comparados com outros períodos do ano. Por fim, em consequência desses novos modos de interações sociais na internet, observamos que os jovens estudantes investigados passaram por mudanças significativas nas sociabilidades que estabelecem no seio das práticas sociais e cognitivas de uma cultura escolar “tradicional”, cujas rotinas muitas vezes se chocam com àquelas de um mundo digital caracterizado, prioritariamente, pela “aceleração das informações”, “microatenção” e “microconversa”.

**Palavras-chave:** Jovens, Espaço Escolar, Sociabilidades, Rede Virtual.

## ABSTRACT

Driven by the cognitive ecologies of digital culture, contemporary youths are marked by unprecedented subjectivities in which they mark their ways of being, thinking, acting and learning. From this context, the main objective of this doctoral thesis work is to analyze how young people, who use Technologies Digital Information and Communication (TDICs), behave and live specific patterns of sociability in virtual spaces and how this “new” lifestyle is interfering with interactions and conflicts in the school environment. This investigation was composed of 73 students, 73 parents / guardians of these young people and 32 teachers. The ethnographic research was carried out between the months of November 2018 and September 2019, having as a locus a state public high school full time, located in the municipality of Campina Grande, in the State of Paraíba, and a virtual network sharing photos between your users - Instagram. For data processing, we used SPSS and NVivo, which made it possible to analyze the multiple quantitative and qualitative information in an accurate and systematic way. In general, the results show that, within the culture of selfie and self-exposure on the internet, young women access this digital platform to publish their photos and videos with the purpose of gaining more followers, while male users use it to view posts and make posts without an intimate character. The data from the present investigation reveal that these virtual interactions generate a series of individual dispositions in these young students to view, publish, comment and enjoy for several hours the most diverse contents of this relationship site, based on a system of exchanging friendships and building of virtual capital. We also found that there is a close relationship between the sociability practiced in online and offline spaces, evidenced in the months of holidays and school recess, when the flow of interactions on the Web decreased compared to other periods of the year. Finally, as a result of these new forms of social interactions on the internet, we observed that the young students investigated underwent significant changes in the sociability that they establish within the social and cognitive practices of a “traditional” school culture, whose routines often clash with those of a digital world characterized, primarily, by the "acceleration of information", "micro-attention" and "microconversation".

**Keywords:** Youth, School Space, Sociabilities, Virtual Network.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Percurso da pesquisa etnográfica.....	39
<b>Figura 2</b> - Posturas/attitudes do pesquisador na pesquisa etnográfica no ambiente virtual.....	39
<b>Figura 3</b> - Nuvem de palavras “alfabetização com as TDICs” .....	96
<b>Figura 4</b> - Nuvem de palavras “dinâmica de utilização do Instagram pelos estudantes” .....	102
<b>Figura 5</b> - Nuvem de palavras “o que os estudantes mais gostam de fazer nas publicações de outras pessoas no Instagram”.....	103
<b>Figura 6</b> - Nuvem de palavras “perfis no Instagram que os estudantes mais gostam de seguir”.....	105
<b>Figura 7</b> - Nuvem de palavras “principal motivo para aceitar ou rejeitar novo seguidor no Instagram”.....	107
<b>Figura 8</b> - Planta baixa da escola com as localizações das inscrições dos nomes dos estudantes no Instagram nas paredes da escola.....	114
<b>Figura 9</b> - Nuvem de palavras “escolha da escola” .....	144
<b>Figura 10</b> - Nuvem de palavras “comportamentos dos estudantes depois que chegam da escola” .....	152
<b>Figura 11</b> - Nuvem de palavras “leitura de livros” .....	157
<b>Figura 12</b> - Nuvem de palavras “motivação para gostar de estudar na escola” .....	161
<b>Figura 13</b> - Nuvem de palavras “fatores positivos das TDICs no processo ensino-aprendizagem na visão dos professores”.....	169
<b>Figura 14</b> - Nuvem de palavras “fatores negativos das TDICs no processo ensino-aprendizagem na visão dos professores”.....	172
<b>Figura 15</b> - Nuvem de palavras “aulas mais dinâmicas” .....	175
<b>Figura 16</b> - Nuvem de palavras “falta de interesse dos estudantes pelos estudos escolares” .....	177
<b>Figura 17</b> - Nuvem de palavras “fatores para uma melhor relação dos estudantes com os professores”.....	180
<b>Figura 18</b> - Nuvem de palavras “mal-estar na docência” .....	183
<b>Figura 19</b> – Síntese das dinâmicas sociais e cognitivas no continuum cultura letrada-digital.....	190

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Dados das diretrizes operacionais das escolas cidadãs integrais na Paraíba para o ano letivo de 2018.....	26
<b>Tabela 2</b> – TDICs que os estudantes mais utilizam.....	80
<b>Tabela 3</b> – TDICs que os estudantes possuem.....	80
<b>Tabela 4</b> – Tipo de acesso à internet que os estudantes têm em casa.....	81
<b>Tabela 5</b> - Horas por dia que os estudantes acessam a internet.....	81
<b>Tabela 6</b> - Horas por dia que os estudantes acessam a internet quando não estão na escola.....	82
<b>Tabela 7</b> - TDICs que os estudantes mais utilizam na escola.....	82
<b>Tabela 8</b> - Local em que os estudantes mais acessam a internet.....	83
<b>Tabela 9</b> - Horas por dia que os estudantes acessam apenas as redes virtuais.....	83
<b>Tabela 10</b> - Horas por dia que os estudantes utilizam a internet quanto chegam da escola.....	84
<b>Tabela 11</b> - Horas por dia que os estudantes utilizam a internet para estudar depois que chegam da escola.....	85
<b>Tabela 12</b> - Rede virtual que os estudantes mais acessam.....	85
<b>Tabela 13</b> - Principal objetivo dos estudantes para acessar a internet.....	86
<b>Tabela 14</b> - Resumo da dinâmica de utilização diária das TDICs por parte dos estudantes.....	86
<b>Tabela 15</b> - Horas por dia que os estudantes jogam online.....	87
<b>Tabela 16</b> - Tabulação cruzada entre horas por dia de acesso as redes virtuais e tipo de aula que os estudantes têm mais dificuldade de entender e/ou prestar atenção.....	89
<b>Tabela 17</b> - Renda <i>per capita</i> das famílias dos estudantes.....	92
<b>Tabela 18</b> - Tabulação cruzada entre renda mensal familiar e escolaridade dos pais/ responsáveis pelos estudantes.....	92
<b>Tabela 19</b> - Horas por dia de trabalho fora de casa dos pais/responsáveis pelos estudantes.....	93
<b>Tabela 20</b> - Horas por dia de trabalho fora de casa dos companheiros dos pais/responsáveis pelos estudantes.....	94
<b>Tabela 21</b> - Idade que os estudantes começaram a “brincar” com as TDICs.....	95
<b>Tabela 22</b> - “Nós” para “alfabetização com as TDICs” .....	96
<b>Tabela 23</b> - Frequência que os pais/responsáveis auxiliam nos estudos dos estudantes.....	98
<b>Tabela 24</b> - Tipo de publicação no Instagram que os estudantes mais gostam de publicar.....	100
<b>Tabela 25</b> - Tipo de publicação no Instagram que os estudantes mais gostam de curtir.....	101
<b>Tabela 26</b> - O que os estudantes mais gostam de fazer nas publicações dos seus pares no Instagram.....	101
<b>Tabela 27</b> - Perfil no Instagram que os estudantes gostam mais de seguir.....	105
<b>Tabela 28</b> - Grupo de pessoas que os estudantes mais interagem nas redes virtuais.....	107

<b>Tabela 29</b> - “Nós” para o “principal motivo para aceitar ou rejeitar novo seguidor no Instagram” .....	108
<b>Tabela 30</b> - Se os estudantes gostam mais de seguir ou serem seguidos no Instagram.....	109
<b>Tabela 31</b> – Quantidade de inscrições dos nomes dos estudantes no Instagram nas paredes da escola por sexo.....	115
<b>Tabela 32</b> - Tabulação cruzada entre sexo e se os estudantes gostam mais de seguir ou de serem seguidos no Instagram.....	116
<b>Tabela 33</b> – Médias dos acumulados de publicações, de seguidores e de seguidos dos estudantes no Instagram entre os meses de novembro e fevereiro de 2019.....	118
<b>Tabela 34</b> – Médias dos acumulados de publicações, de seguidores e de seguidos dos estudantes no Instagram entre os meses de abril de 2019 e julho de 2019.....	119
<b>Tabela 35</b> - “Nós” para “escolha da escola” .....	144
<b>Tabela 36</b> - “Nós” para “comportamentos dos estudantes depois que chegam da escola” .....	153
<b>Tabela 37</b> – Recursos didáticos que os estudantes mais utilizam para estudar em casa.....	155
<b>Tabela 38</b> – Recursos didáticos que os estudantes mais utilizam para estudar na escola.....	156
<b>Tabela 39</b> - Horas por dia que os estudantes leem livros e/ou revistas digitais.....	156
<b>Tabela 40</b> - Quantidade de livros que os estudantes têm em casa.....	157
<b>Tabela 41</b> - “Nós” para “leitura de livros” .....	158
<b>Tabela 42</b> - Tipo de aula que os estudantes têm mais facilidade de entender e prestar atenção.....	160
<b>Tabela 43</b> - “Nós” para “motivação para gostar de estudar na escola”.....	162
<b>Tabela 44</b> - Metodologia de ensino utilizada com mais frequência pelos professores.....	165
<b>Tabela 45</b> - Se o professor usa as TDICs para ensinar em sala de aula.....	166
<b>Tabela 46</b> - Situação em que os professores consideram que têm mais problemas com os estudantes em sala de aula.....	166
<b>Tabela 47</b> - Tabulação cruzada entre sexo dos professores e metodologia de ensino utilizada com mais frequência em sala de aula.....	167
<b>Tabela 48</b> - Tabulação cruzada entre horas por dia que os professores utilizam a internet para preparar aulas e se utilizam as TDICs em sala de aula.....	168
<b>Tabela 49</b> - “Nós” para “fatores positivos das TDICs no processo ensino-aprendizagem na visão dos professores”.....	170
<b>Tabela 50</b> - “Nós” para “fatores negativos das TDICs no processo ensino-aprendizagem na visão dos professores”.....	171
<b>Tabela 51</b> - “Nós” para “aulas mais dinâmicas” .....	175
<b>Tabela 52</b> - “Nós” para “falta de interesse dos estudantes pelos estudos escolares” .....	177
<b>Tabela 53</b> - “Nós” para “fatores para uma melhor relação dos estudantes com os professores”.....	181
<b>Tabela 54</b> - “Nós” para “nó” mal-estar na docência”.....	184

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Emoticons mais utilizados nas conversações na internet.....	76
<b>Quadro 2</b> - Declarações das mães do grupo 1 de estudantes com relação a alfabetização com as TDICs.....	97
<b>Quadro 3</b> - Declarações das mães do grupo 2 de estudantes com relação a alfabetização com as TDICs.....	98
<b>Quadro 4</b> - Declarações do grupo 1 de estudantes com relação a dinâmica de utilização do Instagram.....	102
<b>Quadro 5</b> - Declarações do grupo 2 de estudantes com relação a dinâmica de utilização do Instagram.....	103
<b>Quadro 6</b> - Declarações do grupo 1 de estudantes com relação ao que mais gostam de fazer nas publicações de outras pessoas no Instagram.....	104
<b>Quadro 7</b> - Declarações do grupo 2 de estudantes com relação ao que mais gostam de fazer nas publicações de outras pessoas no Instagram.....	104
<b>Quadro 8</b> - Declarações do grupo 1 de estudantes com relação aos perfis no Instagram que mais gostam de seguir.....	106
<b>Quadro 9</b> - Declarações do grupo 2 de estudantes com relação aos perfis no Instagram que mais gostam de seguir.....	106
<b>Quadro 10</b> – Declarações do grupo 1 de estudantes com relação ao principal motivo para aceitar ou rejeitar novo seguidos no Instagram.....	109
<b>Quadro 11</b> - Declarações do grupo 2 de estudantes com relação ao principal motivo para aceitar ou rejeitar novo seguidos no Instagram.....	109
<b>Quadro 12</b> - Fotos das últimas nove publicações no Instagram de @111111 até o mês de maio de 2019.....	127
<b>Quadro 13</b> - Fotos das últimas sete publicações no Instagram de @222222 até o mês de maio de 2019.....	129
<b>Quadro 14</b> - Fotos das últimas nove publicações no Instagram de @333333 até o mês de maio de 2019.....	131
<b>Quadro 15</b> - Fotos das últimas nove publicações no Instagram de @444444 até o mês de maio de 2019.....	133
<b>Quadro 16</b> - Fotos das últimas nove publicações no Instagram de @555555 até o mês de maio de 2019.....	134
<b>Quadro 17</b> - Fotos das últimas duas publicações no Instagram de @666666 até o mês de maio de 2019.....	136
<b>Quadro 18</b> - Fotos das últimas duas publicações no Instagram de @777777 até o mês de maio de 2019.....	137
<b>Quadro 19</b> - Fotos das últimas nove publicações no Instagram de @888888 até o mês de maio de 2019.....	138
<b>Quadro 20</b> - Fotos das nove últimas publicações no Instagram do estudante @999999 até o mês de maio de 2019.....	139

<b>Quadro 21</b> - Fotos das três últimas publicações no Instagram de @101010 até o mês de maio de 2019.....	140
<b>Quadro 22</b> – Declarações das mães do grupo 1 de estudantes com relação a escolha da escola.....	145
<b>Quadro 23</b> - Declarações das mães do grupo 2 de estudantes com relação a escolha da escola.....	145
<b>Quadro 24</b> - Declarações das mães do grupo 1 de estudantes com relação aos seus comportamentos depois que chegam da escola.....	155
<b>Quadro 25</b> - Declarações das mães do grupo 2 de estudantes com relação aos seus comportamentos depois que chegam da escola.....	154
<b>Quadro 26</b> - Declarações do grupo 1 de estudantes com relação a leitura de livros.....	158
<b>Quadro 27</b> - Declarações do grupo 2 de estudantes com relação a leitura de livros.....	159
<b>Quadro 28</b> - Declarações do grupo 1 de estudantes com relação a motivação para gostar de estudar na escola.....	163
<b>Quadro 29</b> - Declarações do grupo 2 de estudantes com relação a motivação para gostar de estudar na escola.....	163
<b>Quadro 30</b> - Declarações do grupo 1 de professores com relação aos fatores positivos das TDICs no processo de ensino-aprendizagem.....	171
<b>Quadro 31</b> - Declarações do grupo 2 de professores com relação aos fatores positivos das TDICs no processo de ensino-aprendizagem.....	171
<b>Quadro 32</b> - Declarações do grupo 1 de professores com relação aos fatores negativos das TDICs no processo de ensino-aprendizagem.....	173
<b>Quadro 33</b> - Declarações do grupo 2 de professores com relação aos fatores negativos das TDICs no processo de ensino-aprendizagem.....	174
<b>Quadro 34</b> - Declarações do grupo 1 de estudantes com relação as aulas mais dinâmicas.....	176
<b>Quadro 35</b> - Declarações do grupo 2 de estudantes com relação as aulas mais dinâmicas.....	176
<b>Quadro 36</b> - Declarações do grupo 1 de professores com relação à falta de interesse dos estudantes pelos estudos escolares.....	178
<b>Quadro 37</b> - Declarações do grupo 2 de professores com relação à falta de interesse dos estudantes pelos estudos escolares.....	179
<b>Quadro 38</b> - Comparação entre as nuvens de palavras “aulas dinâmicas” (discursos discentes) e “falta de interesse nos estudos” (discursos docentes) .....	179
<b>Quadro 39</b> - Declarações do grupo 1 de estudantes com relação aos fatores para uma melhor relação dos estudantes com os professores.....	182
<b>Quadro 40</b> - Declarações do grupo 2 de estudantes com relação aos fatores para uma melhor relação dos estudantes com os professores.....	182
<b>Quadro 41</b> - Declarações do grupo 1 de professores com relação ao mal-estar na docência.....	184
<b>Quadro 42</b> - Declarações do grupo 2 de professores com relação ao mal-estar na docência.....	185
<b>Quadro 43</b> - Comparação entre as nuvens de palavras “fatores para uma melhor relação dos estudantes com os professores” (discursos discentes) e “mal-estar na docência” (discursos docentes) .....	186

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Percentagens das médias dos acumulados de publicações, seguidores e seguidos dos estudantes no Instagram entre os meses de novembro de 2018 e fevereiro de 2019.....	120
<b>Gráfico 2</b> – Percentagens das médias dos acumulados de publicações, seguidores e seguidos dos estudantes no Instagram entre os meses de abril de 2019 e julho de 2019.....	121
<b>Gráfico 3</b> – Percentagens das médias dos acumulados de publicações, seguidores e seguidos dos estudantes no Instagram entre os meses de junho de 2020 e setembro de 2020.....	124

## LISTA DE FOTOS

<b>Foto 1</b> - Quadro da sala de aula com os nomes dos estudantes no Instagram.....	111
<b>Foto 2</b> - Parede interna da escola com os nomes dos estudantes no Instagram.....	111
<b>Foto 3</b> - Carteira escolar com os nomes dos estudantes no Instagram.....	112
<b>Foto 4</b> - Porta da escola com os nomes dos estudantes no Instagram.....	112
<b>Foto 5</b> - Estudantes dormindo no momento de fazer um exercício escolar.....	146
<b>Foto 6</b> - Estudantes em sala de aula no dia de prova semanal.....	147
<b>Foto 7</b> - Estudante copiando assunto que estava no quadro da sala de aula através do smartphone.....	148
<b>Foto 8</b> - Estudante copiando texto que estava no quadro através do smartphone.....	149
<b>Foto 9</b> - Estudante “procurando” sinal da internet em sala de aula.....	149
<b>Foto 10</b> - Estudantes acessando a internet no ambiente escolar restrito dos professores.....	150
<b>Foto 11</b> - Estudante “isolada” acessando no ambiente restrito dos professores.....	150
<b>Foto 12</b> - Folhas de caderno usadas pelos estudantes para conversar durante a aula.....	151

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>18</b>
1.1. Delimitação do objeto de estudo.....	23
1.2. Considerações sobre o método.....	27
1.2.1. Unidades de análises.....	29
1.2.2. Abordagem etnográfica.....	31
1.2.3. Pesquisas em ambientes virtuais.....	33
1.3. Linguagens como fonte de informação.....	35
1.4. Desenho da pesquisa empírica.....	36
<b>2. CONSTITUIÇÃO DA REALIDADE SOCIAL NA ERA DAS TDICs.....</b>	<b>41</b>
2.1. Formas de comunicação na construção das interações sociais.....	44
2.2. Entrelaçamento das dimensões objetivas e subjetivas.....	49
2.3. Sociabilidades em ambientes virtuais.....	55
<b>3. JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS.....</b>	<b>65</b>
3.1. Identidades e conexão geracional.....	66
3.2. Vivências simultâneas no mundo face a face e virtual.....	69
3.3. Ambiente escolar e TDICs.....	70
<b>4. SOCIABILIDADES JUVENIS NO ÂMBITO DA CULTURA DIGITAL.....</b>	<b>79</b>
4.1. "Se eu te seguir, você me segue de volta?": sistemas de trocas e capital virtual.....	99
4.2. Dimensão, fluxo e dinâmica das interações no Instagram.....	117
4.3. Cultura da <i>selfie</i> e da autoexposição na internet.....	125
<b>5. SUBJETIVIDADES INFORMACIONAIS EM UMA CULTURA LETRADA.....</b>	<b>142</b>
5.1. "Novos" modos de aprender das juventudes contemporâneas.....	154
5.2. (In) disciplina em sala de aula no âmbito das TDICs.....	164



<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>187</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>194</b>
<b>OUTRAS REFERÊNCIAS.....</b>	<b>202</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Até que ponto o mundo virtual influencia nos comportamentos da juventude contemporânea? Será que os equipamentos físicos e cognitivos do ambiente escolar atendem aos novos modos de ser e aprender dos jovens estudantes na era das tecnologias digitais? Como professor da educação básica nos últimos 10 anos, estas perguntas me inquietaram e foram o ponto de partida para as análises ensaísticas do presente trabalho de tese de doutorado sobre as sociabilidades juvenis da atualidade e suas implicações nas mudanças e continuidades nos aspectos cognitivos no espaço escolar.

A ênfase desse trabalho recai sobre como as juventudes que utilizam cotidianamente as TDICs (Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação) se apropriam desses aparelhos portáteis de comunicação, de que maneira constituem padrões específicos de sociabilidades e como esse novo estilo de vida interfere no processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar. De forma geral, pretendemos analisar as práticas sociais e cognitivas dentro do *continuum* entre cultura letrada e digital.

Por cultura letrada entende-se como um conjunto de práticas linguísticas e sociais que sucedeu uma tradição oral e a comunicação não-alfabética (pinturas e desenhos), que desencadeou uma série de transformações cognitivas e interferiu significativamente nas mudanças das formas de comunicação e de expressão humana, chegando, assim, a um novo estado de espírito, “o espírito alfabético”.

Dessa maneira, letramento é “um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de poder e identidade” (SOUZA, 2011). Atualmente, letramento está relacionado com as práticas e habilidades adquiridas “através de uma escolarização burocraticamente organizada e traduzidas nos itens de testes e provas de leitura e de escrita” (SOARES, 2010).

Já cultura digital compreende-se como um conjunto de conhecimentos, linguagens, habilidades e interações sociais vivenciadas no âmbito das tecnologias digitais de informação e comunicação. Desse modo, a cultura digital por ser definida “como o conjunto de práticas e valores ligados ao desenvolvimento de novas formas de sociabilidade dentro de um ambiente midiático digital” (GIRALDO, 2015, p. 161). Essas interações sociais por meio das TDICs se lançam no plano das performances dos seus usuários, pois no caso das juventudes da atualidade,

as suas identidades e modos de comportamento vão depender dos múltiplos contornos cognitivos constituídos nos ambientes virtuais.

Dessa forma, o *continuum* cultura letrada e digital apresenta-se como um universo que não é fácil de recortar para a realização de pesquisas científicas, já que estamos tratando de práticas sociais não só a nível local, mas multicultural, não só de indivíduos isolados, mas interconectados, não só de relações face a face, mas também de interações virtuais. É justamente devido a nova conjuntura que surge o desafio: “[...] explicar as grandes conjunturas, os processos e práticas por meio dos quais têm se conformado os fenômenos sociais significativos de nosso tempo, tanto globais quanto locais” (COMAROFF; COMAROFF, 2010, p. 55).

Assim, a ideia da presente pesquisa é de analisar como as linguagens e dinâmicas de uso das tecnologias digitais influenciam na constituição das subjetividades e sociabilidades das juventudes contemporâneas e seus desdobramentos nas mudanças e continuidades no processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar. Para as análises que se seguem, parte-se do pressuposto de que as culturas letrada e digital possuem características próprias, cada uma com suas narrativas, símbolos, códigos e linguagens. No entanto, ressaltamos que não existe necessariamente uma fronteira entre elas, pois se relacionam dentro do processo de *continuum*.

Com base nessa problemática central, esta pesquisa busca explorar os seguintes questionamentos: quais são os códigos e as narrativas no mundo virtual criadas e utilizadas pelas juventudes contemporâneas? Como se constituem as mudanças e continuidades nos seus padrões de sociabilidades? Quais são as relações e contradições entre as estruturas pedagógicas, físicas e disciplinares do espaço escolar e as “novas” formas aprender das juventudes que passam a maior parte do seu tempo nas redes virtuais?

Observa-se que nos últimos tempos se proliferaram outros modos de ser, pensar e agir das juventudes contemporâneas, impulsionados pelas ecologias cognitivas das redes virtuais, com novas definições de suas subjetividades. Ao analisar as relações entre tecnologias digitais e comportamentos humanos, pesquisas das mais diversas áreas do conhecimento (Antropologia, Sociologia, Computação, Psicologia e Linguagens) têm apontado transformações significativas nas formas de comunicação e de interações sociais, em decorrência, sobretudo, do uso prolongado de smartphone e computadores.

Entre esses estudos sobre a presente temática, destaca-se o de Jean Twenge, professora de psicologia da Universidade Estadual de San Diego, nos Estados Unidos e publicados no livro *iGen: Why Today's Super-Connected Kids are Growing up Less Rebellious, More Tolerant,*

*Less Happy - and Completely Unprepared for Adulthood* (que numa tradução livre significa “Por que as crianças superconectadas estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes - e completamente despreparadas para a vida adulta”), no qual mostra que a “geração smartphone” vive um amadurecimento mais lento do que as anteriores (BBC, 2013).

Outras pesquisas, como por exemplo, da professora Gloria Mark, intituladas “*Concentrados, despertos, mas tão distraídos: uma perspectiva temporal da multitarefa e das comunicações*” e “*Os neuróticos não podem se concentrar: Um estudo in situ sobre a multitarefa online no trabalho*”, mostram que as TDICs afetam diretamente a multitarefa, o humor e o estresse das pessoas. Estes estudos despontam também que, de forma geral, quando estamos em frente do computador mudamos de tela e de concentração a cada 47 segundos e consultamos mais de 20 vezes por dia o Facebook e recorremos aos smartphones entre 80 e 110 vezes por dia para checar e-mail e as redes virtuais. Em consequência dessa compulsividade, ou seja, devido ao uso prolongado dos aparelhos portáteis de comunicação, os usuários das redes virtuais diminuem a sua capacidade de atenção e de paciência frente às relações face a face, em detrimento de um mundo digital caracterizado, prioritariamente, pela aceleração das informações, microatenção e microconversa (EL PAIS, 2017).

No que diz respeito mais especificamente sobre as interações sociais no Instagram, uma pesquisa realizada pelo Royal Society for Public Health (RSPH), no Reino Unido em 2017, intitulada *Status of Mind* (Estado de Espírito), aponta que essa rede virtual pode provocar ansiedade, depressão, má qualidade no sono e insatisfação com o corpo nos jovens e tem caráter mais viciante que drogas ilícitas como cigarro e álcool, causando uma nova síndrome nas juventudes contemporâneas denominada de FoMo (*Fear of Missing Out*) (que numa tradução livre significa “Medo de perder”) (MARFIM, 2017).

Nesse contexto cultural e tecnológico, Manuel Castells destaca que “estão emergindo *on-line* novas formas de sociabilidade e novas formas de vida urbana, adaptadas ao nosso novo meio ambiente tecnológico” em que os usuários dessas tecnologias digitais criam identidades virtuais, muitas vezes distintas das offline. No entanto, este mesmo autor chama a atenção de que se faz necessário avançar no desenvolvimento de estudos científicos que demonstrem e analisem a relação entre o uso das tecnologias digitais e a geração de novas formas de interações sociais, pois, “ainda não está claro [...] o grau de sociabilidade que ocorre nessas redes eletrônicas, e quais são as consequências culturais dessa nova forma de sociabilidades [...]”.

No que diz respeito às relações entre o corpo, os aspectos psicológicos e as tecnologias digitais, a autora Stelarc (1997, p. 54-59), ressalta que “o corpo é uma estrutura nem muito eficiente, nem muito durável. Com frequência, funciona mal [...]. É o momento de reprojeter os humanos, torná-los mais compatíveis com suas máquinas”, pois, a estrutura biológica do ser humano não é adequada e, portanto, não estaria preparada para esse novo ambiente (virtual) caracterizado pela complexidade, quantidade e velocidade de informações.

Uma equipe de estudiosos em psicologia da Carnegie Mellon University analisou as consequências sociais e psicológicas da internet sobre os comportamentos das pessoas, chegando a conclusão de que “o uso mais intenso da Internet foi associado ao declínio da comunicação dos participantes com os membros da família no lar, um declínio no tamanho de seu círculo social e aumento da depressão e da solidão”. Porém, outros estudiosos desse “novo” fenômeno social, como Mark Slouka, “condenam a desumanização das relações sociais que nos trouxeram os computadores, pois a vida *on-line* parece ser uma maneira fácil de fugir da vida real” (CASTELLS, 1999, p. 443-444).

Barry Wellman um dos maiores pesquisadores empíricos da sociologia na internet, pondera que as “comunidades virtuais” não precisam se opor às “comunidades físicas”, pois, “são formas diferentes de comunidade, com leis e dinâmicas específicas, que interagem com outras formas de comunidade” (CASTELLS, 1999, p. 444). Outrossim, as redes de interações virtuais vão desde os vínculos diretos até os vínculos indiretos, como também ocorre nas interações sociais offline. Dessa forma, os usuários das redes virtuais criam “portfólios pessoais”, em que se inserem em grupos virtuais a partir de interesses em comum.

Entre as pesquisas na área da antropologia sobre esse tema, destaca-se a da professora Paula Sibilia (2015, p. 17-27), em que ela afirma que na era das tecnologias digitais se “proliferam outros modos de ser e de narrar o que somos: novas definições da vida, dos corpos e das subjetividades, em sintonia com as mudanças ocorridas no campo tecnocientífico e em todos os fatores que contribuem para alimentá-lo” . Essa mesma autora ainda pondera que “a economia global é impulsionada pelos computadores e pela internet, pela telefonia móvel com suas diversas redes de comunicação e informação, pelos satélites e por toda a miríade de *gadgets* teleinformáticos que abarrotam os mercados”. Toda essa conjuntura e estrutura cultural, tecnológica e cognitiva colabora para a constituição de novas subjetividades, pois, o uso diário dos diversos aparelhos de comunicação/interação/entretenimento acaba

influenciando na constituição das identidades, e conseqüentemente, nos seus “novos” modos de pensar, ser, agir, aprender e de “novas” formas das sociabilidades.

Dessa forma, com os dados empíricos coletados e analisados de acordo com a literatura sobre essa temática, pretende-se afirmar que, de maneira distinta dos artefatos e instrumentos tecnológicos anteriores às tecnologias digitais, a cultura digital fornece uma “nova” ecologia cognitiva aos indivíduos, ou seja, um espaço de agenciamentos realizado através de conjuntos de sistemas de linguagens, imagens, códigos, normas e de interações (virtuais) que influenciam<sup>1</sup> na formação das subjetividades, sobretudo, nas juventudes da atualidade, e, conseqüentemente, nos seus modos de ser, pensar, agir e aprender.

O que ocorre é que nos últimos anos houve uma maior inserção das tecnologias digitais no cotidiano da chamada sociedade “pós-moderna”, criando espaços culturais e sociais cada vez mais heterogêneos e multifacetados. Constata-se, então, o surgimento de “novas” práticas de interação social permeada pelo acesso e uso das redes digitais através dos aparelhos móveis de comunicação nas quais têm influenciado, por meio de diversos fatores sociais e cognitivos, nas mudanças dos comportamentos e estilos de vida das pessoas e grupos sociais, mais especificamente, das juventudes contemporâneas.

Nos capítulos que se seguem analisaremos, a partir de uma revisão da literatura sobre esta temática, como se constituem as subjetividades através das linguagens e formas de comunicação, bem como, pelo entrelaçamento das dimensões objetivas e subjetivas, e suas influências nas dinâmicas das sociabilidades das juventudes contemporâneas. Na sequência abordaremos o conceito de juventudes e suas implicações com a formação de suas identidades e modos de interações tanto no mundo face a face quanto no espaço virtual. Depois, a partir dos dados empíricos, discutiremos como se processam os fluxos de interações sociais no Instagram desses jovens estudantes, dentro das práticas da cultura da *selfie* e da autoexposição na internet. Por fim, discorreremos como essas sociabilidades juvenis no mundo virtual tem afetado nas relações e conflitos no espaço escolar devido, sobretudo, as incompatibilidades entre os aspectos cognitivos e pedagógicos apregoados pela escola e as subjetividades informacionais dos jovens estudantes.

---

<sup>1</sup> Parte-se do pressuposto que as dimensões normativas, cognitivas e expressivas da coletividade e das ações dos indivíduos se constituem como uma rede interativa e multidimensional que se relacionam mutuamente. No entanto, os indivíduos que utilizam as TDICs são influenciados pelas estruturas sociais do mundo virtual ao mesmo tempo que recriam essas mesmas estruturas mediante às novas linguagens e práticas sociais que são idealizadas.

## 1.1. Delimitação do objeto de estudo

O presente trabalho de tese é uma pesquisa de cunho etnográfico<sup>2</sup> realizada entre os meses de novembro de 2018 e setembro de 2019 em uma escola pública estadual de Ensino Médio de tempo integral em Campina Grande no estado da Paraíba, que funciona no formato educacional denominado Escola Cidadã Integral, escolhida como um dos *lócus* do trabalho de campo. A referida cidade se localiza no interior do estado da Paraíba a 114 km de João Pessoa, e é o principal município do Território da Borborema que é composto por 21 municípios, ocupando uma área de 3.233 km<sup>2</sup>, ou seja, 23,1% do território da Paraíba. Campina Grande conta com uma população de 400.000 habitantes (BRASIL, 2015). Se destaca pela oferta de bens e serviços, pelos grandes eventos culturais e religiosos, além de atender boa parte da demanda escolar dessa região, tanto de nível básico de ensino quanto superior. A escolha dessa escola foi motivada tanto pela “facilidade” de acesso a esse ambiente educacional, como professor integrante dessa rede de ensino público, e, conseqüentemente, pela minha aproximação e convívio diário com esse modelo de ensino, bem como, com estudantes e professores. Além disso, essa escola pública de Ensino Médio de tempo integral em Campina Grande oferece uma composição social heterogênea e significativa dos jovens estudantes da atualidade.

Outro motivo dessa opção, deve-se por esse ambiente escolar está inserido em políticas educacionais voltadas para o fortalecimento de uma cultura letrada (mais tempo dos estudantes e dos professores na escola, com mais disciplinas) e a implantação de uma cultura digital (inserção de tecnologias digitais no cotidiano escolar). Para atender aos (novos) modos corporais, subjetivos e cognitivos dos “usuários” das redes virtuais, o Estado (Governo Federal e Estadual) desenvolve, por meio de ações, políticas educacionais voltadas para a implantação de uma cultura digital nas estruturas físicas e pedagógicas “tradicionais” da escola. Nesse contexto, destaca-se o desenvolvimento na escola o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (PROINFO), o Programa Nacional de Formação Continuada em Tecnologia Educacional (PROINFO INTEGRADO) - com ofertas de cursos de formação para professores, fornecimento de equipamentos (*netbooks* e *tablets*) e recursos multimídia digitais disponibilizados pelo Portal do Professor, TV Escola e DVD Escola, o Projeto Educador Digital, o *Tablet* educacional e o *Google Classroom*.

---

<sup>2</sup> Esta pesquisa foi aprovada e registrada na Plataforma Brasil sob o número 98666918.9.0000.5182.

Em conjunto com as políticas educacionais de implantação de uma “cultura digital”, também ocorre o fortalecimento de uma “cultura letrada”. Dessa forma, desde o ano de 2012, na Paraíba, foi implantado, em algumas escolas públicas de Ensino Médio, o Programa Ensino Médio Inovador (PROEMI) que tem como principal objetivo “induzir a reestruturação/redesenho dos currículos, ampliando o tempo na escola e a diversidade de práticas pedagógicas [em que] enxerga o jovem em formação como um sujeito social, histórico, cultural, econômico, político, físico e emocional.” (PARAÍBA, 2013, p. 9). Em 2016, algumas dessas escolas permaneceram com o seu funcionamento em tempo integral, mas, por conta das constantes e históricas mudanças das políticas educacionais direcionadas para as séries do ensino médio, algumas delas foram inseridas no Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) ou no Programa Escola Cidadã Integral/Integrada ou no formato Escolas Paraíba Mais. Nessas (re) configurações, as escolas de Ensino Médio em tempo integral na Paraíba têm

como prioridade a formação integral de jovens, articulando diferentes ações, em consonância com o Projeto Político-Pedagógico das escolas, a fim de que venham qualificar o processo educacional e melhorar a aprendizagem dos estudantes. Na Paraíba a adesão ao Programa teve início em 2009, passando efetivamente a funcionar em 2012 com 27 escolas, ampliando para 48 escolas em 2013 e para 49 escolas em 2014. Em 2015, as escolas não receberam nenhum recurso do Governo Federal e desenvolveram suas atividades com saldo de recurso em conta dos anos anteriores, mais o recurso de convênio de alimentação escolar para o almoço dos estudantes. Para o ano de 2016, as Escolas PROEMI serão reorganizadas em três modelos, a saber: Escolas Cidadãs Integrais, Escolas Cidadãs Integradas e Escolas Paraíba Mais (PARAÍBA, 2016).

Constata-se, então, o surgimento de “novos ambientes educacionais” caracterizados pelas simbioses entre as práticas pedagógicas “tradicionais” - aulas expositivas/dialogadas das disciplinas da base comum - e as ações “inovadoras” em tempo integral - inserção das disciplinas de complementares e a utilização das tecnologias digitais em sala de aula. Dessa forma, observa-se que as novas subjetividades das juventudes contemporâneas passam a reagir ao contato com cotidiano escolar frente a essas políticas educacionais de inclusão digital e do fortalecimento de uma cultura letrada, e conseqüentemente, ocorrem mudanças e continuidades nas sociabilidades no espaço escolar, sobretudo, nas relações entre professor/estudante, sobretudo, dentro do processo de ensino-aprendizagem.

A escola no início da pesquisa contava com cerca de 550 estudantes, no ano de 2018, divididos nas três séries do Ensino Médio. Optamos então por estabelecer interlocução,



prioritariamente, com estudantes da 1ª série (245 estudantes divididos em 7 turmas), na faixa etária compreendida entre 13 e 18 anos. A razão para a escolha desse grupo de estudantes deve-se à uma pesquisa piloto já desenvolvida anteriormente nessa escola, na qual revelou-se que os estudantes recém-chegados no Ensino Médio de tempo integral são os que mais “sofrem” com as adaptações nessa nova etapa da sua vida escolar em comparação com os demais das 2ªs e 3ªs séries. Assim, nesse “primeiro” período de formação escolar, há uma maior incidência de conflitos e resistências frente as normas, regras e disciplinas do sistema escolar, em que a maioria dos professores se queixam mais desses estudantes pelo mal comportamento na sala de aula.

A escola objeto dessa investigação funcionava de segunda-feira à sexta-feira, em tempo integral, das 7h30 às 17h. Diariamente, no momento da entrada dos estudantes há um acolhimento (recepção) em que eles mesmos fazem um corredor no portão principal da escola com muita música, brincadeiras e descontração. Posteriormente, os estudantes se dirigem para salas de aula de acordo com a disciplina e o horário. Entre uma aula e outra os estudantes trocam de sala, pois, nesse modelo de ensino, as turmas não têm uma sala específica, tendo os estudantes que se descolarem a cada mudança de horário entre uma disciplina e outra. Mais uma característica pedagógica que nos chamou a atenção na escola observada, é que cada estudante tem um tutor (um professor da própria escola), em que o jovem tem um acompanhamento do seu rendimento escolar, funcionando também como um canal de comunicação entre a escola e a família. Outro fator importante na dinâmica de funcionamento dessa escola, é que toda a organização pedagógica é voltada para o Projeto de Vida dos próprios estudantes, estimulando-os para que possam planejar e realizar os sonhos de vida. Toda terça-feira os estudantes fazem uma prova (Avaliação Semanal) dentre as 13 disciplinas da base comum que ele é obrigado a assistir e a cumprir a carga horária, como também, de atingir uma média mínima de nota para concluir uma série. Quanto aos professores, estes também passam o dia todo na escola com uma carga horária semanal de 40h, tendo que assumir as disciplinas da Parte Diversificada, além das aulas da disciplina da Base Comum.

Na Tabela 1, temos os dados, por série, do tempo das aulas e das disciplinas que os estudantes precisam cumprir para terminar o Ensino Médio, dentro do regime de tempo integral. Com base nas diretrizes operacionais para as escolas de tempo integral da Paraíba de 2018, verificamos que os estudantes precisam ir à escola 41 semanas ao ano, ou seja, 203 dias letivos para cada série do Ensino Médio, 5 dias de aulas por semana, 9 aulas por dia (das 7h30 às 17h)

com 11 disciplinas da Base Comum, além das 8 disciplinas da Parte Diversificada. Ou seja, são 1.845 aulas anuais, com uma carga horária do curso, por série, de 1.845h. Ao analisarmos esses dados, verificamos que os alunos nessa modalidade escolar, ficam mais de 1/3 do dia e mais de 70% da semana no ambiente escolar.

**Tabela 1 - Dados das diretrizes operacionais das escolas cidadãs integrais na Paraíba para o ano letivo de 2018**

	Quantidade (por série)
Semanas de aulas	41
Dias letivos	203
Aulas por dia	9
Disciplinas da Base Comum	13
Disciplinas da Parte Diversificada	8
Aulas anuais	1845
Carga horária do curso (hora aula)	1845

Fonte: Secretaria de Estado da Educação da Paraíba (2018).

Metodologicamente, nessa primeira fase da pesquisa, observamos o cotidiano escolar (chão da escola), acompanhando os comportamentos, as brincadeiras, as conversas, os discursos explícitos e ocultos, os conflitos entre estudantes e professores mediante as regras e as disciplinas da escola. Nessa etapa, aplicamos questionários com os jovens participantes da presente pesquisa, como também, com os seus respectivos pais/responsáveis e professores.

Concomitantemente, realizamos pesquisas etnográficas na internet, em uma rede de compartilhamento de fotos e vídeos – o Instagram, compondo o segundo *lócus* da pesquisa empírica, observando as sociabilidades no ambiente virtual dos jovens estudantes envolvidos na primeira etapa dessa investigação. Criado em 2010, o Instagram<sup>3</sup> é uma rede de compartilhamento de fotos e vídeos mais usada pelas juventudes contemporâneas. Nessa rede virtual, os internautas podem constituir a sua identidade virtual que tanto pode ser diferente quanto se assemelhar com a identidade offline. Os usuários do Instagram podem ajustar a

<sup>3</sup> O Instagram foi criado pelo estadunidense Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger e lançado em outubro de 2010. O serviço rapidamente ganhou popularidade, com mais de 100 milhões de usuários ativos em abril de 2012. Trata-se de uma rede virtual de compartilhamento de fotos e vídeos entre os seus usuários.

qualquer momento os caracteres da sua identidade online bastando apenas realizar alguns cliques por meio dos aparelhos digitais de comunicação. Assim, pode-se compartilhar informações pessoais, através de publicações de fotos e vídeos que são disseminados rapidamente na Web. A principal ideia do Instagram é que seus usuários façam uma autoexposição do seu cotidiano para um grande público no ambiente virtual. Nos casos dos jovens observados, essa autoexposição tem como principal objetivo atrair uma maior quantidade de seguidores para que se possa ter um maior prestígio social (capital virtual), como também, gerar uma maior sensação de bem-estar pessoal.

O objetivo nessa segunda etapa foi de analisar as dinâmicas e fluxos de uso dessa rede virtual a partir das publicações de fotos e vídeos, dentro da lógica da cultura da selfie e da autoexposição na internet. Nessa última etapa, procuramos observar, descrever e compreender o cotidiano das sociabilidades e constituições das amizades e grupos sociais na Web, as tendências de comportamentos, sempre atentos aos detalhes e às expressões das linguagens (textuais e não textuais) que, portanto, pudessem demonstrar as maneiras de ser, pensar e agir das juventudes na era das tecnologias digitais.

## **1.2. Considerações sobre o método**

Os fatores sociais e culturais que impulsionam e contribuem para a constituição das “novas” sociabilidades juvenis no contexto das tecnologias digitais não estão abertamente revelados para o pesquisador, limitando, dessa maneira, o trabalho de investigação científica sobre os comportamentos humanos. O que ocorre é que nem sempre os “modelos geradores” da vida social estão dados objetivamente, mas estes se expressam nas práticas sociais e podem ser apreendidos “nas entrelinhas” dos comportamentos humanos.

Clifford Geertz (1978, p. 40) afirma que “um mundo não pode ser apreendido diretamente; ele é sempre inferido a partir de suas partes e as partes devem ser separadas conceptual e perceptualmente do fluxo da experiência”, pois, o mundo social é uma realidade relativa para o olhar e compreensão humana. Leopold von Wiese (1977, p. 214), ao refletir sobre os processos de interação sociais, ressalta que devemos investigar e sistematizar os fenômenos sociais mediante “processo mental de abstração”, cujo “o objeto desta abstração da

esfera social é a descoberta das forças e causas que operam nas relações inter-humanas e apenas nelas”.

Sob esse aspecto, uma das dificuldades inerentes aos estudos das dinâmicas da vida social ocorre quando colocamos a realidade social numa “caixinha blindada”, esquecendo-se de que “ao longo do tempo, todos os campos sociais são varridos por ondas contrárias de unidade e diversidade: por forças que tornam difusos o poder e o significado e por forças contrárias que os concentram e fixam” (COMAROFF; COMAROFF, 2010, p. 38). Nesse sentido, Bensa (1998, p. 66) destaca que, “colocá-la [a sociedade] como objeto fechado e determinado por seus contornos implica nos afastarmos deliberadamente dos movimentos que constituem a realidade”, pois toda realidade social tem seus próprios mecanismos, mas também são influenciados por outros processos em contextos mais amplos.

Outro problema no tocante aos estudos das dinâmicas sociais, ocorre quando nos deparamos com o momento da construção do objeto de pesquisa, pois, nesse momento, surge uma série de questionamentos tanto no que se refere ao que seria próprio do universo social a ser investigado quanto ao que seria fruto da “imaginação” a partir das próprias concepções do pesquisador. Ainda assim, Barnes (2010, p. 178), destaca que as “relações sociais estão “efetivamente existindo”, no sentido de que fazem parte de um modelo pelo qual tentamos o máximo de aproximação possível à realidade empírica em todas as suas particularidades relevantes”. Nessas condições, devemos procurar meios que facilitem o conhecimento do mundo social.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, parte-se do pressuposto de que é possível construir unidades de observação, em escala reduzida, capazes de gerar “conhecimento” sobre os fatores sociais e culturais que impulsionam para as novas práticas sociais das juventudes contemporâneas. Dessa forma, este estudo lançou luz das análises das subjetividades e sociabilidades juvenis em uma escola pública de Ensino Médio de tempo integral e em uma rede virtual de compartilhamento de fotos e vídeos entre os seus usuários, com o objetivo de construir hipóteses para a compreensão e análises micro e macrosociológicas, pois os problemas em pequena escala não são inseparáveis dos problemas em larga escala (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Dessa maneira, um fator significativo da presente pesquisa são as análises dos processos de simbiose entre as culturas letrada e digital. Nesse sentido, estudar a relação entre essas culturas torna-se essencial para compreender os modos pelos quais se estabelecem as novas

formas de interação social. Sucede, então, que essa investigação leva em consideração as análises das sociabilidades no espaço escolar (cultura letrada), como também no ambiente de interação virtual (cultura digital). Parte-se da ideia de que a combinação da cultura letrada com a digital, surge como um campo de investigação singular, para as análises das transformações e continuidades das sociabilidades juvenis no contexto das tecnologias digitais.

### **1.2.1. Unidades de análises**

As delimitações das unidades de análises compõem uma etapa importante de decisão frente ao objeto de pesquisa, pois o mundo social tem as suas próprias dinâmicas, fluxos e processos que escapam da observação de quem se propõem analisar, dificultando, na tomada de decisão quanto às escolhas de uma metodologia de pesquisa mais adequada. Nesse sentido, deve-se enfatizar, que “[...] o isolamento das unidades de estudo, para fins analíticos, está ficando gradativamente mais complicado” (VAN VELSEN, 1975, p. 451) por conta dos universos sociais cada vez mais complexos e multifacetados, ainda mais quando pensamos nas interações e sociabilidades permeadas pelas TDICs.

As escolhas frente às unidades de análises do fenômeno a ser investigado, pode trazer o risco de se fazer recortes “importantes aos olhos do pesquisador”, mas que, muitas vezes, não trazem nenhuma aproximação com o mundo “real”. Nessa perspectiva, Levi (1998, p. 203) destaca que “[...] escolher uma unidade de análise significa escolher um instrumento analítico que não é neutro,” e de que a escala dos fenômenos não está inscrita na realidade, pois, “a escala não é um dado preestabelecido, mas resulta de uma escolha estratégica que envolve a própria significação da pesquisa: o que vemos é aquilo que escolhemos fazer ver”.

Para a realização dessa pesquisa de campo, escolhemos duas unidades de análises, em escala reduzida, distintas, porém, complementares, para analisar a dinâmica social objeto dessa pesquisa – uma escola de tempo integral e um ambiente virtual de troca de mensagens. Quanto à primeira, é um ambiente em que estão presentes simultaneamente as práticas sociais de uma cultura letrada, como também de uma cultura digital, podendo-se analisar como funcionam e se estabelecem as “novas” regras da escola e os “novos” contornos nos conflitos no “chão” do ambiente escolar. No que se refere à segunda unidade de análise, é um espaço propício para compreender as linguagens, os símbolos, os significados, os códigos e as interações sociais que

se desenrolam na maior parte do cotidiano das novas gerações – as redes virtuais. Assim, a combinação dessas duas unidades de análises é de vital relevância para compreender as interações sociais das juventudes contemporâneas.

A importância de se realizar pesquisas etnográficas nesses espaços sociais deve-se pela intensificação dos conflitos entre gerações (estudantes/professores) e por ter um público jovem “nativo digital” que utilizam “naturalmente” as redes virtuais. Também destacamos a relevância de se fazer pesquisas etnográficas no Instagram por esse ser um dos ambientes da Web mais utilizados pelas juventudes contemporâneas. O objetivo maior seria então de “[...] procurar casos inter-relacionados dentro de uma pequena área que envolva somente um número limitado de *dramatis personae*” (VAN VELSEN, 1975, p. 465). A relação e comparação entre essas duas unidades de análises poderá levar a compreendermos, de forma mais significativa, os comportamentos individuais, bem como os coletivos, permeados na simbiose entre as culturas letrada e digital. Dessa forma, esses *locus* de pesquisa são constituídos por fronteiras e pelas contrastividades entre os indivíduos envolvidos nesse fenômeno social. No entanto, justamente pelos fatores até mencionados, esses espaços tornam-se o lugar “perfeito” para as análises empíricas.

Assim, os sujeitos dessa pesquisa, através de suas práticas e interações sociais vivenciadas na escola e nas redes virtuais, estão apresentando ou revelando uma parte do fluxo de um mundo complexo. Por fluxo, compreendemos como “um modo de fazer referência a coisas que não permanecem no seu lugar, as mobilidades e expansões variadas, à globalização em muitas dimensões” (HANNERZ, 1997, p. 10-29). Este autor alerta que nem sempre os indivíduos consideram a sua cultura como algo em constante fluxo, mas que eles “preferem acreditar que seus modos de viver e de pensar são puros, estáveis, eternos, nem por isso elas deveriam ter a oportunidade de vetar os nossos conceitos analíticos ou proto-analíticos, quando sugerem o contrário”. Sendo assim, o “ponto de vista do nativo” e o “ponto de vista do pesquisador” tornam-se visões indissociáveis para a compreensão sobre as interpretações sobre as continuidades, descontinuidades, mudanças e transformações das práticas sociais e dos modos de ser, pensar e agir característicos tanto de uma cultura letrada quanto de uma cultura digital.

Temos, assim, um objeto de pesquisa com várias possibilidades de unidades de análises nas quais podemos encontrar variações das disposições individuais e coletivas em uma mesma dinâmica social, mas sendo praticadas em diversos “níveis”. No entanto, Revel (1998, p. 12-

23) destaca que devemos “reconhecer que uma realidade social não é a mesma dependendo do nível de análise [...] da escala da observação”. Nessa perspectiva, deve-se examinar a sociodinâmica objeto dessa pesquisa a partir das disposições individuais, ou seja, a partir das práticas individuais realizadas nas redes virtuais, pois, “[...] a abordagem micro-histórica se propõe enriquecer a análise social tornando suas variáveis mais numerosas, mais complexas e também mais móveis”. Para Bensa (1998, p. 53) “a micro-história reconstrói, em torno de alguns personagens precisos, aquilo que o seu espaço social foi e, dessa forma, dá conta das incertezas das suas escolhas diante da conjuntura do momento”. Em consonância com as análises a nível individual, também se torna relevante à investigação e análises sobre as relações sociais a nível médio e macro, pois, “a variação da escala lhe permite passar de uma história para outra (e, por que não, para várias outras)” (REVEL, 1998, p. 38), e observar os “tons dos comportamentos” nas mais diversas esferas da vida social na era das TDICs.

As dificuldades e limites inerentes da presente pesquisa, ocorrem, entre outros fatores, devido à complexidade do próprio objeto de pesquisa, que abrange tanto as sociabilidades a nível global quanto a nível local, por se tratar de um fenômeno social heterogêneo e multifacetado. No entanto, as escolhas das unidades de análises em escalas reduzidas propiciam uma compreensão mais detalhada e acurada do fenômeno estudado.

### **1.2.2. Abordagem etnográfica**

Os processos sociais no *continuum* dos espaços sociais cultura letrada e digital se constituem, efetivamente, “um lugar de pesquisa” para o exercício etnográfico. Nesse contexto, cabe-nos então a tarefa de interpretar os significados, as experiências e as dinâmicas sociais que se constituem tanto na cultura letrada quanto na cultura digital. Assim, “praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, [...], que definem o empreendimento”, mas de interpretar as culturas por meio da “descrição densa” (GEERTZ, 1978, p. 15).

Clifford Geertz ressalta que a briga de galos permitiu em sua pesquisa etnográfica verificar a dimensão da subjetividade dos indivíduos observados. Dessa forma, no caso aqui específico, as “novas” sociabilidades das juventudes nos permite compreender os processos

pelos quais se (re) configuram as suas subjetividades e, assim, entender o que é “ser” jovem nesse contexto cultural e tecnológico, bem como, analisar o processo de simbiose entre cultura letrada-digital. Assim, podemos investigar as maneiras pelas quais as pessoas se expressam e demonstram/evidenciam seus modos de ser, bem como, suas concepções sobre o(s) mundo(s) em que vivem, através do corpo como também por meio das diversas formas de linguagens, pois, as pessoas “necessariamente agem e reagem de acordo com sua percepção de mundo, impregnando-o com o resultado de suas próprias construções” (BARTH, 2000, p. 111).

Para as análises e interpretações desse mundo social, adotamos simultâneas estratégias de coleta de dados, a fim de gerar diversas fontes de informações do mesmo objeto de pesquisa investigado. A incorporação dessas estratégias deve-se, sobretudo, porque “[...] as pessoas participam de universos de discurso múltiplos, mais ou menos discrepantes; constroem mundos diferentes, parciais e simultâneos, nos quais se movimentam” (BARTH, 2000, p. 123). Assim, a pesquisa de campo exige fundamentalmente “o registro das ações dos indivíduos como indivíduos e como personalidades [...]” (VAL VELSEN, 1975, 465). Em geral, as escolhas de várias estratégias para a realização da pesquisa etnográfica vão depender das especificidades do objeto de pesquisa, bem como, de suas dinâmicas e processos sociais, pois, a realidade social não se apresenta ou é revelada a partir de uma única fonte de informação.

Outrossim, a afirmativa de Geertz de que “o locus do estudo não é o objeto de estudo” e de que “os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...) eles estudam *nas* aldeias” (GEERTZ, 1978, p. 32), também é válida quando nos referimos aos *lócus* da presente pesquisa. O que interessa nessa pesquisa não são “é a escola ou ambiente virtual” em si, mas a interpretação das culturas praticadas nesses espaços e a investigação dos modos pelos quais os atores sociais, se apropriam dessas tecnologias digitais de informação e comunicação e, conseqüentemente, dão sentido ao seu uso. Parte-se então da ideia de que a etnografia é uma metodologia de pesquisa que proporciona condições científicas para a compreensão das dinâmicas que constituem a vida social.

Partimos da ideia de que há uma relação uma estreita relação entre as sociabilidades praticadas face a face e as realizadas por meio dos equipamentos portáteis digitais. Sendo assim, “a etnografia virtual se dá no/de e através do on-line e nunca está desvinculada do off-line, acontecendo através da imersão e engajamento intermitente do pesquisador com o próprio meio” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2015, p. 173), seja ele virtual ou face a face.



Estudar esse universo social “familiarizado”, impõe a esta pesquisa algumas limitações, mas, que também, possui algumas vantagens. Os contatos pré-estabelecidos entre pesquisador e pesquisados, para além do momento da investigação, tornam o trabalho de campo e a coleta de dados um “esforço” de pesquisa “menos desgastante”, além de contribuir, de uma forma mais “expressiva”, para as interpretações dos significados que permeiam a vida social nesse universo empírico. Nessa perspectiva, Latour e Woolgar (1997, p. 26) destacam que “trata-se de fazer o que fazem todos os etnógrafos, e de aplicar à ciência a deontologia habitual às ciências humanas: familiariza-se com um campo, permanecendo independente dele e à distância”. O desafio é de tornar o próprio objeto de pesquisa o mais “estranho” possível, visto que as análises de toda pesquisa científica dependem do ponto de observação em que o pesquisador está situado. Exige-se do pesquisador uma maior desconfiança dos modos pelos quais os processos sociais se desenvolvem, já que o mundo social é muito mais complexo dos que as percepções que ele tem do seu objeto de pesquisa.

### **1.2.3. Pesquisas em ambientes virtuais**

Nos últimos anos, uma parte significativa da população mundial passou a utilizar os mais diversos aparelhos portáteis digitais de comunicação que promovem uma maior intensificação e fluidez dos vínculos sociais na Web, denominados aqui de “ambientes virtuais”. Com o advento das TDICs, as “novas” gerações se inseriram em um “novo circuito” de relações sociais por meio de diversas redes virtuais, como o Facebook, WhatsApp, Instagram, Twitter e Apps (aplicativos de conversação para smartphones), além de manter as relações sociais vivenciadas face a face. Nesse contexto, as múltiplas sociabilidades juvenis têm se tornado cada vez mais complexas, e mais amplas, exigindo a elaboração de metodologias de pesquisa que contribuam significativamente para as análises da sociedade “superconectada”. Nesse novo contexto social e cultura, os campos de investigações se ampliaram numa infinita gama de universos sociais. São (re) configurações nas formas de sociabilidades que surgem todos os dias, com “novos” sentidos e significados nos modos das pessoas se relacionarem umas com as outras.

Constata-se que as primeiras pesquisas na internet foram realizadas por meio da etnografia. Entre elas, destacam-se as produzidas por Michael Rosenberg em 1992 (que fez um

estudo no WolfMOO que é um programa de computador com a participação de vários usuários de jogos de RPG), por John Masterton que conduziu uma pesquisa etnográfica do Ancient Anguish em 1994 e por Sherry Turkle, em 1995, que analisou a relação subjetiva através dos comportamentos e a internet) que lhe rendeu o livro intitulado “Life on the Screen: identity in the age of the Internet”. (POLIVANOV, 2013, p. 62),

Robert Kozinet (2014, p. 109), no livro *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*, ressalta que “[...] a netnografia contribui para adição de compreensão interpretativa valiosa, pela construção, por meio de foco e análise, do que está publicamente disponível na internet para formar um campo conhecido e respeitado de conhecimento codificado”. Nesse universo de pesquisa, a prática etnográfica não se trata de apenas estudar as linguagens virtuais e as imagens veiculadas na Web, “mas as interações das pessoas pelo uso de diversos meios mediados pela tecnologia. Etnógrafos não estudam simplesmente os movimentos de corpos e vibrações no ar – eles estudam os significados de atos e elocuições”. Um mundo de linguagens, registrados e publicados através de mensagens, fotos e vídeos nas redes virtuais, torna-se um vasto material para a pesquisa etnográfica, contribuindo para os estudos dos patrimônios de disposições (individuais e coletivos) daqueles que fazem parte desse universo digital.

No contexto do mundo virtual, assim como no não virtual, o contato direto com os “nativos” se torna algo essencial para as investigações dessas sociabilidades, “pois existem aspectos de uma cultura e de uma sociedade que não são explicitados, que não aparecem à superfície e que exigem um esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observação e empatia” (VELHO, 1987, p. 123-124). Os comportamentos humanos “impõe” ao pesquisador “um exercício de “estranhamento” existencial e teórico, que passa por vivências múltiplas e pelo pressuposto da universalidade da experiência humana” (PEIRANO, 1992, p. 9). Nesse sentido, a autoridade etnográfica se estabelece quando o pesquisador passa a olhar a partir dos olhos dos outros (GEERTZ, 2001), mas sem se tornar o outro. A validade científica, através dessa metodologia de pesquisa, ocorre quando o pesquisador observa *in loco* e vivencia as múltiplas experiências dos fenômenos sociais.

Ao se referirem no que diz respeito as dinâmicas nas redes virtuais e ao assinalarem sobre a complexidade desse fenômeno social, Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2015, p. 55-56), chamam a atenção de que este é um mundo social de investigação difícil de recortar por conta do seu tamanho, heterogeneidade e fluxo. Para se ter uma ideia, segundo essas autoras, “só nos últimos dez anos o número de computadores conectados à internet

creceu mais de dez vezes [...], sendo o número de pessoas com acesso à rede estimado hoje em quase 2 milhões [...]”. Por exemplo, o Facebook representa apenas uma pequena parte do mundo da Web, mas, em 2010, os seus administradores detectaram a existência de mais de 400 milhões de membros ativos. Por conta dessa dimensão do mundo virtual, nos deparamos com os limites para a produção do conhecimento científico, principalmente, no que diz respeito à composição de uma de casos que represente de maneira significativa os padrões, fluxos e dinâmicas das sociabilidades juvenis nas redes virtuais.

### **1.3. Linguagem como fonte de informação**

Para as análises que se seguem nesse trabalho, parte-se do pressuposto de que a vida cotidiana na internet se expressa/evidencia através da conversação e dos diversos tipos de linguagens, e coloca para os pesquisadores a tarefa de compreender os atos e ações praticadas na cultura digital, bem como, suas influências nas interações realizadas dentro da cultura letrada.

Na realidade das culturas digitais, observar o grau de participação das juventudes nas redes sociais, investigar a constituição dos seus vínculos sociais, analisar as atividades realizadas cotidianamente por meio das publicações nos sites de relacionamentos constituem procedimentos metodológicos indispensáveis para as pesquisas das sociabilidades das juventudes contemporâneas. Dessa maneira, pode-se coletar os conteúdos das mensagens, observar os esforços despendidos para a constituição das amizades na Web, e também, analisar o nível de “investimento” de tempo e dos sentimentos intrínsecos nessas interações sociais. Dessa forma, “[...]estamos interessados na maneira como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como elas pensam sobre suas ações e as dos outros” (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002, p. 21).

As diversas formas de linguagens peculiares da internet, tanto àquelas formais (com textos longos “bem escritos” do ponto de vista da língua culta) quanto àquelas informais (com textos curtos que não necessariamente obedecem às regras gramaticais), bem como imagens, sons e símbolos, podem oferecer uma grande quantidade significativa de informações que auxiliem nas investigações sobre esse objeto de pesquisa. Essas linguagens visam “construir

uma apresentação holística do fenômeno estudado e de seu contexto, descrevendo os comportamentos em seu ambiente natural, extraíndo as estruturas reveladoras de significado do fenômeno estudado” (CHIZZOTTI, 2014, p. 72-73). Em se tratando do uso das linguagens para a compreensão da vida social virtual e face a face, existe uma relação dos “textos” produzidos entre o nível individual e global uma vez que, “o significado de um texto inteiro é determinado a partir dos elementos individuais do texto, ao passo que, ao mesmo tempo, o elemento individual é compreendido por referência ao todo do qual ele faz parte” (ARNALD; FISCHER apud KOZINETTS, 2014, p. 115).

Note-se também que, as interações sociais e/ou sociabilidades não podem ser apreendidas apenas por palavras e símbolos, pois, o “corpo” também pode ser uma fonte importante de informações para as pesquisas etnográficas. Pierre Weil (2015, p. 20), em *O corpo fala*, ao alertar para a grande quantidade de dados que o corpo comunica numa interação social, destaca que o corpo pode transmitir entre 2.500 a 5.000 sinais informativos em um único momento de interação entre duas pessoas. Inclui-se, nessa estimativa, “todas as mudanças que possam, em grau mínimo, ser discernidas por aparelhos registradores de alterações nas faixas percebidas como som, imagem, temperatura, tato, odor corporal etc”. A linguagem corporal pode revelar os pensamentos, as consciências, bem como, as maneiras de ser, pensar e agir dos indivíduos observados.

#### **1.4. Desenho da pesquisa empírica**

O termo “coleta de dados” usado em relação à pesquisa etnográfica nem sempre é muito útil, pois, aparenta articular que as informações estão dadas para o pesquisador, como se estivessem espalhadas pelo chão, bastando, apenas, juntá-las e coletá-las. Dessa forma, coleta de dados, na pesquisa etnográfica significa comunicar-se com os sujeitos e os membros de uma cultura, que implica em contato, envolvimento, interação, relação e conexão no momento da imersão (KOZINETTS, 2014). Nesta parte da tese, apresentaremos as etapas de extração dos dados empíricos realizadas nessa pesquisa de cunho etnográfico.

Em um primeiro momento, realizamos observações de campo numa escola pública de Ensino Médio, na cidade de Campina Grande, que faz parte da rede estadual de ensino da Paraíba. Essa pesquisa etnográfica se iniciou no mês de novembro de 2018 e se estendeu até

setembro de 2019. O principal objetivo nessa primeira etapa da pesquisa foi compreender as dinâmicas da vida escolar de jovens, bem como, “apresentar também os detalhes e o tom dos comportamentos, e não apenas o simples esboço dos acontecimentos” (MALINOWSKI, 1984, p. 34).

Nessa fase inicial, observamos os comportamentos dos estudantes no dia a dia no espaço escolar, suas maneiras de se comunicar e de se expressar, os conflitos e resistências mediante as normas disciplinares da escola e as dinâmicas de utilização das tecnologias digitais nesse ambiente social. Nessa fase, anotamos as nossas impressões do objeto de estudo em um diário de campo e capturamos algumas fotos

Paralelamente, aplicamos questionários com perguntas abertas e fechadas, com três “populações” distintas que fazem parte desse universo social pesquisado: estudantes, pais e/ou responsáveis e seus respectivos professores. Esses questionários foram elaborados a partir de três dimensões sociais/cognitivas fundamentais para as análises desse objeto de estudo: condições de vida, utilização das TDICs e práticas escolares. Os jovens responderam um questionário com 39 perguntas, os professores 21 perguntas e pais e/ou responsáveis dos alunos 24 perguntas. A quantidade de casos observados nessa pesquisa foi de 73 estudantes, 73 pais ou responsáveis por esses alunos e 32 professores (aqueles que quiseram participar voluntariamente da pesquisa). A ideia foi de atingir um maior número dos sujeitos pesquisados (ou a quantidade total da população objeto desse estudo).

As respostas das perguntas fechadas foram registradas em escalas e, posteriormente, codificadas, tabuladas e tratadas, como procedimento de análises de dados, utilizando o *Statistical Package for Social Scienses (SPSS) for Windows, versão 22*. Este software permitiu fazer uma descrição mais detalhada dos sujeitos, objeto desse estudo, e, também, possibilitou transformar as variáveis quantitativas, presentes nos questionários, em códigos e assim, cruzá-los, resultando em respostas a composição das informações coletas no trabalho de campo. Assim, os resultados desses dados quantitativos tiveram pretensões mais descritivas do que analíticas desse fenômeno social, proporcionando uma maior visibilidade da realidade social do ambiente escolar e virtual dos jovens estudantes investigados.

Já as declarações das questões abertas tiveram como objetivo maior obter informações sem qualquer tipo de restrição por parte do pesquisado. Entre as principais vantagens de utilizar questões abertas nos questionários deve-se pelo fato de não forçar o indivíduo investigado a enquadrar sua visão de mundo ou opinião sobre determinado assunto em alternativas

previamente estabelecidas pelo pesquisador. Para o tratamento desses dados qualitativos foi utilizado o NVivo<sup>4</sup>, que permitiu analisar as múltiplas informações da web, através da busca automática de palavras ou padrões léxicos da cultura digital, para compreender, através de um conjunto de palavras, símbolos e linguagens, os comportamentos e as identidades das juventudes estudantes na era das tecnologias digitais, suas subjetividades e maneiras de ser, pensar e agir. A ideia foi de também coletar os diversos discursos “ocultos” ou explícitos que configurem possíveis conflitos e resistências com o ambiente escolar em que alunos frequentam.

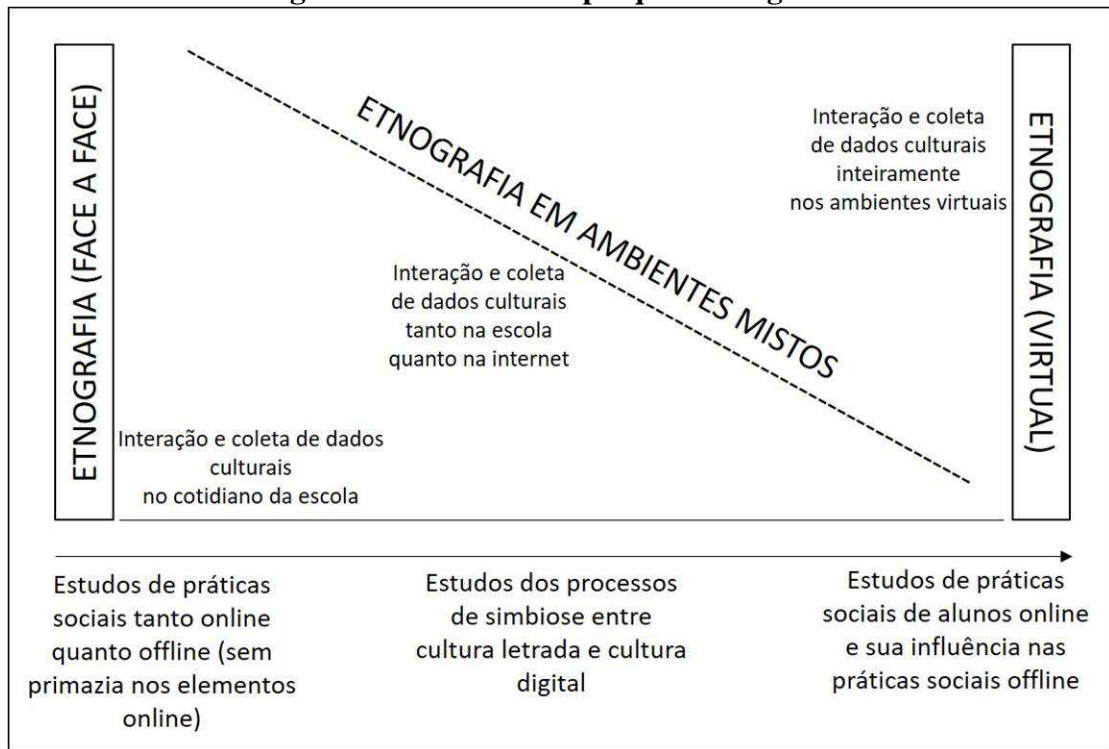
Na terceira e última etapa dessa pesquisa, foram realizadas pesquisas etnográficas no Instagram dos estudantes que fizeram parte da primeira fase da pesquisa. A ideia foi de observar e registrar as práticas diárias dos alunos nessa rede social virtual, a partir de suas publicações como mensagens, fotos, vídeos, memes, ou qualquer tipo de conteúdo divulgado nesse ambiente de comunicação e interação virtual. As imagens e mensagens publicadas foram armazenadas no computador com auxílio do NCapture, que permitiu coletar de maneira mais rápida e precisa as publicações dos alunos objeto desse estudo no Instagram.

A Figura 1 mostra uma síntese da presente pesquisa etnográfica. As primeiras observações de campo foram feitas no chão da escola com as observações dos comportamentos dos estudantes, sem ainda considerar, nesse momento a interferência da cultura digital na vida dos estudantes. Na fase seguinte, continuamos com as observações offline (com aplicação de questionários) mas dando uma maior primazia sobre o alcance das tecnologias digitais sobre as interações sociais no ambiente escolar. Na última etapa, coletamos dados da cultura digital no Instagram, para compreender as práticas sociais online e como elas podem interferir no cotidiano escolar. Ressaltamos que mesmo com o avanço dessas etapas propostas, em vários momentos tivemos que voltar para as fases anteriores, acompanhando o próprio fluxo do objeto de pesquisa, com idas e vindas, que muitas vezes não se encaixa nos nossos esquemas de procedimentos metodológicos.

---

<sup>4</sup> Utilizado nas análises desse trabalho de tese na versão 12 Plus.

**Figura 1 – Percurso da pesquisa etnográfica**



Fonte: KOZINETTS, 2014 (Adaptada pelo autor - 2019).

A Figura 2 demonstra o envolvimento participativo, como pesquisador, crescente nas etnográficas na Web.

**Figura 2 – Posturas/attitudes do pesquisador na etnografia no ambiente virtual**

Fazer/postar comentários, fotos e outros tipos de publicações da web	Fazer perguntar online as pessoas objeto de estudo	Acompanhar diariamente as postagens nas comunidades online	Tornar a sua voz reconhecida na comunidade estudada
Absorver a cultura	Aprender as regras de comportamento e linguagens	Ganhar senso de pertencimento na comunidade online	Fazer as interpretações e análises das interações sociais e da cultura pesquisada

Fonte: KOZINETTS, 2014 (Adaptada pelo autor - 2019).

Essas etapas não foram encaradas com uma camisa de força, mas como meios de imersão e de interação nas comunidades online. Em suma, na pesquisa etnográfica virtual, o objetivo foi de conhecer sobre a estrutura de funcionamento do Instagram, compreender os padrões de vínculos entre os seus usuários, estudar os fluxos de linguagens e comparar com as estruturas cognitivas e sociais com o ambiente offline (a escola).

O método de análise dessa pesquisa foi norteado pela compreensão e interpretação dos discursos dos indivíduos objeto desse estudo através de dados conversacionais extraídos nas redes virtuais, por meio da observação de campo na escola e através das respostas dos questionários. Com os dados empíricos levantados, analisados e debatidos de acordo com as referências bibliográficas selecionadas, buscamos de forma científica responder aos principais questionamentos levantados nessa pesquisa de tese de doutorado.



## 2. CONSTITUIÇÃO DA REALIDADE SOCIAL NA ERA DAS TDICs

Desde seu nascimento, o ser humano é mergulhado em uma multiplicidade de contextos sociais e culturais, nos quais demarcam seus pensamentos e comportamentos. Dentro dessa conjuntura, no decorrer da vida, a cultura transmite aos indivíduos, através de uma gama de informações materiais e imateriais, uma série de códigos e regras que dão condições para que eles tenham condições sociais, psicológicas e motoras para viverem em sociedade. Nessa situação, “[...] a coletividade nos fornece línguas, sistemas de classificação, conceitos, analogias, metáforas, imagens, evitando que tenhamos que inventá-las por conta própria” (LÉVY, 1993, p. 145-163). Isto posto, o indivíduo estrutura as suas subjetividades e, conseqüentemente os seus modos de ser, pensar e agir a partir de um conjunto de sistemas cognitivos e de comunicação em uma dada sociedade em ele interage.

Do ponto de vista sociológico, compreende-se subjetividades como o espaço íntimo do indivíduo (aquilo que está na sua mente, dentro dos condicionamentos psicológicos e emocionais) e como ele se relaciona com o mundo social (mundo externo), resultando tanto em marcas singulares na sua formação individual (patrimônios individuais de disposições) quanto na construção de crenças e valores compartilhados na dimensão cultural.

No processo de subjetivação, a constituição do eu se realiza por meio da relação com o outro, dentro do princípio de “reflexos reversíveis”, no qual a “palavra” exerce o papel de mediadora para a concretização da interação social. Nesse contexto, “a consciência é constituída no contato social, é originada social e historicamente, [...] ela é, também, um contato social consigo mesmo, como pode ser observado na fala silenciosa e na fala interior” (MOLON, 2011, p. 86-91). Além dos reflexos reversíveis, também ocorre a “reflexividade da consciência”, por já que o ser humano tem ciência de que tem consciência e de ser objeto de si mesmo nesse processo. Ainda assim, na constituição das subjetividades inclui-se também a composição dos nossos sentimentos, que “[...] é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Se dizemos que desprezamos alguém, o fato de nomear os sentimentos faz com que estes variem, já que mantêm uma certa relação com nossos pensamentos”. Dessa forma, os reflexos reversíveis e a reflexividade da consciência alteram os modelos de atividades das funções psíquicas e sociais a partir de uma dada cultura.

Note-se também que, o sujeito necessita do reconhecimento do outro num processo de relação dialética para constituição de sua própria identidade. Para Molon (2011, p. 115-120), “[o ser humano] é um ser significante, que tem o que dizer, fazer, pensar, sentir, tem consciência

do que está acontecendo, reflete todos os eventos da vida humana”. Nesse sentido, “subjetividade significa uma permanente constituição do sujeito pelo reconhecimento do outro e do eu [e que] na subjetividade ocorrem os processos de singularização do sujeito, por exemplo, o processo de singularização estética, poética, etc”. Isto posto, na constituição da singularidade do indivíduo e de sua subjetividade permeia-se à vontade, a intenção, a afetividade e o pensamento do sujeito, numa dinâmica de conhecimento e constituição do eu, sempre na relação com o outro indivíduo significativo. Na constituição da subjetividade e da realidade social, o indivíduo não está diluído em qualquer tipo ou forma de determinação social, pois, ele faz parte das transformações das práticas culturais já estabelecidas, ao mesmo tempo em que ele é um reflexo das normas, culturas e valores de uma dada sociedade em que está inserido.

A subjetividade implica a intersubjetividade pelo fato do indivíduo não viver isolado mantendo relações diálogos apenas com ele mesmo, mas, estabelecendo interações sociais contínuas com o “mundo coletivo”, “sofrendo” igualmente, os reflexos das influências externas. Nessa relação entre subjetividades e intersubjetividades, o indivíduo ao mesmo tempo em que é autônomo para a formação de sua subjetividade e de constituir a sua identidade, ele também é afetado pelas práticas culturais (subjetividades coletivas) que influenciam nas suas maneiras de ser, pensar e agir. A partir de uma perspectiva teórica da subjetividade coletiva, José Maurício Domingues (2002, p. 68-69), ressalta que “a vida social é tecida e se constitui como uma rede interativa, multidimensional, na qual atores individuais e coletividades se influenciam de forma mútua causalmente”. Os aspectos materiais, as relações de poder e as dimensões do espaço-tempo, concorrem como fatores importantes para a constituição das subjetividades.

Peter Berger e Thomas Luckmann (1985, p. 40), ao abordarem os fatores que impulsionam para a construção da realidade social, destacam que ela “[...] apresenta-se a mim como um mundo intersubjetivo, um mundo de que participo juntamente com outros homens, esta intersubjetividade diferencia nitidamente a vida cotidiana de outras realidades das quais tenho consciência”. É por isso que, a constituição da subjetividade não pode se realizar sem uma permanente e ininterrupta interação com o outro, numa constante troca de gestos e de palavras. Assim, para os autores supracitados, “o que tem a maior importância é que eu sei que há uma contínua correspondência entre *meus* significados e *seus* significados neste mundo que partilhamos em comum, no que respeita à realidade dele”. As formas de linguagens e de expressões humanas, ao longo da realização dos processos de

socialização, apresentam-se como fatores intrínsecos e extrínsecos para a interação/integração das subjetividades e intersubjetividades, na constituição das identidades e das consciências individuais e coletivas.

Nesse sentido, o outro é alcançado pelo eu num momento de interação partilhada, pois, há uma troca contínua de informações dos patrimônios de disposições entre os indivíduos participantes no “jogo social”. Assim, por exemplo, quando vejo o outro sorrir posso reagir sorrindo também ou fechando o rosto numa demonstração de concordância ou discordância. Podemos concluir então que “[...] na situação face a face a subjetividade do outro me é acessível mediante o máximo de sintomas. Certamente, posso interpretar erroneamente alguns desses sintomas.” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 47). Na visão desses autores, nas interações face a face é possível reproduzir/evidenciar “todos os sintomas das subjetividades”.

A temporalidade também entra como fator preponderante para a constituição das subjetividades. Em cada contexto histórico, social, cultural, econômico e tecnológico em que o indivíduo está inserido, se suscita formas específicas de subjetividades tanto individuais quanto coletivas. Nesse sentido, Berger e Luckmann (1985, p. 44), destacam que “[...] a corrente de consciência é sempre ordenada temporalmente. É possível estabelecer diferenças entre níveis distintos desta temporalidade, uma vez que nos é acessível intra-subjetivamente”, pois os indivíduos têm clareza cognitiva, social e subjetiva do fluxo do espaço-tempo em que ele está imerso.

Paula Sibilía (2012, p. 89-90), enfatiza que nesse momento histórico e tecnológico a consciência não chega necessariamente a se constituir devido a velocidade e a grande quantidade de estímulos das mídias virtuais, fazendo, assim, que o *percepto* não tenha tempo suficiente para se alojar na consciência. Quando a saturação chega a um nível de esgotamento mental, o usuário das tecnologias digitais muda rapidamente os estímulos que lhe dão sentido para a vida em sociedade. Nessa perspectiva, “as imagens que povoam nossas paisagens costumam nos impactar com estímulos estilhaçados, contra os quais estamos mais ou menos imunizados, sem que se chegue a gerar um movimento específico da consciência”. O que ocorre é que essas novas gerações não necessariamente interpretam as mensagens recebidas através das redes virtuais, “mas se [conectam] diretamente com o estímulo que atinge seu aparelho perceptivo; para poder desfrutar dele, tem que se somar ao fluxo. O que o mantém sintonizado nessa vivência não é o sentido do que observa, e sim, a própria aceleração”. Assim, se originam

modelos específicos de subjetividades (informacionais) que suscitam formas inéditas de interação virtual e influenciam na (re) configuração das relações face a face.

Portanto, a ecologia cognitiva apreçada pela cultura digital acaba vestindo as subjetividades, mais especificamente das juventudes contemporâneas, pois, a consciência é um produto social e é historicamente construída a partir, também, dos dispositivos digitais em que os indivíduos interagem desde a primeira infância.

## **2.1. Formas de comunicação na constituição das interações sociais**

Constata-se que ao longo da história da humanidade, distintas civilizações se constituíram através do uso de símbolos e de diversas formas de comunicação humana (WHITE, 1977). Desde o aparecimento das primeiras agriculturas, sociedades fundaram inéditas formas de interação social por conta do aparecimento de uma “nova fluidez cognitiva” (MITHEN, 2002), afetando nas atividades da vida humana. Dessa forma, a linguagem e a comunicação constituem e, por conseguinte, fazem parte do universo humano que influenciam nas maneiras dos indivíduos se relacionarem uns com os outros.

Ao abordar os processos sociais para a formação da mente humana, Vigotsky (2007), destaca que os processos de subjetivação estão diretamente interligados com o ambiente social no qual o indivíduo está inserido, pois, um conjunto ou sistemas de linguagens são essenciais para a constituição das disposições individuais e coletivas. Susana Inês Molon (2011, p. 83), no livro *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*, destaca que “Vygotsky já anunciava a origem social da consciência, ressaltando a importância da linguagem como constituidora da consciência”. Já Herbert Blumer (2017, p. 15-17) define interação simbólica como ato peculiar entre seres humanos que interpretam e definem as suas próprias ações como também a dos outros, além de reagirem ao conjunto dessas ações realizadas no “jogo” da interação social. Nessa perspectiva, “a interação humana é mediada pelo uso de símbolos, pela interpretação, ou pelo exercício assertivo do sentido de ações reciprocamente direcionadas”. Assim, a cultura, por meio da interação simbólica e da linguagem, faz parte do processo de constituição das subjetividades.

Tomando como base a reflexão Meadiana, Blumer destaca três características sociais para a constituição da interação simbólica: “a sociedade humana é formada por indivíduos que

possuem selves”, que criam indicações de si mesmos; “a ação individual é uma construção e não um reflexo”, constituído mediante as situações em que ele interage, “a ação grupal ou coletiva consiste no alinhamento de ações individuais”, estabelecidas pelos indivíduos que interpretam as ações mutuamente dirigidas. Note-se que na interação simbólica, as estruturas culturais, sociais e cognitivas afetam nas ações dos indivíduos, mas não as determinam. Dessa maneira, as maneiras de ser e agir dos indivíduos não são condicionadas apenas pelas estruturas sociais, mas estes agem e reagem mediante às configurações culturais que os circundam.

A partir da teoria da ação, Pierre Bourdieu ressalta a importância dos atos simbólicos e cognitivos nos processos de socialização. Na sociedade trobriandesa, por exemplo, um indivíduo socializado recebe as conchas e as esteiras como dádivas e modos de reconhecimento do outro. Assim, “os atos simbólicos sempre supõem atos de conhecimento e de reconhecimento, atos cognitivos por parte daqueles que são ser destinatários” (BOURDIEU, 1996, p. 168). Para que a interação social funcione, faz-se necessário que os indivíduos, envolvidos nos atos simbólicos, tenham o conhecimento e a mesma percepção das categorias cognitivas e sociais em “jogo” em uma dada sociedade. Dito isto, linguagem e sociabilidades podem ser compreendidas como duas unidades sociais nas quais estão mutuamente interligadas e que um é fator preponderante para a criação, concretização e realização da outra.

Anthony Giddens (2009, p. XVII), chama a atenção de que a teoria da estruturação atribui “um papel fundamental à linguagem e às faculdades cognitivas na explicação da vida social. O uso da linguagem está embutido nas atividades concretas da vida cotidiana e, num certo sentido, é parcialmente constitutivo dessas atividades”. Ainda no que se refere à relação entre comunicação e relações humanas, Charles Cooley (1997, p. 168), destaca que a comunicação é “o mecanismo pelo qual existem e se desenvolvem as relações humanas: todos os símbolos mentais e os meios de propagá-los no espaço e preservá-los no tempo”. Entende-se por comunicação toda forma que abrange as expressões do corpo e de palavras que compõem a exteriorização do pensamento humano. Assim, “quanto mais profundamente considerarmos esses mecanismos, mais intimamente revelar-se-ão suas relações com a vida interior da humanidade”.

As linguagens como uma produção humana, dentro do espaço-tempo em que elas estão inseridas, também são importantes para a objetivação das relações sociais em uma dada sociedade, e permitem, por meio delas, transmissões de significados subjetivos, no processo de (re) constituição das subjetividades e intrasubjetividades. Peter Berger e Luckmann (1985, p.

56) ponderam ainda que “os sinais agrupam-se em um certo número de sistemas [...]. Os sinais e os sistemas de sinais são objetivações, no sentido de serem objetivamente acessíveis além das expressões de intenções subjetivas “aqui e agora””. Os sinais, em sua maioria, podem ser realizados por meio de performances através de movimentos gesticulatórios ou corporais.

Dito isto, não existe uma barreira clara na qual demonstre a separação entre os meios de comunicação e a o mundo “exterior”, pois, os mecanismos da linguagem seriam capazes de tornar público o pensamento humano, servindo como uma “ferramenta” para a constituição das interações sociais. Além da linguagem relevar a objetivamente da realidade social e ela também pode exibir a realidade subjetiva dos indivíduos. Nesse sentido, a troca de palavras expõe os modos de pensar dos indivíduos no momento em que estes praticam intercâmbios de amizades ou de inimizades no “jogo” da relação social.

Georg Simmel (2006, p. 75) quando aborda a questão da sociabilidade, destaca que na conversa o assunto serve como suporte para o intercâmbio de discursos. Assim, todas as formas de troca de palavras pode se realizar para tanto para a amizade quanto para o conflito e, conseqüentemente, todas as interações sociais através da conversa “têm aqui seu significado em si mesmas, quer dizer, no estímulo do jogo da relação que elas estabelecem entre indivíduos que se unem ou se separam, que vencem ou subjugam-se, recebem ou dão”.

Peter Berger e Thomas Luckmann (1985, p. 60) destacam que no processo de socialização, a linguagem, que abrange tanto os sinais vocais e corporais quanto os de símbolos, ícones e imagens, interferem nas relações sociais, pois, por meio delas o indivíduo tem a possibilidade de “[...] sincronizar minha sequência biográfica temporal com a dele, e posso conversar com ele a respeito de indivíduos e coletividades com os quais não estamos agora em interação face a face”. Dito isto, “a linguagem é capaz de “tornar presente” uma grande variedade de objetos que estão espacialmente, temporalmente e socialmente ausentes no “aqui e agora””. Sendo assim, a linguagem serve como um mecanismo para a conservação dos dispositivos cognitivos que dão sentido à vida social, mesmo quando o indivíduo não está interagindo ou em contato com o outro (face a face ou virtualmente).

Em se tratando das interações face a face, as subjetividades são compartilhadas fazendo com que o outro e o eu, sejam “plenamente reais”. Além do mais, esta relação informa e modela a vida cotidiana de maneira “maciça e irresistível”. Toda forma de comunicação humana seja através da fala, dos gestos ou de uso de símbolos ou de sinais, tem a capacidade de transmitir/compartilhar um complexo sistema de informações dos aspectos subjetivos dos

indivíduos envolvidos na interação social. Peter Berger e Thomas Luckmann (1985, p. 54-55), apontam que “a realidade da vida cotidiana não é cheia unicamente de objetivações; é somente possível por causa delas. Estou constantemente envolvido por objetos que “proclamam” as intenções subjetivas de meus semelhantes” e, este processo está totalmente disponível na interação face a face, situação, essa, que permite ao indivíduo o acesso à subjetividade do outro.

Talcott Parsons e Edward Shill (1977, p. 126) afirmam que a cultura além de ser um conjunto de símbolos de comunicação também é um conjunto de normas e valores para as ações dos indivíduos. As linguagens impõem aos indivíduos normas e regras de comportamentos em que os mesmos devem seguir, como também, atribuem padrões de comunicação sempre dentro do contexto espacial, temporal, social e cultural em que estes estão inseridos. Dessa maneira, os sistemas de símbolos de uma dada sociedade possuem aspectos normativos para os indivíduos, pois, os compêndios de símbolos culturais “torna-se o meio pelo qual se forma uma constelação de mútuas ações contingentes, de tal modo que emergirá simultaneamente uma definição ou escala de reações *apropriadas* de parte do *alter* para cada uma das possíveis variações das ações efetuadas por *ego*, e *vice-versa*”. Nessa perspectiva, os indivíduos devem se comunicar e reagir de acordo com a ação do outro, como uma forma de manter uma lógica de expectativas para a efetivação da interação social. As respostas a essas ações não são necessariamente baseadas nas ações dos outros, mas, sobretudo, realizadas no sentido e no significado que os indivíduos atribuem a essas ações.

Tratando-se especificamente da influência das linguagens das redes virtuais na constituição das sociabilidades contemporâneas, Manuel Castells (1999, p. 442), destaca que “comunicação mediada pela Internet é um fenômeno social recente demais para que a pesquisa acadêmica tenha tido a oportunidade de chegar a conclusões sólidas”. Desse modo, há um vasto campo de pesquisas sociológicas para as análises de como ocorrem os processos de socialização por meio das tecnológicas digitais, e como eles afetam na construção das subjetividades, identidades e sociabilidades das juventudes contemporâneas, que passam a maior parte do seu tempo em ambientes virtuais.

Nessa “nova” realidade permeada pelas redes digitais, indivíduos interiorizam, criam e mudam as suas formas de se comunicarem, (re) significando também suas relações sociais. Luis Mauro Sá Martino (2015, p. 229), coloca que as interfaces de interação digital, com suas linguagens e símbolos, criam um sistema interligado entre o eu, o outro e os aparelhos digitais. Isto quer dizer que, “um indivíduo conectado no ciberespaço está, de fato, olhando para uma

tela digital plana na qual ícones, caracteres, imagens, fotos e vídeos são construídos por uma interface gráfica altamente sofisticada”, interagindo com outras pessoas que também estão em frente a uma tela de computador, trocando informações daquilo que está em suas mentes e consciências, expondo seus sentimentos. Assim, as tecnologias digitais proporcionam meios para a integração do corpo biológico do ser humano com o aparato tecnológico virtual.

Essa interação mediada pelos aparelhos portáteis digitais de comunicação, não necessita da presença física do outro, mas ela acontece por meio das linguagens, palavras e signos próprios de uma cultura digital que garantem modelos inéditos de relações sociais. Sem a mediação dessas linguagens, que povoam as imagens, fotos, vídeos e ícones digitais, não há possibilidade de interação das subjetividades. Os sistemas de comunicação e entretenimento organizados pelas redes digitais constroem a realidade virtual, mas, que, de fato é real, na medida em que ela é vivida pelos indivíduos e dão sentido a ela, existindo “uma interpenetração recíproca entre o real e o virtual” (ROUSSEL, 2015, p. 95). A mediação entre o eu e o outro, feita através das redes virtuais, passa pela composição de espaços não físicos, por “não lugares”, constituídos por palavras e imagens que evocam sentido de pertencimento na “supermodernidade” na era das redes digitais (AUGÉ, 2012).

Manuel Castells (1999, p. 459), aponta que “o que é historicamente específico ao novo sistema de comunicação organizado pela interação eletrônica de todos dos modos de comunicação [...], não é a indução à realidade virtual, mas a construção da realidade virtual”. Nesse sentido, as linguagens virtuais, como também as não virtuais, têm a capacidade de codificar uma diversidade de padrões culturais, e

essa gama de variações culturais do significado das mensagens é o que possibilita nossa interação mútua em uma multiplicidade de dimensões, algumas explícitas, outras implícitas. Portanto, quando os críticos da mídia eletrônica argumentam que o novo ambiente simbólico não representa a “realidade”, eles implicitamente referem-se a uma absurda ideia primitiva de experiência real “não-codificada” que nunca existiu. Todas as realidades são comunicadas por intermédio de símbolos. E na comunicação interativa humana, independentemente do meio, os símbolos são, de certa forma, deslocados em relação ao sentido semântico que lhes são atribuídos. De certo modo, toda realidade é percebida de maneira virtual.

Ressalta-se ainda que esse sistema de comunicação de interação eletrônica/digital “é um sistema em que a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no



mundo do faz-de-conta [...]” (CASTELLS, 1999, p. 459). No entanto, essa composição de imagens virtuais se transforma na própria experiência real vivenciada pelos indivíduos, que transformam as dimensões fundamentais das relações humanas.

Essas linguagens permeadas pelos “jogos” de imagens e símbolos produzem para os indivíduos constituições inéditas de consciências individuais e coletivas, subjetividades, intersubjetividades e sociabilidades. As formas de comunicações por meio das tecnologias digitais impõem a criação de novas experiências de interação social vivenciada tanto nos momentos de solidão dos usuários, quanto nos de ampliação das redes de amizades. Portanto, um conjunto de linguagens específicas das TDICs acaba tecendo hábitos, costumes, imaginários e comportamentos das juventudes da atualidade. Assim, a cultura digital tornou-se a própria realidade, pois seus usuários constroem suas identidades e vivenciam experiências através das redes virtuais de comunicação e informação.

## **2.2. Entrelaçamento das dimensões objetivas e subjetivas**

Steven Mithen (2002), a partir das concepções do psicolinguista Fodor, destaca que a mente é dividida em sistemas de entrada e de percepção e, também é formada por sistemas centrais e de cognição. Nas primeiras formas de “entrada”, a criança recebe os primeiros códigos da realidade objetiva, esta já produzida antes mesmo dela nascer, sem ela se a ter a noção convencional dela. Dessa forma, “os sistemas centrais não possuem uma arquitetura, ou talvez ela sempre permaneça fora do nosso alcance. É ali que os misteriosos processos conhecidos como “pensamento”, “resolução de problemas” e “imaginação acontecem””. Ainda assim, “a informação sobre a estrutura do mundo real juntamente com a abundância de regras para a resolução de problemas, cada uma contida no seu módulo mental próprio, já se encontra na mente da criança ao nascer”. Alguns módulos da mente são ativados de imediato no contato direto com a mãe, enquanto que outros necessitam de mais tempo para entrarem em ação, como é o caso dos módulos para a obtenção da linguagem.

A mente contém geneticamente dispositivos para a aquisição da linguagem, ou seja, para o aprendizado da língua, dos códigos, dos signos e das imagens, objetivando lançar informações da realidade objetiva que os indivíduos estão imersos. Dessa forma, a linguagem propicia condições para as pessoas lhe darem e conhecerem o mundo social tanto objetivado

quanto subjetivado, pois, “a mente contém um “dispositivo para aquisição de linguagem” geneticamente fixo e dedicado ao aprendizado da língua, já equipado com um plano geral para regras gramaticais” (MITHEN, 2002, p. 70). Portanto, os mecanismos de aquisição de linguagens asseguram aos indivíduos condições para internalizar estruturas, códigos e regras do mundo social.

Para Edward Sapir (1977, p. 162), a linguagem é a maneira mais clara de comportamento comunicativo dos seres humanos e, nesse processo, os atos símbolos são capazes “de determinar cada referência social conhecida (inclusive todos os dados reconhecidos da percepção) que a sociedade à qual eles pertencem traz em sua tradição”. Nessa perspectiva, Peter Berger e Thomas Luckmann (1985, p. 96-97) destacam que “a linguagem objetiva as experiências partilhadas e torna-as acessíveis a todos dentro da comunidade linguística, passando a ser assim a base e o instrumento do acervo coletivo do conhecimento”. As experiências sociais, por meio da linguagem e da interação das intersubjetividades, ficam sedimentadas nas consciências dos indivíduos e “torna-se o depósito de um grande conjunto de sedimentações coletivas, que podem ser adquiridas monoteticamente, isto é, como totalidades coerentes e sem reconstruir seu processo original de formação”. Esse processo de construção da realidade social se inicia no pensamento, endossada e “autorizada” pelos seus pares, que transmitem os códigos sociais e dão sentido as maneiras dos indivíduos se relacionarem uns com os outros.

Ao ponderarem sobre os entrelaçamentos das dimensões objetivas e subjetivas que permeiam a constituição da vida social, Peter Berger e Luckmann (1985, p. 38-71), consideram que a linguagem tem a função de apresentar a realidade objetiva aos indivíduos, pois, “apreendo a realidade da vida diária como realidade ordenada. Seus fenômenos acham-se previamente dispostos em padrões que parecem ser independentes da apreensão que deles tenho e que se impõem à minha apreensão”. Nesse sentido, as pessoas vivem “num lugar que é geograficamente determinado; uso instrumentos, desde os abridores de latas até os automóveis de esporte, que têm sua designação no vocabulário técnico da minha sociedade [...]”. Estes autores ainda destacam que “[...] o ser humano em desenvolvimento não somente se correlaciona com um ambiente natural particular, mas também com uma ordem cultural e social específica, que é mediatizada para ele pelos outros significativos [...]”. Logo, a sociedade é constituída de múltiplas realidades sociais em que os indivíduos apreendem e assimilam normas e padrões de comportamentos dentro do espaço-tempo em que ele vive e interage. Tudo isso

por meio da linguagem já que ela sinaliza as coordenadas para a construção da vida em sociedade.

O ambiente, em que os seres humanos constituem as suas vidas, é simultaneamente natural e social. Os indivíduos além de enfrentarem as coerções impostas pela sua natureza animal, como por exemplo, doenças, envelhecimento e morte, e as coações decorrentes de circunstâncias naturais não humanas, como a necessidade de procurar alimentos para sobreviver, eles também ainda são afetados pelas coerções sociais, ou seja, pelos processos sociais inerentes na sociedade em que interagem. Nessa perspectiva, a constituição do indivíduo deve “ser compreendida em relação com o contínuo desenvolvimento orgânico e com o processo social, na qual o ambiente natural e o ambiente humano são mediatizados pelos outros significativos” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 73).

Mesmo com estes três tipos de coações impostas aos indivíduos, estes reagem e modificam os processos de socialização que lhes são impostos numa constante relação dialética e de (re) significação da realidade social. Para analisar as formas de manutenção e transmissão da “ordem social” faz-se necessário uma análise da teoria da institucionalização, deve-se partir do pressuposto de que as instituições são produtos dos arranjos nos contextos sociais em que elas estão estabelecidas. Assim, “as instituições, também, pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a canalizam em uma direção por oposição às muitas outras direções que seriam teoricamente possíveis” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 80).

As instituições, como por exemplo a família e a escola, têm como principal objetivo transmitir hábitos, normas, regras e comportamentos, por ser um importante instrumento pedagógico, psicológico e cognitivo na transmissão dos significados e das ações de uma cultura. Além disso, as instituições implicam em historicidade e controle fazendo-se necessário compreender o processo e o contexto histórico em que cada uma delas foi idealizada. Nessa perspectiva, a sociedade como uma realidade objetiva e subjetiva, se estabelece via institucionalização que implica ser um instrumento de mecanismo de interiorização da estrutura social e dos fundamentos para estabelecimento e manutenção das relações sociais.

A interiorização da realidade social ocorre através da socialização, definida por Peter Berger e Thomas Luckmann (1985, p. 175) “como a ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela”. Para Pierre Lévy (1997,

p. 60-61), socialização significa “o ato de inculcar a estrutura de ação de uma sociedade no indivíduo (ou grupo). A socialização, neste sentido, envolve níveis ou gradações, pois um indivíduo pode ser mais ou menos socializado”. O indivíduo estará “plenamente” socializado quando as instituições transmitirem “adequadamente” as estruturas das ações da sociedade fazendo com que o indivíduo possa desempenhar seus papéis de maneira “eficaz”. A sociedade deve transmitir o máximo dos recursos necessários para a socialização dos indivíduos, “[...] de comunicação, das orientações cognitivas, sistema de alvos, atitudes inerentes à regulamentação dos meios, modos de expressão afetiva [...]”, com o objetivo de tornar os indivíduos capazes de se portarem adequadamente nos diversos cenários da vida social.

A primeira forma de socialização, denominada de primária, é a socialização em que o indivíduo experimenta na primeira infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade. O processo subsequente de socialização é denominado de secundária, “que introduz um indivíduo já socializado em novos setores no mundo objetivo de sua sociedade” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 175). Steven Mithen (2002, p. 106), destaca que “a mente é uma catedral em construção enquanto cada pessoa se transforma de criança em adulto. Uma catedral edificada segundo um plano arquitetônico codificado na bagagem genética herdada dos pais [...]”. Sendo assim, os processos de socialização afetam na formação da consciência dos indivíduos e nas suas maneiras de estabelecerem as interações sociais.

Na socialização primária, os aspectos emocionais apresentam-se como elementos essenciais para a incorporação da realidade social, uma vez que “a criança identifica-se com os outros significativos por uma multiplicidade de modos emocionais. Quaisquer que sejam, a interiorização só se realiza quando há identificação” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 176), pois, a criança interioriza as atitudes dos outros significativos, tornando-as suas. A sociedade apresenta a criança um conjunto de padrões culturais para que ela internalize práticas de comportamento que possibilitem meios para ela se relacionar com o outro. Por isso, a interiorização dos modelos estabelecidos do contexto social em que a criança está inserida torna-se inevitável, já que, muitas vezes, não há outras possibilidades de manter contato com outros programas culturais para que a criança possa incorporar. Ou seja, a criança absorve o mundo social como sendo o único possível de existir.

Nessa primeira fase de socialização, os agentes sociais transmitem para as crianças distintos conhecimentos da dinâmica da vida social, sendo a linguagem o principal mecanismo para a realização desse processo de interiorização. Nessa fase, “as exigências da ordem

institucional global afetarão também a socialização primária. Numa sociedade serão diferentes as habilidades exigidas em diversas idades, comparada com outra sociedade” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 183). Sendo assim, os padrões sociais e culturais já estabelecidos, além daqueles do ciclo familiar, afetam incisivamente nos modos de ser e nos comportamentos dos indivíduos e, conseqüentemente, na constituição da consciência, da personalidade e da identidade.

Depois do indivíduo ter interiorizado, na sua primeira infância, uma parte significativa da realidade social, novas interiorizações do universo social são realizadas através da socialização secundária, uma vez que ela nunca está completa e acabada. Para Peter Berger e Thomas Luckmann (1985, p. 184), no que diz respeito a esse segundo momento de socialização, “é a interiorização de “submundos” institucionais ou baseados em instituições. A extensão e caráter destes são portanto determinados pela complexidade da divisão do trabalho e a concomitante distribuição social do conhecimento”. A socialização secundária exige a aquisição de vocabulários específicos de funções, “o que significa em primeiro lugar a interiorização de campos semânticos que estruturam interpretações e condutas de rotina em uma área institucional”.

A realidade dos “submundos” interiorizados é transmitida através dos elementos normativos e cognoscitivos que regem as instituições responsáveis pela socialização secundária. Peter Berger e Thomas Luckmann (1985, p. 227) ressalta que a socialização primária exige processos de aprendizagem e de identificação carregadas pela questão afetiva e emocional, a socialização secundária pode dispensar esses fatores supracitados, prosseguindo, especificamente, pela “qualidade de identificação mútua incluída em qualquer comunicação entre seres humanos”. Assim, enquanto que na socialização primária a criança apreende o mundo com os pais, na socialização secundária ela compreende a realidade social com outros significativos, por meio de mediadores institucionais que apresentam outro mundo. Neste caso, o indivíduo pode até internalizar diferentes realidades, mas não necessariamente precisa se identificar com elas, já que “[...] o indivíduo interioriza a nova realidade, mas em vez de fazer dela a *sua* realidade, utiliza-a como realidade para ser usada com especiais finalidades”. Nessa fase de socialização, exige-se que os indivíduos se comportem de maneira a não ferirem a execução de certos papéis.

Para que o mundo social interiorizado pelos indivíduos mantenha certo grau de simetria entre a realidade objetiva e subjetiva, torna-se necessário que a sociedade crie e estabeleça

procedimentos de conservação da realidade social. Entre os diversos instrumentos da conservação da realidade, destaca-se a conversa como meio de manter, modificar e reconstruir, além de constituir a realidade social, pois, esse modo de comunicação transmite aos indivíduos um conjunto de significados das disposições das subjetividades individuais e coletivas. Nessa perspectiva, a troca de palavras confirma a realidade subjetiva, pois, “uma troca de palavras, como, por exemplo, “bem, está na hora de ir para a estação” e “ótimo, querido, passe um bom dia no escritório”, implica um mundo inteiro *dentro do qual* estas proposições aparentemente simples adquirem sentido” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 202-203).

Além de conservar a realidade subjetiva do mundo social, a conversa tem o poder de modificar esse universo, no momento em que certos pontos são abandonados, reforçados ou acrescentados. A conversa, como força geradora dessa realidade, é realizada através das diferentes trocas de palavras que reforçam o mundo social nas quais foram legitimadas e apreendidas nos processos de socialização. Dessa feita, a linguagem influencia na formação da consciência, através dos processos de interiorização da realidade objetiva e subjetiva da realidade social, e na constituição das identidades dos indivíduos envolvidos.

A constituição da consciência do eu e do é um momento importante no processo de socialização. Para Berger e Luckmann (1985, p. 179), “[...] implica a interiorização da sociedade enquanto tal e da realidade objetiva nela estabelecida e, ao mesmo tempo, o estabelecimento subjetivo de uma identidade coerente e contínua [...]”. Assim, “[...] a sociedade, a identidade e a realidade cristalizam subjetivamente no mesmo processo de interiorização. Esta cristalização ocorre juntamente com a interiorização da linguagem [...]”, pois, a linguagem se constitui como instrumento essencial para a realização e efetivação dos processos de socialização tanto primária quanto secundária.

Quanto ao “sucesso” ou “não sucesso” dos processos de socialização, a simetria da realidade objetiva e subjetiva, através dos processos de internalização, causa uma espécie de “socialização bem sucedida”. No contrário, no caso de uma assimetria entre realidade objetiva e subjetiva, ocorre “socialização mal sucedida”. Nos casos em que os indivíduos buscam realidades à margem do estabelecido, dentro da cultura em que ele está inserido, pode-se considerar então que ocorre uma socialização incompleta. Nessa perspectiva, Peter Berger e Thomas Luckmann (1985, p. 225) coloca que “a socialização mal sucedida abre questão <<Quem sou eu?>>”, já que a dissociação da realidade objetiva e subjetiva, ou a assimetria

entre a socialização primária e secundária, coloca para o indivíduo uma série de questionamentos sobre sua identidade.

### **2.3. Sociabilidades em ambientes virtuais**

Nos últimos anos, se expandiu uma cultura global caracterizada, sobretudo, pelo uso da internet, e permeada por uma gama de diversidades culturais, desembocando na propagação de redes de significados, de expressões e de identidades. Manuel Castells (2011), destaca que o poder da sociedade em rede, diante dos comportamentos dos indivíduos, é ser exercido através dos sistemas cognitivos disseminadas nas redes virtuais, que tem como objetivo elementar influenciar nos sistemas neurais da mente humana. Para Ulf Hannerz (1994, p. 251), “o mundo se transformou numa rede de relações sociais, e entre as suas diversas regiões existe um fluxo de significados, bem como de pessoas e de mercadorias”, sendo esse fluxo também um propulsor para a (re) constituição das subjetividades e sociabilidades. Assim, a sociedade contemporânea “[...] se ergue sobre uma imensa capacidade de processamento digital e metaboliza as forças vitais com voracidade inaudita, lançando e relançando constantemente no mercado novos produtos, serviços e subjetividades” (SIBILIA, 2015, p. 34).

Assim, o conceito de sociabilidade permite compreender os modos de constituição das interações sociais. Ao abordar os mecanismos precursores que impulsionam a constituição das relações sociais, George Simmel (2009, p. 59), destaca que a sociabilidade “[...] surge sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades. Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros [...]”, permitindo ao ser humano que ele estabeleça e mantenha interações com o outro, numa relação recíproca. Assim, a sociabilidade implica interações “entre iguais” em que os indivíduos estabelecem especificidades de coesão social formando, assim, uma unidade de interesses, a partir do processo de relação entre conteúdo e forma.

Por “conteúdo” compreende-se aquilo que está vinculado aos aspectos relacionados aos patrimônios individuais de disposição (LAHIRE, 2005), ou seja, nas palavras de Simmel (2009, p. 60) “tudo o que existe nos indivíduos e nos lugares concretos de toda realidade histórica como impulso, interesse, finalidade, tendência, condicionamento psíquico e movimento dos indivíduos”, de modo também a afetar nas disposições de outros indivíduos. Já “forma” está

relacionada as maneiras de objetivação do próprio conteúdo, ou seja, a manifestação concentra realizada. Através das interações sociais, “essas formas adquirem, então, puramente por si mesmas e por estímulo que delas irradia a partir da liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais”. Dessa maneira, nas relações sociais, os indivíduos devem estar conscientes dessa unidade entre os iguais, formando “sociações”, pelo fato de não estarem em uma “simples” reunião de maneira inconsciente, mas com certas finalidades específicas, deliberadas ou não, para a concretização da própria realidade social.

Nessa perspectiva, Heitor Frúgoli Júnior (2007, p. 9) ressalta que para Simmel “o status nascendi da sociedade (como assinala Frédéric Vandenberghe) residiria nos processos de interação microsociológicos através dos quais se constituem associações (ou “sociações”), não bastando apenas interagir”. A sociedade seria, então, em certo sentido, um modo de interação entre indivíduos, “o processo geral e os processos particulares de associação (Vergesellschaftung)”. Dessa maneira, para Simmel (2009, p. 61), a sociedade é a maneira com que os indivíduos buscam a unidade de interesses, ou seja, “a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes”, que se realizam em direção a uma unidade, a partir dos interesses efetivados, sendo, assim, a base essencial para a interação humana.

Simmel pondera que as sociabilidades podem ser realizadas também através da eliminação momentânea de posições sociais ou por meio de “círculos intraclassistas”. Dito dessa forma, o tipo mais puro de sociabilidade é aquela que acontece entre iguais, pois, para Heitor Frúgoli Júnior (2007, p. 72) “à medida que, abstraída da sociação pela arte e pelo jogo, a sociabilidade demanda o tipo mais puro, claro e atraente de interação, aquela que se dá *entre iguais*”. Desse modo, os indivíduos se desapegam dos seus conteúdos objetivos para se tornarem sociavelmente iguais, pois “é o jogo do “faz de conta”, faz de conta que todos são iguais, e, ao mesmo tempo *faz de conta que cada um é especialmente honrado*”.

Assim, na relação entre conteúdo (tudo àquilo que existe nos indivíduos nos quais fazem mediatizar efeitos sobre os outros) e forma (a realização de uma unidade entre os interesses dos indivíduos que a direcionam), se constituem as sociabilidades. Nessa perspectiva,

quando os homens se encontram em reuniões econômicas ou irmandades de sangue, em comunidades de culto ou bandos de assaltantes, isso é sempre o resultado das necessidades e de interesses específicos. Só que, para além desses conteúdos específicos, todas essas formas de sociação são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado, pelo valor da formação da



sociedade enquanto tal. Esse impulso leva a essa forma de existência e que por vezes invoca os conteúdos reais que carregam consigo a sociação particular. Assim como aquilo que se pode chamar de impulso artístico retira as formas da totalidade de coisas que lhe aparecem, configurando-as em uma imagem específica e correspondente a esse impulso, o “impulso de sociabilidade”, em uma pura efetividade, se desvencilha das realidades da vida social e do mero processo de sociação como valor e como felicidade, e constitui assim o que chamamos de “sociabilidade” [*Geselligkeit*] em sentido rigoroso (SIMMEL, 2006, p. 64).

Heitor Frúgoli Júnior (2007, p. 50-51) coloca também outra forma de compreensão sociológica quanto ao modo relacional dos indivíduos com os grupos sociais. Dessa feita, ele lança as análises de Michel Agier, através do conceito de “sociabilidades alargadas”, na qual seria possível aprofundar nos estudos das interações sociais a partir dos vínculos que os indivíduos formam entre os seus pares mais próximos, em conjunto com as interações sociais constituídas em espaços mais amplos e distantes. Para o autor supracitado, esse conceito contribui para compreender as maneiras como os indivíduos constituem redes sociais mais amplas a partir das relações dos vínculos de parentesco, vizinha, lazer ou associativismo, localizados entre o mundo mais íntimo (doméstico) e com as instituições macroestruturais. Assim, as sociabilidades alargadas “basear-se-iam em dinâmicas de rede, cuja ampliação incessante levaria, em última instância e numa perspectiva totalizante, à própria compreensão da cidade enquanto “redes das redes” [...]”.

Tendo diálogos e referências com a antropologia urbana, Michel Agier ressalta a importância da prática da etnologia à nível da microescala em conjunto com as coações externas “mais abrangentes da cidade”, macroescala social, que também influencia nas sociabilidades, nos modos de interação social. Dito isto, “[...] a análise micro-sociológica ou sócio-psicológica dos fenômenos de interiorização deve ter sempre por fundamento a compreensão macro-sociológica de seus aspectos estruturais” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 216), pois, as subjetividades e as sociabilidades são constituídas a partir dos modos estabelecidos tanto pela realidade social a nível “local” quanto “global”.

Outra categoria essencial para a constituição da sociabilidade é a conversação, como mecanismo de se estabelecer o vínculo social cujo conteúdo não é o propósito. A partir de trocas de palavras, os indivíduos mantêm a sua relação com o outro, tendo como regra geral de ação a interação como iguais, sendo a conversa como o mecanismo mediador que compõe as ações recíprocas conscientes dos indivíduos. Ressalta-se também que estes atos simbólicos, se emergem e se “relevam” somente através da interação social, pois, “na conversa puramente

sociável o assunto é somente o suporte indispensável do estímulo desenvolvido pelo intercâmbio vivo do discurso enquanto tal” (SIMMEL, 2009, p. 75). A interação entre os indivíduos deve ser realizada com o máximo de força e eficácia, afastando-se dos possíveis conflitos, sempre buscando os significados dos conteúdos concretos que dão sentido à vida cotidiana. Entretanto, toda forma de interação social, de sociabilidade ou de sociação também é permeada de conflitos.

Heitor Frúgoli Júnior (2007, p. 8) ainda chama a atenção quanto às abordagens centrais de Simmel sobre o conceito de sociabilidade, pois, “[...] exige uma série de cuidados, por se tratar, como aponta Leopoldo Waizbort, de uma obra marcada pela multiplicidade de direções, pluralidade de perspectivas, defesa do fragmento e oposição a toda pretensão de sistema [...]”. O que ocorre é que ao mesmo tempo em que para Simmel o tipo mais puro de sociabilidade ocorre entre “iguais”, ele também aponta para o conflito como um componente importante para a constituição das interações sociais, pois, os “embates” da vida social fazem com que as consciências individuais e coletivas divergentes possam também constituir uma unidade do grupo social. Dessa forma, ao abordar a harmonia e o conflito, Simmel (1983, p. 123), aponta que “deve-se compreender, todavia, que ambas as relações [relação que constituem uma unidade e relações que contrariam a unidade] costumam ser encontradas em todas as situações historicamente reais”. Nessa perspectiva, os conflitos permitem também alcançar a unidade tanto do grupo quanto do conteúdo das personalidades individuais, já que “o indivíduo não alcança a unidade de uma personalidade exclusivamente através de uma harmonização exaustiva”.

Os indivíduos ao constituírem as configurações específicas dos grupos sociais nos quais estão integrados, precisam tanto da concordância quanto da discordância dos seus pares para a formação unificadora do grupo. Simmel (1983, p. 125) define unidade como “o consenso e a concordância dos indivíduos que interagem, em contraposição a suas discordâncias, separações e desarmonias. Mas também chamamos de “unidade” a síntese total do grupo de pessoas, de energias e de formas”, que atinge as relações harmoniosas e/ou conflituosas.

Nesse sentido, o conflito torna-se um fator intrínseco das próprias relações sociais, não só como um meio de manutenção, mas também para a constituição das interações humanas. Simmel (1983, p. 128-157) assinala que o conflito é um dos processos sociais de socialização que influencia também nos padrões de sociabilidades, na medida em que

“as relações de conflito, por si mesmas, não produzem uma estrutura social, mas somente em cooperação com forças unificadoras. Só as duas juntas constituem o grupo como uma unidade viva e concreta”.

Em situações de “harmonia”, os grupos sociais podem aceitar que alguns de seus membros, antagônicos a consciência coletiva, possam conviver nas interações cotidianas, mas quando surgem os conflitos, os indivíduos precisam explicitar os seus modos de pensar, convergentes ou divergentes, possibilitando a construção da unidade do grupo. Dessa maneira, “o conflito pode não só elevar a concentração de uma unidade já existente, [...], como também pode aproximar pessoas e grupos, que de outra maneira não teriam qualquer relação entre si”. A interação social não precisa ser centrada apenas na unidade, mas, também, no conflito, por ele causar, entre os seus membros, um maior estreitamento das relações, bem como, uma maior intensificação da unidade do grupo, inclusive aproximando outras pessoas para a composição do grupo social.

Na atualidades, as transformações sociais e cognitivas na era das TDICs vêm dando origem as “novas” sociabilidades na Web, numa alavancada de experiências e de múltiplos circuitos de amizades através das redes virtuais da Web. Os diversos aparelhos digitais, com sua ecologia cognitiva, afetam as maneiras das pessoas se relacionarem umas com as outras, comprometendo não apenas as emoções e consciências individuais, mas também as coletivas.

No tocante a articulação entre sociabilidades, juventudes e tecnologias digitais, Diana Giraldo (2015, p. 172) destaca que “[...] o uso dos dispositivos digitais reconfigura os contextos culturais dos jovens, oferecendo, assim, novas possibilidades de participação inexistentes até há alguns anos”. Assim, um possível enfraquecimento das interações sociais classificadas como “tradicionais” ou face a face, em detrimento das relações sociais mediadas pelas tecnologias digitais, está fora de cogitação, pois, a intensificação do uso dos aparelhos de comunicação e o surgimento das sociabilidades virtuais ocasionam a concretude de mais vínculos sociais para além daqueles já estabelecidos face a face.

Manuel Castells (1999, p. 445), ao analisar a construção das interações sociais no mundo virtual, destaca que, por exemplo, os estadunidenses têm em média mais de mil vínculos interpessoais. Dessa forma, “a Internet favorece a expansão e a intensidade dessas centenas de laços fracos que geram uma camada fundamental de interação social para as pessoas que vivem num mundo tecnologicamente desenvolvido”. O que ocorre é que apenas uma parte reduzida das interações construídas nas redes virtuais são estabelecidas através de vínculos diretos, ou

seja, por aqueles indivíduos mais íntimos (familiares e amigos) e, na sua grande maioria, são estabelecidas por vínculos indiretos (que não mantêm contato face a face). Chama-se a atenção o fato de que, estes são fontes mais significativas de apoio, de companheirismo e de aconchego do que os de vínculos diretos.

Luís Mauro Sá Martino (2015, p. 68-69), a partir da Teoria das Redes de Mark Granovetter, destaca três fatores para “medir” os vínculos nas redes virtuais: “(a) A quantidade de tempo que se despende com uma pessoa. (b) A intensidade emocional do vínculo. (c) A intimidade, confiança mútua e reciprocidade”. Dessa maneira, quanto maior for a relação entre esses fatores envolvidos, maior será a força do vínculo social. Ressalta-se que esses três fatores para medir a força dos vínculos na internet não funcionam de forma isolada, e nem devem ser tratados como uma regra rígida, pois, é plenamente possível gastar, por razões específicas, uma quantidade maior de tempo com pessoas com quem se tem um vínculo emocional indireto ou de pouca intimidade, do que com uma pessoa com vínculo social direto (familiares e amigos mais próximos face a face).

Dentro dessa perspectiva, Mark Granovetter divide os vínculos sociais a internet em três categorias: fortes, fracos e ausentes. Em se tratando do tamanho e da força desses vínculos nas redes virtuais, em geral, tendemos a considerar que os vínculos diretos (àqueles realizados tanto face a face quanto virtualmente) teriam mais força do que os vínculos indiretos. No entanto, o que acontece é que, segundo Martino (2015, p. 69) “[...] os laços fracos podem ter uma importância maior na dinâmica de funcionamento das redes por conta de seu tamanho – quantitativamente, o número de “conhecidos” é maior do que o de “amigos” e “familiares””. Essa situação deve-se pela capacidade de ampliação da rede de trocas de informações na internet através de usuários da Web que nunca se conheceram presencialmente. Assim, os vínculos indiretos “[...] podem aumentar o círculo de relacionamentos. Justamente por não serem ligações diretas, a chance de se espalharem em várias direções e, portanto, de criarem caminhos para a conexão entre as pessoas, é maior”. Porém, “os laços fortes tendem a ser igualmente os mais próximos. Eles compartilham boa parte das ações, gostos e práticas de uma pessoa. Quanto mais forte for o laço entre duas pessoas [...], maior a chance de que o círculo de amigos comum seja grande”, já que os vínculos diretos têm a capacidade de ampliar os compartilhamentos de amigos em comum, principalmente daqueles de vínculos indiretos.

Nesse sentido, os vínculos indiretos nas redes virtuais permitem aos indivíduos estabelecerem interações sociais com pessoas fora ou distantes do círculo de amizades praticadas face a face. Por exemplo, se um indivíduo fizer uma lista com todas as pessoas que ele conhece, ele terá uma espécie de “mapa de seus relacionamentos”, dos vínculos diretos e indiretos. Assim, “intuitivamente será possível notar que uma boa parte da lista são apenas “conhecidos”, enquanto outros poderiam ser classificados como “amigos” e, uns poucos, como “melhores amigos” (MARTINO, 2015, p. 68). Dito isto, os usuários da Web podem gastar uma grande quantidade de horas criando vínculos na Web de alta atividade, ou seja, com muitas trocas de curtidas e comentários, como também, podem ocupar um período de tempo na eliminação, a qualquer momento e sem pretexto, desses vínculos. Nessa perspectiva, o sociólogo francês Pierre Mercklé ressalta que, “a sociabilidade pode ser vista como um recurso individual, como resultado de estratégias dos atores sociais que geram capital social”. Manuel Castells (1999, p. 445) destaca que “a vantagem da Rede é que ela permite a criação de laços fracos com desconhecidos, num modelo igualitário de interação, no qual as características sociais são menos influentes na estruturação [...]”. De fato, as redes sociais virtuais facilitam a expansão de vínculos sociais indiretos, no entanto, é elevado o “índice de mortalidade das amizades *on-line*, pois um palpite infeliz pode ser sancionado pelo clique na desconexão – eterna”.

Os vínculos indiretos “facilitam” para que os usuários do Instagram, por exemplo, obtenham e divulguem informações e/ou publicações de seu cotidiano a baixo custo do ponto de vista financeiro e de tempo. Entre outras consequências, isso permite que haja uma maior velocidade na propagação de informações e um maior acúmulo de seguidores. As redes de focos, de imagens, de vídeos e de memes, disseminadas na internet, são espalhadas rapidamente através do fluxo de troca de mensagens entre amigos de vínculos indiretos. Dessa forma, a estrutura das redes virtuais e a maneira como as juventudes na era das TDICs buscam aumentar o número de contatos de vínculos indiretos, passam longe de serem desinteressadas e sem coerências, pois, quanto maior o número de vínculos que um usuário das redes virtuais tiver, maior será também a sua capacidade de poder.

No mundo virtual, os usuários das redes de trocas de imagens e vídeos têm a capacidade de ampliar seus vínculos diretos e indiretos para obter um maior prestígio social e espaço para exposição do seu cotidiano offline, denominado aqui de capital virtual. Assim, esse capital virtual pode ser ampliado ou diminuído na medida em que as sociabilidades face a face e na e

internet proporcionem maior popularidade dos seus usuários através das publicações de fotos e vídeos na Web. Essa relação de poder, deve-se, sobretudo, pela arquitetura e lógica de constituição das estruturas das redes virtuais. Dessa forma, “em uma rede formada por três pessoas, A, B e C, existem igualmente três relações possíveis [...]. No entanto, se uma quarta pessoa se junta à rede, o número de conexões não cresce na mesma proporção, mas em termos combinatórios” (MARTINO, 2015, p. 72-73), pois, têm-se agora seis possibilidades de conexões com quatro pessoas. O poder das redes virtuais não está exatamente em seus participantes individuais, mas residiria no potencial de expansão quase infinito. A partir dessa lógica combinatória e não aditiva de constituição das interações sociais na internet, o volume de “nós” se multiplica a cada novo vínculo estabelecido. Fica evidente que a intensidade dos vínculos sociais nas redes virtuais e a quantidade de tempo e de dependência emocional entre os usuários da internet, podem indicar o grau de intimidade ou de amizade constituídos pelos indivíduos. Faz-se necessário observar o grau de intensidade dos vínculos sociais na internet e suas relações e interferências com os vínculos sociais face a face, pois as sociabilidades se constituem pela simbiose entre as interações sociais constituídas tanto presencialmente quanto virtualmente.

Para Pierre Mercklé, a internet é um ambiente social com a “(1) Possibilidade de criar um espaço pessoal de apresentação de si mesmo [...] (2) possibilidade de acessar perfis de outras pessoas [...] (3) Chance de estabelecer relações com outros participantes da rede, na observação de seus perfis” (MARTINO, 2015, p. 74-75). A partir dos seus interesses e gostos em comum dos usuários da Web, as redes virtuais permitem que os indivíduos façam projeções de si mesmos para outras pessoas conhecidas e/ou desconhecidas, num processo de autoexposição do seu cotidiano. Para o autor supracitado, o termo “redes virtuais” se refere ao “um número considerável de formas de interação entre indivíduos a partir da construção de páginas ou de perfis. Cada um desses, assim como cada uma das redes, tem suas próprias características e, por conta disso, permite tipos diferentes de interação”. Em termos práticos, a qualidade dessas interações não tem necessariamente uma correlação direta com a quantidade de conexões. Mesmo assim, em um espaço virtual como o Instagram ou Facebook, quanto maior for o número de conexões, maior também será a possibilidade de acessar as informações de outros usuários da internet, que geram capital virtual. Manuel Castell (1999, p. 445), afirma que as comunidades virtuais “não são comunidades físicas, e não seguem os mesmos modelos de comunicação e interação das comunidades físicas. Porém, não são

“irreais”, funcionam em outro plano da realidade”. Ainda assim, as redes virtuais, “[...] permitem afiliações múltiplas em comunidades parciais”. As interações virtuais proporcionam vínculos cada vez mais “dispersos”, reforçando a constituição de redes sociais entorno do indivíduo e propiciando a “tendência de “privatização da sociabilidade””.

Marc Augé (2012, p. 73-108) destaca que “a supermodernidade é produtora de não lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos [...]”. O indivíduo estando fisicamente sozinho utilizando as redes virtuais, e ele utiliza uma vasta coleção de linguagens “virtuais” que acaba dando condições para o estabelecimento de “novas” sociabilidades. Sendo assim, essa mediação que propicia o estabelecimento dos vínculos entre indivíduos e define os padrões de sociabilidades online ocorre não por meio de estruturas físicas, mas pela troca de palavras, imagens, vídeos e outras formas que fazem parte de uma ecologia cognitiva das TDICs. Este mesmo autor ainda destaca que “na realidade concreta do mundo de hoje, os lugares e os espaços, os lugares e os não lugares misturam-se, interpenetra-se”. Dessa forma, essas práticas culturais, bem como, as sociabilidades constituídas nesses espaços sociais se opõem ao mesmo tempo em que se atraem, com palavras, símbolos, gestos e recursos cognitivos. No entanto, para esse autor, a recorrência dos não lugares na contemporaneidade “[...] é a oportunidade de uma experiência sem verdadeiro precedente histórico de individualidade solitária e de mediação não humana (basta um cartaz ou uma tela) entre o indivíduo e o poder público.

A troca de palavras que se vivencia e exercita repetitivamente como um costume usual do cotidiano nas redes sociais virtuais através de segredos, de fofocas e de mensagens compartilhadas, produzem as sociabilidades, constituindo a realidade social dos indivíduos envolvidos, nessa conjuntura cultural, numa constante correlação entre costume e comunicação. Dessa forma, “[...] podemos considerar que a comunicação, ao mesmo tempo, verbal e não verbal, constitui uma vasta rede que liga os indivíduos entre si [...]” (MAFESSOLI, 2014, p. 146) e, constitui-se como um “cimento” para a efetivação das sociabilidades.

Mesmo com as permanências das sociabilidades face a face, nos últimos anos surgiram “novos” modos de subjetivação, de linguagem e de interação social e, portanto, de sociabilidades. As transformações sociais e tecnológicas não aconteceram de uma hora para outra, pois, os corpos e as mentes humanas e seus modos de ser, pensar, agir e interagir são constituídas ao longo de um processo histórico. Assim, para a maioria daqueles que fazem parte

das juventudes contemporânea, a vida passa necessariamente pelas tecnologias digitais, surgindo novas visões de mundo, de linguagens e de comportamentos, bem como, de sociabilidades.



### 3. JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS

Assinar juventudes no plural, e não no singular, já denota que se trata de uma categoria heterogênea, multifacetada e complexa, principalmente quando nos deparamos com as novas experiências e multiplicidades de interações sociais permeadas pelo uso das tecnologias digitais. Nesse sentido, as demarcações e definições do que é ser jovem muda a cada contexto histórico, social, econômico e cultural, com novas identidades e maneiras de constituir suas sociabilidades.

Ao analisar a constituição das identidades das juventudes da atualidade, Gilberto Velho (2006, p. 194-195), destaca que “[...] sexualidade e gênero, namoro e amizade, transgressões e desvio, sociabilidade, esporte, profissionalização, entre outros tantos, apontam para a riqueza, diversidade e complexidade da construção social da (s) juventude (s)”. Regina Novaes (2006, p. 112), em *Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias*, ressalta que “[...] hoje, para avaliar as possibilidades de inclusão/exclusão social de um jovem, certamente é preciso considerar quanto ganham seus pais, se ele é negro ou branco, homem ou mulher e onde mora”. Dessa forma, questões concernentes ligadas à gênero e raça, são importantes para as análises das juventudes contemporâneas, pois, “ser pobre, mulher e negra ou pobre, homem e branco faz diferenças nas possibilidades de “viver a juventude””.

As condições de moradia também marcam as desigualdades entre das juventudes da atualidade, em razão que, a depender do bairro e/ou da localidade em que elas vivem, as suas trajetórias são influenciadas. Considerando-se este fator como uma forma de distinção social, compreende-se que o endereço amplia ou restringe as juventudes aos acessos em lugares tanto públicos quanto privados, facilita ou dificulta na entrada do mercado de trabalho, bem como, permite ou limita aos estudos em todos os níveis escolares. Nesse sentido, as condições estruturais de um bairro ou de uma cidade, a renda per capita familiar ou de uma região e a qualidade e acesso aos serviços de educação, saúde, lazer e segurança, interferem nos modos de viver da população e, conseqüentemente, nas trajetórias das juventudes. Assim, morar na cidade ou campo, residir num bairro “periférico” ou de “elite”, faz toda diferença no que diz respeito a constituição das sociabilidades e das identidades das juventudes contemporâneas.

A violência também é apontada por vários autores como uma categoria de análise significativa para refletir sobre a constituição das identidades das juventudes contemporâneas (ABRAMO, 1997; CASTRO & ABRAMOVAY, 2002; SOARES, 2004; SILVA, 2017). Regina Novaes (2006, p. 111), ao abordar as semelhanças e diferenças entre os jovens

brasileiros, destaca que “a bala perdida está no imaginário de todos: na casa dos mais ricos, na rua, no ônibus e nas grandes vias. Não por acaso, um dos temas de conversação mais frequente entre os jovens é “a violência””. Neste contexto, Vanderlan Silva (2017) destaca que o *bullying* se apresenta como uma prática de violência recorrente entre os jovens de hoje. Esse tipo de violência não pode ser encarado como um comportamento que remeta a brincadeira inocente e/ou prazerosa, mas que produz conflitos e agressões físicas, como também de cunho moral. Essa forma de violência também faz parte do cotidiano de uma parte significativa das juventudes da atualidade, que podem ocorrer tanto no seu local de moradia (ambientes privados) quanto, por exemplo, em shoppings e escolas (ambientes públicos).

No entanto, os conflitos no espaço escolar também têm assumido lugar de destaque no cotidiano das juventudes contemporâneas, pois, os seus novos comportamentos propiciam embates interpessoais, principalmente com os professores em sala de aula. Nessa configuração, a não identificação com a escola e o fato de não respeitarem os professores e o uso dos aparelhos digitais de comunicação no momento da aula, são algumas características das novas formas de sociabilidades dos jovens da atualidade. Com esta conjuntura se amplia ainda mais a complexidade e definição do que é (in) disciplina escolar, já que esse problema sempre existiu, mas que nos últimos anos adquiriu “novas” configurações. Assim, pretendemos analisar as “reais” motivações que mobilizam as relações e conflitos entre professores e estudantes no processo de ensino-aprendizagem, dentro das quatro paredes da escola, movimentados não apenas por questões internas (do cotidiano escolar), mas, sobretudo, por circunstâncias culturais, sociais e cognitivas externas ao ambiente escolar.

### **3.1. Identidades e conexão geracional**

Kwame Anthony Appiah (2016, p. 19-23), aponta que as identidades sociais podem ser de três tipos: nominais, normativas e subjetivas. No tocante a este último, essa autora ressalta a sua importância uma vez que delas “advêm do papel que desempenham nos pensamentos e atos de seus portadores”. Dito isto, “as identidades estão entre as mais importantes ferramentas socialmente mantidas e transmitidas para construir uma vida. [...]”, já que, suas constituições interferem nas maneiras de ser dos indivíduos, na sua visão de mundo e nas suas formas de relacionarem com os outros.

Gabriel Cohn (2016, p. 34), aponta que identidade social é um conceito multidimensional e, assim, deve-se levar em conta as estruturas macrossociais e as microssociais na construção do “eu”. Dessa forma, identidade se refere “[...] a capacidade socialmente construída de agentes sociais, individuais ou coletivos de se manterem *os mesmos* no interior de um campo de relações”. Ainda, para este autor, a identidade social é construída a partir de “[...] toda a escala que vai desde a presença das grandes estruturas e processos históricos definidores das margens de variação de modos de associação até os mais finos matizes da constituição das personalidades no registro social”. Para as análises que se seguem nesse trabalho, entende-se identidade a maneira que as pessoas se percebem no mundo, ou seja, a sua forma de entender e compreender a sociedade, e que define as suas maneiras de ser, pensar e agir, bem as formas de constituição das sociabilidades.

Quanto ao conceito “geração”, Karl Manheim (1986, p. 137) destaca que está diretamente relacionado com a “identidade de posição”, pois, “a posição de uma geração é determinada pelo modo como certos modelos de experiência e pensamento tendem a ser trazidos à existência pelos dados naturais da transição de uma geração para outra”. Nesse sentido, as identidades das juventudes na era das tecnologias digitais são derivadas a partir dos processos de rupturas e continuidades das práticas sociais com as gerações anteriores, bem como, pela inserção de novos modos de ser a partir da utilização dos equipamentos e recursos digitais.

José Maurício Domingues (2002, p. 71-78) coloca que gerações passadas e presentes convivem numa “simultaneidade do simultâneo”, já que as gerações “[...] não somente coexistem a partir de estágios biológicos distintos mas também a partir de experiências e identidades diferenciadas”. Dito isto, as novas gerações se constituem por meio da relação com outras gerações, uma vez que, “isso se apresenta como um elemento fundamental dos processos construtivos externos que se somam aos processos internos, ambos sendo fundamentais para a compreensão de como a experiência de uma geração é tecida como tal”. Deve-se ponderar também a existência de identidades coletivas, cuja constituição parte também das experiências individuais e comuns fundamentais para a constituição de um grupo social. Desse modo, os jovens não são tribos ou segmentos isolados, como a metáfora atribuída em algumas literaturas denominando as juventudes contemporâneas de “nativos digitais” ou “tribos digitais”. Para Gilberto Velho (2006, p. 194), “há várias maneiras de “ser jovem”, como também de “ser

velho”, sem esquecer que essas próprias classificações não são dadas, e sim fenômenos socioculturais”.

As transições geracionais aparecem em Karl Mannheim (1986) como uma espécie de conhecimento acumulado que é transmitido de geração para geração, ocorrendo o surgimento de (novas) configurações sociais, culturais e de comportamentos. Nessa perspectiva, os conceitos “posição social”, “conexão geracional” e “unidade geracional”, podem auxiliar nas análises do fenômeno social objeto desse estudo. Com relação ao primeiro conceito, não se trata de um aglomerado de experiências acumuladas por um grupo ou uma geração, mas se refere à capacidade e possibilidade de vir a adquirir experiências em comum. Dessa forma, as condições para a vivência de um conjunto de experiências em sociedade já estão dadas. O segundo conceito mostra as especificidades “determinantes” na posição de geração dentro de um contexto histórico. Nesse sentido, para existir uma conexão entre as gerações “não basta participar apenas “potencialmente” de uma comunidade constituída em torno de experiências comuns: é preciso estabelecer um vínculo de participação em uma prática coletiva, seja ela concreta ou virtual” (WELLER, 2007, p. 8). O último conceito, “conexão geracional” ou “unidades geracionais”, se caracteriza não apenas pelas várias ligações de práticas comuns vividas por pessoas diferentes, mas por haver uma conexão nas maneiras de ser e agir de um modo que seus comportamentos são caracterizados por uma espécie de sentimento “similar”.

Os principais fatores que possibilitam uma “aparente” unidade das juventudes contemporâneas são as semelhanças no que diz respeito aos comportamentos, sentimentos e afetos arraigados através das redes virtuais. No entanto, existem uma multiplicidade de possibilidades de práticas culturais em que essas juventudes constituem suas sociabilidades e, assim, constroem suas identidades, dentro de um conjunto de uma ecologia cognitiva apregoada pelos “arquitetos da mente humana” (CASTELLS, 2011). Mesmo com essa “aparente” unidade geracional, ainda há sim de se compreender as diferenças sociais e de identidades das juventudes da atualidade e analisar as distintas e múltiplas aspirações, expectativas e condições econômicas e sociais, pois, esses fatores podem mostrar uma diversidade de especificidades que os distinguem. Nesse contexto das TDICs, a mediação das relações sociais entre pessoas por meio dessas tecnologias digitais possibilita a construção de identidades sociais “inéditas”, pois as suas subjetividades são influenciadas pela ecologia cognitiva intrínsecas de uma cultura digital.

### 3.2. Vivências simultâneas no mundo face a face e virtual

A participação ativa das juventudes na Web, ou seja, eles mesmos sendo protagonistas de uma gama de produção cultural digital, faz com que este uso, acesso e criação de práticas sociais através dos dispositivos digitais influenciem na constituição de suas identidades. Nessa perspectiva, o acesso ao conteúdo da internet não se trata apenas de um passatempo ou de um mero entretenimento, mas, sobretudo, de práticas fundamentais para a construção das identidades dos jovens. Diana Giraldo (2015, p. 171), ressalta que “os produtos midiáticos são, antes de nada, produtos culturais que servem de suporte para fazer o mundo inteligível e proveem símbolos potentes para a interação”. Dito isto, as redes sociais virtuais delineiam as identidades das juventudes contemporâneas e, conseqüentemente na constituição de suas sociabilidades, através das experiências rotineiras de publicações do conteúdo pessoal na internet, circulação de imagens, vídeos e comentários, bem como toda uma ampliada rede de amizades no mundo virtual.

Nessa conjuntura, as mídias digitais “vêm dando origem a processos de aceleração, pulverização e mistura de experiências que atingem os sujeitos de modo complexo e, muitas vezes, desestabilizador” (ALMEIDA, 2006, p. 142-143). Diana Giraldo afirma (2015, p. 172) que “[...] o uso dos dispositivos digitais reconfigura os contextos culturais dos jovens, oferecendo, assim, novas possibilidades de participação inexistentes até há alguns anos”. Desse modo, as TDICs transformam as culturas como também as maneiras das pessoas se relacionarem umas com as outras, comprometendo não apenas as emoções e as consciências individuais, mas também nas formas de interações sociais.

A escola também aparece como uma categoria constitutiva para as identidades das juventudes da atualidade. No ambiente educacional, social e cognitivo, estudantes estão envolvidos em diversas práticas que marcam as suas personalidades, subjetividades e, conseqüentemente, suas formas de ser. Dessa maneira, Souza (2012, p. 37), em *Letramentos de reexistência*, destaca que “quando entramos em uma sala de aula do ensino médio [...] encontramos sujeitos envolvidos em muitas práticas sociais, com conquistas, frustrações, anseios, pessoas que atuam motivadas por diversos interesses [...]”. Nesse espaço social encontramos projetos de vida sendo construídos, em que estes jovens estão buscando compreender a si mesmo e o mundo ao seu redor. Na escola, os processos de socialização primária são reiterados, enquanto, que, ao mesmo tempo, os processos de socialização secundária são gradativamente implantados.

Assim, no mundo contemporâneo caracterizado, sobretudo, pela presença de uma cultura digital, nenhum jovem sustenta uma única identidade, mas sim várias identidades sociais, a depender também do ambiente transitório e circunstancial em que ele interage. Trata-se de um conjunto de identidades, onde grupos e indivíduos constroem seus múltiplos padrões de comportamentos a partir das dinâmicas de interação social realizadas virtualmente em consonância com os processos de simbiose com as interações realizadas face a face.

### **3.3. Ambiente escolar e TDICs**

Ao longo da história, o ser humano constituiu as suas formas de pensar e aprender a partir das condições materiais e cognitivas disponíveis dentro do contexto social em ele estava inserido. Nessa perspectiva, na sociedade contemporânea, constata-se que as tecnologias digitais de informação e comunicação modelam os corpos e as subjetividades individuais e coletivas, especialmente das juventudes que as utilizam diariamente. No entanto, a escola, como uma instituição e um espaço em que as juventudes passam grande parte do seu tempo, se apresenta como uma instituição social, cognitiva e de disciplina, “incompatível com os corpos e as subjetividades das crianças de hoje” (SIBILIA, 2012, p. 12-14). Dito isto, “[...] surge uma suspeita inusitada: o corpo humano, em sua antiga configuração biológica, estaria se tornando “obsoleto””.

A escola, ou a educação formal, ou a cultura do letramento, surgiu, em meados do século XV, com a premissa de que a disciplina converte a animalidade em humanidade, visando “[...] transformar a criança num aluno interessado, atento e aplicado. Com essa meta, a subjetividade estudantil se edificava a partir de práticas que instituía a memória, a atenção e a consciência” (SIBILIA, 2012, p. 89), fazendo com que esta última exercesse hegemonia sobre a percepção mediante a redução dos estímulos em sala de aula, “ênfatizando a eficácia da razão”.

Como equipamento e instituição da “modernidade”, a escola nasceu concomitantemente à invenção da impressão, que transformou radicalmente a comunicação dos grupos letrados e oralistas. Pierre Lévy (1993, p. 96) destaca que, “[...] o destinatário do texto é agora um indivíduo isolado que lê em silêncio”, e não mais o mestre que transmitia o conhecimento por meio da oratória. Nesse novo contexto, crianças passaram a desempenhar práticas específicas

de leituras de textos, mapas, índices, tabelas, dicionários e esquemas, aprendendo as técnicas de letramento da sociedade. A escola como tecnologia de época, sendo uma invenção recente na história da humanidade (BRANDÃO, 1995, p. 35), foi arquitetada para suprir as necessidades de uma “nova” sociedade, capitalista-industrial, em que o seu principal objetivo era de “domesticar os corpos” e de “forjar subjetividades”, de acordo com os interesses sociais, políticos, cognitivos e econômicos vigentes da época. Assim, para a antropóloga Paula Sibilia (2012, p. 16), a escola “foi concebida com o objetivo de atender a um conjunto de demandas específicas do projeto histórico que a planejou e procurou pô-la em prática: a modernidade”.

A principal finalidade para o estabelecimento do aparato escolar no cotidiano social era de “[...] alfabetizar cada habitante da nação no uso correto do idioma pátrio, por exemplo, ensinando-o a se comunicar com seus contemporâneos e como as próprias tradições por meio da leitura e da escrita” (SIBILIA, 2012, p. 19). A função básica da escola era de modernizar e de disciplinar o animal humano transformando-o em um “bom” cidadão. No entanto, não bastava apenas o disciplinamento dos alunos, mas também importava que a criança aprendesse a pensar. Desde cedo, a criança aprendia a se dedicar aos estudos escolares, a ficar sentada na sala de aula e em silêncio, a se concentrar para a realização da prática na escrita e na leitura de textos impressos durante longos períodos de tempo e a obedecer às normas e regras próprias do espaço escolar. Dessa forma, “ensinava-se a pensar e a agir do modo considerado correto para os parâmetros da época”.

Já no tempo-espaço da atualidade, a escola funciona mediante uma série de rupturas e continuidades entre as práticas pedagógicas, cognitivas e de interações sociais idealizadas desde a sua formação e as novas demandas dentro do processo ensino-aprendizagem decorrentes das “novas” competências e habilidades escolares exigidas para os estudantes do século XXI, permeadas pelas tecnologias digitais de comunicação e informação. Temos, de um lado, uma cultura letrada assinalada pelas práticas de leituras de textos que requer silêncio e concentração, marcadas pelo trabalho docente, a quem cabe à tarefa de transmitir, para os seus alunos, normas e regras de comportamento exigidos no ambiente escolar. Por outro lado, temos um alunado inserido em um mundo virtual, dentro de um fluxo constante de troca de informações, em que a saturação mental chega de forma rápida. Nessa conjuntura, as juventudes contemporâneas passam a maior parte do seu tempo nas redes virtuais vivenciando sociabilidades online através de diversos aparelhos eletrônicos digitais, mas, também, convivendo, por vários anos, com as práticas de uma cultura letrada.

Nesse cenário supracitado, discentes ficam boa parte das suas juventudes entre as quatro paredes da escola, vários dias por semana, por vários anos, absorvendo ou aprendendo os diversos tipos de conhecimento necessários para a sua trajetória escolar. Assim, um dos principais recursos de disciplinamento dentro da escola, consiste em manter os seus alunos em um espaço delimitado, entre muros, paredes e grades, com regras e normas específicas para a manutenção dos hábitos, rotinas e atividades acadêmicas. Desse modo, “[...] rotinas idênticas e progressivas se repetem em tais condições, com frequência diária e durante longos períodos da vida de cada sujeito. Não se deve subestimar a importância desse treinamento corporal, tão metódico e a portas fechadas [...]” (SIBILIA, 2012, p. 28).

Por conta da incorporação das TDICs no cotidiano desses jovens estudantes, as práticas sociais e cognitivas de uma cultura letrada tornaram-se um universo distinto ou muito afastado de sua própria realidade. Um estudo realizado por Diana Giraldo (2015, p. 164), mostram que, com a intensificação do uso das tecnologias digitais na vida diária dos estudantes na era das tecnologias digitais, a formação escolar está muito distante dessa nova realidade social e cognitiva, pois, “[...] para os jovens, a aprendizagem adquirida nesta esfera não tem repercussão de maneira direta no uso cotidiano e em muitos aspectos não é considerada útil”. No entanto, esta mesma pesquisa aponta que os jovens da atualidade apontam para a importância do papel do professor no processo de aprendizado com o uso da internet.

O ambiente escolar como um dos principais meios para a efetivação dos processos de socialização primária e secundária das juventudes na era das TDICs, tem o desafio de fazer com que as práticas pedagógicas e normativas de uma cultura letrada façam sentido para os seus discentes. Ressalta-se que, a família também influencia no desenrolar do processo supracitado, proporcionando condições para que os seus filhos utilizem e se apropriem das tecnologias digitais, a qual pode fazer com que os jovens entrem no circuito social e cognitivo das redes virtuais. Diana Giraldo (2015, p. 164) destaca que “essa dinâmica é definida por Silverstone, Morley e Hirsch (1992), como “economia moral da casa”, [...] seja sobre um ponto de vista material (o local que ocupam), ou um ponto de vista simbólico (os valores que lhes são atribuídos)”. Assim, as novas subjetividades informacionais constituídas no âmbito familiar surgem em contraste e numa espécie de falta de identidade com os mecanismos cognitivos e sociais do ambiente escolar.

Diana Giraldo (2015, p. 163) ainda chama a atenção de que até quatro décadas atrás os processos de socialização estavam centrados na escola e na família. Desse modo, essas duas



instituições eram os principais responsáveis em transmitir as normas de comportamento para as novas gerações a partir de uma hierarquia vertical. No entanto, na era das tecnologias digitais, “o peso dessas duas esferas tradicionais encontra-se atenuado pela importância que tem adquirido outras duas: os grupos de pares e a cultura midiática”. Dessa forma, as sociabilidades constituídas por meio das tecnologias digitais têm afetado nas transformações dos comportamentos e das interações sociais tanto no espaço familiar quanto no escolar.

Emerge-se um novo espaço social e cognitivo com “novas” subjetividades, a partir do *continuum* entre essas duas culturas, pois, as sociabilidades realizadas face a face se interpenetram com as sociabilidades virtuais, numa relação conflituosa e harmoniosa entre as linguagens de uma cultura letrada com as linguagens apreçadas pela cultura digital.

A combinação destas duas unidades de observação possibilita a realização de uma investigação mais acurada dos fatores sociais que impulsionam no fomento de novas sociabilidades das juventudes contemporâneas na era tecnologias digitais. Nesse sentido, estudar a relação entre as culturas letrada e digital torna-se essencial para compreender os modos pelos quais se estabelecem os novos modos de ser das juventudes, pois, “o que os antropólogos chamam de cultura de fato torna-se fundamental para entender a humanidade e os mundos habitados pelos seres humanos” (BARTH, 2000, p. 111).

A inserção de políticas públicas educacionais para a permanência dos estudantes em tempo integral na escola (cultura letrada), como também as políticas para a inclusão digital, além das vivências das juventudes contemporâneas no mundo virtual (cultura digital), cria um campo de estudo singular, para as análises das transformações e contradições que estão ocorrendo entre as novas gerações e o aparato escolar. Nesse contexto educacional e tecnológico, sucede a “implantação” de uma cultura digital a partir da utilização de portais virtuais no espaço escolar, “entre paredes”, e, ao mesmo tempo, o “fortalecimento” de uma cultura letrada caracterizada pelo aumento do tempo diário de permanência na escola (tempo integral), tanto de alunos quanto de professores.

Na atualidade, a principal instituição para promover o letramento aos indivíduos é a escola, pois, nesse contexto histórico e social específico, tem-se a ideia de que ser letrado é sinônimo de ser escolarizado, em que, o “consenso social, nos dias de hoje, que o letramento é tanto o objetivo quanto o produto da escolarização [...]” (SOARES, 2010, p. 84). Dessa forma, as escolas são responsáveis em transmitir, para as juventudes, habilidades e conhecimentos de uma cultura letrada para que os alunos possam si “inserir”, de maneira mais “eficaz”, na

sociedade. Assim, a escola (re) definiu a cultura letrada e constituiu o que podemos denominar de “cultura letrada escolar”, como um sistema de práticas sociais e cognitivas para a transmissão do conhecimento acadêmico-científico de forma sistemática, linear e cumulativa, muitas vezes realizadas numa lógica fora da realidade das juventudes contemporâneas.

Ainda assim, destaca-se que a cultura letrada tem a sua dimensão social, em que os indivíduos adquirem habilidades de escrita e de leitura de livros, revistas e jornais impressos a partir de necessidades específicas nas quais se relacionam com os valores, normas e subjetividades de um contexto social no qual o indivíduo está inserido. Desse modo, letramento não é apenas uma tecnologia, mas é sobretudo, um fenômeno social. Letramento é uma invenção humana, historicamente construída, e que, portanto, é um mecanismo de transmissão cultural, de práticas e valores sociais.

Para Magda Soares (2010, p. 85-86), “os critérios segundo os quais os testes são construídos é que definem o que é letramento em contextos escolares: um conceito restrito e fortemente controlado, nem sempre condizente com as habilidades de leitura e escrita e as práticas sociais fora das paredes da escola”, principalmente quando nos deparamos com a realidade digital em que as juventudes contemporâneas estão imersas. De forma geral, o sistema escolar utiliza padrões bem definidos de práticas pedagógicas através de provas, testes e atividades, colocando, o letramento, como um processo permeado apenas pelas habilidades de leitura e escrita (não digitais) que auxiliam o exame do desempenho dos alunos nas atividades escolares.

Uma questão que merece destaque nessas discussões diz respeito ao fato de que não necessariamente a “incapacidade” de ler e escrever (do ponto de vista alfabético) seja um problema para uma parte significativa das juventudes da atualidade. Mas o que pode ser examinado, é a dificuldade delas fazerem uso da escrita (não digital) no seu dia a dia, para que a cultura letrada se torne significativa para sua vida e constituição de sua identidade.

Nessa perspectiva, letramento não é sinônimo de alfabetização, pois vai muito além do que apenas saber ler e escrever. Letramento não é só se acostumar em estabelecer relações entre fonemas e grafemas, envolve também prazer em ler em diferentes lugares, não só na escola. É informar-se através da leitura de livros, jornais e revistas, fazendo uso dela de acordo com o seu interesse, é seguir instruções para o manuseio de um equipamento ou para fazer uma receita de uma comida, é ter a possibilidade de escrever um bilhete ou uma carta para se comunicar com alguém que está distante, é usar a escrita para se orientar nas ruas e cidades, é descobrir a

si mesmo pela leitura de livros, é um meio de construir a sua subjetividade coletiva e individual, sua forma de ser. No entanto, uma parte significativa das juventudes da atualidade não faz uso maciço das técnicas de uma cultura letrada em detrimento das práticas linguísticas próprias de uma cultura digital. A internet, por meio de suas linguagens, originou novas formas de comunicação através, principalmente, de imagens e textos curtos, fomentando, a constituição das “novas” formas de interação humana.

Para Magda Soares (2010, p. 85-86), letramento está vinculado com as práticas e habilidades adquiridas “através de uma escolarização burocraticamente organizada e traduzidas nos itens de testes e provas de leitura e de escrita”. Ainda para esta autora, “os critérios segundo os quais os testes são construídos é que definem o que é letramento em contextos escolares: um conceito restrito e fortemente controlado, nem sempre condizente com as habilidades de leitura e escrita e as práticas sociais fora das paredes da escola”, principalmente quando nos deparamos com a realidade digital em que as juventudes contemporâneas estão imersas. De forma geral, o sistema escolar utiliza padrões bem definidos de práticas pedagógicas através de provas, testes e atividades, colocando, o letramento, como um processo permeado apenas pelas habilidades de leitura e escrita (não digitais) que auxiliam o exame do desempenho dos alunos nas atividades escolares.

No entanto, aqueles jovens que frequentam o ambiente escolar vivem a maior parte do seu tempo na internet, com linguagens própria da Web, modos peculiares de cognição e de constituição das suas redes de amizades. Dessa forma, ao analisar os processos de conformação da cultura digital nos comportamentos das juventudes contemporâneas, Diana Giraldo (2015) destaca que a interrelação entre as tecnologias digitais e as interações sociais derivam de duas ideias:










A primeira é entender que o uso das TIC é, frequentemente, a prolongação das práticas sociais já preexistentes e que se elabora em prazos longos caracterizados por resistências, hábitos, tradições e inovações. A segunda é que, fazer uma genealogia dos usos das TIC implica a identificação de diferentes fases (adoção, descobrimento, aprendizado e banalização), as quais permitem levar em consideração outras dimensões como os valores e as representações que estão em jogo. Nesse sentido, pode-se afirmar que a incorporação das TIC nas práticas sociais nem sempre acontece de maneira harmoniosa, linear ou definitiva.

Nessa conjunta tecnológica e social, os usuários dos diversos sites de conversação e informação, criam e recriam as suas formas de si comunicar. O *internetês*, termo utilizado para

se referir as linguagens e expressões das redes sociais virtuais, é uma forma de linguagem da internet utilizada, principalmente por jovens que acessam diariamente as redes virtuais. No Instagram, por exemplo, encontramos as seguintes expressões/palavras usadas com mais frequência: “abs=abraço”, “add=adicionar”, “bjs=beijos”, “blz=beleza”, “kd=cadê?”, “net=internet”, “ñ=não”, “s=sim”, “pq=porque”, “qdo=quando”, “q=que”, “d+=demais”, “fds=final de semana”, “sqn=só que não”, “vc=você”, “tbm=também”. Esses modos de se expressar, devem-se, sobretudo, às necessidades dos usuários da Web de se comunicarem de forma instantânea e rápida, afim de “não perder tempo”, dentro da velocidade do fluxo de informações e interações que interações sociais na Web demandam.

Entre as principais características das linguagens da cultura digital, destacam-se também à utilização de desenhos/figuras que representam/evidenciam as emoções dos usuários da Web, conhecidos como emoticons (Quadro 1).

**Quadro 1 – Emoticons mais utilizados nas conversações na internet**

	Sorrindo com os olhos fechados		Calado		Sorrindo
	Sorriso meigo		Sufoco		Sorriso sem graça
	Surpreso		Entediado		Triste

Fonte: autoria própria. Pesquisa de campo (2018).

Além da linguagem com abreviaturas de palavras e uso de símbolos, as imagens (fotos e vídeos) e memes também assumem como importantes meios de comunicação e interação na internet. Essas linguagens virtuais (não verbais), transmitem para o “outro” as emoções e os sentimentos do “eu”. Na cultura digital, os participantes do mundo virtual adotam características linguísticas que na maioria das vezes estão fora do padrão da norma culta da Língua Portuguesa e do contexto de uma cultura letrada.

Assim, a linguagem proporciona meios que dão sentido e compreensão “real” da vida cotidiana, pois, “o simbolismo e a linguagem simbólica tornam-se componentes essenciais da realidade da vida cotidiana e da apreensão pelo senso comum desta realidade. Vivo em um mundo de sinais e símbolos todos os dias” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 61). Na era das

TDICs, as linguagens de uma cultura digital influenciam nos modos de comportamentos e interações sociais e geram modos específicos de existência individual e coletiva. Norbert Elias (1993, p. 224) ressalta que ao mesmo tempo em que as configurações das relações humanas são modificadas, “muda também a estrutura da consciência e sentimentos individuais, da interação entre paixões e controle de paixões, entre os níveis consciente e inconsciente da personalidade”.

As práticas diárias dentro de uma cultura digital ocorrem principalmente através de sites de relacionamento, em que as pessoas expõem seus perfis e postam, nesses espaços virtuais, os seus interesses, preferências, hobbies, em suma, o seu cotidiano. Dito isto, Jussara Rocha (2011) destaca três características das práticas sociais na internet: “a autogeração (todos os participantes da rede possuem os mesmos direitos e obrigações), a horizontalidade (na rede não existe a relação superior e subalterno) [...] e a descentralização (não existindo a figura do superior, não existe a centralização de poder)”.

Uma outra característica das redes sociais na Web é que os usuários precisam estar online. Ou seja, para “nadar na rede”, estes necessitam ficar disponíveis para manterem os relacionamentos de forma instantânea. Atualmente, as redes sociais virtuais mais utilizadas pela juventude contemporânea são o Facebook, Instagram e Twitter, além dos aplicativos e programas de computador para enviar e receber mensagens instantâneas, conhecidos por *instant messagers* (mensageiros instantâneos). Entre estes, destacam-se o WhatsApp, como um espaço virtual em que as pessoas, ou grupo de pessoas, compartilham informações de maneira privativa e mais “segura”, excluindo contatos considerados indesejados. Para tanto, “[...] as redes sociais oferecem a seus usuários níveis de controle de privacidade cujo objetivo é tentar proteger suas informações, disponibilizando-as somente às pessoas que interessar aos internautas, singularmente” (KOURYH, 2011, p. 19). As redes virtuais, oferecem aos seus usuários possibilidades de controle dos níveis de privacidade em que eles podem optar por proteger as suas informações dos perfis, disponibilizando, assim, o seu *feed*, de informações individuais, somente para as pessoas ou grupo de indivíduos que desejam compartilhar.

Destaca-se que o mundo dos games na internet também faz parte da vivência das juventudes da atualidade. É um mundo em que os usuários ficam sentados na frente de uma tela de computador, conectados à rede, participando de desafios com outros usuários na internet. São jogos que funcionam através de personagens criadas pelos próprios jogadores – os

avatares<sup>5</sup>, em que cada jogo tem o seu próprio mundo virtual. No entanto, “essas realidades “paralelas” registradas bit a bit em computadores conectados em rede podem se revelar extremamente complexas, sobretudo em termos das relações sociais estabelecidas entre as personagens” (VIANA, 2007, p. 9). Essa realidade virtual torna-se tão envolvente que muitos jovens passam mais tempo no mundo dos jogos digitais do que no mundo “real”, face a face, longe das telas de computadores.

As interações sociais, permeadas pelas tecnologias digitais, se lançam no plano das representações simbólicas elaboradas pelos seus usuários, constituídas no entrelaçamento com as práticas sociais offline. Dessa forma, umas das possibilidades de compreender, analisar e investigar as juventudes contemporâneas é observar as maneiras pelas quais estes estudantes atuam nas redes sociais virtuais, na criação e na participação dentro de uma cultura digital. Deve-se ponderar que o surgimento das novas sociabilidades juvenis não resulta necessariamente na extinção ou deslocamento dos modos de interações sociais face a face já existentes. O que pode ocorrer, de fato, é que há processos de simbiose ou de *continuum* nos comportamentos sociais, e no caso específico desse trabalho de tese, parte-se do pressuposto de que há uma interrelação nas práticas e comportamentos entre cultura letrada e cultura digital.

Para as análises que se seguem nesse trabalho, partimos do pressuposto de que há uma série de conflitos, entre as “novas” subjetividades “informacionais” das juventudes contemporâneas e o aparato escolar com as suas práticas pedagógicas e cognitivas caracterizadas pela cultura letrada. A escola dentro de um novo contexto social, cultural e tecnológico está permeada por duas realidades “aparentemente” distintas e contraditórias: jovens estudantes com “mentes distraídas” (subjetividades informacionais) por conta das linguagens e dinâmicas apregoadas pelas “novas” tecnologias digitais e a escola que requer dos seus jovens estudantes maneiras específicas de comportamento e de aprendizado próprias de uma cultura letrada nos moldes “tradicionais”.

---

<sup>5</sup> “[...] é uma figura cujas ações podem ser controladas pelo usuário com o mouse e o teclado do computador. É através dessa figura que o usuário interage com o mundo virtual – tanto com objetos quanto com outros avatares (isto é, outros avatares) [...]” (PALFREY, 2011).

#### **4. SOCIABILIDADES JUVENIS NO ÂMBITO DA CULTURA DIGITAL**

Este capítulo tem como principal objetivo apresentar as principais características socioeconômicas dos 73 jovens pesquisados, bem como, os seus contextos familiares que envolvem conjuntos de disposições culturais e econômicas. Na sequência buscamos analisar as dinâmicas e fluxos de interações no Instagram e as práticas da autoexposição e da cultura da selfie nessa rede virtual de compartilhamento de fotos e vídeos.

No universo empírico pesquisado, os estudantes estavam cursando a 1ª série do Ensino Médio em uma escola pública de tempo integral, sem apresentar distorção na idade-série, ou seja, sem atraso na trajetória escolar. A faixa etária dos jovens pesquisados foi entre 13 e 18 anos de idade, sendo as mais frequentes entre 15 e 16 anos (61,6% e 23,3%, respectivamente). A maioria dos participantes dessa pesquisa é do sexo feminino (63%) e a maior parte dos entrevistados se declara da raça preta (64,3%), enquanto que 26% é da cor branca, e a minoria amarela, com 4,1%.

Com relação a moradia dos estudantes observados na presente pesquisa, a maioria (82,3%) mora no município de Campina Grande - PB, em 23 bairros de diferentes condições sociais, econômicas e de infraestrutura, enquanto que 16,5% residem em municípios que fazem parte do Compartimento da Borborema, que ladeiam o município de Campina Grande. Do total de 73 estudantes, 64 moram na zona urbana e 7 na zona rural (87,7% e 9,6%, respectivamente).

Do ponto de vista metodológico, esses dados demonstram que a composição dos casos observados nessa pesquisa se apresenta de forma heterogênea e significativa, contribuindo para uma análise mais acurada do fenômeno aqui em questão. Nesse sentido, para as análises que se seguem nesse trabalho, parte-se da ideia de que as diferentes condições econômicas e de moradia influenciam nas distintas trajetórias das juventudes (NOVAS, 2016), mas não necessariamente na constituição do capital virtual, de prestígio nas redes virtuais. Os dados que se seguem mostram que a maioria desses jovens conseguem ter uma maior visibilidade ou status “superior” nas redes virtuais independentemente de sua condição social e econômica.

Quanto à utilização das tecnologias digitais por parte dos jovens pesquisados (Tabela 2), observamos que a grande maioria deles (97,3%) usam o smartphone como principal meio de acesso à internet e as redes virtuais.

**Tabela 2 – TDICs que os estudantes mais utilizam**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
Smartphone	71	97,3	97,3	97,3
Computador	1	1,4	1,4	98,6
Outro	1	1,4	4,1	100,0
Total	73	100,0	100,0	-

Fonte: autoria própria (2019).

No entanto, 34,2% possuem ao mesmo tempo smartphone e notebook, 20,5% só têm o smartphone, 13,7% dispõem simultaneamente smartphone, tablet, notebook e computador e 13,7% têm ao mesmo tempo smartphone e computador, conforme os dados apresentados na Tabela 3. Dessa forma, a maioria dos estudantes pesquisados possuem meios para acessar as redes virtuais.

**Tabela 3 – TDICs que os estudantes possuem**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
Smartphone	15	20,5	20,5	20,5
Smartphone Tablet Notebook Computador	10	13,7	13,7	34,2
Smartphone Computador	10	13,7	13,7	47,9
Smartphone Notebook Computador	5	6,8	6,8	54,8
Smartphone Tablet Computador	2	2,7	2,7	57,5
Smartphone Notebook	25	34,2	34,2	91,8
Smartphone Tablet	1	1,4	1,4	93,2
Smartphone Tablet Notebook	5	6,8	6,8	100,0
Total	73	100,0	100,0	-

Fonte: autoria própria (2019).



Na Tabela 4, identificamos que o modo de acesso à internet mais frequente quando os estudantes estão em casa é a banda larga (68,5%) e internet 3G ou 4G (12,3%). Apenas 6,8% declaram que não têm meios de acesso à Web em casa. Nestes casos, os acessos à internet ficam restritos em espaços que disponibilizam Wi-Fi gratuito, como shoppings, escolas e casas de familiares/amigos.

**Tabela 4 – Tipo de acesso à internet que os estudantes têm em casa**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
Não tem	5	6,8	6,9	6,9
Banda larga	50	68,5	69,4	76,4
Via rádio	4	5,5	5,6	81,9
3G ou 4G	9	12,3	12,5	94,4
Outros	4	5,5	5,6	100,0
Total	72	98,6	100,0	-
Não informado	1	1,4	-	-
Total	73	100,0	-	-

Fonte: autoria própria (2019).

Na Tabela 5, temos as informações da quantidade de horas que os estudantes passam por dia acessando a internet.

**Tabela 5 – Horas por dia que os estudantes acessam a internet**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
0h	25	34,2	34,2	34,2
1h	19	26,0	26,0	60,3
2h	14	19,2	19,2	79,5
3h	5	6,8	6,8	86,3
4h ou mais	10	13,7	13,7	100,0
Total	73	100,0	100,0	-

Fonte: autoria própria (2019).

Através desses dados constatamos que 65,8% dos jovens pesquisados passam 1h ou mais nas redes virtuais, chegando até mais de 4h por dia. No entanto, verificamos que 34,2% dos estudantes não chegam a acessar Web nem 60m por dia. Entre os motivos para esta situação, é que a maioria dos estudantes pesquisados não tem internet 3G ou 4G, dificultando o acesso ao mundo virtual quando não estão em casa. Porém, deve-se observar que o percentual de jovens que passam 1h ou mais na internet chega à 97,3% quando não estão na escola, conforme as informações da Tabela 6.

Quando questionados sobre quais as tecnologias digitais que mais utilizam na escola, a maioria dos estudantes (93,2%) afirmou que o equipamento digital que mais usa no espaço escolar é o smartphone (Tabela 7).

**Tabela 6 – Horas por dia que os estudantes acessam a internet quando não estão na escola**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
0h	2	2,7	2,7	2,7
1h	3	4,1	4,1	6,8
2h	8	11,0	11,0	17,8
3h	14	19,2	19,2	37,0
4h ou mais	46	63,0	63,0	100,0
Total	73	100,0	100,0	-

Fonte: autoria própria (2019).

**Tabela 7 – TDICs que os estudantes mais utilizam na escola**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
Smartphone	68	93,2	97,1	97,1
Computador	1	1,4	1,4	98,6
Outro	1	1,4	1,4	100,0
Total	70	95,9	100,0	-
Não informado	3	4,1	-	-
Total	73	100,0	-	-

Fonte: autoria própria (2019).

Ressalta-se que ter o smartphone não é garantia de acesso à internet em qualquer lugar, pois na Tabela 8, identificamos que maioria dos estudantes (90,4%) acessam mais à Web quando estão em casa, enquanto que, apenas 5,5% conseguem acessar a internet em qualquer lugar através do 3G ou 4G, inclusive quando estão na escola. Esses dados quantitativos comprovam que os estudantes ficam privados de acessar às redes virtuais quando estão na escola, numa espécie de abstinência virtual que pode gerar estresse e ansiedade, ao contrário do que acontece quando estão no espaço doméstico em que podem ficar várias horas na internet.

**Tabela 8 – Local em que os estudantes mais acessam a internet**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem Acumulativa
Em casa	66	90,4	90,4	90,4
Smartphone (3G ou 4G)	4	5,5	5,5	95,9
Na escola	3	4,1	4,1	100,0
Total	73	100,0	100,0	-

Fonte: autoria própria (2019).

Na Tabela 9, identificamos a quantidade de horas por dia em que os estudantes pesquisados passam acessando apenas as redes virtuais como Instagram e WhatsApp.

**Tabela 9 – Horas por dia que os estudantes acessam apenas as redes virtuais**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
0h	1	1,4	1,4	1,4
1h	7	9,6	9,7	11,1
2h	14	19,2	19,4	30,6
3h	15	20,5	20,8	51,4
4h ou mais	35	47,9	48,6	100,0
Total	72	98,6	100,0	-
Não informado	1	1,4	-	-
Total	73	100,0	-	-

Fonte: autoria própria (2019).

Verificamos que 47,9% passam 4h ou mais nas redes virtuais de conversação e troca de imagens, 20,5% passam 3h, 19,2% ficam 2h, 9,6% até 1h e 1,4% nenhuma hora por dia nos canais de relacionamentos na Web. Aqui constatamos que há uma aparente divergência com as informações da Tabela 5, quando constatamos que apenas 13,7% dos estudantes acessam 4h ou mais a internet ao contrário das informações contidas na Tabela 9. Esse fato deve-se, na visão dos estudantes pesquisados, que acessar a internet e ficar nas redes virtuais não necessariamente é a mesma situação. Por exemplo, na escola e em outros ambientes com o Wi-Fi, os sistemas de wireless podem ter bloqueios ou não ao acesso à internet, mas sem restringir a navegação nas redes virtuais de troca de conteúdo. Ocorre também que algumas operadoras que trabalham com a rede 3G ou 4G disponibilizam pacotes que dão mais acesso as redes virtuais de bate-papo do que à Web como um todo.

Com relação a quantidade de horas diárias de uso da internet depois de passar o dia na escola, a maioria dos estudantes (54,8%) disse que passa entre 1h e 3h na internet, 34,2% entre 3h e 5h e 8,2% menos de 1h por dia na Web (Tabela 10).

**Tabela 10 – Horas por dia que os estudantes utilizam a internet quanto chegam da escola**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
0h	6	8,2	8,4	11,1
Entre 1 e 3h	40	54,8	55,6	63,9
Entre 3 e 5h	25	34,2	34,7	98,6
Mais de 5h	1	1,4	1,4	100,0
Total	72	98,6	100,0	-
Não informado	1	1,4	-	-
Total	73	100,0	-	-

Fonte: autoria própria (2019).

Desse tempo, apenas 4,1% dos estudantes observados utilizam a internet também para estudar depois que chegam da escola e 39,7% usam 1h para estudar e se preparar para as avaliações escolares (Tabela 11). O que se percebe com estas informações é que a internet é um ambiente ainda pouco utilizado para os estudos escolares, já que a maior parte do tempo do uso

da Web em casa por parte dos jovens pesquisados é para o acesso às redes virtuais de compartilhamento de fotos.

**Tabela 11 – Horas por dia que os estudantes utilizam a internet para estudar depois que chegam da escola**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
0h	18	24,7	24,7	24,7
1h	29	39,7	39,7	64,4
2h	21	28,8	28,8	93,2
3h	3	4,1	4,1	97,3
4h ou mais	2	2,7	2,7	100,0
Total	73	100,0	100,0	-

Fonte: autoria própria (2019).

Quando questionados sobre a rede virtual que mais usam, a maioria dos estudantes afirmou que utiliza mais o WhatsApp, o Instagram e o Facebook (57,5%, 32,9% e 4,1%, respectivamente) do que outros canais de comunicação como por exemplo o Twitter (Tabela 12).

**Tabela 12 – Rede virtual que os estudantes mais acessam**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
Instagram	24	32,9	33,3	33,3
Facebook	3	4,1	4,2	37,5
WhatsApp	42	57,5	58,3	95,8
Outra	3	4,1	4,2	100,0
Total	72	98,6	100,0	-
Não informado	1	1,4	-	-
Total	73	100,0	-	-

Fonte: autoria própria (2019).

A preferência pelas duas primeiras, deve-se, pelo fato dessas redes virtuais não “exigirem” tantos comentários ou textos mais longos nas publicações, pois, nos textos do WhatsApp e Instagram utiliza-se mais os emoticons e/ou palavras com abreviaturas.

Constata-se também que o principal objetivo dos estudantes pesquisados para acessar a internet é voltado para o lazer e criar novas amizades (61,6% e 19,2%, respectivamente). No entanto, apenas 5,5% disseram que o principal objetivo de acessar a Web é voltado para os estudos escolares (Tabela 13), corroborando com a ideia apresentada anteriormente de que, para esses jovens, à internet é um ambiente pouco direcionado para os estudos de cunho acadêmico-científico.

**Tabela 13 – Principal objetivo dos estudantes para acessar a internet**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Criar amizades	14	19,2	20,0	20,0
Estudar	4	5,5	5,7	25,7
Lazer	45	61,6	64,3	90,0
Outros	7	9,6	10,0	100,0
Total	70	95,9	100,0	-
Não informado	3	4,1	-	-
Total	73	100,0	-	-

Fonte: autoria própria (2019).

Na Tabela 14, temos uma síntese das dinâmicas de utilização diárias das tecnologias digitais pelos estudantes pesquisados, com as médias de tempo medido em horas.

**Tabela 14 – Resumo da dinâmica de utilização diária das TDICs por parte dos estudantes**

	Médias de tempo de utilização por dia (em horas)
Redes virtuais (Instagram, Facebook e WhatsApp)	4
Jogos com as TDICs	2
Internet na escola	2 ½
Internet fora da escola	4 ½

Fonte: autoria própria (2019).

Em média esses estudantes passam 4h por dia nas redes virtuais, principalmente no WhatsApp e Instagram, como já analisado anteriormente, e em média 2h por dia em jogos online. Constatamos também que quando estes estudantes estão na escola o tempo médio de acesso à internet cai pela metade (2½h por dia) se comparado quando nos momentos em que estão fora da escola (4½h por dia).

Dessa maneira, os dados coletados nessa pesquisa de campo sugerem que o fato dos estudantes ficarem privados de “viver” no seu principal mundo (o virtual), do ponto de vista cognitivo e mental, quando estão na escola, ocasiona em muitos casos mau humor, impaciência e insatisfação com a rotina escolar, gerando conflitos, principalmente dentro da sala de aula.

Identificamos também que grande parte dos jovens objeto dessa investigação (45,2%) passam mais de 2h por dia jogando online<sup>6</sup>, enquanto que 54,8% não jogam ou jogam esporadicamente durante o mês (Tabela 15).

**Tabela 15 – Horas por dia que os estudantes jogam online**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
0h	40	54,8	55,6	55,6
1h	14	19,2	19,4	75,0
2h	7	9,6	9,7	84,7
3h	4	5,5	5,6	90,3
4h ou mais	7	9,6	9,7	100,0
Total	72	98,6	100,0	-
Não informado	1	1,4	-	-
Total	73	100,0	-	-

Fonte: autoria própria (2019).

Assim, o mundo dos games com as tecnologias digitais faz parte das vivências das juventudes contemporâneas. É um mundo em que os usuários ficam sentados na frente de uma tela de computador ou smartphone, conectados à rede, participando de desafios e disputas com

<sup>6</sup> Na pesquisa de campo, a partir dos questionários aplicados, catalogamos mais de 10 jogos virtuais que os estudantes costumam “brincar.” Entre eles, os mais jogados são “Free Fire”, “PUBG” e “League of Legends”. Em geral, trata-se de jogos de ação e aventura com disputas e desafios.

seus pares na Web. São jogos virtuais que funcionam através de personagens criadas pelos próprios usuários - os avatares, em que cada um tem o seu mundo virtual. Essas realidades “paralelas”, registradas bit a bit em computadores conectados em rede, podem se revelar extremamente complexas, principalmente em termos das relações sociais estabelecidas entre personagens (VIANA, 2007, p. 9). A realidade virtual envolve de tal forma as mentes e os corpos desses jovens que muitos deles passam mais de 4h por dia no mundo dos jogos digitais.

Quanto à produção das subjetividades na sociedade contemporânea caracterizada pelo uso das tecnologias digitais, percebe-se que, no caso específico desse trabalho de tese, as juventudes da atualidade estão imbuídas por um “novo” modo de ser, pensar, agir e aprender em decorrência da predominância das interações virtuais no seu cotidiano a partir das imagens e dos sistemas cognitivos desses “não lugares”.

Na presente temporalidade permeada pelas redes virtuais de comunicação e informação que constituem as subjetividades contemporâneas, os mecanismos cognitivos dessas tecnologias digitais marcam o aparelho perceptivo, o pensamento, a personalidade e a consciência das juventudes que utilizam esses recursos digitais, fazendo com que os usuários das TDICs assimilem de forma mais concreta os fluxos e dinâmicas das interações virtuais.

Para analisar as relações e contradições entre cultura digital e letrada, na Tabela 16, temos uma tabulação entre os seguintes indicadores: horas por dia que os estudantes acessam as redes virtuais e o tipo de aula em que estes têm mais dificuldade de entender e/ou prestar atenção na escola. O que chama a atenção nesses dados é que apenas 4 estudantes (em destaque com a cor azul) que declararam que passam mais de 4h por dia nas redes virtuais são os mesmos que afirmaram que têm mais dificuldade de entender um conteúdo na escola, principalmente quando a aula é realizada de forma expositiva e dialogada. Já outros 2 estudantes (em destaque da cor laranja) que disseram que passam até 3h por dia nas redes virtuais declararam ao mesmo tempo que têm mais dificuldade de prestar atenção nas aulas com o uso das tecnologias digitais. Com essas informações conclui-se de que há uma correlação positiva entre esses dois indicadores. Assim, quanto maior for o tempo dos estudantes nas redes virtuais, maior também será a tendência deles terem dificuldades de entender os conteúdos escolares quando os professores ministram as suas aulas de forma expositiva e dialogada. Ao contrário, quanto menor for o tempo desses estudantes nas redes virtuais, menor também será a possibilidade de gostarem de aprender os assuntos ministrados pelos professores em sala de aula com o auxílio de algum tipo de recurso tecnológico digital.



**Tabela 16 – Tabulação cruzada entre horas por dia de acesso as redes virtuais e tipo de aula que os estudantes têm mais dificuldade de entender e/ou prestar atenção**

		Metodologia de ensino					Total
		Expositiva e dialogada	Exercício e/ou atividade com cálculo	Leitura de textos e/ou de livro didático	Com o auxílio das TDICs	Outra	
Quantidade de horas por dia de acesso as redes virtuais	0h	0	1	0	0	0	1
	1h	2	0	3	0	2	7
	2h	1	9	2	1	1	14
	3h	1	8	5	1	0	15
	4h ou mais	4	16	15	0	0	35
	Total	8	34	25	2	3	72

(Não respondeu: 1 = 1,4%. Total: 73 casos).

Fonte: autoria própria (2019).

Para fins de análises de conteúdo dos discursos dos estudantes<sup>7</sup>, a ser realizado nesse trabalho de tese, acolhemos as “falas” de 4 estudantes em destaque com a cor azul (denominado aqui de Grupo 1) e de 2 estudantes (em destaque com a cor laranja, Grupo 2) (Tabela 16). Essas análises se consistem em um método que tem como objetivo compreender as formas de pensar dos sujeitos pesquisados, por meio de procedimentos sistemáticos de categorização dos conteúdos coletados na pesquisa de campo, apresentados por meio de Nuvens de Palavras<sup>8</sup> que foram elaboradas com o auxílio do NVivo. Assim, abaixo, temos uma síntese das principais características dos distintos Grupos<sup>9</sup> 1 e 2:

<sup>7</sup> Por razões que visam preservar a “identidade” dos interlocutores da pesquisa, os nomes que aqui aparecem são fictícios ou omitidos.

<sup>8</sup> Em geral, o principal critério para a composição das Nuvens de Palavras que se seguem nesse trabalho de tese foi a utilização das 30 palavras mais frequentes com o comprimento mínimo a partir de 3 caracteres das respostas dos questionários dos pesquisados.

<sup>9</sup> Com o auxílio do SPSS, selecionamos os casos mais extremos a partir das variáveis *tempo na internet*, *modo de dificuldade de aprendizagem na escola* e *capital cultural*. Assim, buscamos analisar as possíveis diferenças e contradições das formas de pensar dos 73 estudantes pesquisados, representados pelos 6 casos selecionados, divididos entre os Grupos 1 e 2.

- **Grupo 1:** 4 estudantes do sexo feminino (Maria, Ana, Vitória e Júlia). Passam mais de 4h por dia nas redes virtuais (Instagram e WhatsApp) e têm mais dificuldade de aprender o conteúdo quando as aulas são ministradas pelos professores de forma expositiva e dialogada.
- **Grupo 2:** 1 estudante do sexo masculino e 1 do sexo feminino (Lucas e Letícia). Ambos passam no máximo 3h por dia nas redes virtuais (Instagram e WhatsApp) e têm mais dificuldade de prestar atenção nas aulas no ambiente escolar com o uso das TDICs.

Destacamos que para compreendermos o que é ser jovem na era das TDICs não basta apenas recorreremos aos fatores biológicos e cronológicos para analisar essa categoria em sua plenitude, pois devemos nos lembrar de que do ponto de vista sociológico “[...] as divisões entre as idades são arbitrárias” (BOURDIEU, 1983, p. 1). Ainda que as juventudes contemporâneas demonstrem uma espécie de unicidade por conta da utilização similar das tecnologias digitais, formando uma aparente homogeneidade nas suas formas de ser, pensar e agir, esses “laços entre eles não resultam num grupo concreto” (MANHEIM, 1986, p. 133). Nesse sentido, o fato de indivíduos nascerem num mesmo espaço cronológico, não significa que eles vivenciem as mesmas experiências, mesmo que processem “[...] esses acontecimentos ou experiências de forma semelhante” (WELLER, 2007, p. 1). Assim, são distintas as experiências, expectativas, trajetórias, visão de mundo e projetos de vida das juventudes contemporâneas, prevalecendo às múltiplas disposições individuais de gostos, tendências e comportamentos.

Nessa parte do trabalho analisaremos o contexto familiar dos estudantes pesquisados. Para tanto, aplicamos questionários com os pais e/ou responsáveis dos mesmos 73 estudantes que foram observados na escola e no Instagram. Através desse instrumento metodológico de pesquisa, analisamos hábitos e comportamentos das famílias dos estudantes, que influenciam, mas nem sempre determinam, nas suas trajetórias de vida, bem como, no “sucesso” escolar dos jovens. Dessa forma, um conjunto de disposições familiares (inclinações, tendências e comportamentos) podem gerar/proporcionar um maior ou menor investimento de tempo e de recursos econômicos dos pais/responsáveis no processo de letramento dos jovens estudantes, a fim também de orientar e formular estratégias para um êxito profissional e concretização do projeto de vida dos seus filhos, que na maioria das vezes está relacionado a uma formação de nível superior em uma universidade ou faculdade.

No universo pesquisado, os contextos familiares dos estudantes objetos dessa pesquisa apresentaram as seguintes características socioeconômicas: do total de 73 questionários direcionados às famílias dos estudantes pesquisados, 79,5% foram respondidos pelas mães desses jovens e apenas 12,3% pelos pais. Destas a maioria tem entre 36 e 45 anos de idade (56,2%) e a minoria até 30 anos de idade (4,1%). Com relação à escolaridade dos pais/responsáveis dos estudantes participantes dessa pesquisa, 57,5% terminaram o Ensino Médio, 23,3% concluíram o Ensino Superior, 13,7% completaram o ensino fundamental II e 5,5% fizeram até o fundamental I. Com relação a escolaridade dos companheiros dos pais/responsáveis desses estudantes, 37% têm o Ensino Médio, 16,4% possui ensino fundamental II, 9,6% têm Ensino Superior, 8,2% possui Fundamental I e 1,4% é analfabeto (não letrado formalmente).

Em geral, estes dados mostram que as mães são as principais agentes de escolarização dos seus filhos, pois, a maioria delas tem uma maior titulação acadêmica quando comparamos e observamos o nível escolar do ente paterno. Esse fato também é evidenciado quando constatamos que as mães foram as que mais se disponibilizaram para participar dessa pesquisa (para responder o questionário) e as que mais participam dos plantões pedagógicos durante o ano letivo para acompanhamento do desempenho escolar dos seus filhos, como observado na pesquisa de campo na escola.

Ao analisarmos a renda *per capita* das famílias dos estudantes pesquisados (Tabela 17), ou seja, a soma da renda mensal de todos integrantes da família que moram em uma mesma casa, calculada a partir do valor do salário mínimo<sup>10</sup> do ano em que foi aplicado o questionário da presente pesquisa, verificamos que 37% têm uma renda *per capita* mensal entre 1 e 2 salários mínimos, 24,7% entre 2 e 3 salários mínimos, 23,3% até 1 salário mínimo e apenas 2,7% têm uma renda de 5 salários mínimos ou mais. Sendo assim, 61,1% dos pais/responsáveis pelos estudantes participantes dessa pesquisa vivem com até 2 salários mínimos mensais. Com esses dados, percebe-se que a maioria das famílias desses estudantes tem condições financeiras limitadas influenciando, dessa maneira, nos baixos “investimentos” no capital cultural e escolar dos seus filhos (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002), que contribuam, por exemplo, para um melhor desempenho destes nos processos de aprendizagem da educação escolar.

---

<sup>10</sup> O valor do salário mínimo no Brasil no ano de 2018 em que este questionário foi aplicado era de R\$ 954,00.

**Tabela 17 – Renda *per capita* das famílias dos estudantes**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
Até 1 salário mínimo	17	23,3	23,6	23,6
Entre 1 e 2 salários mínimos	27	37,0	37,5	61,1
Entre 2 e 3 salários mínimos	18	24,7	25,0	86,1
Entre 3 e 4 salários mínimos	8	11,0	11,1	97,2
5 salários mínimos ou mais	2	2,7	2,8	100,0
Total	72	98,6	100,0	-
Não informado	1	1,4	-	-
Total	73	100,0	-	-

Fonte: autoria própria (2019).

Na tabulação cruzada entre renda *per capita* familiar e escolaridade dos pais/responsáveis pelos estudantes observados (Tabela 18), verificamos que há uma correlação positiva entre essas duas variáveis. Nesse sentido, quanto maior for a renda *per capita* familiar maior será também o nível escolar dos pais/responsáveis dos estudantes participantes da presente pesquisa.

**Tabela 18 – Tabulação cruzada entre renda mensal familiar e escolaridade dos pais/responsáveis pelos estudantes**

		Renda mensal familiar					
		Até 1 salário mínimo	Entre 1 e 2 salários mínimos	Entre 2 e 3 salários mínimos	Entre 3 e 4 salários mínimos	5 salários mínimos ou mais	Total
Escolaridade dos responsáveis pelos estudantes	Fundamental I	4	0	0	0	0	4
	Fundamental II	3	4	2	0	1	10
	Ensino Médio	9	19	10	2	1	41
	Ensino Superior	1	4	6	6	0	17
	Total	17	27	18	8	2	72

(Não respondeu: 1 = 1,4%. Total 73 casos).

Fonte: autoria própria (2019).

Assim, detectamos que quando os pais/responsáveis que têm uma renda *per capita* familiar de até 2 salários mínimos maior será a tendência para que eles tenham cursado até o Ensino Médio. No entanto, aqueles que têm uma renda familiar maior do que 2 salários mínimos, estes conseguem fazer um curso acadêmico de nível Superior. Esses dados sugerem que há uma relação entre a renda familiar e a trajetória escolar dos estudantes pesquisados. Assim, os aspectos socioeconômicos podem influenciar (mas não determinar) no “sucesso” escolar das juventudes, pois há casos em que o (não) rendimento escolar não está ligado às razões socioeconômicas, mas por diversos fatores culturais mais amplos que interferem nas dinâmicas das trajetórias escolares das juventudes contemporâneas.

Nas Tabelas 19, mensuramos a quantidade de horas que os pais/responsáveis pelos estudantes pesquisados passam fora de casa diariamente para trabalhar<sup>11</sup>. A maioria (58,9%) declarou que passa mais de 8h diárias fora de casa para trabalhar, enquanto que 11,5% entre 6 e 7h por dia e 20,5% menos de 5h diárias trabalhando fora do domicílio.

**Tabela 19 – Horas por dia de trabalho fora de casa dos pais/responsáveis pelos estudantes**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
Menos de 5 h	15	20,5	23,1	23,1
6h	5	8,8	7,7	30,8
7h	2	2,7	3,1	33,8
8h	27	37,0	41,5	75,4
9h ou mais	16	21,9	24,6	100,0
Total	65	89,0	100,0	-
Não informado	8	11,0	-	-
Total	73	100,0	-	-

Fonte: autoria própria (2019).

<sup>11</sup> Identificamos 32 categorias de trabalho dos pais/responsáveis pelos estudantes pesquisados, sendo estas as mais recorrentes: dona de casa (12,3%), caixa (11%), professor (9,6%), auxiliar (5,5%), cabelereiro (5,5%), empregada doméstica (4,1,%) e diarista (4,1%). Funcionário público, microempresário, assistente administrativo, costureira, aposentado, gerente e empresário com 2,7% para cada destas categorias.

Já com relação aos companheiros dos pais/responsáveis que responderam ao questionário, 46,6% passam mais de 8h por dia fora de casa para trabalhar, enquanto que 12,3% ficam até 7h por dia. 41,1% não responderam a esta pergunta (Tabela 20). Esses dados mostram que os pais/responsáveis por esses estudantes passam pouco tempo dentro de casa por conta das obrigações no trabalho, dificultando, assim, no acompanhamento dos filhos no desempenho escolar. Nas pesquisas de campo, os estudantes relataram várias vezes sobre a ausência de seus pais para conversar, para um momento de lazer e para auxiliar nos seus estudos. No que diz respeito ao percentual elevado dos que não responderam a essa pergunta, esse fato deve-se ao elevado número de desempregados dos familiares desses estudantes, que prejudica também em um possível investimento financeiro na formação acadêmica desses estudantes.

**Tabela 20 – Horas por dia de trabalho fora de casa dos companheiros dos pais/responsáveis pelos estudantes**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
Menos de 5 h	3	4,1	7,0	7,0
6h	3	4,1	7,0	14,0
7h	3	4,1	7,0	20,9
8h	21	28,8	48,8	69,8
9h ou mais	13	17,8	30,2	100,0
Total	43	58,9	100,0	-
Não informado	30	41,1	-	-
Total	73	100,0	-	-

Fonte: autoria própria (2019).

Quando questionamos os pais/responsáveis pelos estudantes pesquisados sobre a idade que os seus filhos começaram a “brincar” com as TDICs, 90% declararam que os seus filhos começaram a utilizar as tecnologias digitais a partir dos 3 anos de idade, sendo a maioria depois dos 10 anos de idade. Já 9,6% afirmaram que estes estudantes começaram a brincar com estes aparelhos eletrônicos quando eles tinham menos de 3 anos de idade (Tabela 21).

**Tabela 21 – Idade que os estudantes começaram a “brincar” com as TDICs**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
Não brincou	3	4,1	4,1	4,1
Com menos de 1 ano	1	1,4	1,4	5,5
Com menos de 2 anos	2	2,7	2,7	8,2
Com menos de 3 anos	1	1,4	1,4	9,6
Com mais de 3 anos	66	90,4	90,4	100,0
Total	73	100,0	100,0	-

Fonte: autoria própria (2019).

O emprego do termo “brincar” foi colocado na pergunta do questionário como forma de entender quando e como ocorreu os jovens pesquisados começaram a interagir de forma lúdica com o uso das tecnologias digitais no espaço doméstico e o grau de importância do mundo virtual para o desenvolvimento cognitivo e intelectual dos seus filhos.

A partir desses dados, constatamos que poucos estudantes envolvidos nessa pesquisa começaram a manusear os recursos tecnológicos digitais nos seus primeiros anos de vida principalmente por volta dos 3 anos de idade. Ressaltamos que seria justamente nessa fase da vida que elas podem adquirir conhecimentos no que diz respeito aos comportamentos, as linguagens e aos múltiplos sistemas cognitivos, sempre de acordo com o contexto social e cultural em que ela interage, para posteriormente utilizarem esses “aprendizados” na manipulação de objetos físicos, no domínio da inteligência intuitiva e para a constituição de suas interações sociais. Desse modo, o desenvolvimento cognitivo e a compreensão de mundo em um dado contexto social influenciam nas formas de ser e aprender e nas suas subjetividades informacionais dos indivíduos. Assim, a aquisição da linguagem das tecnologias digitais na fase inicial da vida humana atinge de modo mais eficaz os “modelos” de comunicação, de aprendizado e de sociabilidades no âmbito das tecnologias digitais.

Na Figura 3, temos uma nuvem de palavras para as respostas da seguinte pergunta: “você acha que os celulares e/ou computadores ajudaram na alfabetização do seu filho (a) quando ele (a) era criança?”.

Figura 3 – Nuvem de palavras “alfabetização com as TDICs”



Fonte: autoria própria (2019).

Aqui verificamos que termo “não” está na centralidade da imagem de onde partem as demais palavras com mais frequência como “celular”, “pouco”, “alfabetizados”, “brincava” e “estudava”, indicando, dessa forma, que a maioria dos pais dos estudantes pesquisados não tinham disposições para os seus filhos utilizarem de alguma forma as TDICs como um meio de escolarização ou alfabetização.

Do total de 73 pais/responsáveis pelos estudantes pesquisados que responderam o questionário, 43 consideram a utilização das tecnologias digitais no processo de alfabetização das crianças como algo negativo e 22 acham que o uso desses recursos digitais foi importante para o início do processo de aprendizagem de uma cultura letrada (Tabela 22).

Tabela 22 – “Nós” para “alfabetização com as TDICs”

Nós	Arquivos	Referências
Negativamente	43	43
Positivamente	22	22

Fonte: autoria própria (2019).



No Quadro 2 constatamos que a mãe da estudante Vitória afirmou que até utilizou o computador no processo de alfabetização da sua filha, mas deixou de usar porque esse recurso fez com que ela usasse mais siglas (abreviaturas) ao invés da palavra por inteira.

**Quadro 2 – Declarações das mães do grupo 1 de estudantes com relação a alfabetização com as TDICs**

Maria	Ana	Vitória	Júlia
“Não, pois ela veio ganhar o primeiro celular com dez anos”.	“Não. Pois ela não tinha acesso”.	“Não, porque isso fez com que ela começasse a usar siglas ao invés da palavra toda”.	“Eu não permitia eles usarem esse tipo de estudo... que na realidade sempre desviam do foco que é o estudo”.

Fonte: autoria própria (2019).

Para a mãe da estudante Júlia essas tecnologias digitais afastam os seus filhos dos principais objetivos dos estudos escolares, e, assim, não permitiu a utilização. Nas pesquisas de campo na escola objeto desse estudo, percebemos nas falas dos pais/responsáveis pelos estudantes que há uma descrença de que as tecnologias digitais podem ajudar no desenvolvimento escolar dos seus filhos. Diante de um cenário de notas baixas nas disciplinas escolares, um dos primeiros e principais “castigos” que os pais dão aos seus filhos é a privação do uso do smartphone. Nos casos observados, os pais acham que as tecnologias digitais só atrapalham tanto no desempenho escolar dos seus filhos e quanto nas formas de interação e conflitos dentro do espaço doméstico.

Nos demais casos observados, a não utilização desses recursos no processo de alfabetização deve-se, sobretudo, às limitações econômicas para acessarem e adquirirem os diversos recursos tecnológicos digitais, como por exemplo no caso Letícia a sua mãe alega que não tinha internet em casa (Quadro 3). Já na afirmação da mãe do estudante Lucas, percebemos que de certa forma ela demonstra que as tecnologias digitais não oferecem condições de forma positiva para o processo de escolarização do seu filho.

**Quadro 3 – Declarações das mães do grupo 2 de estudantes com relação a alfabetização com as TDICs**

Lucas	Letícia
“Não. Eu não dava o celular pra ele”.	“Não interferiu muito, pois não tínhamos internet”.

Fonte: autoria própria (2019).

Aqui constatamos que 50,7% declararam que às vezes faziam a leitura de livros infantis para os seus filhos, 20,5% disseram que nunca leram e apenas 19,2% afirmaram que todos os dias contavam histórias infantis para seus filhos. Esses dados evidenciam a falta da prática da leitura de livros dos pais/responsáveis para os estudantes pesquisados desde a sua fase de criança, influenciando num certo distanciamento com as práticas cognitivas de uma cultura letrada.

Na Tabela 23, identificamos a frequência em que os pais/responsáveis dos estudantes da presente auxiliam seus filhos nos estudos escolares. Dessa forma, 49,3% declararam que às vezes ajudam em algum momento nos estudos dos seus filhos, 8,2% nunca, 11% uma vez por semana e 31,5% disseram que prestam algum tipo de auxílio nos estudos dos filhos. Através desses dados, fica evidente que a maioria dos pais/responsáveis pelos estudantes não acompanha diariamente a vida escolar desses jovens que ficam mais de 8h por dia no espaço escolar e têm que dar conta de 13 disciplinas do currículo da Base Comum do Ensino Médio.

**Tabela 23 – Frequência que os pais/responsáveis auxiliam nos estudos dos estudantes**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
Nunca	6	8,2	8,2	8,2
Às vezes	36	49,3	49,3	57,5
Uma vez por semana	8	11,0	11,0	68,5
Todos os dias	23	31,5	31,5	100,0
Total	73	100,0	100,0	-

Fonte: autoria própria (2019).

A partir dessas informações até aqui analisadas, compreendemos que o conjunto de disposições sociais, econômicas e culturais das famílias podem influenciar nos modos de ser e aprender dos estudantes pesquisados, e, portanto, na constituição de suas subjetividades. A depender da classe social de origem, decorrente das condições econômicas e do capital cultural dos pais ou responsáveis, as juventudes terão trajetórias diferenciadas que afetam também na constituição de suas identidades (NOVAES, 2006). Ainda assim, a inserção ou não no mercado de trabalho e a possibilidade ou não de escolha de uma profissão que lhes dê satisfação pessoal, também faz parte dos problemas das juventudes da atualidade. As desigualdades sociais e as diferenças de oportunidades no que diz respeito a uma escolarização de qualidade e de acesso a uma renda que garanta o seu sustento, reforçam ainda mais as diferenças das trajetórias das juventudes, compreendendo que “os problemas que, contemporaneamente, mais afetam a <<juventude>> [...] são correntemente derivados da dificuldade de entrada dos jovens no mundo do trabalho” (PAIS, 1990, p. 141). Portanto, os traços e identidades das juventudes contemporâneas refletem os problemas da sociais e econômicos da própria sociedade como um todo, que influenciam na vida de milhares de jovens.

#### **4.1. “Se eu te seguir, você me segue de volta?”: sistemas de trocas e capital virtual**

Diariamente as juventudes da atualidade ampliam seus vínculos sociais tanto offline quanto online através das redes virtuais de compartilhamento de fotos e vídeos, especialmente no Instagram. Estas interações mediadas pelas tecnologias digitais geram, na maioria deles, o “desejo compulsivo” de visualizar, publicar, comentar e curtir diversos conteúdos característicos dessa rede virtual, especialmente as *selfies*<sup>12</sup>, dentro de um sistema de trocas de amizades e de capital virtual altamente complexo. Dessa forma, a presente sessão busca compreender o processo de simbiose nas sociabilidades face a face e virtuais das juventudes contemporâneas e as dinâmicas de utilização do Instagram através das análises das frequências

---

<sup>12</sup> Trata-se de um autorretrato registrada com um aparelho digital (na maioria das vezes com smartphones) que pode ser compartilhada na internet. Geralmente são fotos mais espontâneas e relacionadas ao cotidiano da própria pessoa.

dos acumulados de publicações, comentários e curtidas dos jovens estudantes observados nessa pesquisa etnográfica.

As informações aqui apresentadas e analisadas foram coletadas por meio da aplicação de um questionário com os estudantes objeto desse estudo e por meio de uma pesquisa etnográfica realizada durante 9 meses no Instagram. Neste período, observamos e registramos dados que pudessem auxiliar nas análises na compreensão dos comportamentos dos jovens estudantes que passam uma parte do seu tempo publicando, curtindo e comentando fotos e vídeos no Instagram.

Dessa forma, através dos dados da Tabela 24, podemos identificar claramente o tipo de publicação que a grande maioria dos estudantes pesquisados mais gostam de publicar no Instagram: fotos deles mesmos (87,7%), ou seja, as *selfies*. Na maioria dos casos são fotos deles no ambiente escolar, nos momentos de lazer com familiares e amigos e de práticas esportivas.

**Tabela 24 – Tipo de publicação no Instagram que os estudantes mais gostam de publicar**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Mensagens sobre o seu cotidiano	2	2,7	2,8	2,8
Fotos	64	87,7	88,9	91,7
Vídeos	1	1,4	1,4	93,1
Memes	4	5,5	5,5	98,6
Outro	1	1,4	1,4	100,0
Total	72	98,6	100,0	-
Não informado	1	1,4	-	-
Total	73	100,0	-	-

Fonte: autoria própria (2019).

Nas pesquisas de campo, verificamos as publicações que estes estudantes mais gostam de curtir no Instagram são fotos, memes<sup>13</sup> e vídeos (38,4%, 38,4% e 8,2%, respectivamente), conforme as informações da Tabela 25.

<sup>13</sup> Essa expressão se refere a qualquer informação que viralize na Web. De forma geral, são imagens e vídeos ou *gifs* engraçados que se espalham rapidamente na internet.

**Tabela 25 – Tipo de publicação no Instagram que os estudantes mais gostam de curtir**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Mensagens sobre o dia a dia das pessoas	2	2,7	2,9	2,9
Fotos	28	38,4	40,6	43,5
Vídeos	6	8,2	8,7	52,2
Memes	28	38,4	40,6	92,8
Outro	5	6,8	7,2	100,0
Total	69	94,5	100,0	-
Não informado	4	5,5	-	-
Total	73	100,0	-	-

Fonte: autoria própria (2019).

Ao contrário do que acontecia em outras redes virtuais como, por exemplo, no Orkut e Facebook, em que os usuários publicavam textos e frases do seu dia a dia evidenciando o que eles estavam pensando naquele momento (No que você está pensando?), no Instagram as fotos, vídeos e memes são os meios de comunicação e de linguagens mais utilizadas em detrimento de frases e textos, em que se evita ao máximo escrever comentários nas publicações do Instagram.

Verificamos também que a maioria dos estudantes observados no Instagram gostam mais de apenas curtir (52,1%) ou somente olhar (35,6%) as publicações dos seus seguidos (Tabela 26).

**Tabela 26 – O que os estudantes mais gostam de fazer nas publicações dos seus pares no Instagram**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Curtir	38	52,1	54,3	54,3
Comentar	4	5,5	5,7	60,0
Só olhar	26	35,6	37,1	97,1
Curtir/comentar	2	2,7	2,9	100,0
Total	70	95,9	100,0	-
Não informado	3	4,1	-	-
Total	73	100,0	-	-

Fonte: autoria própria (2019).

Corroborando com os dados anteriores, na Figura 4, temos uma Nuvem de palavras que sintetiza as respostas da seguinte pergunta feita aos estudantes pesquisados: “o que você mais gosta de fazer no Instagram?”. Aqui identificamos que os termos “ver e olhar” estão no centro da imagem por serem as palavras com mais frequência, de onde partem as demais com menos frequência como “postagens”, “vídeos”, “memes” e “stories<sup>14</sup>”, dentro do modelo das subjetividades informacionais das juventudes contemporâneas.

**Figura 4 – Nuvem de palavras “dinâmica de utilização do Instagram pelos estudantes”**



Fonte: autoria própria (2019).

A partir das declarações dos dois Grupos de estudantes (Quadros 4 e 5), constatamos que eles preferem apenas visualizar as publicações dos seus pares no Instagram, mostrando, uma fraca tendência para que os jovens usuários dessa rede virtual tenham um maior diálogo entre eles através de textos ou frases.

**Quadro 4 – Declarações do grupo 1 de estudantes com relação a dinâmica de utilização do Instagram**

Maria	Ana	Vitória	Júlia
“Ver stories”.	“Curtir postagens e explorar”.	“Ver o povo dançar, ou ver look”.	“Olhar stories e ver a publicação”.

Fonte: autoria própria (2019).

<sup>14</sup> Chamado também de histórias do Instagram, o seu principal objetivo é de proporcionar aos usuários a possibilidade de criarem vídeos curtos, que desaparecem depois de 24h de sua publicação, e de compartilhem postagens informais sobre as suas atividades diárias.

**Quadro 5 – Declarações do grupo 2 de estudantes com relação a dinâmica de utilização do Instagram**

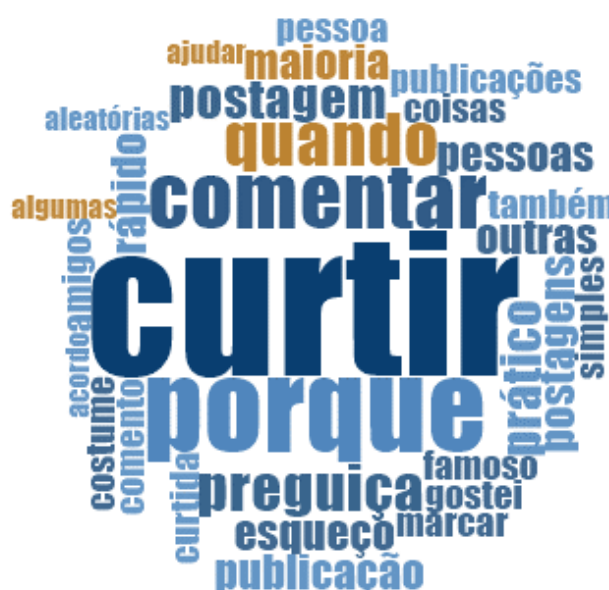
Lucas	Letícia
“Ver memes. Ver vídeos”.	“Olhar notícias e Instagram de famosos”.

Fonte: autoria própria (2019).

Esses dados indicam o quanto que esses estudantes acabam se distanciando das práticas de uma cultura letrada. Quando fazem algum tipo de ação nas publicações dos seus seguidos e seguidores, a maioria dos observados preferem apenas curtir as postagens sem colocar nenhum tipo de comentário.

Como observado na Figura 5, o termo “curtir” está na centralidade da nuvem de onde parte as demais palavras como “preguiça”, “prático” e “rápido”, mostrando, assim, pouca disposição desses jovens em escreverem textos ou comentários nas publicações dos seus seguidos e seguidores. A ação no Instagram de apenas curtir as publicações de seus pares, deve-se, nos casos dos estudantes usuários dessa rede virtual, porque eles costumam curtir àquelas publicações já tenham uma grande quantidade de curtidas, não levando-se em consideração, na maioria das vezes, o conteúdo que foi publicado. Ressaltamos que “apenas” curtir faz com que os usuários do Instagram obtenham mais seguidores nos seus perfis.

**Figura 5 – Nuvem de palavras “o que os estudantes mais gostam de fazer nas publicações de outras pessoas no Instagram”**



Fonte: autoria própria (2019).

Observando os depoimentos dos jovens pesquisados (Quadros 6 e 7), a estudante Vitória gosta mais de curtir as publicações no Instagram porque, segundo ela, tem preguiça de escrever textos ou comentários no Instagram. No caso de Maria, ela diz ser levada pelo costume das redes virtuais de apenas curtir as publicações com mais curtidas. Já para a estudante Letícia, no Instagram, curtir é algo mais normal do que comentar.

**Quadro 6 – Declarações do grupo 1 de estudantes com relação ao que mais gostam de fazer nas publicações de outras pessoas no Instagram**

Maria	Ana	Vitória	Júlia
“Não sei. Costume”.	“Mais simples”.	“Tenho preguiça”.	“Pois, em algumas gosto de <b>curtir</b> , outras só de olhar”.

Fonte: autoria própria (2019).

**Quadro 7 – Declarações do grupo 2 de estudantes com relação ao que mais gostam de fazer nas publicações de outras pessoas no Instagram**

Lucas	Letícia
“ <b>Curto</b> porque a [...]”.	“É normal quando gosto de uma postagem <b>curtir</b> ”.

Fonte: autoria própria (2019).

Os perfis que os estudantes pesquisados mais gostam de seguir no Instagram (Tabela 27), são os dos seus próprios amigos, com 49,3%, que podem ser da escola ou da família. Na sequência vêm os digitais influencer<sup>15</sup> e pessoas que gostam de dançar, classificados nessa tabulação como “outros”, com 17,8%. Apenas 2,3% afirmaram que gostam mais de seguir pessoas famosas, principalmente cantores e artistas de novelas. O que observamos através desses dados da pesquisa de campo é que a maior parte dos estudantes que participaram dessa pesquisa constituem as sociabilidades no mundo virtual a partir das amizades e de pessoas com relações mais íntimas, face a face. Assim, constatamos que há uma estreita relação entre as sociabilidades online e offline constituídas por esses jovens estudantes.

<sup>15</sup> É uma pessoa capaz de influenciar através das redes virtuais como Instagram, Facebook, Twitter e Youtube as opiniões, gostos e comportamentos de milhares de usuários da Web.

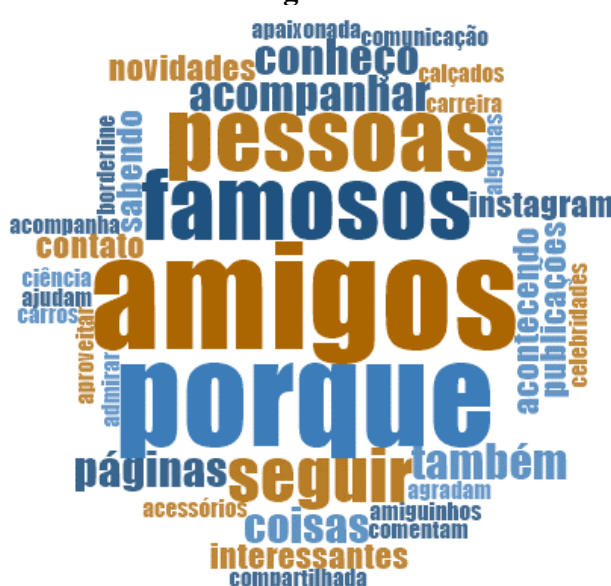


**Tabela 27 – Perfil no Instagram que os estudantes gostam mais de seguir**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Famosos	17	2,3	24,3	24,3
Amigos	36	49,3	51,4	75,7
Outros	13	17,8	18,6	94,3
Famosos e amigos	4	5,5	5,7	100,0
Total	70	95,9	100,0	-
Não informado	3	4,1	-	-
Total	73	100,0	-	-

Fonte: autoria própria (2019).

Os estudantes observados ainda responderam à seguinte pergunta presente no questionário: “que perfil você mais gosta de seguir no Instagram?”. Na nuvem de palavras da Figura 6, temos uma síntese das respostas, em que o termo “amigos” está na centralidade da imagem de onde aparecem as demais palavras mais frequentes como “famosos”, “pessoas”, “conheço”, “novidades” e “seguir”. Amigos aqui compreende-se como aquelas pessoas que mantém contato face a face, que podem ser da escola, da família e da vizinhança do bairro em que moram.

**Figura 6 – Nuvem de palavras “perfis no Instagram que os estudantes mais gostam de seguir”**

Fonte: autoria própria (2019).

Para Maria, Lucas e Letícia seguir pessoas da própria família é melhor por conta da maior intimidade com eles, como também, para saber se estão bem. Já para Ana, seguir pessoas famosas é melhor porque elas publicam mais conteúdos interessantes na internet (Quadros 8 e 9). O que se observa é aqui é que as sociabilidades face a face influenciam diretamente nas virtuais, já que a maioria dos estudantes usuários do Instagram observados nessa pesquisa gostam mais de relacionar nessa rede virtual com os amigos da escola.

**Quadro 8 – Declarações do grupo 1 de estudantes com relação aos perfis no Instagram que mais gostam de seguir**

Maria	Ana	Vitória	Júlia
“São pessoas que eu conheço e tenho intimidade”.	“Famosos pois tem mais conteúdo”.	“Porque gosto de ver o povo dançando”.	“Pois tem, mais coisas, novidades, etc...”.

Fonte: autoria própria (2019).

**Quadro 9 – Declarações do grupo 2 de estudantes com relação aos perfis no Instagram que mais gostam de seguir**

Lucas	Letícia
“Para saber se eles estão bem”.	“Gosto de ver novidades de famosos e amigos”.

Fonte: autoria própria (2019).

Ainda sobre aos processos de simbiose entre as sociabilidades face a face e virtuais, na Tabela 28, verificamos o quanto que essas dimensões estão emaranhadas, em que uma realidade está relacionada com a outra. Do total de estudantes pesquisados, 80% declararam que interagem nas redes virtuais mais com pessoas do seu convívio offline, em geral, amigos da escola, do bairro, da igreja e familiares. 19,2% afirmaram que interagem com pessoas que nunca se conheceram pessoalmente, na maioria dos casos digital influencer, artistas e usuários que se conheceram pela internet. Apenas 4,1% do total dos estudantes pesquisados não responderam a essa pergunta. Entre os principais motivos para estes jovens não responderem a essa pergunta, está relacionado ao pouco tempo que eles acessam a Web, chegando no máximo à 1h por dia.

**Tabela 28 – Grupo de pessoas que os estudantes mais interagem nas redes virtuais**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Familiares	7	9,6	10,0	10,0
Amigos da escola	40	54,8	57,1	67,1
Amigos da igreja	2	2,7	2,9	70,0
Amigos do bairro onde mora	7	9,6	10,0	80,0
Outros	14	19,2	20,0	100,0
Total	70	95,9	100,0	-
Não informado	3	4,1	-	-
Total	73	100,0	-	-

Fonte: autoria própria (2019).

Os estudantes ainda responderam à essa pergunta: “qual principal motivo para aceitar ou rejeitar uma solicitação de um novo seguidor no Instagram?”. Na Figura 7, os dados analisados ainda apontam para a relação entre as sociabilidades face e face e virtuais. Dessa forma, o termo “conhecido” está na centralidade dessa imagem de onde partem as demais palavras com mais frequência como “seguidores”, “afinidade”, “confiança”, “interesse”, “aparência” e “quantidade”.

**Figura 7 – Nuvem de palavras “principal motivo para aceitar ou rejeitar novo seguidor no Instagram”**

Fonte: autoria própria (2019).

A partir dos dados da Tabela 29, verificamos que 24 estudantes, ou seja, 32,8% do total dos pesquisados, afirmaram que dão prioridade para aceitar novos seguidores às pessoas mais conhecidas sejam da escola, da família ou da igreja.

**Tabela 29 – “Nós” para o “principal motivo para aceitar ou rejeitar novo seguidor no Instagram”**

Nós	Arquivos	Referências
Aparência	9	9
Conhecer	24	24
Quantidade de amigos em comum	10	10
Sem distinção	13	13

Fonte: autoria própria (2019).

A aparência é um fator relevante na tomada de decisão de aceitar ou rejeitar novos seguidores no Instagram, como também a quantidade de seguidores que um usuário já tem. Dessa forma, constatamos que há uma forte tendência para aceitar um novo seguidor se ele tiver um capital virtual muito elevado. Isso deve-se porque um seguidor mais conhecido e com prestígio no Instagram pode também atrair e influenciar na conquista de novos seguidores para outra pessoa.

Nos Quadros 10 e 11, observamos, nas declarações dos estudantes pesquisados, que para Maria, Ana, Júlia e Letícia aceitar ou rejeitar uma solicitação de novo seguidor no Instagram só depende se o usuário já for uma pessoa do seu ciclo de amizade constituída nas interações face a face. No entanto, para Vitória e Lucas, essa motivação está relacionada com as questões de paquera ou namoro, bastando apenas verificar se aquele usuário tem namorado (a) ou se é bonito. Assim, de forma geral, pessoas estranhas ou distantes do ciclo social das interações constituídas face a face, não são aceitas nos ciclos de amizades nas redes virtuais.

**Quadro 10 – Declarações do grupo 1 de estudantes com relação ao principal motivo para aceitar ou rejeitar novo seguidor no Instagram**

Maria	Ana	Vitória	Júlia
“Se eu <b>conheço</b> essa pessoa ou não”.	“Aceitar ou rejeitar vai de <b>conhecer</b> e não gostar, quando se <b>conhece</b> e gosta da pessoa aceitamos ao contrário disso é rejeitado”.	“Eu olho todo o perfil e vejo se ele tem namorada [...]”.	“Aceitar, quando <b>conheço</b> , ou quando não <b>conheço</b> só aceito de seu achar amigável. Rejeito quando não gosto da pessoa, ou acho estranha”.

Fonte: autoria própria (2019).

**Quadro 11 – Declarações do grupo 2 de estudantes com relação ao principal motivo para aceitar ou rejeitar novo seguidor no Instagram**

Lucas	Letícia
“Se for mulher bonita estou aceitando”.	“Eu aceito uma solicitação de amizade quando eu <b>conheço</b> , caso contrário rejeito”.

Fonte: autoria própria (2019).

Na Tabela 30, constatamos que a maioria dos estudantes pesquisados preferem serem seguidos do que seguir no Instagram (64,4% e 30,1%, respectivamente). Para os jovens usuários dessa rede virtual, a conquista por mais seguidores é algo fundamental para garantir uma maior expansão dos seus ciclos de amizades e de conseguir um maior público possível (seguidores) para visualizar, curtir e comentar as suas publicações.

**Tabela 30 – Se os estudantes gostam mais de seguir ou serem seguidos no Instagram**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Seguir	22	30,1	31,9	31,9
Ser seguido	47	64,4	68,1	100,0
Total	69	94,5	100,0	-
Não informado	4	5,5	-	-
Total	73	100,0	-	-

Fonte: autoria própria (2019).

Nas pesquisas de campo na escola objeto desse estudo foi muito comum escutar nas conversas entre os estudantes a seguinte pergunta com relação ao Instagram: “se eu te seguir, você me segue de volta?”. Essa situação colocada cotidianamente pelas juventudes contemporâneas, surge, do ponto de vista sociológico, como um potencial interpretativo e compreensivo dos sistemas de trocas das juventudes contemporâneas na era das TDICs e da constituição de suas sociabilidades. Pois, se eu sigo alguém no Instagram, esse alguém, em tese, fica na obrigação de segui-lo de volta. No entanto, uma possível recusa desse tipo de troca, enquanto padrão de sociabilidade, pode ser vivida pelo outro como uma agressão, indiferença ou de não reconhecimento do outro. Os problemas decorrentes desta situação pode ser quando um usuário quer visualizar as publicações de uma outra pessoa e não tem acesso às publicações a quem se solicitou a troca (seguir e ser seguido).

O que chama a atenção nessa situação é que aquele que nega essa “dádiva<sup>16</sup>” simplesmente desconhece ou não reconhece a “identidade virtual” do seu interlocutor face a face, não reconhecendo, inclusive, o seu potencial para conseguir mais seguidores para si. Inclusive, a não retribuição do ato de seguir de volta, pode ser sancionado com sua exclusão da pessoa que não seguiu a outra. Esse tipo de troca, ao mesmo tempo que é simbólica e concreta, é extremamente relevante para os jovens usuários do Instagram, e se constitui como um dos elementos centrais de suas dinâmicas sociais na Web e de suas sociabilidades. Assim, entre os estudantes pesquisados, há toda uma performasse nos atos de troca que podem ter início tanto nas interações face a face quanto dentro da própria rede virtual. Nesse sistema de trocas, percebemos que já no ato inicial (“se eu te seguir você me segue?”) está embutida uma “obrigação”, em que a ausência dessa dádiva pode ser percebida como uma negação do reconhecimento do outro, que pode produzir um sentimento de inimizade e indiferença.

Outro acontecimento interessante observado na escola objeto da presente pesquisa, é o costume muito comum entre os jovens de escrever os seus nomes do Instagram nas paredes, portas, janelas, quadros e carteiras da escola (Fotos 1, 2, 3 e 4). A ação dos estudantes em escreverem seus nomes nas estruturas físicas das escolas não é nenhuma novidade, mas na era das TDICs ganharam novos contornos e configurações. Dentro uma realidade social permeada pelas sociabilidades online, uma das finalidades para esse comportamento é de divulgar o

---

<sup>16</sup> Marcel Mauss, em *O Ensaio sobre a dádiva*, ressalta que o ato de trocar (presentes e palavras) produz um sentimento de amizade entre as pessoas envolvidas. Em suas pesquisas, esse autor observou a frequência e a universalidade do ato de dar, receber e retribuir como parte do comportamento das interações humanas.

“endereço” do seu perfil no Instagram para que mais pessoas possam se tornar suas seguidoras, e com isso, tem mais usuários visualizando, comentando e curtindo as publicações no Instagram.

**Foto 1 – Quadro da sala de aula com os nomes dos estudantes no Instagram**



Fonte: autoria própria (2019).

**Foto 2 – Parede interna da escola com os nomes dos estudantes no Instagram**



Fonte: autoria própria (2019).

Foto 3 – Carteira escolar com os nomes dos estudantes no Instagram



Fonte: autoria própria (2019).

Foto 4 – Porta da escola com os nomes dos estudantes no Instagram



Fonte: autoria própria (2019).



Assim, durante a pesquisa de campo na escola, percebemos a recorrência dos estudantes ficarem dedicando parte do seu tempo na divulgação/exposição dos seus nomes no Instagram nas paredes da escola. Entre outros fatores, esse comportamento se deve pelas necessidades desses jovens de aumentarem o seu capital virtual, já que escola é um importante espaço para a constituição das sociabilidades nas redes virtuais. O fato dos estudantes colocarem os seus nomes em portas, paredes, quadros e carteiras da escola não é nenhuma novidade, mas ganharam novos contornos e configurações na era das tecnologias digitais, já que estes nomes se remetem às suas identidades e sociabilidades online. Os nomes “virtuais” dos estudantes nos equipamentos e nas estruturas físicas da escola evidenciam a importância para os jovens da atualidade de conseguirem mais seguidores, ou seja, mais usuários que possam visualizar, comentar e curtir suas publicações, como também, de aumentar a quantidade de vínculos na internet, aumentando o seu capital virtual.

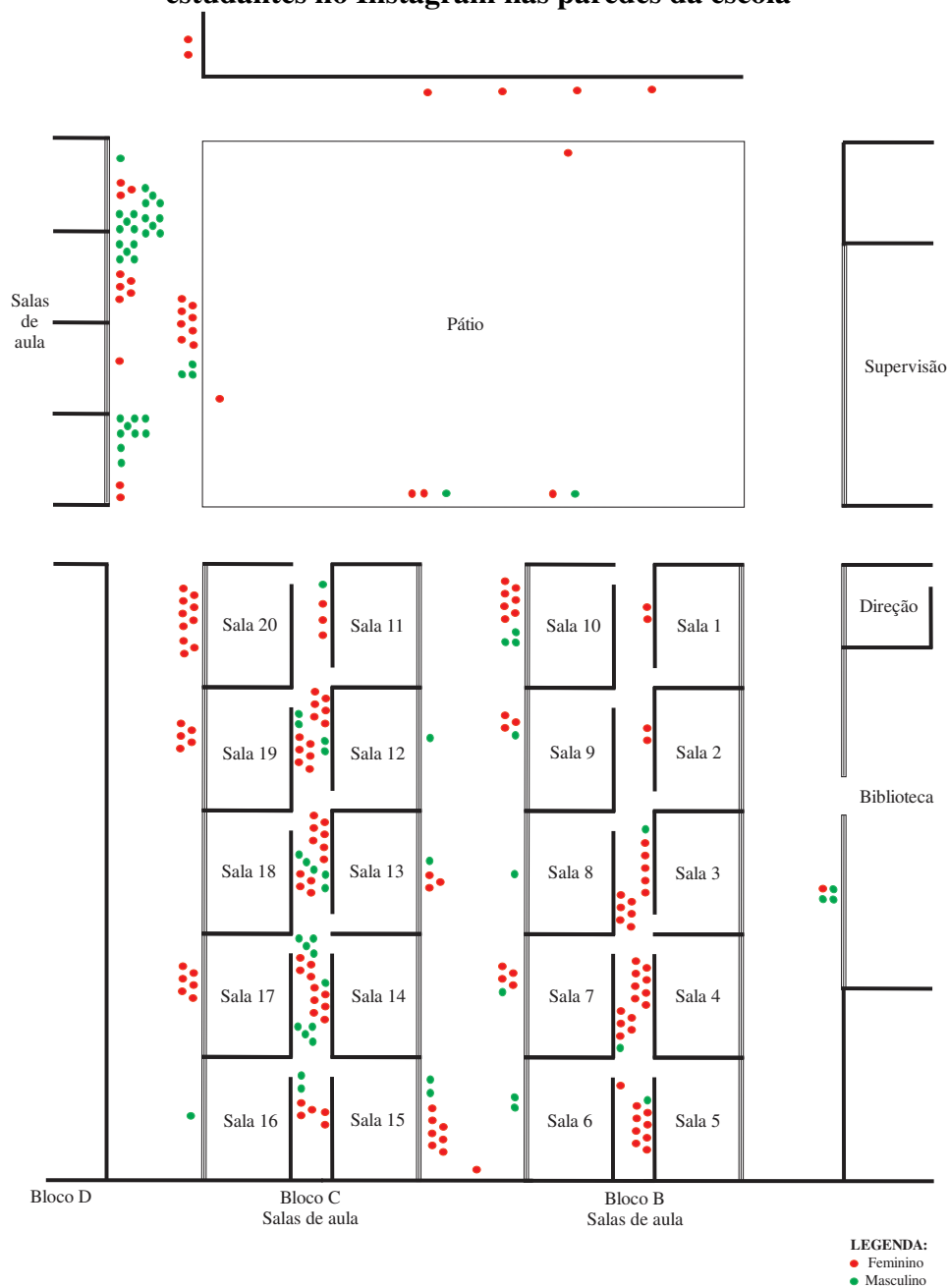
Esses nomes<sup>17</sup> “virtuais” registrados nas fotos no trabalho de campo, sempre começam com o símbolo “@” que é amplamente usado na linguagem da informática para indicar a localização de um endereço eletrônico. No caso do Instagram, esse símbolo da cultura digital faz parte da composição dos nomes dos seus usuários. Ainda assim, destacamos que na maioria dos casos observados, o nome no Instagram é semelhante ao nome offline, sendo muitas vezes formulado de uma maneira mais informal.

Na Figura 8, temos um mapeamento das inscrições dos nomes dos estudantes no Instagram, durante o período da pesquisa de campo na escola. Procuramos localizar e registrar os espaços em que os estudantes colocaram com mais frequência os seus nomes “virtuais” nos ambientes da escola.

---

<sup>17</sup> Durante as pesquisas de campo, constatamos que alguns estudantes objeto desse estudo modificaram os seus nomes no Instagram. Dos 27 jovens do sexo masculino, 4 alteraram os seus nomes, enquanto que 46 estudantes do sexo feminino 9 fizeram algum tipo de mudança nos caracteres que compõe o nome virtual no Instagram. Um dos jovens observados afirmou que não gosta do seu nome (offline) colocando “outro [nome] nessa rede virtual”. De forma geral, para ter mais capital virtual no Instagram, os usuários precisam ter um nome “legal” para que seus pares possam curtir e comentar as suas fotos e, assim, conseguir mais seguidores. Na maioria dos casos observados, os nomes no Instagram são curtos e são a junção de duas palavras. Dessa maneira, fica mais fácil para as pessoas memorizarem o nome e incluir nos comentários nas publicações, fazendo com que o perfil no Instagram fique mais popular, podendo, no futuro, gerar mais capital virtual.

**Figura 8 – Planta baixa da escola com as localizações das inscrições dos nomes dos estudantes no Instagram nas paredes da escola**



Fonte: autoria própria (2019).

Contabilizamos apenas os nomes inscritos nas paredes, portas e janelas da escola, por proporcionar uma maior facilidade na coleta desses dados. No entanto, como já mencionado anteriormente, observamos na pesquisa de campo que os estudantes colocam seus nomes do Instagram nas carteiras, nos quadros da sala de aula, no chão, nas fardas, nas mochilas e nos

cadernos. Os pontos vermelhos nessa planta baixa da escola representam os locais em que jovens do sexo feminino colocaram os seus nomes do Instagram, enquanto que os pontos verdes assinalam os locais em que jovens do sexo masculino escreveram os seus nomes do Instagram. Com um total de 232 nomes do Instagram contabilizados, observamos que nos espaços mais próximos da direção e supervisão da escola existe uma menor quantidade de inscrições desses nomes, enquanto que nos espaços mais distantes destes espaços existe uma maior quantidade de nomes do Instagram inscritos nas paredes, portas e janelas.

Os espaços na escola com mais divulgações de nomes do Instagram são aqueles mais distantes da supervisão escolar e mais frequentes dos locais de maior movimentação dos estudantes no cotidiano escolar (corredores e blocos mais distantes da parte central da escola). Assim, as divulgações dos nomes no Instagram nas dependências da escola, por parte dos seus estudantes, têm como propósito tentar aumentar a quantidade de seguidores nessa rede virtual.

A partir das informações contidas na Figura 8, fizemos uma tabulação entre quantidade de inscrições dos nomes no Instagram nas dependências da escola e sexo dos estudantes (Tabela 31). Constatamos que 68,1% dessas inscrições são de nomes de jovens do sexo feminino e 31,9% são nomes do sexo masculino. Assim, esses dados de pesquisa de campo, indicam que existe uma maior tendência para que jovens do sexo feminino atribuam uma maior importância para a autoexposição na Web, como também uma preocupação para conseguirem mais seguidores no Instagram, quando comparados com os do sexo masculino.

**Tabela 31 – Quantidade de inscrições dos nomes dos estudantes no Instagram nas paredes da escola por sexo**

Sexo	Frequência	Porcentagem
Feminino	158	68,1
Masculino	74	31,9
Total	232	100,0

Fonte: autoria própria (2019).

Quando observamos a tabulação entre sexo dos estudantes pesquisados e preferência de seguir ou de ser seguido (Tabela 32), verificamos que 12 do sexo masculino (46% do total por sexo) preferem seguir e 14 gostam mais de serem seguidos no Instagram (54% do total por sexo).

**Tabela 32 – Tabulação cruzada entre sexo e se os estudantes gostam mais de seguir ou de serem seguidos no Instagram**

Se os estudantes gostam mais de seguir ou de serem seguidos no Instagram				
		Seguir	Seguido	Total
Sexo dos Estudantes	Masculino	12	14	26
	Feminino	10	33	43
Total		22	47	69

(Total dos casos: 73 estudantes – Não informados: 5,5%).

Fonte: autoria própria (2019).

No entanto, 10 do sexo feminino (23% do total por sexo) declararam que preferem apenas seguir, enquanto que a maioria, ou seja, 33 estudantes do sexo feminino (77% do total por sexo, em destaque da cor vermelha nessa tabela) afirmaram que preferem ter mais seguidores do que seguir no Instagram. Os dados aqui apresentados e analisados mostram que jovens do sexo feminino têm uma maior dependência emocional e sentimental com relação ao uso do Instagram, tanto para a constituição de suas sociabilidades face a face e virtuais quanto para o aumento da sua autoestima<sup>18</sup>. Por conta dessas formas de ser, jovens do sexo feminino passam mais tempo nas redes virtuais do que do sexo masculino. Nessa conjuntura, as tecnologias digitais (smartphones, iphone, notebook, entre outras) por meio das redes virtuais (Instagram, Facebook e WhatsApp) assume um valor social, como parte das interações sociais e sociabilidades da sociedades contemporânea, reforçando os vínculos de amizade face a face e virtuais, que são utilizados, na maioria dos casos, para compartilhar experiências e vivências da vida “privada” para os seus pares. Essas formas de ser na era das tecnologias digitais acabam tecendo as subjetividades, principalmente, das juventudes da atualidade.

<sup>18</sup> Para as análises que se seguem nesse trabalho, compreende-se por “autoestima” como uma sensação de bem estar pessoal, como um sentimento de quem é valorizado por si mesmo e pelos seus pares, de quem constitui o seu modo de ser, especialmente nas redes virtuais, a partir dos julgamentos e dos gostos dos outros, numa busca constante pelo reconhecimento de sua identidade, que na maioria das vezes tem a ver com a questão estética corporal.

## 4.2. Dimensão, fluxo e dinâmica das interações virtuais

Numa rede virtual como o Instagram, a maioria dos usuários, sobretudo jovens, buscam ampliar suas redes de amizades com o principal objetivo de ter um maior público para visualizar, curtir e comentar as suas publicações na Web, em outras palavras para ser mais popular e com isso ter um maior prestígio social. Esse fenômeno, deve-se pela arquitetura e lógica combinatória que possibilita a constituição e expansão das interações sociais nos espaços virtuais. Ressalta-se, que o poder dessa expansão dos vínculos diretos e indiretos de amizades não está exatamente em ações ou atos individuais, mas no potencial de expansão quase infinito de conexões entre os usuários que se multiplica a cada novo vínculo estabelecido.

Para as análises que se seguem nessa parte do trabalho de tese, iremos avaliar a dimensão, fluxo e dinâmica de utilização do Instagram<sup>19</sup> dos mesmos estudantes que foram objeto desse estudo, através das mensurações das quantidades de publicações, de seguidores, de seguidos, de comentários e de curtidas. Os momentos das observações de campo no Instagram, bem como, os procedimentos de “coleta de dados” foram realizados em duas etapas, a primeira entre novembro de 2018 e fevereiro de 2019 e a segunda entre abril de 2019 e julho de 2019, com a finalidade de comparar os resultados no que diz respeito às continuidades e mudanças das sociabilidades juvenis constituídas no Instagram. Os dois períodos para a realização da pesquisa etnográfica no Instagram foram escolhidos levando em consideração os períodos de férias e de recesso escolar dos estudantes pesquisados, a fim de tentar perceber se, nesses momentos específicos do ano, as dinâmicas de utilização do Instagram são alteradas (diminuídas) em decorrência dos estudantes passarem mais tempo em casa e na internet pelo fato não estarem na escola.

Dessa forma, na Tabela 33, temos uma síntese do panorama da dinâmica de utilização no Instagram dos estudantes pesquisados, com as médias dos acumulados de publicações, seguidores e seguidos entre os meses de novembro de 2018 e fevereiro de 2019. Observando e comparando essas médias entre os três indicadores, verificamos que as publicações desses jovens seguiram um ritmo médio de crescimento de 3,3% ao mês, de 3,9% ao mês de seguidores e de 2,9% ao mês de seguidos.

---

<sup>19</sup> A coleta de dados da quantidade de publicações, seguidores e seguidos acumulados foi realizada nos cinco primeiros dias de cada mês, acessando diretamente cada perfil (público) dos estudantes pesquisados.

**Tabela 33 – Médias dos acumulados de publicações, de seguidores e de seguidos dos estudantes no Instagram entre os meses de novembro de 2018 e fevereiro de 2019**

	Publicações	Seguidores	Seguidos
Novembro de 2018	19,32	843,03	930,52
Dezembro de 2018	19,93	871,74	960,33
Janeiro de 2019	22,11	1.013,30	931,95
Fevereiro de 2019	21,21	926,32	1.012,05

Fonte: autoria própria (2019).

Constatamos que a maioria dessas publicações são feitas no período da noite (entre às 18hs e 23hs) e nos finais de semana, momentos esses em que os estudantes passam a maior parte do seu tempo na internet. O que chama a atenção nesses dados é o fato de que entre os meses de janeiro e fevereiro, houve uma diminuição significativa nos acumulados das médias de publicações e seguidores, no entanto, existiu um aumento na média do acumulado de seguidos. Esses dados indicam que no período de férias escolares, durante o mês de janeiro, os estudantes observados além de não se empenharem em publicarem fotos e vídeos, ainda fazem uma “limpeza” no seu perfil excluindo as possíveis postagens que não tiveram grande repercussão ou “sucesso” no Instagram. Além disso, deve-se lembrar que, para a maioria dos estudantes, a escola é um importante espaço muito utilizado para a produção de suas fotos para serem publicadas na Web.

No segundo período de observações no Instagram, observamos que durante o período de recesso escolar, ou seja, no meio do ano letivo, entre os meses de junho e julho, também ocorreu um decréscimo no acumulado das médias de publicações e de seguidores (Tabela 34), comprovando essa tendência de mudanças de dinâmicas no Instagram nos períodos em que os estudantes não estão tendo aulas. No entanto, verificamos que a média do acumulado de seguidos também diminuiu. Um dos motivos para isso acontecer está relacionado ao fato de que, dentro do circuito de trocas no Instagram (“Se eu te seguir, você me segue de volta?”), quando os usuários excluem um seguidor ou deixam de seguir alguém, essa ação pode ser revertida com uma sanção de exclusão de seguidores e de bloqueio para seguir outros perfis. Nessa segunda fase da pesquisa no Instagram, identificamos que três usuários que faziam parte do total da composição dos casos pesquisados no início da investigação não estavam mais com os seus perfis ativos no Instagram. Possivelmente, trocaram de nomes ou iniciaram um novo perfil.

**Tabela 34 – Médias dos acumulados de publicações, de seguidores e de seguidos dos estudantes\* no Instagram entre os meses de abril de 2019 e julho de 2019**

	Publicações	Seguidores	Seguidos
Abril de 2019	22,97	1.003,68	1.043,89
Mai de 2019	24,21	1.039,84	1.110,97
Junho de 2019	24,69	1.066,47	1.135,01
Julho de 2019	22,81	1.088,43	1.121,71

\* 3 casos ausentes dos 73 observados desde o início da pesquisa.

Fonte: autoria própria (2019).

No Instagram, constatamos que tanto os vínculos diretos quanto os indiretos acabam facilitando para que os usuários obtenham mais popularidade para divulguem informações e/ou publicações do seu cotidiano a baixo custo, do ponto de vista financeiro e de tempo. Entre outras consequências, isso permite que haja uma maior velocidade na propagação das publicações dos usuários no Instagram na qual pode gerar um maior acúmulo de seguidores. Assim, as fofocas, imagens, vídeos, memes e virais disseminadas na internet são espalhadas rapidamente dentro do fluxo de troca de mensagens entre os usuários no Instagram. Os dados dessa pesquisa mostram também que jovens do sexo feminino tem uma maior preocupação em expor o seu cotidiano nas redes virtuais, ou seja, de publicar as suas fotos na Web do que os do sexo masculino, reforçando o fato de que nos períodos de recesso escolar há uma diminuição do fluxo das interações na Web.

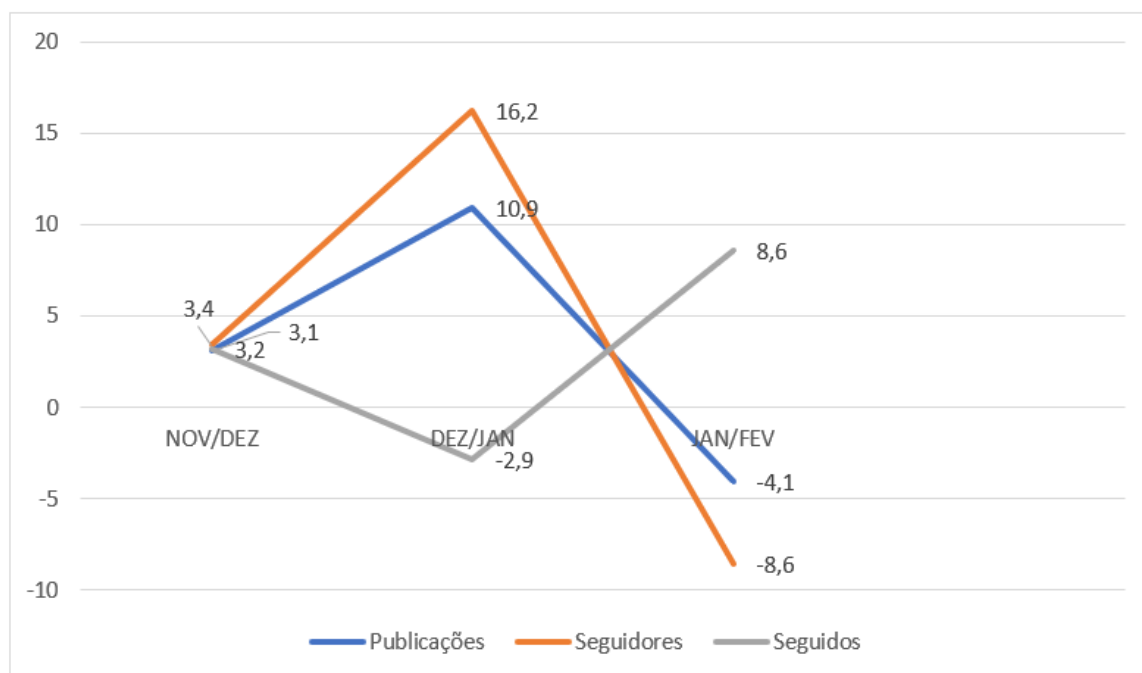
Notadamente, as maneiras como as juventudes contemporâneas se comportam nas redes virtuais passam longe de ser desinteressada e/ou “irracional”, pois, as suas ações em espaços online e offline são direcionadas efetivamente para a ampliação dos vínculos virtuais e face a face, para aumentar, principalmente, o capital virtual. Porém, percebemos através das observações de campo, que é elevado o índice de mortalidade das amizades online, já que um comentário que não agrada ou a ausência de uma curtida ou não seguir de volta no sistema de trocas no Instagram, pode ocasionar o fim de uma amizade. Mesmo assim, as redes virtuais facilitam a expansão de vínculos sociais na Web e face a face.

Identificamos também que os estudantes analisados mantiveram um ritmo crescente de “conquista” de mais seguidores no Instagram, com exceção nos períodos entre os meses de janeiro e fevereiro, como também, junho e julho, em que jovens do sexo feminino tiveram um decréscimo no seu capital virtual já que houve uma diminuição significativa no acumulado de seguidores. Entre outros fatores, esse fenômeno deve-se porque nos momentos de férias e

recesso escolar jovens do sexo feminino se dedicam mais em arquivar as suas publicações influenciando na quantidade de seguidores no Instagram. Esses dados mostram que as diminuições das médias dos acumulados de publicações não necessariamente implicam na redução das médias dos acumulados de seguidores. No entanto, em geral, para a manutenção e/ou aumento da média do acumulado de seguidores no Instagram, os usuários precisam publicar muitas fotos e vídeos diariamente.

No Gráfico 1, analisamos o conjunto das dinâmicas e fluxos que fazem parte das interações sociais no Instagram (publicações, seguidores e seguidos), a partir dos 73 casos observados na presente pesquisa.

**Gráfico 1 – Porcentagens das médias dos acumulados de publicações, seguidores e seguidos dos estudantes no Instagram entre os meses de novembro de 2018 e fevereiro de 2019**



Fonte: autoria própria (2019).

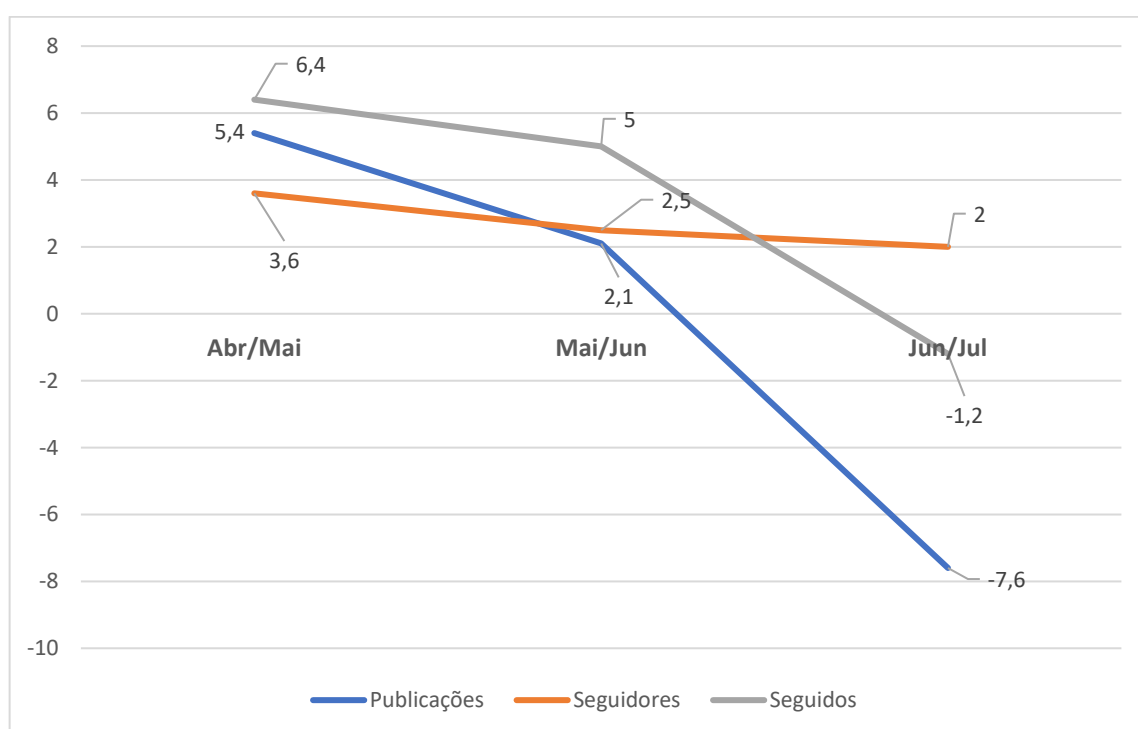
Entre os meses de janeiro de 2019 e fevereiro de 2019, constatamos que quando há uma diminuição da porcentagem das médias dos acumulados de publicações, de 10,9% para -4,1%, também há um decréscimo das porcentagens das médias dos acumulados de seguidores, de 16,2% para -8,6%. No entanto, o percentual das médias dos acumulados de seguidos seguiu o ritmo inverso, pois, houve um aumento de -2,9% para 8,6%, no mesmo período. A partir desses dados percebemos aqui que existe uma correlação positiva entre esses dois indicadores do



Instagram (publicações e seguidores), pois, quando diminui a média do acumulado de publicações também diminui a média do acumulado de seguidos. No entanto, detectamos que quando se eleva as médias dos acumulados de publicações e de seguidores há uma tendência na diminuição da média do acumulado de seguidos, como ocorreu entre os meses de dezembro e janeiro.

Entre os meses de abril e julho, também observamos as dinâmicas e fluxos no Instagram (publicações, seguidores e seguidos) de todos os 73 pesquisados (Gráfico 2).

**Gráfico 2 – Porcentagens das médias dos acumulados de publicações, seguidores e seguidos dos estudantes no Instagram entre os meses de abril de 2019 e julho de 2019**



Fonte: autoria própria (2019).

Aqui também verificamos que no período em que os estudantes estão sem aulas, entre junho e julho, o acumulado das médias de publicações diminuiu drasticamente de 2,1% para -7,6, ao mesmo tempo em que o percentual da média do acumulado de seguidores diminuiu de 2,5% para 2% e que o percentual da média do acumulado de seguidos de 5% para -1,2%. Ao compararmos as dinâmicas e fluxos no Instagram nos dois períodos analisados, confirmamos a ideia de que nos momentos em que os estudantes estão sem aula há uma diminuição das médias dos acumulados de publicações e seguidores. Esses dados relevam que o espaço offline influencia diretamente nas sociabilidades e interações na internet, mudando nas dinâmicas e

fluxos na Web. Os descompassos das dinâmicas no Instagram nos dois períodos observados devem-se entre outros fatores pelas diferenças na quantidade de dias das férias dos estudantes, em janeiro mais de 30 e em fevereiro mais de 15 dias.

No Instagram, constatamos que estudantes usuários do Instagram podem não apenas deixar de publicar novos conteúdos, mas, também, podem arquivar/excluir fotos e vídeos, decrescendo, dessa forma, a quantidade dos seus acumulados de publicações. Esses comportamentos devem-se porque alguns usuários procuram eliminar suas fotos e vídeos, principalmente aqueles que não tiveram “sucesso” ou que não obtiveram “bons” desempenhos, em decorrência do baixo número de curtidas e comentários nas suas postagens. Essa situação acontece porque um dos principais recursos para conseguir mais seguidores, principalmente usuários do sexo masculino, é de seguir mais pessoas com o principal objetivo de conseguirem mais seguidores de volta. Em geral, estes jovens estudantes tendem a seguir usuários no Instagram que já tenham um maior capital virtual (mais publicações e seguidores), para que estes possibilitem mais seguidores de volta no seu próprio perfil.

Averiguamos também que as porcentagens das médias de publicações dos estudantes do sexo masculino também declinaram no período do ano letivo sem aulas, no recesso escolar, de 3% (maio/junho) para -32% (junho/julho), como ocorreu entre os meses de janeiro e fevereiro. No entanto, o percentual das médias de seguidores passou de 5% (maio/junho) para 5,8% (junho/julho). Essas informações indicam que quando jovens do sexo masculino arquivam algumas de suas publicações sem “sucesso” acaba tendo como efeito o aumento dos acumulados de seguidores. Na maioria dos casos observados, essa “limpeza” é realizada quando os estudantes estão nos períodos de férias e do recesso escolar, fazendo com que eles tenham mais tempo em casa para analisar os desempenhos e a qualidade (efeitos e edições) de suas publicações.

Quanto às dinâmicas de uso do Instagram por parte de adolescentes do sexo feminino entre os meses de novembro de 2018 e fevereiro de 2019, detectamos que há uma correlação positiva entre o acumulado da média de publicações e a média de seguidores. Podemos verificar essa situação, entre os meses de dezembro e fevereiro, quando o percentual do acumulado de publicações caiu de 17,1% para -4,6%, ao mesmo tempo em que o percentual do acumulado de seguidores passou de 17,5% para -13%. Ao contrário do que acontece com os usuários adolescentes do sexo masculino, em que o aumento da quantidade de seguidos interfere diretamente no acréscimo da quantidade de seguidores, quando adolescentes do sexo feminino

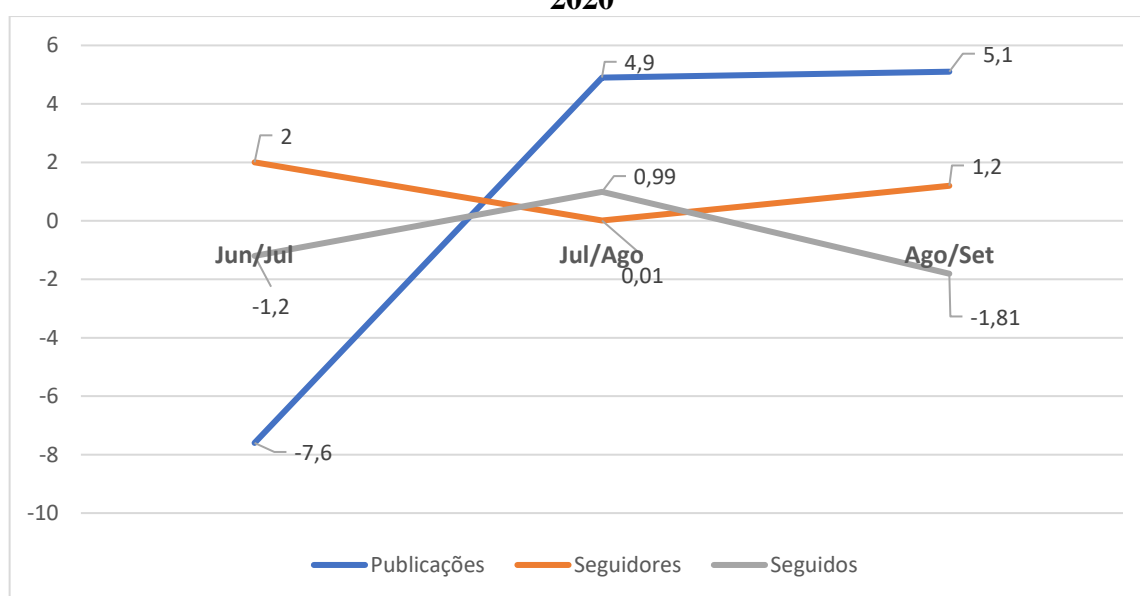
diminuem a quantidade de publicações ou arquiva os seus conteúdos, ocorre um decréscimo no acumulado de seguidores. Uma das adolescentes pesquisadas relatou que “os seus seguidores sempre querem novidades” e que quando ela deixa de fazer novas publicações, seus seguidores deixam de segui-la. No entanto, nas pesquisas de campo online, detectamos que adolescentes do sexo feminino têm uma maior preocupação e cuidado em monitorar a “popularidade” de suas publicações, em que elas verificam diariamente a quantidade de comentários e de curtidas em cada uma delas, através, inclusive, de uma ferramenta estatística disponibilizado pelo próprio Instagram, que apresenta as principais localizações dos seguidores, faixa etária, gênero, horas e dias, mostrando as dinâmicas de utilização de seus seguidores no Instagram. Essa mesma adolescente disse que 600 curtidas em uma publicação é o padrão ideal para alguém que quer ter um “melhor status no Instagram”. Também segundo ela, quando uma foto está com “pouco efeito”, ou seja, sem ter sido editada de uma forma a melhorar a qualidade da imagem, os seus seguidores também “não curtem essas publicações”. A adolescente ainda relatou que passa em torno de 1 hora para editar cada foto antes de divulgar na internet.

Em janeiro de 2019, observamos que o coeficiente do  $r$  de Pearson ficou em 0,643, indicando uma correlação positiva moderada entre a quantidade de publicações e a quantidade de seguidores. Nesse período de férias, quando os usuários do Instagram diminuem a quantidade de publicações ocorre também a diminuição da quantidade de seguidores no seu perfil. No entanto, no mês de junho de 2019, o coeficiente entre publicações e seguidores chegou ao seu nível mais baixo durante a pesquisa (0,365 – correlação positiva fraca), enquanto que o coeficiente entre seguidos e seguidores ficou em 0,560, sendo uma correlação positiva moderada. Quando os usuários do Instagram não investem em novas publicações, eles passam a seguir novos usuários com o objetivo de conquistar novos seguidores. Com exceção do mês de janeiro/2019, os coeficientes entre seguidos e seguidores sempre foram maiores do que os coeficientes dos outros indicadores, confirmando a ideia de que o aumento do capital virtual no Instagram depende incisivamente do sistema de trocas entre os seus usuários (“se eu te seguir, você me segue de volta?”). Os cálculos de regressão linear simples, realizados pelo SPSS, mostram que, a cada aumento de 0,58 de seguidos em um perfil no Instagram há um acréscimo de 1% na quantidade de seguidores de volta, isso para 35% dos casos que têm mais de 600 seguidores no Instagram.

No dia 17 de julho de 2019 verificamos que o número de curtidas das publicações no Instagram não ficou mais visível para os usuários, sendo só possível para o “dono” do próprio

perfil visualizar esse indicador. Segundo os administradores dessa rede virtual, esse procedimento foi necessário para combater problemas de ansiedade, depressão e solidão, principalmente entre jovens. Percebemos diante desse novo contexto que houve uma diminuição na média do acumulado de seguidores passando de 2% para 0,01% (Gráfico 3). Nessa situação, a não visualização da quantidade de curtidas nas publicações no Instagram fez com que a maioria dos usuários do Instagram não seguissem novos perfis devido a esse fator, estagnando a média de seguidores.

**Gráfico 3 – Porcentagens das médias dos acumulados de publicações, seguidores e seguidos dos estudantes no Instagram entre os meses de junho de 2020 e setembro de 2020**



Fonte: autoria própria (2019).

Em suma, podemos destacar que as dinâmicas e fluxos das sociabilidades no Instagram são altamente complexas ficando difícil estabelecer um padrão específico dos comportamentos dos jovens usuários dessa rede virtual. Contudo, esses dados de pesquisa de campo indicam que (1) há uma relação entre as sociabilidades face a face e virtuais, já que, nos períodos de férias e recesso escolar, os modos de interações sociais entre estudantes são nitidamente afetados, que (2) a escola é um importante espaço para a constituição das interações no ambiente virtual, que (3) a arquitetura das interações na Web funcionam dentro de um sistema de trocas próprias das sociabilidades das juventudes na era das tecnologias digitais e, que (4) há diferenças significativas entre os usuários do Instagram do sexo masculino e feminino no que diz respeito aos objetivos no uso dessa rede virtual e as expectativas para a constituição do capital virtual.

### 4.3. Cultura da *selfie* e da autoexposição da internet

A *selfie*, a autoexposição e o compartilhamento de fotos e vídeos nas redes virtuais são uma das principais características das ações e comportamentos humanos na sociedade contemporânea. De modo geral, esses comportamentos se caracterizam pelo costume arraigado das pessoas registrarem no smartphone fotos de si mesmas e de publicarem este material na internet. Qualquer pessoa, que tem acesso às tecnologias digitais, pode produzir fotos e vídeos, principalmente do seu cotidiano (seja na escola ou em um momento de lazer, na praia ou na piscina, com os amigos e familiares), e isso só fará sentido se esse material for compartilhado com na Web. Essa forma de interação através das telas de computadores e smartphones acabam influenciando nas práticas sociais, comportamentos, modos de comunicação, bem como, nas sociabilidades face e face e virtuais.

Os modos com que as pessoas constroem as *selfies* podem variar, entre outros fatores, a depender da idade, do sexo e das condições socioeconômicas dos usuários das redes virtuais. Se tratando das juventudes contemporâneas, da autoexposição e do compartilhamento de suas produções midiáticas passam, na maioria dos casos, pela preocupação com a própria estética, ou seja, com questões concernentes a aparência, principalmente com o corpo. Nesse contexto, a cultura da *selfie* delinea os modos de ser, pensar e agir das juventudes que usam essa rede virtual, já que alteram as suas visões de mundo e de si mesmos, reconfigurando, as suas subjetividades (informacionais).

Os processos inerentes da cultura da *selfie*, da autoexposição e do compartilhamento de fotos e vídeos na Web são efetivados, entre outros aspectos, para que, sobretudo jovens, obtenham (1) um maior ganho pessoal (capital virtual), que só pode ser compreendido quando levamos em consideração que a vida na Web só faz sentido se for compartilhado com outras pessoas. (2) Esse capital virtual, composto pela capacidade dos usuários em publicarem uma grande quantidade de fotos e vídeos para conquistarem mais seguidores, faz com que se amplie as redes das relações sociais tanto face a face quanto virtual. (3) A autoexposição na Web pode gerar prazer, aumento da autoestima e satisfação pessoal, dentro da lógica de comparação do capital virtual e (4) e pode trazer sentido de pertencimento grupal, já que as *selfies* fazem parte dos processos de constituição das sociabilidades das juventudes contemporâneas.

Nas pesquisas de campo no Instagram, direcionamos uma maior atenção para as 9 últimas publicações<sup>20</sup> dos 10 estudantes selecionados, visando compreender as sociabilidades constituídas nessa rede virtual. Além disso, também registramos as quantidades acumuladas de publicações, seguidores, seguidos, curtidas e comentários, a fim de mensurar as dinâmicas e fluxos das interações sociais no Instagram, como também, as influências das interações sociais offline no espaço virtual.

Para as análises dos dados da pesquisa etnográfica<sup>21</sup> presentes nessa seção, selecionamos 10 casos<sup>22</sup> (do total dos 73 estudantes pesquisados), distintos dos 6 casos selecionados para a composição dessa parte do trabalho de tese. Para tanto, usamos os seguintes critérios: 5 jovens que tivessem mais seguidores e publicações no Instagram (@111111, @222222, @333333, @444444 e @555555) e outros 5 que apresentassem uma menor quantidade de seguidores e publicações no Instagram (@666666, @777777, @888888, @999999 e @101010), levando em consideração, a popularidade, ou seja, o capital virtual dos jovens pesquisados.

No primeiro caso observado (com maior capital virtual), temos a jovem @111111, com 15 anos de idade, 165 publicações, mais de 10.000 seguidores, 7.492 seguidos e uma média de 362,66 curtidas e 24,33 comentários nas suas 9 últimas publicações (Quadro 12). Esse é o caso que mais se destaca pela maior quantidade de seguidores no perfil do Instagram e também pela maior quantidade de publicações acumuladas. Em suas publicações, constatamos que essa jovem prefere postar suas *selfies* sozinha (sem amigos ou familiares), na maioria das vezes usando *short* curto ou biquíni, e em outros momentos, se utiliza de dos espaços da escola em que estuda.

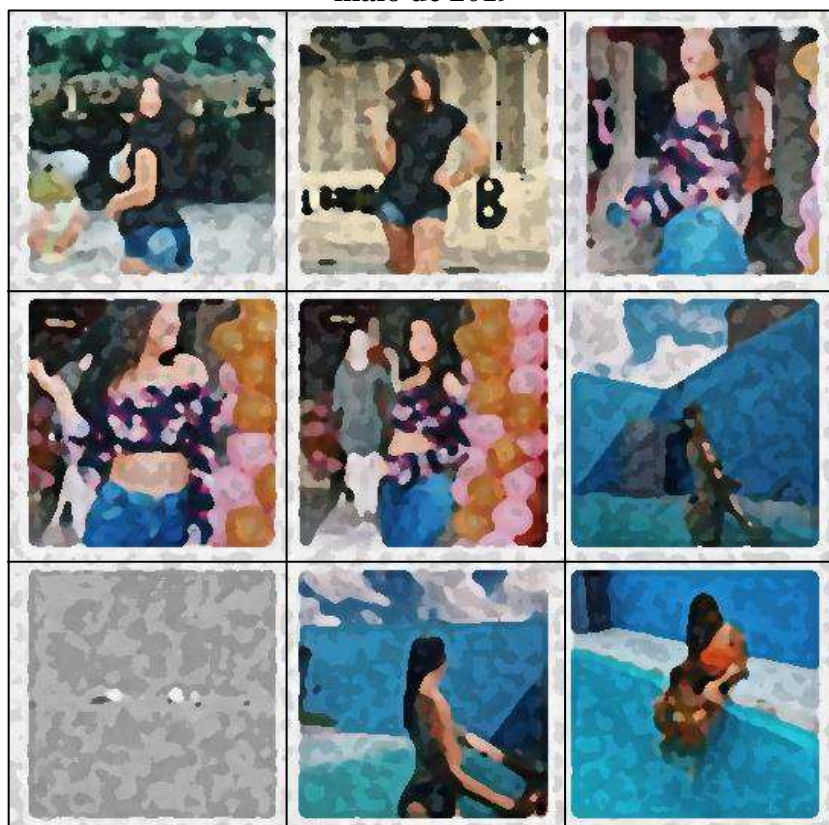
---

<sup>20</sup> Além das fotos, registramos os três últimos comentários contidas nessas publicações observadas. Em negrito, temos as frases do próprio usuário que postou o conteúdo no Instagram.

<sup>21</sup> As coletas de dados das 9 últimas publicações no Instagram dos 10 jovens selecionados foram realizadas no dia 14 de maio de 2019. (No período da pesquisa, esses 10 perfis estavam públicos, sem restrição de acesso e visualização das publicações).

<sup>22</sup> A fim de preservar a “identidade” dos interlocutores da pesquisa, os nomes foram omitidos (identificados apenas por uma numeração aleatória), como também os nomes dos seus pares. Além disso, as fotos passaram por um processo de edição de imagens para garantir o sigilo pessoal dos participantes voluntários da presente pesquisa.

**Quadro 12 – Fotos das últimas nove publicações no Instagram de @111111 até o mês de maio de 2019**



Fonte: autoria própria (2019).

Em suas publicações, @111111 costuma colocar frases referentes aos seus sonhos e as possíveis superações diante dos problemas da vida. Frases nas suas publicações como “os seus sonhos te farão levantar”, “[...] livrou-me de todos os meus temores” e “o melhor está por vir” foram as mais recorrentes. Nos comentários dos seus seguidores apenas uma pessoa se referiu diretamente ao real sentido e ao conteúdo de suas publicações, com a frase “[...] Deus te abençoe sempre [...]”. Já na maioria dos comentários, seus pares se referiram mais a questão de estética, ressaltando que @111111 é “lindaaa”, “gataa” e “maravilhosaaaaaaa”. Notamos também que na antepenúltima publicação não foi divulgada uma foto ou *selfie* dela mesma, mas apenas uma imagem com a frase “O melhor está por vir”. Nesta publicação, ninguém curtiu ou comentou nada. Esse último dado indica que a maioria dos usuários do Instagram, principalmente jovens, atribuem uma maior importância as *selfies*, em detrimento de uma publicação com qualquer tipo de frase ou texto, evidenciando, assim, um certo distanciamento com uma cultura letrada, em detrimento de uma espécie do “culto ao corpo”.

Comentários da última publicação:

**@111111 Se os seus problemas te fazem cair, os seus sonhos te farão levantar.** 🙏❤️

[luana1920](#) Te amo

[luana1920](#) Que mulher !!

[alice.elt](#) Linda de verdade ❤️❤️❤️

[ana5](#) que gataaa

[manu cel](#) Lindaaa

Comentários da penúltima publicação:

**@111111 Busquei ao Senhor, e ele me respondeu; livrou-me de todos os meus temores.**

**Salmos 34: 4** 🙏😊

[andre123ma](#) Prima gata que Deus te abençoe sempre guria te amo geral tmj ❤️

[alisson\\_vieira](#) Lindaaa

[alice.elt](#) lindaaaa amorrrr ❤️

[priscilla.lte](#) MARAVILHOSAAAAAAAAAAAAA

[larissaa](#) Lindaaaa dms ❤️

Comentário na antepenúltima publicação:

**@111111 Sempre que começa um novo dia, algumas dúvidas invadem nosso coração. O futuro é sempre uma incerteza e na vida nada é garantido, mas isso não nos pode impedir de sermos positivos e de mantermos a motivação em alta para tudo que fazemos. Já que as expectativas são a única coisa que podemos controlar na totalidade, é tempo de acreditarmos que grandes coisas estão por vir. Ter fé é o primeiro passo para qualquer conquista e uma boa ajuda para as lutas que travamos vez após vez. O melhor está por vir** ❤️

Com 24 publicações, 3.146 seguidores, 1.652 seguidos e uma média de 343,55 curtidas e 33,44 comentários nas últimas 9 publicações no Instagram, até o período da pesquisa, a jovem @222222, tem 15 anos de idade e gosta de postar *selfies* sozinha na frente do espelho e na praia de biquíni e com o seu namorado (Quadro 13). No período observado, essa jovem ao mesmo tempo que publicou novas fotos, também deletou ou arquivou algumas delas, ocasionando uma diminuição no acumulado de seguidores. Isso deve-se porque os usuários em algum momento procuram “limpar” as suas publicações, principalmente aquelas que não fizeram muito sucesso, ou seja, aquelas com poucos comentários e curtidas.



**Quadro 13 – Fotos das últimas nove publicações no Instagram de @222222 até o mês de maio de 2019**



Fonte: autoria própria (2019).

Comentários na última publicação:

**@222222 parecendo ser baixa**

tl5ysursa não cansa de ser linda

karolsilva2 Gatissimaaa

lealvieira A GOSTOSAAAAAAAAAAAAA

lealvieira MARAVILHASA MSM VIUUUU


lealvieira TE AMOOOOOOOOO

Comentários na penúltima publicação:

**@222222 minha melhor companhia ❤️ 100c100f, eu te amo!!!**

[thiago5a](#) Te amo minha preta ❤️  
[thiago5a](#) td13  
[amandalrv](#) poderiam ser meus pais  
[amandalrv](#) lindoooss  
[dixx.amaral](#) Af amo esse casal ❤️

Comentários na antepenúltima publicação:

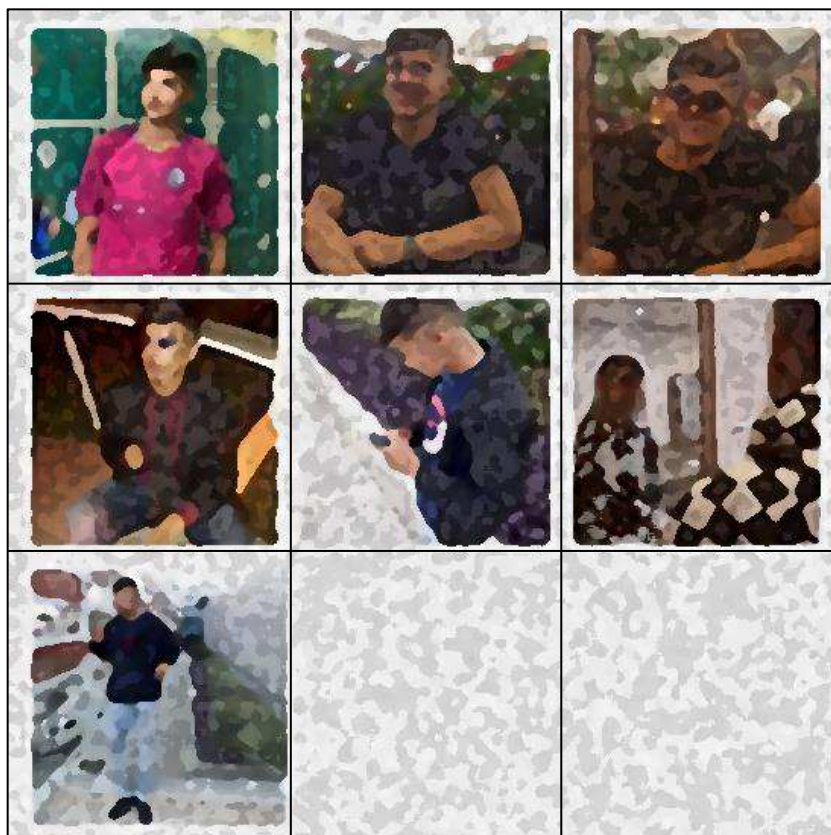
@222222 

[n.ramos10](#) coisa linda  
[n.ramos10](#) coisa bem feita  
[n.ramos10](#) mulher formosa  
[gabys.nnt](#) PORRA  
[gabys.nnt](#) QUE GATA

Na sua última publicação, ela colocou a frase “parecendo ser baixa”, indicando uma espécie de preocupação com a sua estética, mais especificamente com a sua altura, não evidenciada nas suas *selfies*. Nos comentários, percebemos que existe uma preocupação de seus seguidores em elogiar a jovem @222222 afirmando que ela é “gata”, “linda”, “formosa”, “bem feita”, “gostosa” e “maravilhosa”. Nesse perfil, existem comentários tanto de mulheres quanto de homens, inclusive do namorado dela. O que se observa é que mesmo com vários jovens do sexo masculino comentando as publicações dessa estudante, não localizamos nenhum tipo de discussão ou briga, através dos comentários nas publicações, que demonstrassem algum tipo de desconforto por parte do seu namorado em decorrência dos elogios tecidos para essa jovem. Vê-se que foram utilizadas apenas frases curtas, inclusive com abreviações de algumas palavras, como também, uso de símbolos característicos dessa rede de compartilhamento de fotos da internet, os emoticons.

No caso seguinte analisado, temos o jovem @333333, com 15 anos de idade, 7 publicações, 3.991 seguidores, 5.135 seguidos e uma média de 832,85 curtidas e 68 comentários nas suas únicas 7 publicações no Instagram (Quadro 14). Ele prefere postar fotos de si mesmo, na maioria das vezes sorrindo, usando óculos escuros ou smartphone. Na sua antepenúltima publicação comentou que aquela foto era “espontânea”, realçando, a sua prática “natural” de expor a sua imagem nas redes virtuais, evidenciando uma das suas maneiras de ser.

**Quadro 14 – Fotos das últimas sete publicações no Instagram de @333333 até o mês de maio de 2019**



Fonte: autoria própria (2019).

Nos comentários das publicações de @333333, identificamos que existe uma maior predominância de jovens do sexo feminino do que masculino. Do mesmo modo como no caso anterior, os seguidores procuram enfatizar que esse jovem é “gato”, “lindo” e “delícia”. Esses tipos de comentários servem como meio de reconhecimento social entre os seus pares, no que diz respeito à sua capacidade de evocar comentários que ressaltem a sua beleza, fazendo com que ele possa adquirir um maior “status” social ou, como aqui denominado, capital virtual. Observamos que este jovem tem mais seguidos do que seguidores, mostrando que ele dá preferência para visualizar publicações no Instagram do que necessariamente de se preocupar em fazer uma autoexposição do seu cotidiano.

Comentários na última publicação:

@333333 Sorria... 😊 😞

manutrela Lindooooo ❤️  
kaik\_klb Irmão gata do krai  
ana\_utu Lindooooooooo 😊😊  
ana\_utu Tem que respeitar viu  
ana\_utu Te amoo ❤️

Comentários na penúltima publicação:

@333333 **Baby alô!** 😊❤️💥

Lidia.abin Lindooooo  
aluska\_francine Bixuh lindo da porraaaa ❤️  
aluska\_francine Uy gatão ❤️  
aluska\_francine MDs meu amigo é muito lindooooo ❤️  
aluska\_francine Uy dlç ❤️

Comentários na antepenúltima publicação:

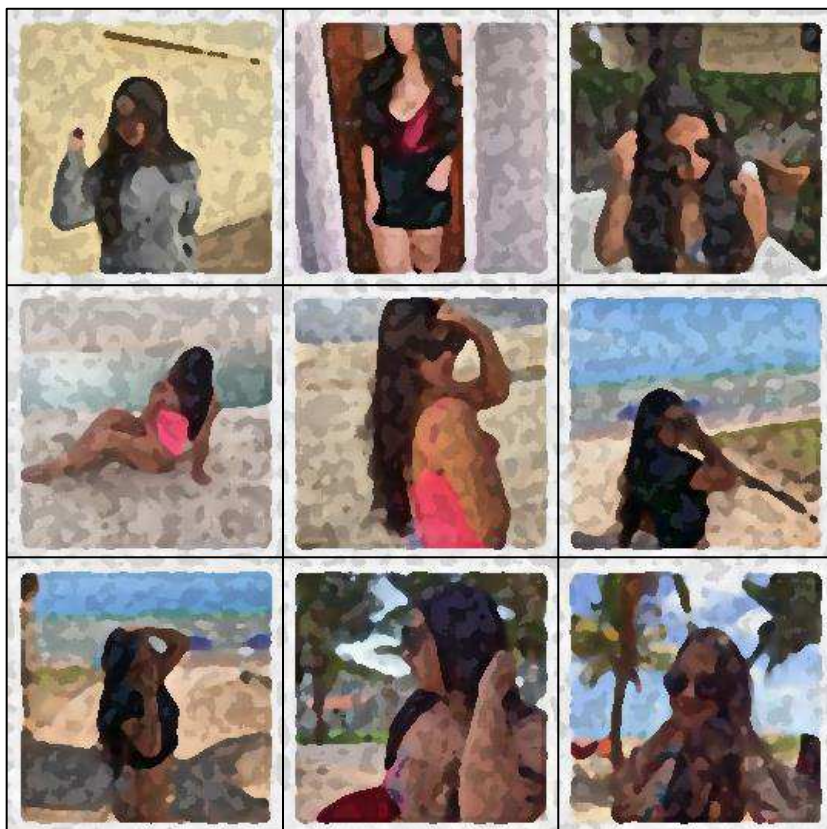
@333333 **Espontâneo** 😊❤️

natyguerra iti malia  
kaline.pts Q gatoo 🍷❤️  
lucas\_da\_zn O cara lindo meu ❤️👉  
lais\_ssc lindo ❤️ somos irmoes  
xiit. lindooo

No quarto caso observado no Instagram, temos a jovem @444444, de 16 anos de idade, com 17 publicações, 2.913 seguidores, 2.047 seguidos, uma média de 541,88 curtidas e 87,55 comentários nas 9 últimas publicações (Quadro 15). A maioria de suas publicações são *selfies* de biquíni na praia, de vestido e na escola em que estuda. Constatamos também que nas publicações no Instagram, ela não gosta de escrever nenhum tipo de texto ou mensagem nas fotos divulgadas na Web. Comparando com os casos observamos nessa pesquisa no Instagram, percebemos que, nos comentários das publicações dessa jovem, existe uma menor quantidade de caracteres, ou seja, de letras, símbolos e palavras que permeiam a composição das sociabilidades juvenis. Palavras como “coisa linda”, “gatinhaa” e “maravilhosa” são as mais recorrentes no conjunto dos comentários observados durante a pesquisa de campo. Aqui

averiguamos que existe um maior equilíbrio de comentários de jovens do sexo masculino e do sexo feminino, quando comparada com os casos anteriores aqui abordados.

**Quadro 15 – Fotos das últimas nove publicações no Instagram de @444444 até o mês de maio de 2019**



Fonte: autoria própria (2019).

Comentários na última publicação:

[@444444](#) 🤪🤪

[viniciusmelo](#) coisa linda

[wellington](#) Lindaa ❤️

[vinaby](#) Lindaaaa

[vinaby](#) ❤️

[rayannebb](#) Gatinhaa

Comentários na penúltima publicação:

[annaoliver](#) 😊😊

[tisilva](#) Linda

[victortb](#) 😊

[adrianno11](#) ai tu é linda? maravilhosa, deslumbranteeee, ai tu é meu amoor é? ❤️

[laracarata](#) Até q fim uma mostrando a paisagem.

Comentários na antepenúltima publicação:

[kaique.olv](#) Lindaaa 😊

[geovannally](#) que mulher!!!!

[geovannally](#) lindaaaaaaaa

[jennymerces](#) QUE MULHER MARAVILHOSAAAAAAA

[jennymerces](#) Sdds bb

No último caso observado, daqueles jovens com maior quantidade de publicações e de seguidores no Instagram, temos @555555, de 16 anos de idade, com 2.450 seguidores, 996 seguidos e uma média de 377,77 curtidas e 38,44 comentários nas 9 últimas publicações (Quadro 16).

**Quadro 16 – Fotos das últimas nove publicações no Instagram de @555555 até o mês de maio de 2019**



Fonte: autoria própria (2019).

Comentários na última publicação:

**@555555 não força a simpatia!** 🙌

vickfernannda desgraça linda, vot

karolraquel 😊 😊

deboratt Lindo meu amor

paolla\_kellyy Coisa linda ❤️

Comentários na penúltima publicação:

**@555555** ✨

fernandahj um Deussssss

fernandahj lindooooo

rebeccafcc Lindooo meu amor

rebeccafcc ❤️ ❤️ ❤️ ❤️ ❤️

Comentários na antepenúltima publicação:

**@555555 Pra entrar, pra sair, pra descer, pra subir tem que ser barril, sangue no olho.**

lais2016 Lindooo

amandanog É a coisa mais linda

antunesmario Top

l4isribeiro abre o olho

Nesses 5 primeiros casos observados, constatamos que os atos e ações dos jovens para as produções das *selfies* tem como principal objetivo “ganhar” uma maior quantidade de seguidores, gerando a necessidade de aceitação do outro, para que seus pares possam curtir e comentar as suas publicações para aumentar o capital virtual e, conseqüentemente, a autoestima. Ressaltamos que a baixa autoestima das juventudes na era das TDICs é evidenciada quando eles escreverem os seus nomes virtuais nas “paredes” da escola, quando ficam monitorando constantemente os desempenhos de comentários e curtidas em suas publicações e através dos seus discursos em que se consideram “fora” dos padrões de beleza.

Entre os 5 cinco jovens observados no Instagram que têm um menor capital virtual (poucas publicações e seguidores), temos o caso do jovem @666666 de 16 anos de idade, com 2 publicações, 134 seguidores, 147 seguidos e uma média de 23,5 curtidas e 3,5 comentários

em 2 publicações no Instagram (Quadro 17). Nessas postagens, ele aparece fazendo *selfie* de casaco e de óculos escuros. Durante as observações no período da pesquisa etnográfica no Instagram, verificamos que ele não respondeu ou comentou nenhum dos comentários dos seus pares no Instagram. Detectamos também que no início da pesquisa, esse jovem tinha postado apenas 1 foto e depois de 7 meses passou a ter apenas 3 publicações. No seu perfil, observamos que ele teve poucas curtidas e comentários em suas publicações, fazendo com que este jovem tenha um “fraco” capital virtual, com poucas interações no Instagram. Presume-se, então, que ele utiliza o seu perfil no Instagram para apenas ver as publicações de seus pares. Somente na última publicação aparece um comentário em que uma usuária o menciona como “Gatão”.

**Quadro 17 – Fotos das últimas duas publicações no Instagram de @666666 até o mês de maio de 2019**



Fonte: autoria própria (2019).

Comentários na última publicação:

@666666 😊😊

aline limaa Gatão ❤️

No Quadro 18, temos as duas únicas publicações do jovem @777777. Ele tem 16 anos de idade, 2 publicações, 67 seguidores, 75 seguidos e uma média de 8,5 curtidas e nenhum comentário nas suas postagens no Instagram. Nas fotos, ele aparece sorrindo e de mochila na escola que ele estuda.



**Quadro 18 – Fotos das últimas duas publicações no Instagram de @777777 até o mês de maio de 2019**



Fonte: autoria própria (2019).

Nessas publicações ele não escreveu nenhum texto ou comentário que pudesse evidenciar os seus sentimentos e/ou pensamentos. Mesmo assim, ele manteve uma crescente, mesmo que pequeno, no acumulado de seguidores e seguidos. Entre os principais fatores para essa situação é que @777777 passa pouco tempo diário na internet e redes virtuais, se comparado com os outros casos observados, apenas entre 1 e 2h por dia, restando pouco tempo para investir em publicações e nas interações no Instagram através de curtidas e comentários nessa rede virtual.

No caso seguinte temos a jovem @888888, com 15 anos de idade. Ela tem 17 publicações, 172 seguidores, 444 seguidos e um média de 36,44 curtidas e 2,55 comentários nas suas 9 últimas publicações no Instagram (Quadro 19). Essa jovem gosta mais de postar *selfies* sozinha e com a sua mãe, amigas e familiares. Nas observações de campo, só encontramos comentários dos seus pares na última publicação, indicando, assim, um baixo capital virtual, com poucos comentários e curtidas no seu perfil no Instagram. Devido a essa situação, encontramos em dois comentários sugestões de sites ([perfectliker.com](http://perfectliker.com) e [uparseguidores.com](http://uparseguidores.com)), que auxiliam os usuários de baixo desempenho no Instagram a aumentar a quantidade de interações, de popularidade.

Comentários na última publicação:

@888888 ❤️

**alicedantas** 😊

**sorayasalles** linda saudade

**dandara nunes** @888888 WWW. PERFECTLIKER .COM

**dandara nunes** @888888 WWW. UPARSEGUIDORES .COM

**Quadro 19 – Fotos das últimas nove publicações no Instagram de @888888 até o mês de maio de 2019**



Fonte: autoria própria (2019).

No penúltimo caso analisado nessa seção, temos o jovem @999999. Ele tem 16 anos de idade, 15 publicações, 157 seguidores, 14 seguidos e uma média de 138,88 curtidas e apenas 4 comentários nas últimas 9 postagens no Instagram (Quadro 20). Observamos que @999999 prefere publicar vídeos do seu cotidiano do que *selfies*. A maioria desses vídeos são dele fazendo práticas esportivas em espaços públicos de lazer, geralmente em praças e em um açude no centro da cidade nos equipamentos para treinamento físico.

Nos comentários de suas publicações, seus pares interagem através de expressões como “maluco brabo”, “ual” e “não mergulhou sem like”. Com relação a esse último comentário percebemos que seus seguidores acabam “exigindo” determinadas desenvolvimentos nas suas práticas esportivas para que este jovem possa “ganhar” mais likes, ou seja, mais curtidas nas suas publicações no Instagram.

Comentários na última publicação:

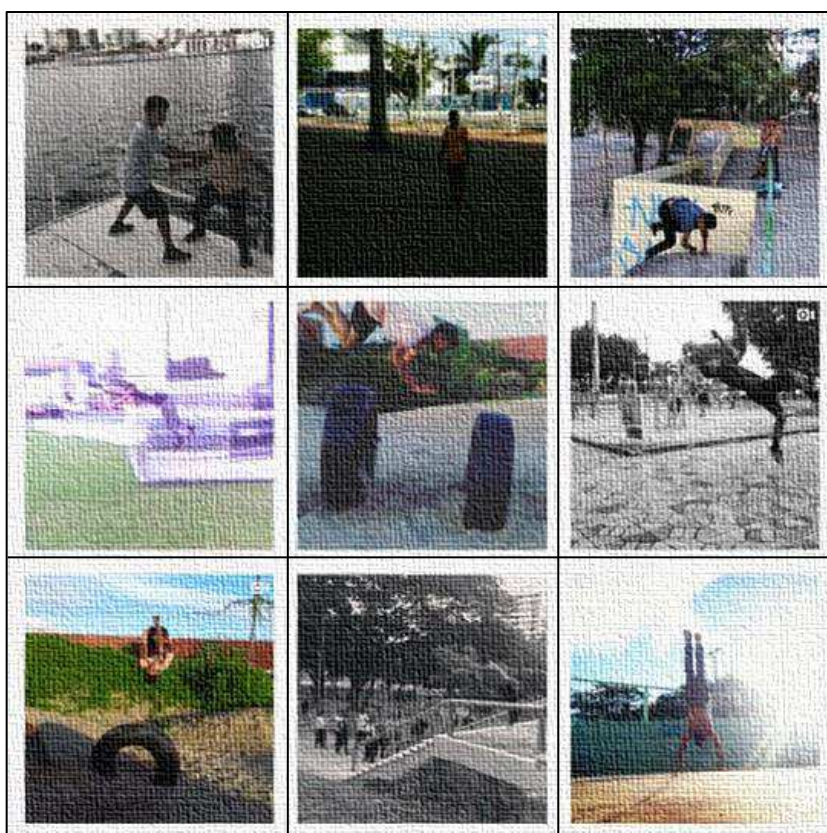
**@999999 Dessa vez não bati em nada ksk**  
**#parkour4life #frontflip #freestyle#nikefreerunning #jump#campinagrandepb**  
**camila rodrigues lgiii**  
**paulow olv maluco é brabo**  
**nalandall Ual**  
**isarel.ml Brabo**  
**fabiana.delfino 🙌🙌**

Comentários na penúltima publicação:

**@999999 É só começar a gravar que eu quase mergulho dentro do açude 😞**  
**#parkour #kong #fail #today #vault**

**amandaluizaa não mergulhou sem like**

**Quadro 20 – Fotos das nove últimas publicações no Instagram de @999999 até o mês de maio de 2019**



Fonte: autoria própria (2019).

No último caso observado, temos a jovem @101010, de 15 anos de idade. Ela tem 3 publicações, 170 seguidores, 305 seguidos e uma média de 56,33 curtidas e 25,66 comentários (Quadro 21). Suas publicações no Instagram são *selfies*, com ela sorrindo e na frente do espelho com uma blusa decotada.

Nos comentários das suas publicações, verificamos que a maioria das palavras direcionadas a essa jovem são relacionadas a questões estéticas. Assim, “linda”, “maravilhosaaaaaaa”, “mtt gata” e “kigatinhaaa” foram as palavras mais recorrentes nos comentários das publicações no seu perfil.

**Quadro 21 – Fotos das três últimas publicações no Instagram de @101010 até o mês de maio de 2019**



Fonte: autoria própria (2019).

Comentários na última publicação:

@101010 ❤️📷 @rossembergg

**eloisa batista 10** Arrasou

**jjana.lima** Linda

**jana.lima** É por causa disso que é minha amiga 😂😏❤️

**leaarruda** ❤️

**vaniaolivedos** Que linda

Comentários na penúltima publicação:

@101010 ❤️

**fabiobg** Fotografada por me 🤳👩🏻 sksksksj

**fabiobg** MARAVILHOSAAAAAAA

**jana.lima** Lindaaaaaaaa

**reinaldo11** Lindaaaa ❤️❤️

**vaniaolivedos** Que gata em ❤️

Comentários na antepenúltima publicação:

@**101010** There's just one life to live, and theres no time to wait, to wait.

**gaby.lola** Lindaaaaa

**carlos921** Maravilhosa (😁) ❤️ ❤️

**raquelyh** Kigatinhaaa ❤️

**livinha.cl** Mano, tu tá mtt gata, puta que pariu

**yasmin.pv** MEU DEUS

Esse “desejo” por mais seguidores no Instagram gera uma certa competitividade, já que quanto maior for o número de seguidores em um perfil no Instagram, maior também será o poder de visibilidade das publicações e da quantidade de comentários e curtidas. Nessa competição, os usuários do Instagram podem comparar seus “desempenhos” com os dos seus pares, podendo medir o todo tempo a sua popularidade como também dos seus pares.

O aumento da quantidade de comentários, de curtidas e de seguidores no perfil no Instagram pode causar satisfação, bem-estar, melhor o humor e diminuir a ansiedade dos jovens que usam o Instagram de forma “compulsiva”. A maioria das juventudes publica fotos e vídeos no Instagram com o principal objetivo de atrair mais “likes”, ao invés de postarem conteúdos mais “autênticos”, ou seja, daquilo que realmente eles mais gostam e querem de fato compartilhar com os seus amigos e familiares. Um fator interessante nessa dinâmica é que a maioria das publicações no Instagram só recebem mais curtidas e mais comentários se elas já tiverem uma grande quantidade de curtidas e comentários, fenômeno esse denominado pelos psicólogos de “mentalidade de rebanho das pessoas”. Ou seja, na maioria dos casos observados, os usuários não curtem ou comentam publicações daquilo que realmente gostam, mas aquelas que a maioria curte.

Os resultados dessa pesquisa também indicam que há uma maior propensão de estudantes do sexo feminino em buscar uma maior quantidade de seguidores através de publicações no Instagram utilizando como principal recurso a autoexposição. Para aumentar a quantidade de seguidores, jovens do sexo feminino gastam mais tempo nas redes virtuais, chegando, na maioria dos casos aqui observados, a acessar mais de 4h por dia a Web. Esse fato social deve-se, entre outros fatores, pela insatisfação com a sua própria aparência ou pela necessidade de ficar cada vez mais popular. Assim, as redes virtuais impulsionam esses jovens a compararem a sua própria vida com a vida e o corpo “perfeito” dos seus pares na Web.

## **5. SUBJETIVIDADES INFORMACIONAIS EM UMA CULTURA LETRADA**

A finalidade desse último capítulo é de analisar as possíveis incompatibilidades entre os modos de ser/aprender das juventudes contemporâneas e as rotinas escolares, disciplinares e pedagógicas apregoadas no ambiente escolar. Tentaremos compreender como o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação, bem como, os “novos” estilos de vida das juventudes contemporâneas estão afetando no funcionamento do ambiente escolar, principalmente dentro da sala de aula, no processo de ensino-aprendizagem, na relação entre professor-estudante.

Por conta das vivências diárias em uma cultura digital, as juventudes da atualidade criam expectativas para que a escola também seja um espaço de diversão e entretenimento e que as aulas sejam “mais dinâmicas”. O que constatamos nessa pesquisa de tese é que há uma lacuna entre as “mentes distraídas” (subjetividades informacionais) desses jovens estudantes e os formatos cognitivos e pedagógicos do espaço escolar, em decorrência da velocidade e do fluxo de informações da Web que afetam na constituição das mentes e dos corpos das juventudes influenciando nas relações e conflitos no espaço escolar.

No que diz respeito ao processo ensino-aprendizagem, constituído na relação professor-estudante, um dos problemas está relacionado aos conflitos e contrastes entre as formas de ensinar dos professores (que envolve leitura de textos impressos, concentração e silêncio) e os “novos” modos de aprender desses estudantes (caracterizada pela interação com os dispositivos virtuais e a rápida saturação). Os conflitos em sala de aula não é algo novo, mas têm adquirido novas configurações e tem gerado mal-estar entre docentes. O uso compulsivo de smartphones/iphones em sala de aula, por parte dos estudantes, tem sido um dos principais motivos para os embates entre professores e estudantes, principalmente no momento da realização das aulas. Por outro lado, as aulas expositivas e o não uso das TDICs em sala de aula como principal recurso metodológico têm gerado insatisfação dos jovens estudantes no âmbito escolar. Em geral, eles não gostam da escola devido à precariedade dos espaços físicos, como por exemplo, da falta de uma estrutura adequada das salas de aula.

O confinamento é um dos recursos disciplinares dentro do espaço escolar caracterizado por colocar os estudantes dentro um espaço físico delimitado (fechado), entre paredes e muros, com rotinas de aulas e intervalos de alimentação regulares de tempo. Atividades e avaliações pedagógicas se repetem ao longo do ano letivo com o objetivo de “habitua-los [os estudantes]

a permanecer tranquilos e a observar pontualmente o que lhes é ordenado” (KANT, 2001, p. 5). Uma das metas dentro do aparato escolar seria, então, de ensinar para os estudantes a “ocupar” melhor seu tempo, de forma disciplinada, para estudar e se preparar para o futuro pós-escola, e para isso, instruindo-os a ficarem “comportados” mediante às normas e regras escolares. Para compreendermos esse contexto social e cognitivo, nos reportamos a Michel Foucault, quando nos lembra que desde os seus primórdios, ao incorporar os modelos da prisão dentro da lógica do “progresso científico-industrial”, a escola teve de ser uma instituição imbuída da ideia de que “cada corpo se constitui como uma peça de uma máquina” (FOUCAULT, 1997, p. 148), receptivo para ser disciplinado em conformidade com os estilos de vida e os comportamentos de uma sociedade industrial.

Com os novos modos subjetivos das juventudes contemporâneas, “distintos daqueles que produziram os corpos dóceis e úteis dos sujeitos disciplinados” (SIBILIA, 2015, p. 34), vivemos em um tempo diferente daquele do ápice da sociedade moderna industrial. Atualmente, a escola, como uma importante instituição social para a formação intelectual e cidadã dos seus estudantes, tem a dura tarefa de manter os corpos e as mentes “disciplinadas” durante mais de 8h por dia, 5 vezes na semana, durante vários anos. No entanto, os modos cognitivos e corporais dos jovens da atualidade, as suas subjetividades informacionais não demandam o mesmo ritmo e lógica do instrumental escolar.

Quando questionamos os pais/responsáveis dos estudantes pesquisados sobre o principal motivo para a escolha da escola para o seu filho, a maioria afirmou que quem escolheu o estabelecimento de ensino foram eles mesmos, os próprios pais/responsáveis, e não os seus filhos. Esse fato é importante porque a escola de tempo integral não agrada a maioria dos estudantes, principalmente por terem que passar o dia todo na escola. Podemos visualizar melhor esse contexto, na Figura 9, através da Nuvem de palavras “escolha da escola” que sintetiza o todo das respostas dos indivíduos pesquisados.

O termo “melhor” está na centralidade da imagem de onde partiram as demais palavras como “ensino”, “qualidade”, “integral” e “futuro”. Esses dados mostram que, na visão dos pais/responsáveis pelos estudantes observados, a escola de tempo integral tem como proporcionar melhores condições para o desenvolvimento acadêmico e profissional dos seus filhos, já que eles teriam mais tempo para estudar, além desse modelo de escola ser mais rigoroso e disciplinador com os estudantes.

**Figura 9 – Nuvem de palavras “escolha da escola”**



Fonte: autoria própria (2019).

No entanto, a maioria dos estudantes, declarou que não teve participação na decisão do momento de escolha da escola. Esses dados mostram que o não envolvimento dos jovens no processo de escolha da escola causa certa insatisfação dos próprios estudantes com escola, em especial, pelo fato de se verem obrigados a ficar o dia todo estudando. Podemos entender o sentimento dos estudantes com relação a essa problemática quando um deles disse que estava “contando os dias pra terminar a escola”, indicando, assim, insatisfação com a escola.

Na Tabela 35, temos as classificações das respostas dos pais/responsáveis dos estudantes com relação a escolha da escola.

**Tabela 35 – “Nós” para “escolha da escola”**

Nós	Arquivos	Referências
Condições financeiras	1	1
Pensando no futuro	15	15
Opção do estudante	10	10
Qualidade de ensino	22	22
Tempo integral	20	20

Fonte: autoria própria (2019).



Essas informações mostram de forma mais clara que, dos 73 casos dos pais/responsáveis pesquisados, apenas 10 declararam que a escolha da escola foi uma opção do próprio filho, 20 afirmaram que a principal motivação foi o formato da escola de tempo integral e 22 disseram que a escolha se deu por conta da qualidade do ensino, do renome da escola. Ou seja, apenas 13,69% dos pais/responsáveis consideraram a opinião e a vontade dos seus filhos no momento da escolha da escola para estudar durante um ano inteiro de tempo integral.

Nas declarações das mães do Grupo 1 de estudantes (Quadro 22), podemos compreender de maneira mais precisa o que significa o termo “melhor” quando se pensa em educação escolar para os filhos. Para a mãe da estudante Vitória, a escola de tempo integral é melhor do que aquelas de “horário normal” que funcionam na maioria das vezes em apenas um expediente.

**Quadro 22 – Declarações das mães do grupo 1 de estudantes com relação a escolha da escola**

Maria	Ana	Vitória	Júlia
“Para que ela tenha um estudo <b>melhor</b> para poder cursar uma boa universidade”.	“Por opção dela. Ela pesquisou sobre a escola e é a <b>melhor</b> em questão de ensino”.	“Pois achei que o ensino bem <b>melhor</b> , do que de um horário normal”.	“ <b>Melhor</b> conhecimento e menos violência, pois escolas normais (Estado ou municípios) sempre há violência e evasão escolar”.

Fonte: autoria própria (2019).

Já para a mãe de Lucas do Grupo 2 de estudantes (Quadro 23), a escola de tempo integral é melhor porque ele (o seu filho) não teria tempo para “perturbar em casa”. Para a mãe de Letícia, a escola de tempo integral é melhor “pra ocupar o tempo dela com mais conhecimento”.

**Quadro 23 – Declarações das mães do grupo 2 de estudantes com relação a escolha da escola**

Lucas	Letícia
“Pra ele parar de me perturbar em casa”.	“Pra ocupar o tempo dela com mais conhecimento. E por ser uma escola, que ela tinha desejo de estudar... por ter boas referências”.

Fonte: autoria própria (2019).

Na pesquisa de campo dentro da escola, focamos uma maior atenção nos comportamentos dos estudantes na escola, especialmente no que diz respeito ao uso de smartphones/iphones e acesso às redes virtuais. Um dos motivos para a geração desses dados foi de conhecer e compreender o cotidiano, bem como, os comportamentos desses jovens estudantes em uma escola pública de tempo integral de Ensino Médio.

Dessa forma, irritação, cansaço e sono foram os comportamentos mais frequentes dos estudantes observados. Durante a pesquisa de campo, uma das estudantes disse que estava irritada porque a professora tinha acordado ela dentro da sala de aula. Outro estudante ainda disse que “nessa escola a gente nem consegue viver”. Esses relatos desses jovens nos levam a entender que a escola é um espaço que eles não gostam. Além deles estarem com muito sono devido a fase da juventude, como também, devido a um certo distanciamento com a cultura letrada, a maioria destes estudantes ficam diariamente até mais de meia noite nas redes virtuais, acarretando um alto grau de cansaço físico e mental, repercutindo do baixo desempenho escolar. Na Foto 5, por exemplo, temos o registro de dois estudantes dormindo dentro da sala de aula no momento em que o professor estava ministrando uma aula expositiva no período da tarde.

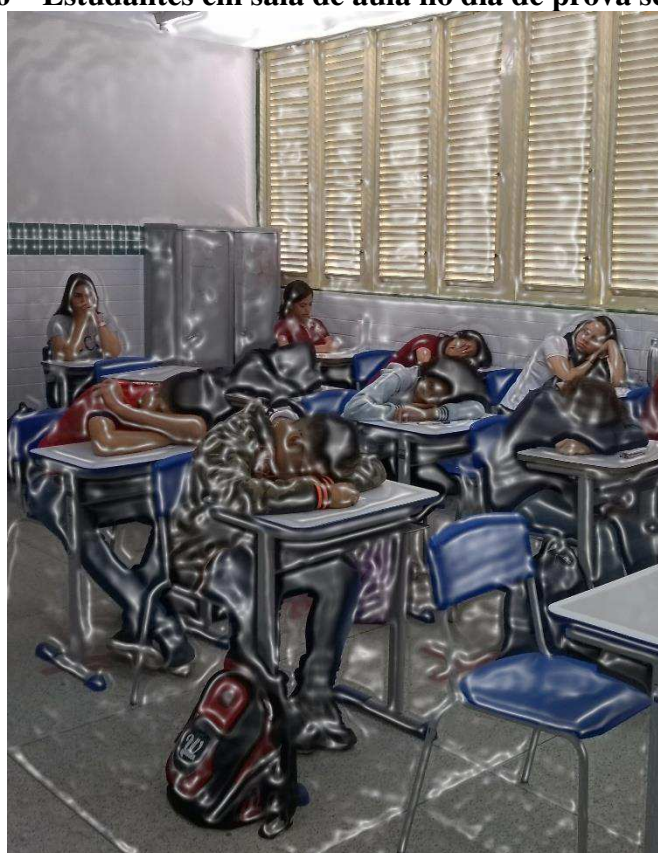
**Foto 5 – Estudantes dormindo no momento de fazer um exercício escolar**



Fonte: autoria própria (2019).

Na Foto 6, capturamos uma imagem de uma turma de estudantes, nos primeiros minutos da aplicação de uma avaliação semanal, com questões objetivas. Aqui, dois estudantes estavam dormindo no momento da prova. Esse tipo de comportamento indica indiferenças dos estudantes com relação às exigências das avaliações escolares. Assim, alguns pais/responsáveis pelos estudantes pesquisados relataram que consideram a carga horária escolar muito exagerada, que seus filhos geralmente chegam em casa com dor de cabeça e estressados, causando até problemas nos relacionamentos familiares, como por exemplo, nos conflitos entre eles e os pais, impaciência para conversar e isolamento desses jovens no quarto.

**Foto 6 – Estudantes em sala de aula no dia de prova semanal**

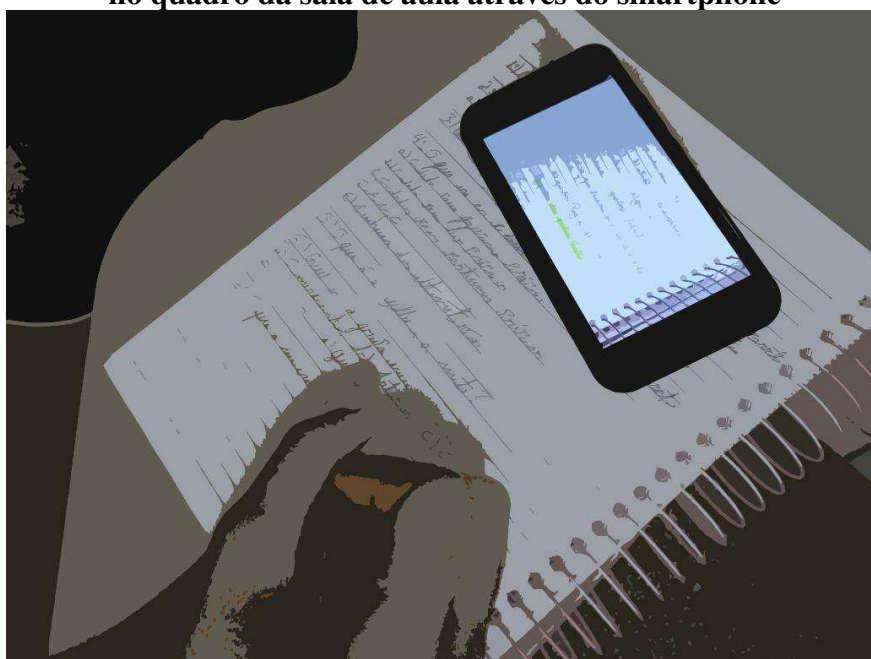


Fonte: autoria própria (2019).

Outro fato que nos chamou atenção nas pesquisas de campo foi a recorrência do uso dos aparelhos digitais para copiar os textos e exercícios escolares postos pelos professores na lousa escolar (Fotos 7 e 8). Esses estudantes “tiram” fotos das anotações que o professor fez na lousa e depois anotam no caderno olhando apenas para a imagem registrada no smartphone e/ou iPhone. Essa prática dos estudantes indica, entre outras coisas, que os corpos e as subjetividades

desses jovens não estão moldados com as estruturas físicas e cognitivas do espaço escolar. O fato de ficarem sentados nas carteiras olhando para a lousa ou assistindo uma aula, causa uma série de desconfortos mentais e corporais, levando-os a recorrerem aos aparelhos digitais para realizarem, por exemplo, uma anotação no caderno ou um exercício escolar. Assim, a cabeça curvada para baixo e as imagens dos aparelhos digitais são mais confortáveis para os estudantes do que ficar no encosto firme das carteiras da sala de aula, olhando para frente o tempo todo e tendo que se concentrar na aula.

**Foto 7 – Estudante copiando assunto que estava no quadro da sala de aula através do smartphone**



Fonte: autoria própria (2019).

Algo também que nos chamou a atenção foi o fato dos estudantes procurarem nos espaços físicos da escola sinal de wi-fi para acessar a internet e as redes virtuais. Sobre essa questão uma das estudantes pesquisadas fez a seguinte afirmação: “como é ruim ser pobre. Faz meia hora que tento mandar uma mensagem para a minha mãe e ainda não consegui”. O que acontece é que a maioria dos jovens observados não tem rede 3G ou 4G para acessar a internet na escola, tendo que ficar “caçando” redes abertas sem fio da escola para poder acessar a Web. Essas informações da pesquisa de campo relevam o quanto que as juventudes da atualidade têm necessidade de ficarem “conectados” na internet o tempo todo e que eles ficam com uma certa

abstinência do mundo virtual quando estão na escola, fazendo com que eles procurem algum “sinal” da internet para entrarem se comunicarem e utilizarem as redes virtuais.

**Foto 8 – Estudante copiando texto que estava no quadro através do smartphone**



Fonte: autoria própria (2019).

Na Foto 9, temos um estudante dentro da sala de aula tentando acessar a internet, e para isso, ele estica o braço para fora da janela para se conseguir um “sinal wi-fi” e se comunicar com outras pessoas.

**Foto 9 – Estudante “procurando” sinal da internet em sala de aula**



Fonte: autoria própria (2019).

Na Foto 10, registramos 6 estudantes “navegando” na internet em um espaço físico da escola restrito aos professores, local este em que os estudantes conseguem o “sinal” da internet com mais facilidade.

**Foto 10 – Estudantes acessando a internet no ambiente restrito dos professores**



Fonte: autoria própria (2019).

Em outro momento, registramos uma jovem isolada dos demais colegas da escola acessando a internet (Foto 11).

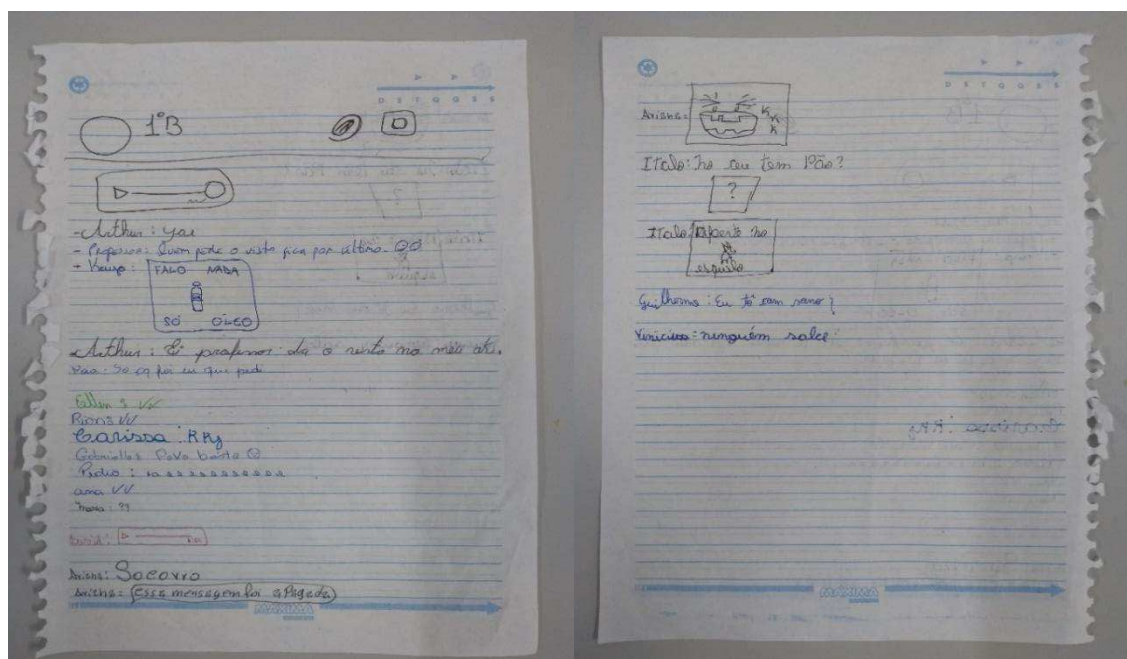
**Foto 11 – Estudante “isolada” acessando a internet no ambiente restrito dos professores**



Fonte: autoria própria (2019).

Na Foto 12, temos registramos duas folhas de caderno que uma turma utilizou para conversar entre eles dentro da sala de aula. Isso aconteceu em virtude de um professor ter proibido os estudantes de conversarem durante a aula, fazendo com que os estudantes passassem a conversar entre si, utilizando a mesma lógica, estrutura e linguagem do WhatsApp, que é um aplicativo de conversação muito utilizados por esses jovens. Frases curtas e desenhos de imagens foram alguns dos recursos usados para conversar na sala de aula.

**Foto 12 – Folhas de caderno usadas pelos estudantes para conversar durante na sala de aula**



Fonte: autoria própria (2019).

Esse comportamento supracitado pode ser tratado como um discurso oculto, como uma forma de exercício de poder dos dominados, no caso aqui os estudantes. Assim, o discurso oculto é uma prática que acontece fora do “palco principal” onde publicamente se vivencia as relações de poder entre dominantes e dominados. Nesse sentido, os discursos ocultos se processam em condições diferentes dos discursos públicos, pois, “[...] este discurso oculto colectivo es esencial en cualquier imagen dinámica de las relaciones de poder” (SCOTT, 2000, p. 69). Essas são as três principais características do discurso oculto:

[...] La primera: el discurso oculto es específico de un espacio social determinado y de un conjunto particular de actores. [...] Outra característica esencial del discurso oculto, a la que no se le há prestado la suficiente atención, es el hecho de que no contiene solo actos de lenguaje sino también una extensa gama de prácticas. [...] Por





“celular”, “dormir”, “estudar”, “estressada” e “atividades”. O fato desses estudantes ficarem cansados não seria algo incomum para alguém que passa o dia fora de casa assistindo uma grande quantidade de aulas. Porém, esse ritmo escolar de tempo integral tem provocado mudanças nas relações interpessoais dentro do espaço doméstico, em que estes jovens não conversam ou conversam pouco com seus pais/responsáveis e ficam mais tempo dentro do quarto depois que chegam da escola acessando as redes virtuais. O que observamos a partir das “falas” dos pais/responsáveis dos estudantes objeto desse estudo, é que, na maioria dos casos, os pais/responsáveis não têm participado ativamente na vida escolar dos seus filhos. Nesse contexto, na visão dos pais/responsáveis, as tecnologias digitais seria o principal fator para os problemas de relacionamento no âmbito doméstico e para o mau desempenho escolar dos seus filhos.

Podemos compreender melhor essa problemática através dos dados da Tabela 36. Aqui identificamos que, dos 73 pais/responsáveis pelos estudantes, 49 afirmaram que os seus filhos chegam em casa muito cansados depois de passar o dia na escola, 11 disseram que eles ficam acessando a internet e interagindo nas redes virtuais e apenas 5 declararam que os jovens conseguem estudar em casa no período da noite, mesmo depois de passarem o dia todo na escola.

**Tabela 36 – “Nós” dentro do nó “comportamentos dos estudantes depois que chegam da escola”**

Nós	Arquivos	Referências
Cansaço	49	49
Estudo	5	5
Uso das TDICs	11	11

Fonte: autoria própria (2019).

Nas declarações das mães do Grupo 1 de estudantes (Quadro 24), as mães das estudantes Maria, Ana e Vitória mostram que as suas filhas chegam em casa cansadas, sonolentas e estressadas depois de passarem o dia na escola. Apenas a mãe de Júlia afirmou que sua filha, depois de chegar da escola, descansa, faz as refeições e atividades domésticas, mas depois ainda conseguem estudar.

**Quadro 24 – Declarações das mães do grupo 1 de estudantes com relação aos seus comportamentos depois que chegam da escola**

Maria	Ana	Vitória	Júlia
“Estar sempre <b>cansada</b> ”.	“Fica quieta e sonolenta”.	“Estressada”.	“Elas descansam e depois fazem as refeições, fazeres de casa e estudam”.

Fonte: autoria própria (2019).

Nas declarações das mães do Grupo 2 dos estudantes (Quadro 25), o cansaço é o comportamento mais recorrente dos seus filhos em decorrência da rotina escolar. Através desses dados apresentados e analisados até esta parte do trabalho de tese podemos afirmar que esses dados indicam que a escola é um espaço físico e cognitivo incompatível com as subjetividades e os corpos das juventudes da atualidade.

**Quadro 25 – Declarações das mães do grupo 2 de estudantes com relação aos seus comportamentos depois que chegam da escola**

Lucas	Letícia
“ <b>Cansado</b> ”.	“Geralmente chega <b>cansada</b> ..., mas ao mesmo tempo entusiasmada”.

Fonte: autoria própria (2019).

### 5.1. “Novos” modos de aprender das juventudes contemporâneas

Com a inserção do mundo virtual no cotidiano dos jovens do século XXI, surge também novas demandas no que diz respeito as inéditas formas de aprender os conteúdos acadêmicos-científicos, pois, o mundo virtual desempenha um papel crucial tanto na constituição da visão de mundo dos seus usuários quanto na construção de suas habilidades e formas de aprender.

Ressaltamos que os “novos” modos de aprender dos estudantes da atualidade não vivem um estado cognitivo permeado apenas pela oralidade dentro de uma sala de aula, mas procura a velocidade das informações. No contexto das TDICs, o conhecimento é gerado de forma mais eficaz quanto é permeado pela simulação se distanciando de uma prática de letrada. Dessa forma, o conhecimento por simulação, com o uso de jogos e das tecnologias digitais também é uma tecnologia intelectual e “[...] funciona mais como um módulo externo e suplementar para

a faculdade de imaginar” (LÉVY, 1993, p. 125). Assim, enquanto a cultura letrada é permeada pela explicação, exposição e interpretação, as “novas” subjetividades informacionais das juventudes contemporâneas funcionam através da simulação e de imagens com o uso dos aparelhos digitais de comunicação e informação.

Com o objetivo de analisar e compreender esta problemática, constatamos que os recursos didáticos mais utilizados em casa pelos estudantes para estudar (Tabela 37), são as anotações do caderno para se preparar para as avaliações, provas e testes da escola (52,1%). Apenas 32,9% utilizam os recursos digitais (internet/smartphone) para estudar os assuntos abordados na escola. Note-se que apenas 2,7% afirmaram que usam livros didáticos para estudar em casa.

**Tabela 37 – Recursos didáticos que os estudantes mais utilizam para estudar em casa**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Livros impressos	2	2,7	2,9	2,9
Anotações no caderno	38	52,1	55,9	58,8
Internet/Smartphone	24	32,9	35,3	94,1
Não utilizo nada	4	5,5	5,9	100,0
Total	68	93,2	100,0	-
Não informado	5	6,8	-	-
Total	73	100,0	-	-

Fonte: autoria própria (2019).

Ao analisarmos os recursos didáticos mais utilizados na escola (Tabela 38), identificamos que a maioria dos estudantes pesquisados, 69,9%, usam as anotações do caderno para estudar e 23,3% utilizam livros impressos. O que chama mais atenção nesses dados é o fato de apenas 2,7% dos estudantes usarem as TDICs para estudar quando estão na escola. Esses comportamentos devem-se, entre outros fatores, porque as anotações do caderno contêm os assuntos abordados em sala de aula de uma forma mais resumida, facilitando na assimilação e compreensão dos assuntos abordados pelos professores na sala de aula. O não uso das TDICs na escola para estudar está relacionado, entre outros fatores, à falta de acesso à internet dentro do ambiente escolar, dificultando nos estudos com o uso da Web, principalmente para assistir, por exemplo, vídeos do *Youtube* que possui com tutoriais dos mais diversos assuntos acadêmicos-científicos.

**Tabela 38 – Recursos didáticos que os estudantes mais utilizam para estudar na escola**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Livros impressos	17	23,3	24,3	24,3
Anotações no caderno	51	69,9	72,9	97,1
Internet/Smartphone	2	2,7	2,9	100,0
Total	70	95,9	100,0	-
Não informado	3	4,1	-	-
Total	73	100,0	-	-

Fonte: autoria própria (2019).

Através dos dados da Tabela 39, identificamos que a maioria dos estudantes objeto desse estudo, 56,2%, não leem livros e/ou revistas digitais, relevando, assim, um certo distanciamento desses estudantes com a leitura de textos mais longos mesmo nas plataformas da Web.

**Tabela 39 – Horas por dia que os estudantes leem livros e/ou revistas digitais**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
0h	41	56,2	56,2	56,2
1h	20	27,4	27,4	83,6
2h	7	9,6	9,6	93,2
3h	2	2,7	2,7	95,9
4h ou mais	3	4,1	4,1	100,0
Total	73	100,0	100,0	-

Fonte: autoria própria (2019).

Ainda assim, também constatamos que a maioria dos estudantes observados nessa pesquisa, 45,2%, não costumam ler livro impressos. Esses dados coletados confirmam a ideia de que existe um certo distanciamento das juventudes contemporâneas com as práticas de leituras de textos longos, afastando-se de uma cultura letrada “tradicional”.

Essa desconexão entre esses jovens com a cultura letrada ocorre também porque no seu espaço doméstico tem poucos livros disponíveis para estudos e leituras (Tabela 40). Dessa forma, os dados dessa pesquisa mostram que 31,5% dos estudantes têm entre 11 e 20 livros em casa, 30,1% têm entre 1 e 10, 12,3% têm entre 21 e 30 e 19,2% têm mais de 31 livros em casa e 6,8% não têm nenhum livro em casa. Essas informações indicam que a ausência substancial

desse capital cultural no ambiente familiar influencia na falta do gosto pela leitura de livros, influenciando negativamente no desempenho desses estudantes na escola.

**Tabela 40 – Quantidade de livros que os estudantes têm em casa**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
0	5	6,8	6,8	6,8
Entre 1 e 10	22	30,1	30,1	37,0
Entre 11 e 20	23	31,5	31,5	68,5
Entre 21 e 30	9	12,3	12,3	80,8
Mais de 31	14	19,2	19,2	100,0
Total	73	100,0	100,0	-

Fonte: autoria própria (2019).

No entanto, os dados dessa pesquisa mostram que a maioria dos estudantes reconhecem a leitura de livros, impressos ou digitais como algo positivo, ou seja, importante para o seu conhecimento de mundo e para a sua formação acadêmica. Essa visão e disposição dos estudantes pesquisados está representada na Figura 11, que é uma síntese de suas declarações sobre o significado para eles de ler um livro.

**Figura 11 – Nuvem de palavras “leitura de livros”**



Fonte: autoria própria (2019).

No centro dessa figura temos o termo “conhecimento”, por ser o mais frequente nas respostas dos estudantes pesquisados, de onde partiram as demais palavras como “aprender”, “adquirir”, “realidade” e “preciso”. Esses dados mostram que mesmo sem a prática da leitura de livros por parte dos jovens observados, há toda uma consideração por parte deles com relação a importância de ler um livro, já que seria algo essencial para a sua formação pessoal e acadêmica.

Dos 73 estudantes que participaram dessa pesquisa, 56 se expressaram nas suas respostas positivamente, no que diz respeito a prática de leitura de livros, e 16 negativamente (Tabela 41). “Preguiça”, “cansaço”, “falta de compreensão do texto”, “ausência de tempo” e “não concentração na hora da leitura”, são alguns dos argumentos colocados pelos estudantes para justificar a falta de leitura diária de livros. Assim, essas informações indicam o quanto que essa nova geração não consegue se apropriar das práticas cognitivas próprias de uma cultura letrada.

**Tabela 41 – “Nós” para “leitura de livros”**

Nós	Arquivos	Referências
Positivamente	56	56
Negativamente	16	16

Fonte: autoria própria (2019).

Nas declarações dos estudantes com relação ao tema leitura de livros (Quadros 26 e 27), identificamos que a maioria desses estudantes ler um livro significa “viajar para um mundo novo”, “ajuda a fazer boas redações” e é “maravilhoso”. Para Júlia, do Grupo 1 de estudantes, ler livros é “uma briga” com ela mesma, como também para Lucas, do Grupo 2 de estudantes, é algo “difícil” de se fazer.

**Quadro 26 – Declarações do grupo 1 de estudantes com relação a leitura de livros**

Maria	Ana	Vitória	Júlia
“Viajar para um mundo novo onde tudo é possível”.	“Entra em um mundo diferente”.	“Bom, pois me ajuda a fazer boas redações”.	“Uma briga comigo mesmo”.

Fonte: autoria própria (2019).

**Quadro 27 – Declarações do grupo 2 de estudantes com relação a leitura de livros**

Lucas	Letícia
“Difícil”.	“Maravilhoso”.

Fonte: autoria própria (2019).

Essa problemática acaba repercutindo dentro da escola, quando os professores em sala de aula solicitam a leitura de livros didáticos, ocasionando, muitas vezes, conflitos entre professores-estudantes, já que na maioria das vezes é solicitado o uso e leitura do livro em sala de aula. No período da pesquisa de campo na escola, presenciamos várias vezes a chegada de uma grande quantidade de livros didáticos novos de todas as disciplinas. No entanto, observamos que a maioria dos estudantes não quiseram recebê-los alegando que é “muito, muito pesado” e que os livros não teriam nenhum tipo de utilidade. Ainda nessa situação, um professor disse que os estudantes “tratam os livros como inimigos” e um estudante afirmou que é melhor “tirar foto do livro mesmo”, pois, “é mais fácil!”. Nos corredores e no chão da escola foi comum encontrarmos livros espalhados, sem nenhum tipo de zelo e uso por parte dos estudantes.

Algo aparentemente contraditório, do ponto de vista das análises das relações e conflitos entre uma cultura digital e uma cultura letrada foi o fato dos estudantes considerarem que as aulas expositivas e dialogadas são mais eficazes para que eles compreendam e assimilarem um conteúdo dentro da sala de aula do que quando os professores utilizam outra metodologia de ensino, como por exemplo, aulas mais lúdicas. Dos 73 estudantes objeto dessa pesquisa, 38,4% afirmaram que têm mais facilidade de entender e prestar atenção em sala de aula quando os professores lecionam de forma expositiva e dialogada, 24,7% com a aplicação de um exercício ou atividade com cálculo, 12,3% com leitura de textos ou livros e 20,5% quando a aula é realizada com o uso das TDICs (Tabela 42).

Nas conversas com os estudantes durante a pesquisa, eles relataram que assimilam um conteúdo da escola de uma forma mais fácil quando o professor explica de forma expositiva e dialogada. Nessa situação, parece que ocorre uma incoerência entre os discursos dos estudantes pesquisados e os seus comportamentos e disposições corporais e cognitivos. Mas não, pois, o que constatamos é que a maioria dos estudantes não percebe que uma aula “não convencional” com brincadeiras e dinamismo, pode ser mais proveitosa, pelo menos do ponto de vista acadêmico, do que uma aula expositiva e dialogada. Para eles, quando o professor não ensina de maneira “tradicional”, “ele está enrolando”, “não está dando aula!”.

**Tabela 42 – Tipo de aula que os estudantes têm mais facilidade de entender e prestar atenção**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Expositiva e dialogada	28	38,4	38,9	38,9
Exercício e/ou atividade com cálculo	18	24,7	25,0	63,9
Leitura de textos e/ou do livro didático	9	12,3	12,5	76,4
Com uso das TDICs	15	20,5	20,8	97,2
Outro	2	2,7	2,8	100,0
Total	72	98,6	100,0	-
Não informado	1	1,4	-	-
Total	73	100,0	-	-

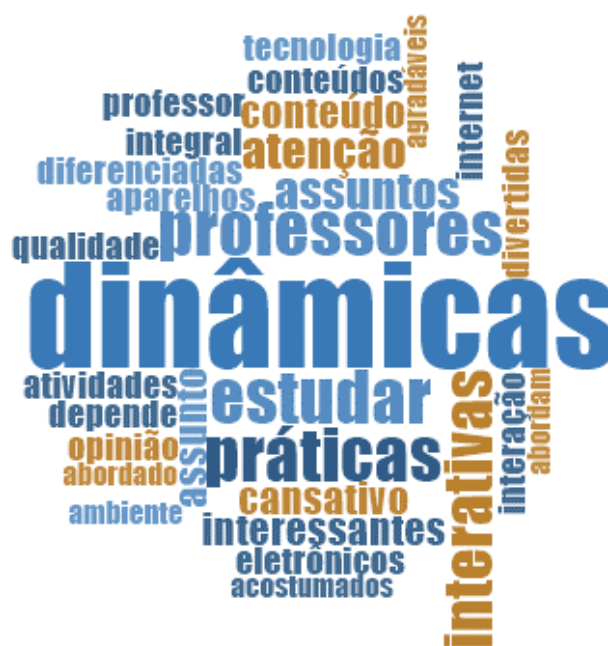
Fonte: autoria própria (2019).

Como já abordado nos capítulos anteriores desse trabalho de tese, as “mentes distraídas” ou as subjetividades informacionais, querem se divertir, querem que as aulas sejam mais “dinâmicas”. Essa busca dos jovens por aulas “mais” lúdicas pode ser vista tanto como uma forma de resistência com as práticas de uma cultura letrada, que exige concentração, silêncio, leitura e interpretação, quanto como um modo deles superarem o desânimo no processo de ensino-aprendizagem. Devemos lembrar que “[...] a dimensão lúdica envolve desafio, surpresa, possibilidade de fazer novo, de querer superar obstáculos iniciais e o incômodo por não controlar todos os resultados [...]” (SMOLE; DINIZ; PESSOA; ISHIHARA, 2008, p. 10). Assim, a dimensão lúdica em sala de aula no processo de ensino-aprendizagem tem sido usada por alguns professores com o propósito de atender os “novos” modos de comunicar e de aprender das juventudes contemporâneas.

Na Figura 12 abaixo, temos uma representação do conjunto de respostas dos estudantes pesquisados com relação as possíveis práticas pedagógicas que a escola poderia adotar que os motivassem a estudar na escola de tempo integral.



**Figura 12 – Nuvem de palavras “motivação para gostar de estudar na escola”**



Fonte: autoria própria (2019).

O termo “dinâmica” que está na centralidade dessa imagem, pois foi o mais recorrente nas respostas dos estudantes sobre esse assunto, de onde surgiu as demais palavras mais frequentes como “estudar”, “práticas” e “interativas”. Esses dados indicam que os estudantes, por razão de suas vivências no mundo digital, querem que as aulas sejam compatíveis com as suas novas subjetividades. Nas pesquisas etnográficas na escola objeto desse estudo, percebemos que quando os estudantes falam que querem aulas mais dinâmicas, eles estão se referindo às possibilidades das aulas serem em espaços abertos (sem ser dentro das quatro paredes da sala de aula), com brincadeiras, jogos e músicas que pudessem estimulá-los a querer estudar de forma prazerosa dentro do ambiente escolar.

Na Tabela 43, podemos visualizar as classificações das respostas dos estudantes no que diz respeito às possíveis motivações para eles assistirem uma aula de maneira mais prazerosa quando estão dentro da escola de tempo integral. Dos 73 estudantes pesquisados, 21 declararam que aulas mais dinâmicas poderiam motivá-los mais para estudar na escola, 10 afirmaram que o uso das TDICs seria mais interessante para animá-los nos estudos dentro do ambiente escolar, 8 disseram que os incentivos dos professores e da gestão seria algo mais significativo para eles passarem a gostar de estudar na escola. As demais respostas estão relacionadas às amizades, namoros, “assuntos interessantes” e aulas práticas. Apenas 4 estudantes se referiram ao não uso

das TDICs em sala de aula como uma maneira de motivá-los a estudar na escola. Esse fato deve-se porque o uso de *datashow* com *slides* ou vídeos de cunho escolar não é visto por muitos dos estudantes pesquisados como um recurso metodológico que os estimule a estudar em sala de aula. Além do mais, esses quatro casos analisados não costumam passar muito tempo durante o dia na internet e/ou nas redes virtuais.

**Tabela 43 – “Nós” para “motivação para gostar de estudar na escola”**

Nós	Arquivos	Referências
Amizades-namoro	3	3
Assuntos interessantes	5	5
Aulas divertidas-dinâmicas	21	21
Aulas práticas	6	6
Pensar no futuro	2	2
Incentivo dos professores ou gestão	8	8
Menos tempo na escola	4	4
Não usar TDICs	4	4
Usar TDICs	10	10
Usar biblioteca	1	1

Fonte: autoria própria (2019).

Nas declarações dos estudantes pesquisados ainda sobre as formas pedagógicas que a escola pudesse adotar para estimular os seus estudantes, observamos que no Grupo 1 (Quadro 28), há uma maior tendência para que esses jovens gostem mais de estudar na escola se o conteúdo trabalhado em sala de aula for “mais divertida”, “diferenciadas”, com “o uso de *smartphone*” e “mais dinâmicas e interativas”.

**Quadro 28 – Declarações do grupo 1 de estudantes com relação a motivação para gostar de estudar na escola**

Maria	Ana	Vitória	Júlia
“O conteúdo tratado de uma forma mais divertida, que nos faça querer saber mais”.	“As aulas serem diferenciadas”.	“O uso de smartphone é um bom começo”.	“Aulas mais <b>dinâmicas</b> e interativas”.

Fonte: autoria própria (2019).

Já no Grupo 2 (Quadro 29), verificamos que não há qualquer referência para aulas mais dinâmicas. Para estes, o que poderia motivá-los a gostar de estudar mais na escola está relacionado as “matérias fáceis” e com mais práticas de leitura, como mencionado pela estudante Letícia.

**Quadro 29 – Declarações do grupo 2 de estudantes com relação a motivação para gostar de estudar na escola**

Lucas	Letícia
“Matérias fáceis”.	“Uma escola com mais leitura e aulas diferenciadas”.

Fonte: autoria própria (2019).

Diante da rotina exaustiva de estudos no ambiente escolar, uma estudante fez a seguinte afirmação: “nessa escola estou até esquecendo quem eu sou” e ainda ela ressaltou que “só posso viver a minha vida no sábado”, já que ela deixa de fazer o que ela realmente gosta por conta das exigências escolares. Diante desses dados apresentados e analisados, compreendemos que a cultura letrada influencia na incidência dos conflitos, interações e sociabilidades dentro do espaço escolar, principalmente na relação entre professor-estudante.

Nesse sentido, as sociabilidades dentro da sala de aula são afetadas, pois as distintas formas de linguagem, de expressão e de construção do conhecimento dentro do espaço escolar apresentam-se como fatores para os conflitos entre professores-estudantes, ocasionando o surgimento de novas formas de (in) disciplina no espaço escolar no contexto das TDICs.

## **5.2. (In) disciplina em sala de aula na era da TDICs**

A indisciplina em sala de aula não é algo novo, mas tem se intensificado nos últimos anos e adquire “novos” contornos e configurações em decorrência, principalmente, do uso “compulsivo” dos aparelhos de comunicação digitais por parte da maioria dos jovens estudantes. Dentro desse “novo” contexto, os estudantes, bem como os professores, apontam a indisciplina e o desinteresse nos estudos como um dos principais problemas a serem enfrentados atualmente dentro do espaço escolar.

Para as análises que se seguem nessa parte do capítulo, entende-se por “indisciplina dos estudantes” aqueles comportamentos dentro da sala de aula quando os estes se recusam em fazer silêncio quando o professor está explicando um assunto/conteúdo, quando se negam a obedecer a uma “ordem” do professor, quando se recusam para realizar alguma atividade escolar, e, sobretudo, quando os estudantes ficam brincando e usando os smartphones ou iphones dentro da sala de aula sem a permissão do professores. Há outras formas de indisciplina dos estudantes na sala de aula, como por exemplo, quando eles xingam ou agredem fisicamente o professor, quando pronunciam palavrões e quando questionam as normas e as regras de comportamento dentro do ambiente escolar, estas também são consideradas formas de indisciplina dos jovens no ambiente escolar. Quando problematizamos a questão da (in) disciplina dos estudantes em sala de aula, precisamos analisar os aspectos sociais e cognitivos mais amplos do que propriamente as práticas pedagógicas inerentes ao ambiente escolar.

Esta parte do trabalho de tese tem como principal objetivo tentar compreender como os novos estilos de vida das juventudes contemporâneas no contexto das tecnologias digitais estão influenciando nos seus comportamentos e conflitos no ambiente escolar, especialmente, nas suas formas de aprender e de interagir com os professores dentro da sala de aula. Para analisar esse quadro de indisciplina em sala de aula, fez-se necessário levarmos em consideração a visão dos professores e os seus sentidos atribuídos ao mau ou bom comportamentos dos seus alunos em sala de aula.

Para tanto, segue-se alguns dados sociais e profissionais dos professores, a fim, de conhecermos melhor as características dos indivíduos pesquisados. Na sequência, analisaremos as influências das tecnologias digitais nas interações e conflitos na sala de aula, mais especificamente na relação entre professor-estudante no processo de ensino-aprendizagem no contexto de uma escola pública de Ensino Médio de tempo integral.

No universo pesquisado, os docentes apresentaram as seguintes características: do total de 32 questionários aplicados aos professores objeto desse estudo, 37,5% tem entre 25 e 37 anos de idade, 34,4% entre 42 e 54 anos de idade e 25% tem entre 56 e 68 anos de idade. A maioria desses professores é o do sexo feminino, com 68,8%, enquanto que 31,3% é do sexo masculino. Destes, 53,1% declararam que têm curso de especialização, 21,9% curso de graduação e 15,6% concluíram o mestrado.

Quanto a metodologia de ensino mais utilizada em sala de aula (Tabela 44), a maioria dos professores pesquisados, 68,8%, declarou que a aula expositiva e dialogada é o recurso metodológico de ensino mais utilizado por eles, enquanto que 9,4% dos professores disseram que utilizam as tecnologias digitais como instrumento de ensino.

**Tabela 44 – Metodologia de ensino utilizada com mais frequência pelos professores**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
Expositiva e dialogada	22	68,8	71,0	71,0
Exercício e/ou atividade com cálculo	3	9,4	9,7	80,6
Leitura de textos e/ou do livro didático	3	9,4	9,7	90,3
Com o auxílio das TDICs	3	9,4	9,7	100,0
Total	31	96,9	100,0	-
Não respondeu	1	3,1	-	-
Total	32	100,0	-	-

Fonte: autoria própria (2019).

Nos dados da Tabela 45, identificamos que a maioria dos professores, 81,3%, utiliza em algum momento às tecnologias digitais para ensinar em sala de aula (notebook, datashow e smartphone com acesso à Web), enquanto que 18,8% dos professores pesquisados não utilizam em nenhum momento os recursos digitais para ensinar. Entre os empecilhos para a não utilização das TDICs em sala de aula, por parte dos professores, ocorre pela falta ou insuficiência de equipamentos das tecnologias digitais na escola.

**Tabela 45 – Se o professor usa as TDICs para ensinar em sala de aula**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
Sim	26	81,3	81,3	81,3
Não	6	18,8	18,8	100,0
Total	32	100,0	100,0	-

Fonte: autoria própria (2019).

Para compreendermos a dimensão dos conflitos em sala de aula entre professor-estudante no âmbito do processo de ensino-aprendizagem, perguntamos aos professores quais seriam as situações que eles consideram que têm mais dificuldades com os estudantes em sala de aula (Tabela 46).

**Tabela 46 – Situação em que os professores consideram que têm mais problemas com os alunos em sala de aula**

	Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulada
Quando os alunos se negam a fazer alguma atividade	4	12,5	13,3	13,3
Quando os alunos se recusam em fazer silêncio no momento da explicação do conteúdo	22	68,8	73,3	86,7
Quando os alunos se negam em obedecer a uma ordem	1	3,1	3,3	90,0
Quando os alunos se recusam em fazer silêncio e não obedecer a uma ordem	2	6,3	6,7	96,7
Quando os alunos se negam a fazer alguma atividade e não ficam em silêncio	1	3,1	3,3	100,0
Total	30	93,8	100,0	-
Não responderam	2	6,3	-	-
Total	32	100,0	-	-

Fonte: autoria própria (2019).

Aqui verificamos que as principais dificuldades do professor em sala de aula estão relacionadas as conversas, as brincadeiras em sala de aula e o fato dos estudantes não realizarem os exercícios e atividades propostas pelos eles. Dessa forma, 68,8% consideram que a recusa dos estudantes em fazer silêncio no momento da explicação é um dos problemas que causa conflitos com os jovens estudantes, enquanto que 12,5% avaliam que um dos maiores problemas com os seus estudantes está relacionado no momento em que estes não realizam as atividades escolares.

Na Tabela 47, temos uma tabulação cruzada entre os indicadores “sexo dos professores” e “metodologia mais utilizada em sala de aula”. Aqui identificamos que em apenas 3 casos, docentes do sexo feminino, há uma maior tendência para a utilização das TDICs em suas aulas (em destaque na cor verde), enquanto que a maioria, docentes do sexo masculino, têm uma maior disposição para realizarem as suas aulas de forma expositiva e dialogada e com aplicação de exercícios. Já na Tabela 48, temos uma tabulação cruzadas entre os indicadores “TDICs em sala de aula” e “horas por dia usando as tecnologias digitais para elaborar aulas”. A partir das análises desses dados, identificamos que 2 professores não costumam preparar as suas aulas com o auxílio da internet ou das tecnologias digitais ao mesmo tempo em que estes não utilizam nenhum equipamento digital em sala de aula (em destaque na cor laranja).

**Tabela 47 – Tabulação cruzada entre sexo dos professores e metodologia de ensino utilizada com mais frequência em sala de aula**

Metodologia de ensino utilizada com mais frequência em sala de aula						
		Expositiva e dialogada	Exercício e/ou atividade com cálculo	Leitura de textos e/ou de livro didático	Com o auxílio das TDICs	Total
Sexo dos professores	Masculino	8	2	0	0	10
	Feminino	14	1	3	3	21
	Total	27	3	3	3	31

Fonte: autoria própria (2019).

**Tabela 48 – Tabulação cruzada entre horas por dia que os professores utilizam a internet para preparar aulas e se utilizam as TDICs em sala de aula**

		Se os professores utilizam as TDICs em sala de aula		
		Sim	Não	Total
Horas por dia que os professores utilizam a internet para preparar aulas	0h	0	2	2
	1h ou menos	12	0	12
	2h	11	2	13
	3h	1	1	2
	4h ou mais	2	1	3
	Total	26	6	32

Fonte: autoria própria (2019).

Para fins de análises de conteúdo dos discursos dos professores<sup>23</sup>, acolheremos as “falas” de 3 docentes, em destaque na Tabela 47, denominado de Grupo 1 e de outros 2 professores do Grupo 2, como consta na Tabela 48. Esta seção procurar descrever e analisar as percepções e sentimentos dos professores, no que diz respeito às suas relações e conflitos com os estudantes, no âmbito do processo de ensino-aprendizagem, com ênfase nos dois Grupos definidos. Estas são as suas principais características: aqueles que utilizam com mais frequência as TDICs em sala de aula e os que não usam os recursos tecnológicos digitais no momento da aula. As análises que se seguem foram elaboradas por meio de procedimentos sistemáticos de categorização dos conteúdos (declarações/discursos) coletados na pesquisa de campo e apresentados nesse trabalho de tese por meio de Nuvens de Palavras<sup>24</sup> com o auxílio do NVivo. Assim, temos, abaixo, uma síntese das principais características dos distintos Grupos<sup>25</sup> 1 e 2:

<sup>23</sup> Por razões que visam preservar a “identidade” dos interlocutores da pesquisa, os nomes que aqui aparecem são fictícios.

<sup>24</sup> Em geral, o principal critério para a composição das Nuvens de Palavras que se seguem nesse trabalho de tese foi a utilização das 30 palavras mais frequentes com o comprimento mínimo a partir de 3 caracteres. As Nuvens de Palavras que sintetizam as respostas dos professores pesquisados foram editadas com pano de fundo de cor preta.

<sup>25</sup> Buscamos extrair às possíveis diferenças das formas de pensar sobre essa temática dos 32 professores pesquisados, representados pelos 5 casos selecionados, divididos entre os Grupos 1 e 2.



- **Grupo 1:** 3 docentes do sexo feminino (Jacy, Fernanda e Inês). Passam mais de 4h na internet para preparar as suas aulas e utilizam às TDICs com mais frequência em sala de aula.

- **Grupo 2:** 1 docente do sexo feminino e 1 do sexo masculino (Ludmila e Rafael). Não costumam usar a internet para elaborar as suas aulas e não utilizam as tecnologias digitais no momento da aula.

Por meio de um questionário, perguntamos aos professores quais seriam os fatores positivos quanto ao uso das tecnologias digitais em sala de aula, levando-se em conta as possíveis contribuições cognitivas dentro do processo de ensino-aprendizagem (Figura 13).

**Figura 13 – Nuvem de palavras “fatores positivos das TDICs no processo ensino-aprendizagem na visão dos professores”**



Fonte: autoria própria (2019).

Observamos que as palavras “aprendizagem” e “conhecimento” estão no centro da imagem acima indicando que a maioria dos professores considera que as TDICs são importantes instrumentos que beneficiam os estudantes no processo de ensino-aprendizagem. As demais palavras derivadas dos dois termos supracitados foram “acessibilidade”, “interatividade”, “aprofundamento”, “contextualização” e “comprometidos”. Através das declarações dos professores percebemos que as tecnologias digitais podem possibilitar aos estudantes um leque

mais amplo de acesso no tocante aos diversos conteúdos por meio de uma maior interatividade com os recursos midiáticos, fazendo como que os estudantes fiquem mais atentos e concentrados no momento da aula.

Na Tabela 49, temos uma síntese das respostas dos professores com relação aos fatores positivos do uso das TDICs no processo ensino-aprendizagem, dividida em 5 categorias. Dos 32 professores pesquisados, 15 afirmaram que as TDICs despertam um maior interesse dos estudantes com relação aos conteúdos trabalhados em sala de aula, 12 declararam que os recursos tecnológicos digitais permitem que os estudantes tenham uma maior ampliação dos conhecimentos científicos, 3 apontaram que as TDICs melhora a dinâmica e os relacionamentos em sala de aula e 2 assinalaram que as tecnologias digitais aumenta a velocidade das informações.

**Tabela 49 – “Nós” para “fatores positivos das TDICs no processo ensino-aprendizagem na visão dos professores”**

Nós	Arquivos	Referências
Amplia conhecimento	12	13
Desperta interesse	15	15
Melhora dinâmica	3	3
Aumenta a velocidade das informações	2	2

Fonte: autoria própria com o uso do NVivo (2019).

Na comparação dos dois Grupos de professores, percebemos que não houve divergências significativas nas declarações sobre essa temática. Os professores do Grupo 1 (Quadro 30) consideram que as tecnologias digitais em sala de aula facilitam no “acesso à informação”, em decorrência da escassez de materiais de apoio (livros e outros recursos não digitais), principalmente para a realização de pesquisas em sala de aula. Assim, para as professoras Fernanda e Inês, as TDICs em sala de aula contribuem para que as aulas sejam mais atrativas, dinâmicas e interativas e estes recursos digitais motivam os estudantes para a realização das atividades escolares.

**Quadro 30 – Declarações do grupo 1 de professores com relação aos fatores positivos das TDICs no processo de ensino-aprendizagem**

Jacy	Fernanda	Inês
“Informações diversas disponíveis em textos digitais e/ou em vídeos; agilidade na busca de informações; a interatividade; o dinamismo e a capacidade de promover a interação e a comunicação em tempo real. Estes fatores quando bem articulados favorecem o processo de ensino e de aprendizagem”.	“Atrativo, dinâmico, interativo”.	“O uso das Tecnologias Digitais facilita o acesso à informação, propicia um maior engajamento e motivação de alunos e professores nas aulas e no desenvolvimento de atividades, possibilitando, dessa forma, aulas diferenciadas e dinâmicas”.

Fonte: autoria própria com o uso do NVivo (2019).

Já para os professores do Grupo 2 (Quadro 31), percebemos em suas declarações que as TDICs podem trazer benefícios para os estudantes. Porém, o professor Rafael ressalta que as tecnologias digitais só podem ajudar os estudantes se estes encarem as TDICs como uma ferramenta de estudo e não apenas para brincadeiras e interação virtual.

**Quadro 31 – Declarações do grupo 2 de professores com relação aos fatores positivos das TDICs no processo de ensino-aprendizagem**

Ludmila	Rafael
“Informações rápidas, pesquisas dos mais variados assuntos”.	“Os fatores positivos são que veio inovar a educação desde que os estudantes estejam comprometidos a usarem as tecnologias para realmente estudarem”.

Fonte: autoria própria com o uso do NVivo (2019).

Com relação aos aspectos negativos em que as tecnologias digitais poderiam afetar no processo de ensino-aprendizagem, na Figura 14, temos uma síntese da visão dos professores pesquisados.

**Figura 14 – Nuvem de palavras “fatores negativos das TDICs no processo ensino-aprendizagem na visão dos professores”**



Fonte: autoria própria (2019).

Na centralidade dessa imagem temos o termo “tecnologia” de onde parte as demais palavras com mais frequência. Para a maioria dos professores que interagem com esses estudantes diariamente, “distração”, (falta de) “concentração”, “ansiedade” e “limitação” (para compreender os conteúdos escolares) seriam as principais consequências para os estudantes por conta do uso não permitido das TDICs em sala de aula, como observamos por meio nessas palavras mais evocadas nas declarações dos professores sobre esse assunto.

A Tabela 50, a seguir, mostra a distribuição das respostas dos professores com relação aos fatores negativos das TDICs em sala de aula de acordo com as frequências das palavras mais evocadas. Aqui verificamos que dos 32 professores pesquisados, 75% consideram que as tecnologias digitais influenciam incisivamente na indisciplina dos estudantes em sala de aula. Baixa capacidade de concentração durante a explicação de um assunto, pedidos persistentes e insistentes para o uso de smartphones e iphones no momento da aula, problemas de interpretação de textos mais longos, irritação, inquietação e falta de paciência diante das atividades escolar são alguns dos principais problemas identificados que os professores enfrentam em sala de aula diante dos comportamentos dos jovens estudantes.

**Tabela 50 - “Nós” para “fatores negativos das TDICs no processo ensino-aprendizagem na visão dos professores”**

Nós	Arquivos	Referências
Indisciplina	24	25
Falta de infraestrutura escolar	5	5
Prejudica leitura	2	2
Influencia negativamente na aula	1	1

Fonte: autoria própria (2019).

Esses dados indicam que a indisciplina em sala de aula é algo comum no cotidiano da sala de aula e acaba sendo uma expressão dos novos estilos de vida e das novas formas de ser dos jovens do século XXI, em que os seus corpos e subjetividades não são mais compatíveis com as práticas disciplinares, pedagógicas e cognitivas de uma cultura letrada.

Como vemos nas declarações dos professores, o mau uso ou ausência de uma utilização intencional das TDICs, para auxiliar nos estudos dos estudantes em sala de aula, contribui para a dispersão, distração e capacidade de concentração dos estudantes (Quadro 32). Assim, durante as pesquisas de campo no ambiente escolar vários estudantes relataram que quando se deparam com textos longos e com momentos de aulas expositivas, eles tendem a dormir e a não participar efetivamente da aula.

**Quadro 32 – Declarações do grupo 1 de professores com relação aos fatores negativos das TDICs no processo de ensino-aprendizagem**

Jacy	Fernanda	Inês
“O uso das tecnologias digitais, quando não bem planejado pode contribuir para a dispersão dos estudantes, sua distração com temas diferentes do que é proposto para estudo. Pode-se citar também o fake news e sua relação na formação de opinião pelo estudante, podendo agir negativamente quando não se tem consciência do que é”.	“Distração”.	“O mau uso da tecnologia interfere diretamente no processo de ensino-aprendizagem, diminuindo a capacidade de concentração, aumentando a ansiedade, influenciando na qualidade do sono e nos relacionamentos interpessoais”.

Fonte: autoria própria (2019).

O professor Rafael do Grupo 2 dos professores (Quadro 33), mencionou que essa dependência dos estudantes com as tecnologias digitais acaba comprometendo as habilidades dos estudantes na leitura e interpretação de textos de cunho acadêmico-escolar. Devemos considerar, nesse contexto, que a maioria destes estudantes não costumam escrever ou digitar textos mais longos, principalmente de sua autoria, pois quando isso acontece, estes textos são apenas reproduzidos. Além dos mais, as habilidades da leitura, escrita e raciocínio apregoadas e cobradas no ambiente escolar estão distantes daquelas disseminadas e exigidas dentro da lógica cognitiva de uma cultura digital.

**Quadro 33 – Declarações do grupo 2 de professores com relação aos fatores negativos das TDICs no processo de ensino-aprendizagem**

Ludmila	Rafael
“Uso do celular no momento da aula para ouvir músicas e ver as redes sociais”.	“O fator de encontrarem tudo pronto e não quererem mais usar o raciocínio espontâneo, isso acarreta dependência das redes sociais e leva os estudantes a fazerem as coisas sem o principal fator comum: a leitura e a interpretação”.

Fonte: autoria própria (2019).

Constatamos que há uma expectativa por parte dos estudantes para que as aulas na escola sejam realizadas com “aulas mais dinâmicas”, com brincadeiras. Essa disposição cognitiva dos estudantes pesquisados é evidenciada através da síntese de suas respostas com relação a esse tema, representada na Figura 15.

Assim, o termo “brincadeiras” está na centralidade dessa imagem de onde aparecem as demais palavras com mais frequência. O que percebemos é que quando os estudantes pedem para os professores planejem e executem suas aulas de forma mais dinâmica, deve-se pela expectativa desses jovens imbuídos com as subjetividades informacionais, para que os professores façam brincadeiras para que eles consigam compreender os assuntos abordados na sala de aula de forma lúdica.

Figura 15 – Nuvem de palavras “aulas mais dinâmicas”



Fonte: autoria própria (2019).

Nesse contexto, as brincadeiras devem ser realizadas, preferencialmente, com o uso das tecnologias digitais e das redes virtuais, ambientes, estes, bem conhecidos e vivenciados cotidianamente por esses estudantes. Podemos confirmar essa tendência de disposição cognitiva das juventudes contemporâneas, a partir das informações da Tabela 51, que mostra a distribuição, em categorias, das declarações dos estudantes sobre esse tema.

Tabela 51 – “Nós” para “aulas mais dinâmicas”

Nós	Arquivos	Referências
Brincadeiras	31	31
Uso das TDICs	22	22

Fonte: autoria própria (2019).

Dos 73 estudantes pesquisados, 42,46% afirmaram que as aulas seriam mais dinâmicas se fossem realizadas através de brincadeiras, fazendo com que os ajudassem a compreender e assimilar os assuntos escolares, enquanto que 30,13% disseram que uma aula dinâmica seria aquela em que o professor e os estudantes usassem as TDICs como recursos pedagógicos. Essa

disposição, tendência e inclinação dos estudantes para terem “aulas mais dinâmicas”, deve-se, sobretudo, como já demonstrado e analisado nos capítulos anteriores desse trabalho de tese, pela rápida saturação dos estudantes diante das práticas pedagógicas de uma cultura letrada.

Nas declarações dos estudantes no que diz respeito às aulas dinâmicas, observamos que, de forma geral, os estudantes preferem que as aulas sejam realizadas fora das quatro paredes da sala de aula, afastando-se das práticas pedagógicas “tradicionais” (Quadro 34) de uma cultura letrada.

**Quadro 34 – Declarações do grupo 1 de estudantes com relação as aulas mais dinâmicas**

Maria	Ana	Vitória	Júlia
“Com músicas”.	“Prefiro aula normal”.	“Brincando mais, sendo mais calmo e deixe nós cantar”.	“Saindo, não dando aula só na sala, ou trazer algum filme ou assuntos interessantes”.

Fonte: autoria própria (2019).

As brincadeiras, as músicas, as tecnologias digitais e a exibição de filmes seriam os principais recursos pedagógicos que poderiam estimular as juventudes contemporâneas a aceitarem de forma mais harmônica e pacífica a cultura letrada, ou seja, a partir de “uma aula diferente fora da sala” (Quadro 35).

**Quadro 35 – Declarações do grupo 2 de estudantes com relação as aulas mais dinâmicas**

Lucas	Letícia
“Usando coisa tecnológica”.	“Nos tirando um pouco da sala de aula e fazer uma aula diferente”.

Fonte: autoria própria (2019).

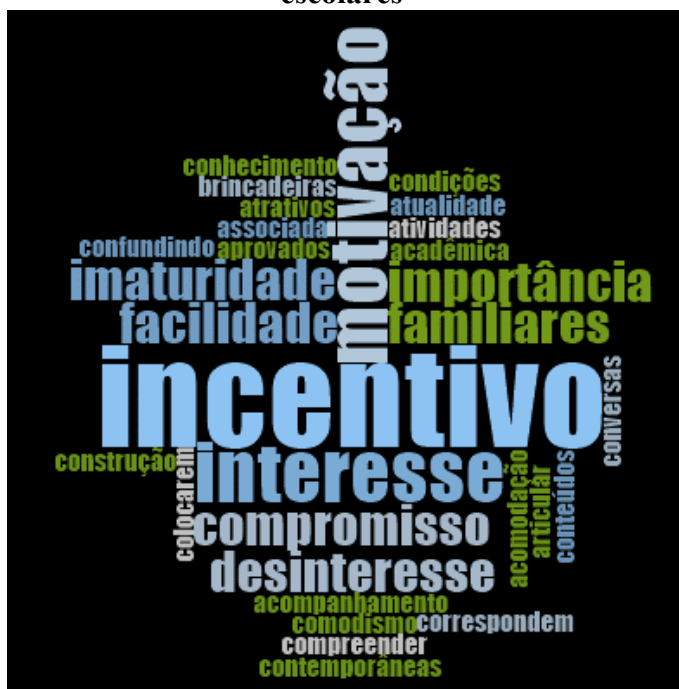
Portanto, os espaços conflitantes no ambiente escolar poderiam ser transformados em espaços de real significado para que esses jovens possam acomodar de modo efetivo os seus corpos e as suas “novas” subjetividades no ambiente escolar.

Com relação às possíveis causas para a falta de interesse dos estudantes pelos estudos no espaço escolar, a Figura 16 mostra uma síntese das formas de pensar dos professores pesquisados sobre esta temática. “Incentivo”, “motivação” e “interesse” foram os termos mais recorrentes nas respostas dos docentes, localizados no centro da presente imagem de onde



surgiram as demais palavras mais citadas como “compromisso”, “desinteresse” e “imaturidade”, mostrando os principais problemas enfrentados pelos professores na sala de aula no que diz respeito ao não interesse dos estudantes pelos estudos no ambiente escolar.

**Figura 16 – Nuvem de palavras “falta de interesse dos estudantes pelos estudos escolares”**



Fonte: autoria própria (2019).

Na visão dos professores, à imaturidade dos estudantes, bem como, às limitações de materiais pedagógicos adequados que atendam ao “novo” contexto social e cognitivos dos estudantes seriam os principais fatores para a desmotivação dos jovens da atualidade pelos estudos na dentro da escola (Tabela 52).

**Tabela 52 – “Nós” para “falta de interesse dos estudantes pelos estudos escolares”**

Nós	Arquivos	Referências
Imaturidade	16	16
Questões pedagógicas	12	12
Ausência de leituras	2	2
Aspecto familiar	11	11

Fonte: autoria própria (2019).

Os aspectos familiares também foram citados pelos professores, visto que alguns pais/responsáveis dos estudantes não demonstram preocupação com vida escolar dos seus filhos, como por exemplo, não comparecendo aos plantões pedagógicos e nem em algumas atividades da escola quando são abertas para a comunidade como um todo.

Nesse sentido, o conjunto de disposições sociais, econômicas e culturais do ambiente familiar podem influenciar nas trajetórias de vida dos jovens e na sua formação acadêmica. No entanto, nesse contexto analisado, o que predomina como problema de maior relevância para a (in) disciplina dos estudantes em sala de aula é o “real” distanciamento entre as práticas sociais e cognitivas do ambiente escolar e novas formas de ser e aprender das juventudes contemporâneas, que usam incessantemente às tecnologias digitais, ocasionando, assim, um maior desinteresse pelos estudos escolares.

Quando analisamos as declarações dos professores sobre esse assunto (Quadro 36), apenas a docente Jacy, do Grupo 1, ressaltou que as limitações da escola quanto à falta de inovações tecnológicas afeta diretamente no desinteresse dos estudantes nos estudos escolares, enquanto que os demais professores remeteram a questão de “acomodação” dos “alunos” e do não reconhecimento da língua estrangeira como uma disciplina relevante para a formação deles.

**Quadro 36 – Declarações do grupo 1 de professores com relação à falta de interesse dos estudantes pelos estudos escolares**

Jacy	Fernanda	Inês
“A falta de interesse dos alunos pode estar associada a sua imaturidade em articular o seu presente às expectativas do seu futuro; a falta de motivação em ficar o dia todo na escola; e as limitações que ainda temos quanto às inovações metodológicas”.	“Acomodação: os alunos querem as coisas com muita facilidade, não lutam e buscam o que querem”.	“Com relação à língua estrangeira há uma dificuldade maior de reconhecimento dos alunos, por eles acharem que a disciplina não tem relevância na formação deles”.

Fonte: autoria própria (2019).

Já no Grupo 2 (Quadro 37), os professores apontaram para as questões e problemas familiares e as possíveis facilidades que os estudantes teriam para serem aprovados no final do



Quando observamos a parte central desse quadro de “nós” entre as duas Nuvens de palavras, verificamos que o termo “brincadeiras” ficou na centralidade dessa imagem de onde surgiu as demais palavras com mais frequências como “incentivo”, “motivação”, “conversas”, “informática” e “interesse”. A partir da leitura e interpretação desses dados empíricos, verificamos que um dos principais incentivos que os professores podem oferecer em sala de aula para os seus alunos é a realização de aulas lúdicas, com brincadeiras, que pudessem auxiliar esses jovens a entenderem os conteúdos escolares de forma divertida e descontraída. Assim, o lúdico seria mais compatível com as subjetividades informacionais e as formas de aprender das juventudes contemporâneas. Durante as pesquisas de campo na escola, observamos que os conflitos em sala de aula ocorrem, principalmente, pelo mau relacionamento entre professores e estudantes em detrimento aos limites do uso do smartphone ou iphone na sala de aula por parte dos estudantes. Essa situação tem gerado uma série de problemas no cotidiano escolar, em que muitas vezes os estudantes não respeitam mais os professores, na maioria das vezes, em virtude justamente dessas proibições do uso e acesso as redes virtuais dentro da sala de aula.

A seguir apresentamos uma representação das respostas dos estudantes pesquisados no tocante aos principais fatores que contribuem para uma melhor relação deles com os professores, como consta na Nuvem de palavras da Figura 17 abaixo.

**Figura 17 – Nuvem de palavras “fatores para uma melhor relação dos estudantes com os professores”**



Fonte: autoria própria (2019).

No centro dessa imagem, os termos “professor” e “respeito” foram os mais recorrentes nas declarações dos estudantes de onde surgiram as demais palavras com mais frequência como “conversar”, “brincadeiras”, “entender”, “compreensivos” e “interação”. Esses dados empíricos mostram que os estudantes anseiam que os seus professores possam se colocar no lugar deles como estudantes, para que tentem agir e ensinar de acordo com as realidades cognitivas da atualidade. Assim, o termo “respeito”, repetitivamente enfatizado no conjunto das declarações dos estudantes pesquisados, está associado com a empatia dos professores para com os seus alunos, no sentido de que os docentes possam compreender as “reais” motivações dos comportamentos e das “indisciplinas” dos jovens em sala de aula - conversas, brincadeiras e uso das TDICs em sala de aula.

Na Tabela 53, temos divididas em categorias as respostas dos estudantes objeto do presente estudo no que diz respeito aos fatores que poderiam contribuir para uma melhor relação deles com os professores.

**Tabela 53 – “Nós” para “fatores para uma melhor relação dos estudantes com os professores”**

Nós	Arquivos	Referências
Empatia	46	46
Aspectos pedagógicos	26	26

Fonte: autoria própria (2019).

Dos 73 estudantes observados, 63,01% utilizaram as palavras “compreensão”, “confiança”, “aproximação” e “reciprocidade”. Esses termos foram classificados aqui como “empatia”, pois seria a principal ação que os professores, na visão dos estudantes, poderiam ter em sala de aula para uma melhoria das relações entre professor-estudante. Já 35,61% dos estudantes pesquisados afirmaram que uma melhor relação deles com os professores estaria associada aos aspectos pedagógicos, quando os professores ministram as suas aulas de forma interativa e com “brincadeiras”, fazendo com que eles se interessem mais pelos assuntos abordados em sala de aula.

Nas declarações dos estudantes (Quadros 39 e 40), identificamos que a palavra “respeito” foi a mais utilizada nas respostas dos jovens sobre esse tema. Para a estudante Vitória “um professor maravilhoso” seria aquele que ajuda os alunos “de qualquer forma”. Júlia

ênfatiou que uma das maneiras dela ter uma melhor relação com os professores seria “se tornar amiga deles”.

**Quadro 39 – Declarações do grupo 1 de estudantes com relação aos fatores para uma melhor relação dos estudantes com os professores**

Maria	Ana	Vitória	Júlia
“O respeito”.	“Respeito, princípio de tudo”.	“Se ele não for muito exigente e ser um professor maravilhoso, que tenta nos ajudar de qualquer forma”.	“Entender o lado deles, quando a sala está inquieta, e se tornar amiga deles”.

Fonte: autoria própria (2019).

**Quadro 40 – Declarações do grupo 2 de estudantes com relação aos fatores para uma melhor relação dos estudantes com os professores**

Lucas	Letícia
“Respeito”.	“O respeito”.

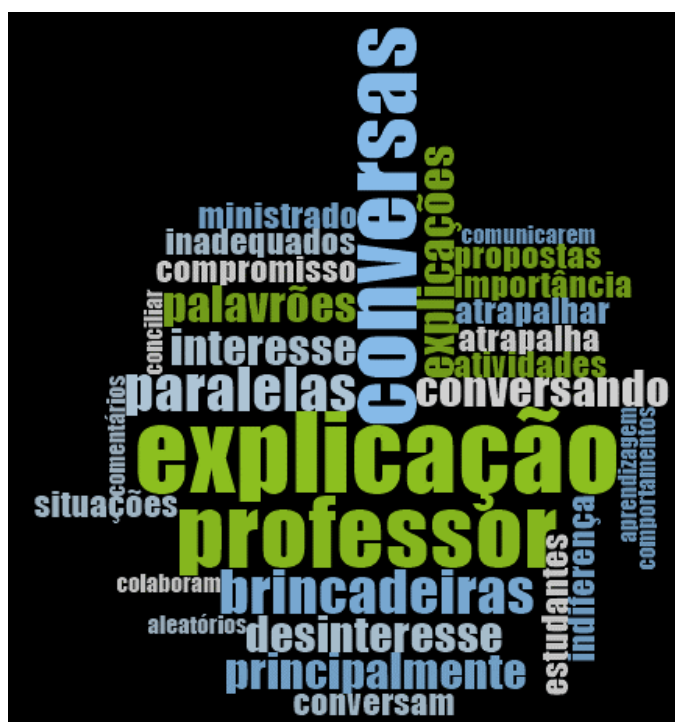
Fonte: autoria própria (2019).

Esses dados da pesquisa demonstram que empatia, amizade e respeito são os aspectos mais relevantes do que os pedagógicos e disciplinares e que, portanto, podem contribuir de forma positiva para o processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, para uma melhor relação entre professor-estudante dentro da sala de aula. Dessa forma, a empatia é um aspecto fundamental no fazer docente que quando praticada exerce poder sobre os comportamentos dos estudantes, pois, além de motivá-los e estimulá-los para estudarem, também os ajuda na melhoria da autoestima e na diminuição da indisciplina na sala de aula.

Uma classe com estudantes barulhentos, que conversam muito no momento da explicação dos conteúdos e que usam “compulsivamente” smartphones e iphones dentro da sala de aula, têm sido os principais motivos para os desgastes físicos e mentais dos professores, causando, muitas vezes, doenças funcionais, como estresse e depressão relacionadas diretamente aos problemas com os estudantes. Trata-se de um cenário que denominamos aqui de “mal-estar na docência”, em virtude dos problemas psicológicos e de trabalho no exercício da docência. Além do cansaço físico e mental, por conta das longas horas de trabalho na escola e em casa, uma turma agitada e que conversa muito também colabora para que os professores

fiquem desaminados com o fazer docente. Dentro desse contexto supracitado, os termos “explicação” e “conversas” foram os mais recorrentes nas declarações dos professores objetos da presente pesquisa no que diz respeito à questão do mal-estar na docência, conforme apresentado na Figura 18.

**Figura 18 – Nuvem de palavras “mal-estar na docência”**



Fonte: autoria própria (2019).

“Brincadeiras”, “desinteresse”, “explicações”, “paralelas” e “palavrões” foram algumas das palavras mais citadas derivadas dos dois principais termos que estão na centralidade dessa imagem. Durante as pesquisas de campo na escola objeto desse estudo, uma das professoras disse que “é difícil fazer com que os alunos se conectem com a gente”, pois, “eles nos respeitam, mas conversam muito”. Outro professor disse quando está ministrando uma aula ele “fica falando e fica parecendo não está ali”.

Na Tabela 54, temos uma síntese das respostas dos professores com relação ao tema “mal-estar na docência” dividida em 4 categorias.

**Tabela 54 – “Nós” para “nó” mal-estar na docência**

Nós	Arquivos	Referências
Brincadeira	4	4
Conversa	14	14
Falta de interesse dos estudantes	7	8
Uso de palavrões	5	5

Fonte: autoria própria (2019).

Aqui identificamos que a “conversa” dos estudantes (com 14 referências na Tabela acima) no momento da explicação de um conteúdo é o fator que mais incomoda os professores, em que, na maioria das vezes, os docentes “perdem” tempo pedindo para que os estudantes façam silêncio durante a aula. Um estudante afirmou que “quando tem algo importante na sala a gente faz silêncio”. Já um professor disse que “a maioria fica usando o celular na hora da aula”, porém, mesmo quando ele proíbe, “os alunos dão um jeito de usar” e esses comportamentos acabam causando mal-estar no seu trabalho.

Para a professora Jacy, “quando os alunos dormem ou conversam nos momentos indevidos” estes comportamentos seriam os principais fatores para gerar nela um mal-estar dentro da sala de aula (Quadro 41).

**Quadro 41 — Declarações do grupo 1 de professores com relação ao mal-estar na docência**

Jacy	Fernanda	Inês
“O que me causa mal-estar em sala de aula é quando os alunos dormem ou conversam nos momentos indevidos, como na hora da explicação e na hora dos exercícios. Além disso a indiferença de alguns no que diz respeito a importância (do estudo) de estudar”.	“Desrespeito ao colega e professor, principalmente com palavrões”.	“As atitudes que considero mais desrespeitosas em sala de aula são: não fazer silêncio durante a explicação do assunto, não pedir licença para entrar ou sair de sala depois do início da aula, falar palavrões ou vocábulo inadequado e não realizar as atividades propostas pelo professor”.

Fonte: autoria própria (2019).



A professora Inês destaca que “não fazer silêncio durante a explicação do assunto” causa também mal-estar. De forma geral, identificamos que, nas declarações do Grupo 1 de professores, os comportamentos dos estudantes de indiferença com os estudos e de desprezo com as atividades propostas em sala de aula seriam as principais causas para as conversas excessivas dos estudantes e para o mal-estar na docência.

Nas declarações do Grupo 2 de professores no que diz respeito ao mal-estar na docência (Quadro 42), também constatamos que, para estes, conversas, uso do “celular durante a explicação do conteúdo” e “o fato de não prestarem atenção as explicações” seriam os principais motivos para o mal-estar dos professores em sala de aula.

**Quadro 42 – Declarações do grupo 2 de professores com relação ao mal-estar na docência**

Ludmila	Rafael
“Quando conversam, gritam ou ligam o celular durante a explicação do conteúdo”.	“O fato de não prestarem atenção as explicações e depois virem dizer que não entendeu porque o professor não explicou o conteúdo. Muitos só vem demonstrar interesse na reta final”.

Fonte: autoria própria (2019).

As conversas excessivas dos estudantes em sala de aula e principalmente no momento das explicações dos conteúdos não é algo novo. Mas, na era das tecnologias digitais, as conversas dos estudantes em sala de aula estão alinhados/associados com as novas formas de ser das juventudes contemporâneas, pois, os níveis de concentração, saturação, tédio e de (im)paciência diante das práticas cognitivas de uma cultura letrada estão ainda mais elevados, visto que, a maioria dos jovens, que lidam com as tecnologias digitais, mantém um ritmo acelerado de esgotamento cognitivo, psicológico e físico, principalmente quando comparados com as gerações anteriores às tecnologias digitais.

No Quadro 43, temos os “nós” das frequências de palavras dos discursos discentes e os discursos docentes a partir de dois indicadores distintos, mas, complementares (fatores para uma melhor relação dos estudantes com os professores e mal-estar na docência). Aqui temos a finalidade de analisar os principais problemas concernentes aos conflitos na sala de aula na relação professor-estudante dentro do processo de ensino-aprendizagem.

**Quadro 43 – Comparação entre as nuvens de palavras “fatores para uma melhor relação dos estudantes com os professores” (discursos discentes) e “mal-estar na docência” (discursos docentes)**

Nuvem de palavras dos estudantes	Conexão entre as nuvens de palavras dos estudantes e professores	Nuvem de palavras dos professores
 <p>A word cloud with 'professor' and 'respeito' as the most prominent words. Other visible words include 'professores', 'brincadeiras', 'compreensão', 'interagir', 'comunicar', 'respeitar', 'entender', 'compartilhar', 'reciprocidade', 'compreender', 'importante', 'comunicar', 'respeitar', 'entender', 'compartilhar', 'reciprocidade', 'compreender', 'importante', 'comunicar', 'respeitar', 'entender', 'compartilhar', 'reciprocidade', 'compreender', 'importante'.</p>	 <p>A central word cloud where 'professor' is the largest word. Other significant words include 'explicação', 'conversas', 'brincadeiras', 'palavrões', 'desrespeitosos', 'compreensão', 'interagir', 'comunicar', 'respeitar', 'entender', 'compartilhar', 'reciprocidade', 'compreender', 'importante', 'comunicar', 'respeitar', 'entender', 'compartilhar', 'reciprocidade', 'compreender', 'importante'.</p>	 <p>A word cloud with 'conversas' and 'explicação' as the most prominent words. Other visible words include 'professor', 'brincadeiras', 'desinteresse', 'principalmente', 'compreensão', 'interagir', 'comunicar', 'respeitar', 'entender', 'compartilhar', 'reciprocidade', 'compreender', 'importante', 'comunicar', 'respeitar', 'entender', 'compartilhar', 'reciprocidade', 'compreender', 'importante'.</p>

Fonte: autoria própria (2019).

Observando o quadro acima, verificamos que os termos “professor”, “explicação” e “conversas” ficaram na centralidade da imagem de onde surgiram as demais palavras com mais frequência como “brincadeiras”, “palavrões”, “desinteresse”, “desinteresse” e “aprendizagem”. Através desses dados empíricos, podemos constatar que as expectativas com relação às práticas e comportamentos em sala de aula dos indivíduos que compõem o ambiente escolar são bem divergentes. De um lado, os professores anseiam que os alunos façam silêncio e se concentrem. Do outro, os estudantes querem conversar e brincar não se atentando às normas e disciplinas exigidas pela escola.

Nesse contexto, ao invés do professor conseguir “transmitir” experiências e conhecimentos de modo a marcar as consciências e as subjetividades das juventudes contemporâneas, a oralidade parece que se desliza nas consciências das juventudes. Na escola presencial e de tempo integral, o que se espera é que os estudantes fiquem quietos, sentados e em silêncio para que o professor possa ensinar. Mesmo quando o professor ministra a sua aula usando, por exemplo, um datashow, os estudantes consideram que “slides com muito texto é cansativo e dá sono”. Mesmo assim, ressaltamos que a aula expositiva e dialogada é uma estratégia que não deve ser abandonada, pois, alguns assuntos exigem a participação direta do professor. Nesse sentido, deve-se pensar em inserir corretamente as tecnologias digitais para estimular os jovens da atualidade nos estudos na sala de aula.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expansão e multiplicação das maneiras das pessoas interagirem umas com as outras, através das tecnologias digitais, tornou ainda mais aguda a pluralização das subjetividades contemporâneas, na medida em que há um processo de isolamento dos indivíduos com o uso da Web, ao mesmo tempo em que ocorre um aumento da necessidade da autoexposição das pessoas em sites de conversação e de compartilhamento de fotos e vídeos. Dito isto, percebemos que as distintas estruturas cognitivas apregoadas pelas tecnologias digitais de informação e comunicação são capazes de potencializar a constituição de “novas” subjetividades tanto individuais quanto coletivas.

Nessa conjuntura, as ações dos indivíduos não são moldadas apenas pela sua própria consciência, mas elas estão atreladas às expectativas que os seus pares esperam em termos de comportamentos. As interpretações das ações de si, como também dos outros, se constituem historicamente, ou seja, a partir de sistemas de interações sociais previamente estabelecidas, e não somente como um reflexo casual ou momentâneo das disposições individuais. Assim, os indivíduos interpretam as suas ações e as dos outros dentro das condições objetivas e subjetivas da ecologia cognitiva das tecnologias digitais.

Os dados desta pesquisa mostram que, para não ficarem “isolados” e com “baixo” capital virtual, os jovens buscam conquistar mais seguidores nas redes virtuais, publicando, diversas vezes, aquilo que se “exige” em uma rede virtual - a sua própria imagem, dentro das performances da cultura da *selfie* e da autoexposição. Dessa forma, para a maioria destes estudantes, a vida passa necessariamente pelas mídias digitais, pois, a cada segundo, novas conexões são estabelecidas numa dimensão, do ponto de vista estatístico, imensurável. São milhares de pessoas interligadas através da Web, que ampliam e reconfiguram a todo momento as suas formas de se relacionarem e de se comunicarem.

Os resultados deste estudo também indicam que, em geral, jovens do sexo feminino acessam o Instagram para fazer autoexposição com a principal finalidade de aumentar a quantidade de seguidores, enquanto que os do sexo masculino a usam apenas para visualizar publicações e fazer postagens sem caráter intimista. Essas interações virtuais geram uma série disposições individuais e coletivas para visualizar, publicar, comentar e curtir, diariamente, por várias horas, os diversos conteúdos nesse site de relacionamento, dentro de um complexo sistema de trocas (amizades/status) e de construção de capital virtual.

Nessa dinâmica social, ainda percebemos que há uma estreita relação entre as sociabilidades praticadas nos espaços online e offline (evidenciados nos meses de férias e de recesso escolar, quando os fluxos de interações na Web diminuíram se comparados com outros períodos do ano) e que os usuários das tecnologias digitais muitas vezes não conseguem distinguir as suas ações constituídas nas interações face a face e no mundo virtual. Nessa conjuntura, a vida “real” é permeada pela combinação cada vez mais estreita das interações “presenciais” e daquelas realizadas por meio dos aparelhos portáteis de comunicação digitais.

As sociabilidades tanto face a face quanto as virtuais são mediadas pelo uso de símbolos e linguagens nos quais os seres humanos aprendem, interpretam e dão sentido às suas ações reciprocamente direcionadas. Dessa maneira, a densidade dos resultados alcançados nessa pesquisa, que integra o *continuum* entre cultura letrada e digital, corroboram entre outros aspectos com a ideia de que as linguagens do mundo virtual também influenciam na constituição das subjetividades e identidades, bem como, na (re) configuração das relações interpessoais, principalmente das juventudes contemporâneas.

As análises dos dados coletados durante a presente investigação mostram que, em geral, os 73 jovens, objeto desse estudo, passam 4 horas ou mais por dia nas redes virtuais e 2 horas ou mais em jogos online. Em consequência dessas novas formas de interações com o uso das TDICs, observamos que estes estudantes passaram por mudanças significativas nas sociabilidades que estabelecem no seio das práticas sociais e cognitivas de uma cultura escolar “tradicional”, cujas rotinas muitas vezes se chocam com àquelas de um mundo digital caracterizado, prioritariamente, pela aceleração das informações, “microatenção” e “microconversa”.

Nessa inédita conjuntura sociocultural, as sociabilidades das juventudes da atualidade são permeadas por conflitos e formas de resistências frente às práticas cognitivas e pedagógicas do ambiente escolar. Essas tensões entram em cena a partir do nível de incompatibilidade entre as subjetividades coletivas e individuais em que se apresentam no cotidiano escolar, bem como, conforme o “nível” de estigmatização no que diz respeito às “novas” formas de aprender das juventudes contemporâneas.

A partir das observações do trabalho de campo no ambiente escolar, verificamos que as aulas expositivas e dialogadas muitas vezes são incompatíveis com a velocidade e a intensidade dos fluxos de pensamentos e das maneiras de aprender dos estudantes da atualidade, tornando a escola, na visão dos estudantes, “muito chata”. Nesse contexto, uma parte significativa dos

jovens pesquisados não assimilam ou retêm o conhecimento transmitidos na escola de forma “satisfatória”. Assim, constatamos que as subjetividades informacionais não são apenas receptoras dentro do processo de ensino-aprendizagem, mas elas se conectam de modo mais eficaz através de mensagens e imagens disseminadas pelas telas de computadores e smartphones.

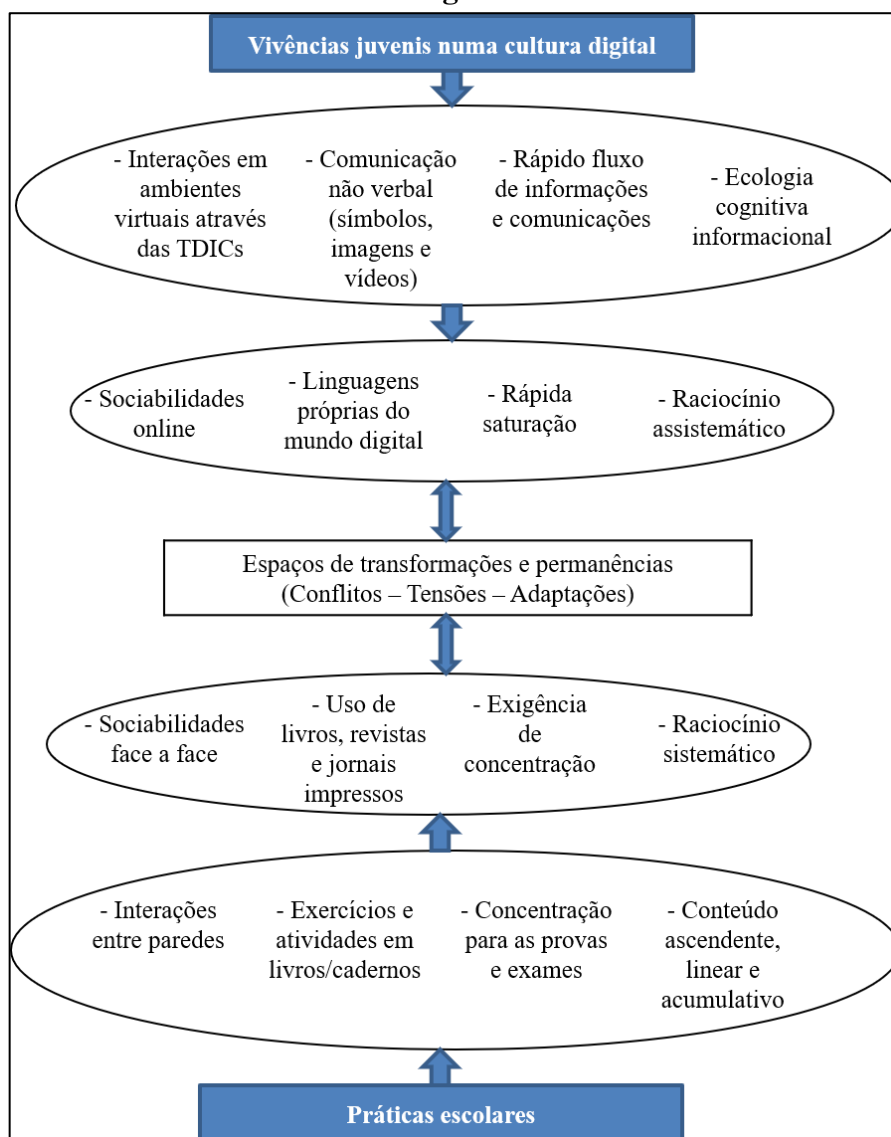
Ocorre que as práticas pedagógicas do ambiente escolar preconizadas pela memorização, atenção e silêncio requerem dos estudantes um conjunto de habilidades emocionais e cognitivas que devem ser ajustadas às disciplinas dos seus corpos e subjetividades para se manterem dispostos à “aprender” ao longo de várias horas dentro dos muros da escola. Ao assistir aulas expositivas e dialogas, ler livros didáticos e escrever/resolver atividades em cadernos, jovens estudantes devem praticar um exercício cognitivo (de forma linear, ascendente e acumulativa) distinto dos aspectos mentais preconizados pela ecologia cognitiva das tecnologias digitais.

No tocante às relações de poder permeadas nesse universo social objeto desse estudo, observa-se que, por conta das novas práticas de interações sociais por meio das redes virtuais, a maioria das juventudes da atualidade vive em conflito com as gerações anteriores (não nativos digitais – pais e professores), fala também uma outra linguagem com o uso de signos/símbolos próprios da Web, (re) significa a língua “oficial” (a língua portuguesa) utilizando abreviaturas das palavras já existentes, deseja consumir equipamentos digitais de “última geração”, fica a maior parte do tempo em casa navegando nas redes virtuais e anseia em expor o seu cotidiano nas mídias sociais, como por exemplo, no Instagram, Facebook, WhatsApp, entre outros aplicativos de conversação e troca de mensagens.

Desse modo, no ambiente escolar na era das TDICs, há uma maior intensificação dos conflitos, nos relacionamentos entre professores e estudantes, por haver uma maior incompatibilidade entre as suas mentes, corpos e subjetividades. Em geral, essas tensões se processam por meio da transmissão de regras e de normas da disciplina escolar, numa espécie de “microfísica do poder” (FOUCAULT, 2007), difundida entre os diversos mecanismos de controle social através do processo de ensino/aprendizado. Dessa forma, se persiste a ideia de que os processos educativos e cognitivos são mais eficazes quando realizados em um ambiente fechado, entre paredes. No entanto, escolas pautadas pela lógica de “vigiar e punir” perdem cada vez mais o seu significado para os seus estudantes, no que diz respeito à produção do conhecimento, não atendendo, muitas vezes, as reais necessidades dos jovens da atualidade.

Na Figura 19, temos uma síntese das interações e conflitos no tocante aos aspectos sociais e cognitivos no *continuum* cultura letrada-digital.

**Figura 19 – Síntese das dinâmicas sociais e cognitivas no *continuum* cultura letrada-digital**



Fonte: autoria própria (2019).

Esse resumo acima não deve ser analisado como um esquema fechado e sem a possibilidade de incorporação de novos e/ou outros fatores. Trata-se de uma tentativa de mapear as principais práticas de uma cultura letrada presentes nas estruturas pedagógicas e físicas das escolas e, também, das principais práticas de uma cultura digital incorporadas pelos jovens contemporâneos que utilizam as tecnologias digitais cotidianamente. Deve-se levar em conta,

nesse esquema, que não há, necessariamente, uma incompatibilidade de uma vivência simultânea de uma cultura letrada com uma cultura digital, mas que a escola do século XXI passa um processo de transformação em que seu público se constitui de jovens estudantes com novas subjetividades e, conseqüentemente, com novas formas de ser, pensar, agir e aprender. Aqui, identificamos que, em síntese, a cultura digital é caracterizada pela rápida saturação cognitiva, raciocínio assistemático e pela comunicação através de imagens de telas das tecnologias digitais. Já a cultura letrada é preconizada pela concentração, memorização, raciocínio sistemático e pela comunicação oral. Assim, o processo de *continuum* entre cultura letrada-digital é permeado pelos conflitos e tensões, mas também de adaptações e permanências nos modos de comportamentos e sociabilidades.

As maneiras de ensinar e de aprender de modo eficiente dentro dos muros da escola sempre foram desafios enfrentados em todas as épocas. Porém, faz-se necessário compreender às peculiaridades dos novos estilos de vida e de aprender das juventudes contemporâneas para que o espaço de aprendizagem presencial se torne significativo e eficiente. Nessa conjuntura, a internet é uma ferramenta de fundamental importância não só para as interações sociais, mas também para a construção de um ambiente de aprendizagem capaz de dar conta dos novos modos cognitivos e subjetivos dos estudantes da atualidade. Ao invés dos estudantes se depararem com um ambiente totalmente controlado (vigiado e com punições), faz-se necessário que eles tenham condições de construir seus próprios ambientes (virtuais) e não fiquem apenas centralizados no professor e no material didático impresso para aprender um conteúdo. No contexto cultural e cognitivo das TDICs, o ambiente educacional pode-se ponderar que uma parcela significativa da população é constituída por jovens usuários das mais diversas tecnologias digitais (celulares, *tablets* e computadores). Por conseguinte, estes discentes do século XXI, “nativos digitais”, necessitam de escolas preparadas para a utilização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação para que elas façam sentido em suas práticas de ensino.

Mesmo com os possíveis avanços das políticas públicas educacionais, faz-se necessário que escolas acompanhem as constantes metamorfoses dos processos de ensino-aprendizagem em uma era educacional que demanda cada vez maior uma cultura digitalizada. Para tanto, nesse processo, é indispensável que os docentes e discentes no ambiente educacional com o uso das TDICs, incorporem/internalizem a ecologia cognitiva promovida pelas redes digitais, seus usos e costumes, com relação aos aspectos tanto sociais e quanto cognitivos.

Não há dúvidas de que outras pesquisas poderão ampliar os resultados e debates apresentados neste trabalho de tese de doutorado. Por exemplo, pode-se pesquisar sobre (1) o grau de extensão e de heterogeneidade dos universos de grupos e indivíduos que interagem constantemente nas redes virtuais e os consequentes reflexos nas relações e conflitos face a face é um fenômeno que precisa ser continuamente investigado. (2) Compreender uma série de comportamentos e práticas sociais que influenciam na (re) configuração das subjetividades das juventudes contemporâneas e (3) estudar as variações das disposições individuais e coletivas (considerando que elas são antagônicas, heterogêneas e multifacetadas) a partir das crises, tensões, variações, sincronia e diacronia dos indivíduos em função dos contextos cognitivos e sociais mais amplos que envolvem as tecnologias digitais, seriam possíveis percursos para avançar nos estudos das sociabilidades juvenis contemporâneas.

A pesquisa etnográfica através da observação direta das interações sociais nas redes virtuais e nos comportamentos no ambiente escolar é uma ferramenta importante para as investigações das sociabilidades dos jovens da atualidade. No entanto, pesquisas nesse campo podem ser ampliadas com o desenvolvimento e utilização de mais softwares capazes de capturar diariamente as mensagens publicadas pelos jovens nas redes virtuais, com o objetivo de acompanhar, por exemplo, as mudanças e permanências nos tipos de linguagens que influenciam nas dinâmicas sociais e nas interações face a face e virtuais.

Por fim, este tema de pesquisa discutido nesse trabalho é muito amplo e requer dos pesquisadores um avanço nas investigações e análises desse fenômeno social que está em constante transformação. No entanto, este estudo, identificou alguns padrões de configurações, frequências e regularidades dos comportamentos à nível mais amplo (macrossocial) indicando algumas hipóteses para futuras pesquisas em maior escala de observação, como também detectou alguns problemas que perpassam no espaço escolar, principalmente no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem.

Esta pesquisa acerca das sociabilidades das juventudes contemporâneas não teve a pretensão de produzir generalizações ou de esgotar as discussões sobre esse tema. Ao contrário, um dos objetivos deste trabalho foi de proporcionar a abertura de novas ideias para a realização de outras pesquisas, bem como, chamar atenção para a urgência de uma maior integração das diversas áreas do conhecimento científico, como a psicologia, pedagogia e linguística, para possam contribuir em pesquisas no que diz respeito à constituição das subjetividades, os comportamentos e a influência das linguagens na forma das interações humanas.



Portanto, quando uma jovem participante desta pesquisa afirma que “só posso viver a minha vida no sábado”, ela está indicando, entre outros aspectos, uma certa incompatibilidade entre o seu modo de ser e aprender (subjektividades informacionais) e os aspectos físicos e cognitivos da escola (cultura letrada). Essa frase também mostra que para essas juventudes contemporâneas a vida passa necessariamente pela internet, pelo mundo virtual, e só tem tempo de aproveitar o espaço virtual aos sábados, nos finais de semana, pois “Instagram é vida”! Para finalizarmos ficamos com as seguintes perguntas como sugestões para a próximas pesquisas e reflexões sobre essa temática: como as próximas gerações irão constituir as suas sociabilidades diante dos novos cenários cognitivos e tecnológicos? Quais serão as inéditas formas de aprender das futuras juventudes?

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. (1997). Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: *Revista Brasileira de Educação*. Mai/Jun/Jul/Ago Nº 5. Set/Out/Nov/Dez Nº 6.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. (2006). “Zoar” e “ficar”: novos termos da sociabilidade jovem. In: *Culturas jovens: novos mapas de afeto* / Maria Isabel Mendes de Almeida, Fernanda Eugênio (orgs.) – Rio de Janeiro: Zahar, (pp. 139-157).

APPADURAI, Arjun. 1988 (1992). Colocando a hierarquia no seu lugar. Tradução por Claudia Barcellos Rezende do original: Putting Hierarchy in its Place, por Arjun Appadurai. In: MARCUS, George E. (org.). *Rereading Cultural Anthropology*. Durham and London, Duke University Press.

APPIAH, Kwame Anthony. (2016). A identidade como problema. In: *Identidades*. BRASÍLIO SALLUM JÚNIOR ... [et. al.] orgs. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, (pp. 17-32).

AUGÉ, Marc. (2012). *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade* / Marc Augé; tradução Maria Lúcia Pereira. – 9ª ed. – Campinas, SP: Papirus.

BARNES, John Arundell. 1956 (2010). Redes sociais e processos políticos (171-204). In: FELDMAN-BIANCO, Bela, *A Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo, Editora UNESP.

BARTH, Fredrik. (2000). A Análise da Cultura nas sociedades complexas (107-139) e O guru e o iniciador: transações de conhecimento e moldagem da cultura no sudeste da Ásia e na melanésia (141-165). *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro, Contra Capa.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. (2002). Qualidade, quantidade e interesses de conhecimento. In: *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.) - Petrópolis: Vozes, (pp. 17-36).

BENSA, Alban. (1998). Da micro-história a uma antropologia crítica (39-76). In: REVEL, Jacques (org.) *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro, Editora FGV.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. 1966 (1985). *A construção da realidade social: tratado de sociologia do conhecimento*. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes.

BLUMER, Herbert. (2017). Sociedade como Interação Simbólica. Tradução de Raoni Borges Barbosa. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 16, n. 46, p. 14-22, Abril.

BOURDIEU, Pierre. (1983). A “juventude” é apenas uma palavra. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, (pp. 112-121).

\_\_\_\_\_. (1996). *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. Tradução: Mariza Corrêa – Campinas, SP: Papyrus.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (1995). *O que é educação / Carlos Rodrigues Brandão*. – 33.<sup>a</sup> ed. – São Paulo: Brasiliense (Coleção primeiros passos: 203).

CASTELLS, Manuel. (1999). *A sociedade em rede*. Tradução Roneide Venancio Majer com a colaboração de Klauss Brandini Gerhardt, 8<sup>a</sup> edição, Paz e Terra.

\_\_\_\_\_. (2011). A Network Theory of Power. *International Journal of Communication*. 5, 773-787.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. (2002). Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. In: *Cadernos de pesquisa*, n. 116, p. 143-176, julho.

CHIZZOTTI, Antonio. (2014). *Pesquisa qualitativa em ciências sociais / Antonio Chizzotti*. 6. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes.

COHN, Gabriel. (2016). Identidades problemáticas. In: *Identidades*. BRASÍLIO SALLUM JÚNIOR ... [et. al.] orgs. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, (pp. 33-39).

COOLEY, Charles H. (1977). O significativo da comunicação para a vida social. In: *Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral [organização e introdução de] Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni*. 11.<sup>a</sup> ed. São Paulo, Ed. Nacional, (pp. 168-179).

COMAROFF, Jean & COMAROFF John L. 1992 (2010). *Etnografia e Imaginação Histórica*. In: Revista PROA, nº 2, vol. 1, Campinas, Unicamp.

DOMINGUES, José M. (2002). Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 14(1): 67-69, maio.

ELIAS, Norbert. (1993). *O processo civilizador*. Tradução de versão inglesa, Ruy Jungmann; revisão, apresentação e notas, Renato Janine Ribeiro – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

\_\_\_\_\_ ; SCOTSON, John L. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, Zahar.

FOUCAULT, Michel. (2007). Capítulo I – Verdade e Poder (1-14), Genealogia e Poder (167-177), Soberania e Disciplina (179-191) e A Governabilidade (277-293). In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal.

\_\_\_\_\_. (1997). *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Tradução Lìgia M. P. Vassallo. Petrópolis: Vozes.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. (2015). *Métodos de pesquisa para internet* / Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral. – Porto Alegre Sulina. 239 p. – (Coleção Cibercultura).

FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. (2007) *Sociabilidade urbana* / Heitor Frúgoli Jr. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

GEERTZ, Clifford. (1978). Prefácio (07-10), Capítulo 1 – Uma descrição densa (13-41) e Capítulo 9 – Um jogo absorvente (278-321). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.

\_\_\_\_\_. (2001). “Do ponto de vista dos nativos”: a natureza do entendimento antropológico. In: *O Saber local*. Novos ensaios em antropologia interpretativa. 4ª edição. Editora Vozes. Petrópolis.

GIDDENS, Anthony. (2002). *Modernidade e identidade*. Tradução, Plínio Dentzien. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

\_\_\_\_\_. (2009). *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, (pp. XIII-XLII; 47-128; 191-265).

GIRALDO, Diana. (2015). A aprendizagem e a participação social dos jovens adultos por meio do uso dos dispositivos digitais da Web. In: *Tecnologia e sociedade: configuração, reconfiguração* / Organizado por Vanderlei Veget Cassiano Lopes. Goiânia: Media Lab / Ciar UFG / Gráfica UFG.

HANNERZ, Ulf. 1990 (1994). Cosmopolitas e locais na cultura global (251-266). In: FEATHERSTONE, Mike (org.). *Cultura Global: Nacionalismo, Globalização e Modernidade*. Petrópolis, Vozes.

\_\_\_\_\_. (1997). Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. In: *Mana* 3(1): 7-39. Rio de Janeiro, Contracapa e PPGAS/MN/UFRJ.

KANT, Immanuel. (2001). *Sobre pedagogia*. Buenos Aires: ed. Elaleph.com. Tradução Francisco Cock Fontenella. São Paulo: Unimep, 2ª ed. rev., 1999.

KOURYH, Jussara Rocha. (2011). *Internet/Redes sociais*. Jussara Rocha Kouryh; capa e ilustrações Milena Assunção: Recife Bagaço Design, 95p.: il. (Coleção conceitos sem preconceitos).

KOZINETS, Robert V. (2014). *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online* / Robert V. Kozinets; tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Tatiana Melani Tosi, Raúl Ranauro Javales Júnior. – Porto Alegre: Penso. 203 p.

LAHIRE, Bernard. (1997). Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável. São Paulo: Ática.

\_\_\_\_\_. (2004). *Retratos sociológicos*. Disposições e variações individuais. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Didier Martin. – Porto Alegre: Artmed.

\_\_\_\_\_. (2005). Patrimônios individuais de disposição: para uma sociologia à escala individual. In: *Sociologia, problemas e práticas*, nº 49, (pp. 11-42).

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve 1979 (1997). *A vida de laboratório*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.

LEVI, Giovanni. (1998). Comportamentos, recursos, processos: antes da ‘revolução’ do consumo (203-224). In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro, Editora FGV.

LÉVY, Pierre. (1993). *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática* / Pierre Lévy; tradução de Carlos Irineu da Costa. – Rio de Janeiro: Ed. 34, 208p. (Coleção TRANS).

MAFFESOLI, Michel. (2014). *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas*. Tradução Maria de Lordes Menezes; Apresentação e revisão Técnica Luiz Felipe Baêta Neves. – 5. ed. – Rio de Janeiro: Forense.

MALINOWSKI, Bronislaw. (1984). *Argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo: Abril Cultural (Coleção “Os pensadores”).

MANHEIM, Karl. (1986). O problema das gerações. In: *Sociologia do conhecimento*. Porto: Rés, Vol. II, p. 115-174).

MARTINO, Luís Mauro Sá. (2015). *Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes e redes* / Luís Mauro Sá Martino. 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes.

MAUSS, Marcel. (2003). Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e antropologia*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Nalfy. (pp.184-315).

MITHEN, Steven J. (2002). *A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência* / Steven J. Mithen; tradução Laura Cardellini Barbosa Oliveira; revisão técnica Max Blum Ratis e Silva. – São Paulo: Editora UNESP.

MOLON, Susana Inês. (2011). *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky* / Susana Inês Molon. – 4. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. (2002). A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. In: *Educação & Sociedade*, ano XXIII, nº 78, Abril.

NOVAES, Regina. (2006). Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: *Culturas jovens: novos mapas de afeto* / Maria Isabel Mendes de Almeida, Fernanda Eugênio (orgs.) – Rio de Janeiro: Zahar, (pp. 105-120).

PAIS, José Machado. (1990). A construção sociológica da juventude – alguns atributos. In: *Análise Social*, vol. XXV (105-106), (1º, 2º), 139-165.

PALFREY, John. (2011). *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais* / John Palfrey, Urs Gasser; tradução: Magda França Lopes; revisão técnica: Paulo Gileno Cysneiros. – Porto Alegre: Grupo A. 352 p.; 23cm.

PARSONS, Talcott; SHILL, Edward. (1977). A interação social. In: *Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral* [organização e introdução de] Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni. 11.ª ed. São Paulo, Ed. Nacional, (pp. 125-127).

PEIRANO, Mariza G. S. (1992). *A favor da etnografia*. Série Antropologia. Brasília.

POLIVANOV, B. (2013). *Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos*. Esferas, nº 3.

REVEL, Jacques. (1998). Apresentação (7-14) e Microanálise e construção do social (15-38). In: REVEL, Jacques (org.) *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro, Editora FGV.

ROUSSEL, François-Gabriel. (2015). Real – virtual: fusão ou confusão? In: *Tecnologia e sociedade: configuração, reconfiguração* / Organizado por Vanderlei Veget Cassiano Lopes. Goiânia: Media Lab / Ciar UFG / Gráfica UFG.

SAPIR, Edward. (1977). Comunicação e contacto social. In: *Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral* [organização e introdução de] Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni. 11.ª ed. São Paulo, Ed. Nacional, (pp. 161-167).

SCOTT, James C. (2000). *Los dominados y el arte de la resistência: discursos ocultos*. Colección Problemas de México. Ediciones Era.

SIBILIA, Paula. (2012). *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão* / Paula Sibilía; tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: contraponto.

\_\_\_\_\_. (2015). *O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais* / Paula Sibilía. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Contraponto.

SILVA, Vanderlan. (2017). Etnografando práticas de violência em ambiente escolar. In: *Campos e fronteiras etnográficas nas pesquisas em escolas e prisões* / Vanderlan Silva (org.) – Campina Grande/PB: EDUFPG.

SIMMEL, Georg. (1983). *Sociologia* / organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho; [tradução de Carlos Alberto Pavanelli... et al.]. – São Paulo: Ática.

\_\_\_\_\_. (2009). A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal). In: *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 59-82.

SMOLE, Kátia Stocco; DINIZ, Maria Ignez; PESSOA, Neide; ISHIHARA, Cristiane. (2008). *Jogos de matemática: de 1º a 3º ano* / Kátia Stocco Smole... [et al.]. – Porto Alegre: Grupo A. (Cadernos da Mathema: Ensino Médio).

SOARES, Luiz Eduardo. (2004). Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação* / (organizadores) Regina Novaes e Paulo Vannuchi – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

SOARES, Magda. (2010). *Letramento: um tema em três gêneros* / Magda Soares. – 4. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. (2011). *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP* / Ana Lúcia Silva Souza. – São Paulo: Parábola Editorial, 170p.: il.; 23 cm.

\_\_\_\_\_. (2012). *Letramentos no ensino médio* / Ana Lúcia Silva Souza, Ana Paula Corti, Márcia Mendonça. – São Paulo: Parábola Editorial, 120p. (Estratégias de ensino; 32).

STELARC. (1997). Das estratégias psicológicas às ciberestratégias: a protética, a robótica e a existência remota. In: Diana Domingues (org.), *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo, UNESP, (pp. 54-59).



VAN VELSEN, Jaap. (1975). A análise situacional e o método de estudo do caso detalhado. In: ZALUAR, Alba. *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves.

VELHO, Gilberto. (1987). Observando o familiar. In: *Individualismo e cultura – notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. 2ª edição, Rio de Janeiro, Zahar, (pp. 121-132).

\_\_\_\_\_. (2006). Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: *Culturas jovens: novos mapas de afeto* / Maria Isabel Mendes de Almeida, Fernanda Eugênio (orgs.) – Rio de Janeiro: Zahar, (pp. 192-200).

VIANA, Hermano. (2007). Prefácio. In: *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade* / José Guilherme Cantor Magnani, Bruna Mantese de Souza, (organizadores). – 1. ed. – São Paulo: Editora Terceiro Nome.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. (2007). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores* / I. S. Vigotski; organizadores Michel Cole... [et al.]; tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. – 7ª. ed. – São Paulo: Martins Fontes, – (Psicologia e pedagogia).

WEIL, Pierre. (2015). *O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal*, por Pierre Weil e Roland Tompakow. 74. ed. Petrópolis, Vozes.

WELLER, Wivian. (2007). Karl Mannheim: um pioneiro da sociologia da juventude. In: *XIII Congresso Brasileiro de Sociologia*, UFPE, Recife-PE.

WHEELAN, Charles. (2016). *Estatística: o que é, para que serve, como funciona* / Charles Wheelan; tradução George Schlesinger. – 1.ed. - Rio de Janeiro: Zahar.

WHITE, Leslie. (1977). Os símbolos e o comportamento humano. In: *Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral* [organização e introdução de] Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni. 11.ª ed. São Paulo, Ed. Nacional, (pp. 180-192).

WIESE, Leopold von. (1977). Os processos de interação social. In: *Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral* [organização e introdução de] Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni. 11.ª ed. São Paulo, Ed. Nacional, (pp. 212-222).

## OUTRAS REFERÊNCIAS

BBC. (2013). Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/geral-41080541>> Acesso em 09 de setembro de 2017.

BRASIL. (2015). Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250400&search=paraiba-campina-grande>> Acesso em 30 de maio de 2018.

EL PAIS. (2017). Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/23/tecnologia/1498217993\\_075316.html?id\\_externo\\_rsoc=FB\\_BR\\_CM](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/23/tecnologia/1498217993_075316.html?id_externo_rsoc=FB_BR_CM)> Acesso em 09 de setembro de 2017.

PARAÍBA. (2013). *Documento orientador*.

\_\_\_\_\_. (2016). *Diretrizes Operacionais para o Funcionamento das Escolas da Rede Estadual de Ensino*.

MARFIM, Luana. (2017). *Instagram é o pior aplicativo para a saúde mental dos jovens, diz estudo*. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/2017/05//instagram-e-o-pior-aplicativo-para-a-saude->> Acesso em 27 de setembro de 2017.